



## **Universidade Federal de Minas Gerais**

Reitora: Prof.<sup>a</sup> Sandra Regina Goulart Almeida

Vice-Reitor: Prof. Alessandro Fernandes Moreira

## **Faculdade de Letras da UFMG**

Diretora: Prof.<sup>a</sup> Sueli Maria Coelho

Vice-Diretor: Prof. Georg Otte

**FuLiA/UFMG** – revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes

## **EDITORES**

Gustavo Cerqueira Guimarães (FULIA-UFMG, Brasil)

Marcelino Rodrigues da Silva (UFMG, Brasil)

## **EDITORES DE SEÇÃO**

### **Dossiê – OLHARES OLÍMPICOS: OS JOGOS EM PERSPECTIVA PELAS HUMANIDADES**

Dr. Jimmy Medeiros (FGV-RJ, Brasil)

Dr. Philippe Guedon (SME-RJ; Inst. Maria Quitéria, Brasil)

Dr. Mauric Ntububa (Univ. de Lubumbashi, RD Congo)

## **CONSELHO EDITORIAL**

Aldo Italo Panfichi, PUC, Peru

Álvaro do Cabo, UFRJ

Andréa Casa Nova Maia, UFRJ

Andréa Sirihal Werkema, UERJ

André Alexandre Guimarães Couto, CEFET-RJ

André Mendes Capraro, UFPR

Arlei Damo, UFRGS

**Bernardo Borges Buarque de Hollanda, FGV**

**César Teixeira Castilho, UFMG**

Cleber Dias, UFMG

Edônio Alves Nascimento, UFPB

Elcio Loureiro Cornelsen, UFMG

Euclides de Freitas Couto, UFSJ

Fabiana Lúcia Campos Baptista, Uni-BH

Fábio Franzini, UNIFESP

Flávio de Campos, USP

Francisco Ângelo Brinati, UFSJ

Francisco Pinheiro, Univ. de Coimbra, Portugal

Jorge Dorfman Knijnik, W. Sydney University, Austrália

José Carlos Marques, UNESP

José Geraldo Vinci de Moraes, USP

Leda Maria da Costa, UERJ

Leonardo Turchi Pacheco, UNIFAL-MG

**Luis Maffei, UFF-RJ**

Luiz Carlos Ribeiro, UFPR

Luiz Henrique de Toledo, UFSCar

Marcelino Rodrigues da Silva, UFMG

**Marcel Vejmelka, Univ. de Mainz, Alemanha**

Mauricio Murad, UERJ; Universo-RJ  
Pablo Alabarces, UBA, Argentina  
Pedro Henrique Trindade Kalil Auad  
Plínio Ferreira Guimarães, IFES  
Rafael Fortes Soares, UFRJ  
Rodrigo Caldeira Bagni Moura, UFRJ  
**Sérgio Settani Giglio, UNICAMP**  
Silvana Vilodre Goellner, UFRGS; UFPel  
Silvio Ricardo da Silva, UFMG  
Tatiana Pequeno, UFF  
Victor Andrade de Melo, UFRJ  
Wagner Xavier de Camargo, Brasil  
Wilberth Clayton Ferreira Salgueiro, UFES  
Yvonne Hendrich, Univ. de Mainz, Alemanha

#### **PARECERISTAS AD HOC**

Doiara Santos  
Edivaldo Góis Junior  
Elizabeth Murilho  
Gustavo Cerqueira Guimarães  
Jimmy Medeiros  
Juliana Nascimento da Silva  
Luciana Andrade Gomes Bicalho  
Mário Alex Rosa  
Philippe Chaves Guedon  
Suélen de Souza Andres

#### **COORD. EDITORIAL, EDITOR DE SEÇÕES, EDITORAÇÃO ELETRÔNICA, PREPARAÇÃO DE ORIGINALS E DIAGRAMAÇÃO**

Gustavo Cerqueira Guimarães

#### **REVISÃO**

Autores/as dos artigos

#### **PROJETO GRÁFICO**

PeDRa LeTRa

#### **EDITORAÇÃO ELETRÔNICA EM REDES SOCIAIS**

Núcleo FULIA

#### **IMAGEM** (*Favicon* do portal)

Pablo Lobato (Brasil/MG)  
*Um a zero #2, 2012*

#### **IMAGEM DA CAPA**

*Cerimônia de Abertura das Olimpíadas do Rio, fotografia, 2016.*

Fonte: *El País* [Artistas se apresentam em uma maquete do Congresso Brasileiro na cerimônia de abertura das Olimpíadas do Rio].

## **APRESENTAÇÃO**

### **Olhares olímpicos: os jogos em perspectiva pelas humanidades**

Jimmy Medeiros; Philippe Chaves Guedon;  
Maurice Ntububa | 3-7

## **DOSSIÊ**

### **Colonialismo e Jogos Olímpicos: o caso de Saint Louis-1904 e dos 'Dias Antropológicos'**

Guilherme Freitas | 8-30

### **Esporte Olímpico como tecnologia política: contradições no princípio da neutralidade (1920-1955)**

Stefanie Hesse Alves; Sérgio Settani Giglio | 31-54

### **1936, o ano em que o Olimpismo foi sequestrado pelo totalitarismo**

Elcio Loureiro Cornelsen | 55-82

### **Uma perspectiva sobre o hipismo olímpico brasileiro: da Missão Militar Francesa ao Jogos Olímpicos**

Guilherme Carvalho Vieira, Ester Liberato  
Pereira, Janice Zarpellon Mazo | 83-106

### **A narrativa de Adrian Gomes: ginasta que esteve nos Jogos Olímpicos de Londres sem competir**

Natália Bender, Luiz Carlos Rigo, Vivian Alt,  
Silvana Vilodre Goellner | 107-128

### **'São valores que nos unem muito como atletas': a concepção de jovens atletas sobre os valores do Olimpismo**

Ana Gabriela Alves Medeiros | 129-153

### **Performando internacionalismo: uma análise discursiva dos trajes de artistas e suas comunicações políticas durante as Cerimônias de Abertura e Encerramento dos Jogos Olímpicos de Verão (2000-2020)**

Cecília Soares; Raphael Miguelez-Perez | 154-178

## **PARALELAS**

### **Gullar, precário filosofar: o poeta-colunista e o futebol nos anos 2000**

Helcio Herbert Neto | 179-198

## **ENTREVISTA**

### **A conquista da medalha de prata pelas memórias da capitã olímpica de 2004: entrevista com Juliana Cabral**

Mariana da Silva Brum, Silvana Vilodre Goellner | 199-210

### **Um ultramaratonista em terras gregas: entrevista com Fernando Miranda**

Elcio Loureiro Cornelsen | 211-220

## **Olhares olímpicos: os jogos em perspectiva pelas humanidades**

A realização da 33ª edição dos Jogos Olímpicos de Verão na cidade de Paris, em 2024, é uma oportunidade profícua para ampliar os olhares culturais e acadêmicos da investigação das ciências humanas sobre o Olimpismo. Os diferentes campos das ciências humanas permitem-nos assumir diferentes perspectivas, complementares e incrementais sobre os distintos objetos de pesquisas.

O presente dossiê tem como objetivo principal de oferecer um espaço para novas reflexões a respeito dos Jogos Olímpicos de forma ampla e com distintos olhares. Para isso, o dossiê reuniu artigos, entrevista e poemas sobre esportes olímpicos, com ampla abordagem analítica e metodológica própria das ciências sociais e humanas.

Assim, o *Perspectivas Olímpicas: Os Jogos na Perspectiva das Humanidades* tem como objetivo reunir textos que utilizem abordagens do esporte relacionadas aos Jogos Olímpicos em geral, incluindo aspectos como a sociabilidade de atletas, funcionários e profissionais do esporte, além de obras que revelem a perfil e/ou ética dos participantes, bem como analisa a cultura olímpica, pesquisas sobre treinamento de atletas e artigos dedicados a questões relacionadas ao poder nas instalações olímpicas, federações, instituições e Comitês Olímpicos, por exemplo. Esses exemplos não limitam as abordagens aceitas no arquivo e especificamos que os artigos podem tratar do contexto do esporte de alto nível, bem como da base e/ou da formação de atletas e cidadãos.

O presente número também favorece abordagens múltiplas em termos de metodologias. Abordagens etnográficas, quantitativas e qualitativas de todos os tipos são bem-vindas para fornecer uma visão mais completa do fenômeno olímpico.

Na seção **Dossiê** iniciamos com o artigo "Colonialismo e Jogos Olímpicos: o caso de Saint Louis-1904 e dos 'Dias Antropológicos'", de Guilherme Silva Pires de Freitas, que analisa historicamente o edição dos Jogos Olímpicos de 1904, em Saint Louis. Descreve, assim, o cenário da época e as discussões presentes naquela conjuntura para demonstrar como o pensamento colonialista e a busca pela comprovação de uma suposta supremacia racial e intelectual do homem branco frente à outras etnias esteve presente dentro das competições esportivas. O artigo conta com larga revisão bibliográfica sobre o período e descreve como o esporte foi um espaço relevante de manifestação do pensamento colonialista e refletiu os efeitos sociais da época.

Na sequência, há outra conexão do Esporte com a Política. No artigo "Esporte Olímpico como tecnologia política: contradições no princípio da neutralidade (1920-1955)", de Stefanie Hesse Alves e Sérgio Settani Giglio, os autores discutem como o Comitê Olímpico Internacional lidou com a questão da neutralidade do esporte em relação a política. Por meio de análise documental e pela análise crítica de algumas decisões, o artigo argumenta que o Comitê teve um importante disciplinador, coercitivo e excludente, sendo, portanto, uma tecnologia política de ação orientada.

Também dialogando com a política, o artigo "1936, o ano em que o Olimpismo foi sequestrado pelo totalitarismo", de Elcio Loureiro Cornelsen utiliza artigos publicados na imprensa alemã e documentos expedidos pelo Ministério de Instrução Popular e Propaganda para ler o Movimento Olímpico e a tarefa empreendida por ele para construir, segundo argumento do autor, uma "vitrine" da "nova Alemanha", "amante da paz" em tempos de preparação para a guerra. O artigo apresenta uma robusta revisão da literatura e análise documental para demonstrar as imbricações entre as escolhas políticas e esportivas.

Em seguida, apresentamos o artigo "Uma perspectiva sobre o hipismo olímpico brasileiro: da Missão Militar Francesa ao Jogos Olímpicos", de Guilherme Carvalho Vieira, Ester Liberato Pereira e Janice Zarpellon Mazo, que

apresenta como o hipismo olímpico brasileira está relacionado diretamente a sua raiz militar e sua composição como esporte de elite. O artigo faz uma reconstituição histórica do esporte no país demonstrando como a construção da prática está associada às forças armadas e possui também conexões com a Missão Militar Francesa. O artigo oportuniza um olhar para as relações institucionais e internacionais entre os países e seus respectivos órgãos a partir da luz que lança sobre o hipismo olímpico.

Com um olhar à contemporaneidade, o artigo "A narrativa de Adrian Gomes: ginasta que esteve nos Jogos Olímpicos de Londres sem competir", de Natália Bender, Luiz Carlos Rigo, Vivian Alt e Silvana Vilodre Goellner, há a apresentação do caso da ginasta Adrian Gomes e como aportes metodológicos como a história oral permitem a reconstrução do seu caso e da sua relação com o Olimpismo. Os autores do artigo realizaram entrevistas com pessoas do seu entorno e cotejaram o material com objetos e documentos acervo pessoal da ginasta, bem como outras produções. O material permite o acompanhamento da trajetória e das suas percepções como atleta do processo e também das frustrações que acompanham a vida de uma atleta de alto rendimento.

Outro artigo que lança um olhar sobre como as Olimpíadas são percebidas pelos atletas é intitulado "São valores que nos unem muito como atletas': a concepção de jovens atletas sobre os valores do Olimpismo", de Ana Gabriela Alves Medeiros". A partir de entrevistas semiestruturadas e observações dos atletas nos diferentes espaços e momentos do evento, nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018, a autora analisou como os jovens atletas interpretam os valores do Olimpismo, destacando como há um laço que os une de caracterizar o Olimpismo como uma filosofia de vida.

Por fim, também de modo a analisar recentemente os Jogos Olímpicos, temos o artigo "Performing internationalism: an analysis of the artists' outfits and their political communication during the Opening and Closing Ceremonies of the Summer Olympic Games (2000–2020)", de Cecília Soares e Raphael Miguez-Perez, que analisa Cerimônias de Abertura e Encerramento, nas edições



de 2000 a 2020, com foco nos artistas convidados. O artigo argumenta que em todas elas há uma construção para se apresentarem nas ocasiões, com papéis de comunicação diferentes acerca da conjuntura internacional.

Na seção **Paralelas**, dedicada a artigos de temas diversos, trazemos “Gullar: precário filosofar – o poeta-colunista e o futebol nos anos 2000”, de Helcio Herbert Netol. O artigo apresenta como as colunas de Ferreira Gullar na Folha de São Paulo, durante os anos 2000, de modo a discutir como o autor leu e participou dos debates, à época, presentes na cobertura esportiva.

Na seção **Entrevista**, apresentamos duas profícuas conversas. A primeira intitulada “A conquista da medalha de prata pelas memórias da capitã olímpica de 2004: entrevista com Juliana Cabral”, de Mariana da Silva Brum e Silvana Vilodre Goellner. A entrevista apresenta todo o contexto de interação da atleta com a seleção brasileira, desde as suas convocações iniciais até o sentimento de subir no pódio e retornar ao Brasil. E a segunda intitulada “Um ultramaratonista em terras gregas: Entrevista com Fernando Miranda”, de Elcio Cornelsen, resgata a trajetória de Fernando Miranda que realizou percurso de 245,3 km ligando Atenas a Esparta em competição que lida com a tradição dos Jogos da Antiguidade.

Em ano Olímpico, como foi 2024, muito foi discutido sobre os Jogos. O presente número tem o papel de ampliar a discussão sobre os Jogos Olímpicos, apresentando-o como uma construção social e política relevante e que carrega consigo valores inerentes à prática esportiva, como também outros de origens diversas. Como é possível observar por artigos presentes na coleção, não foram raras as vezes em que a política teve uma presença mais significativa na arena esportiva. E tampouco deveria ser. A política, assim como o esporte, são construções humanas e, como apresentamos, tem suas relações entrelaçadas.

Nos artigos presentes pudemos observar os Jogos Olímpicos sobre diversas perspectivas, sejam elas de objeto ou de metodologia. À nível de objeto, conforme dito, ressaltamos a relação da política e esporte, bem como a construção de carreira e sociabilidade esportiva que atravessa a prática.

Em relação à metodologia, destacamos olhares historiográficos, com uso importante de documentos oficiais, acervos diversos e entrevistas de história oral.

Esperamos que a presente publicação estimule ainda mais olhares múltiplos sobre o fenômeno Olímpico. A capacidade de relacionar povos, culturas, identidades, práticas e sociabilidades distintas em um único espaço, tempo e com objetivos semelhantes é algo único que dificilmente outro evento tem a capacidade de reunir. É a beleza dos Jogos Olímpicos e também a sua complexidade. Desejamos um excelente momento de leitura à todos e agradecemos a todos os participantes que nos brindaram com seus olhares particulares sobre a grandeza dos Jogos.

Boa leitura!

Rio de Janeiro e Lubumbashi, 1º de dezembro de 2024.

**Jimmy Medeiros**

Fundação Getúlio Vargas; CPDOC/Brasil

**Philippe Chaves Guedon**

SME-RJ; Instituto Maria Quitéria/Brasil

**Maurice Ntububa**

Universidade de Lubumbashi/República Democrática do Congo

## Colonialismo e Jogos Olímpicos: o caso de Saint Louis-1904 e dos ‘Dias Antropológicos’

Colonialism and the Olympic Games:  
the case of Saint Louis-1904 and the ‘Anthropological Days’

**Guilherme Silva Pires de Freitas**

Universidade de São Paulo  
Escola de Artes, Ciências e Humanidades, São Paulo/SP, Brasil  
guilhermespfitas@usp.br

**RESUMO:** Em 1904 a cidade estadunidense de Saint Louis sediou a terceira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna. A competição integrou o programa da Exposição Universal, um dos maiores eventos internacionais da época e que celebrava, com um ano de atraso, o centenário da compra do território da Louisiana pelo governo dos Estados Unidos. Os Jogos ocorreram entre julho e novembro, sendo marcados pela bagunça na organização dos eventos esportivos e irritando Pierre de Coubertin, então presidente do Comitê Olímpico Internacional. Semanas antes das disputas olímpicas terem início, ocorreram os controversos “Dias Antropológicos”, uma espécie de disputa esportiva envolvendo membros de populações originárias de várias partes do mundo. O torneio, que mesclava modalidades olímpicas com outras atividades, buscava comprovar a supremacia racial e intelectual do homem branco frente à outras etnias, demonstrando como o esporte foi um espaço relevante de manifestação do pensamento colonialista e refletiu os efeitos sociais da época.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jogos Olímpicos; Colonialismo; Saint Louis-1904; Dias Antropológicos; Comitê Olímpico Internacional.

**ABSTRACT:** In 1904, the American city of Saint Louis hosted the third edition of the Modern Olympic Games. The competition was part of the Universal Exposition program, one of the biggest international events of the time and which celebrated, one year late, the centenary of the purchase of the Louisiana territory by the United States government. The Games took place between July and November and were marked by chaos in the organization of sporting events and angered Pierre de Coubertin, then president of the International Olympic Committee. Weeks before the Olympic competitions began, the controversial “Anthropological Days” took place. A type of sporting dispute involving members of populations originate from various parts of the world. The tournament, which mixed Olympic modalities with other activities, sought to prove the racial and intellectual supremacy of white men over other ethnicities, demonstrating how sport was a relevant space for the manifestation of colonialist thought and reflected the social effects of the time.

**KEYWORDS:** Olympic Games; Colonialism; Saint Louis-1904; Anthropology Days; International Olympic Committee.

## INTRODUÇÃO

Em 1904 a cidade de Saint Louis, nos Estados Unidos, sediou a terceira edição dos Jogos Olímpicos de Verão da Era Moderna. O evento entrou para a história olímpica não apenas por ter sido o primeiro a ser disputado fora da Europa, mas também pela realização dos controversos “Dias Antropológicos” a poucas semanas do início das atividades olímpicas. A competição, se é que podemos defini-la desta forma, fez parte da programação da Exposição Universal de Saint Louis e reuniu populações originárias de diversas partes do mundo para demonstrarem suas habilidades esportivas. Este festival alternativo ainda mostrou ao mundo como o colonialismo vigente na época se refletia no esporte e no Movimento Olímpico.

Porém, antes de adentrar neste assunto é preciso contextualizar o momento histórico de quando estes Jogos Olímpicos foram disputados. No início do século XX o mundo era controlado pelos Impérios europeus que “dominavam formalmente grande parte da superfície da Terra”, além de exercer “controle informal no restante do globo empregando seu poder econômico, financeiro e tecnológico”.<sup>1</sup> Além do vasto poder econômico e da enorme área geográfica sob seus domínios, estes impérios difundiam a mentalidade da superioridade racial, se considerando nações civilizadas em oposição aos bárbaros e que tinham a missão de “civilizar os brutos”.<sup>2</sup> Este discurso civilizatório foi um dos pilares do colonialismo que vigorava no período.

Como o esporte nunca está alheio aos acontecimentos da sociedade, o comportamento colonial também pode ser observado dentro do Movimento Olímpico desde a estrutura de poder do Comitê Olímpico Internacional (COI), conduzido pela aristocracia europeia,<sup>3</sup> até nas delegações enviadas para as primeiras edições olímpicas, com alguns membros dessas equipes sendo compostas por integrantes da realeza e elite de seus respectivos países.<sup>4</sup> A edição de 1904 foi polêmica não apenas

---

<sup>1</sup> MACMILLAN. *A Primeira Guerra Mundial... que acabaria com as guerras*, p. 16.

<sup>2</sup> FERREIRA JÚNIOR. *Colonisation Sportive: o laboratório da “simbiose” racismo e esporte moderno*, p. 75.

<sup>3</sup> GIGLIO; RUBIO. *A hegemonia europeia no Comitê Olímpico Internacional*, p. 291.

<sup>4</sup> Entre alguns nomes desta aristocracia, destaca-se o Rei Olavo V da Noruega, campeão olímpico na vela nos Jogos de Amsterdã-1928; o príncipe da Prússia Frederico Karl, medalhista de bronze no hipismo nos Jogos de Estocolmo-1912 e a americana Abbie Pratt, que futuramente viria a se tornar a princesa da Sérvia Daria Karageorgevich e foi medalhista de bronze no golfe nos Jogos de Paris-1900. PEREZ. *Royalty and the Olympic Games: from Ancient Greece to the Present Day*, p. 25.

pela realização dos “Dias Antropológicos”, mas também pela controversa escolha da cidade de Saint Louis como sede olímpica pelo governo estadunidense, ignorando o fato de Chicago ter sido eleita pelo COI para receber os Jogos. A opção por Saint Louis também foi vista pelos Estados Unidos como uma ótima alternativa para mostrar ao mundo seu poderio econômico e se firmar como potência emergente global.

Portanto este trabalho tem como objetivo relacionar o colonialismo com os Jogos Olímpicos, utilizando os “Dias Antropológicos” como principal instrumento de pesquisa para demonstrar tal ligação. A ideologia e a política colonial, vigentes na sociedade da época, também estavam presentes dentro da esfera esportiva, como será demonstrado neste artigo. Esta conexão pode ser vista tanto dentro da estrutura de organizações internacionais como o COI, quanto nos eventos, especialmente no caso da edição de Saint Louis-1904.

Este artigo terá como abordagem metodológica um levantamento da literatura acadêmica sobre colonialismo e estudos olímpicos através de pesquisas de autores como Ferreira Júnior (2021), Delsahut (2011), Forsyth; Wamsley (2005), Oliveira (2020), Fanon (2022) e Césaire (2020), além dos escritos do próprio Coubertin (2015) sobre a edição olímpica e os ideais do Olimpismo da época. O trabalho está dividido em cinco partes: uma análise sobre o colonialismo e o contexto histórico da época dos Jogos de 1904, as relações entre o COI e a ideologia colonial do período, uma discussão sobre os “Dias Antropológicos” e as convicções colonialistas, uma breve trajetória sobre o fortalecimento dos ideais olímpicos após os desdobramentos da edição de Saint Louis e as considerações finais.

## **COLONIALISMO E CONTEXTO HISTÓRICO DA ÉPOCA**

Antes de investigar os controversos Jogos Olímpicos de 1904 e as relações do Movimento Olímpico com o colonialismo, é necessário trazer um contexto da época de disputa do evento. No início do século XX o mundo ainda vivia na era dos Impérios coloniais, com a maior parte territorial do globo estando sob controle das principais potências europeias: Reino Unido, França, Portugal, Espanha, Bélgica, Itália, Alemanha e Países Baixos. Os britânicos dominavam a maior fração de terra e, inclusive,

uma célebre frase sobre o poderio do Reino Unido tornou-se famosa onde dizia que no Império britânico, o sol nunca se punha.

Duas décadas antes dos Jogos de Saint Louis, entre 1884 e 1885, aconteceu na Alemanha a Conferência de Berlim. Este encontro reuniu os principais mandatários dos países europeus, dos Estados Unidos e do Império Otomano, que decidiram qual seria o destino de África. O continente era ocupado em quase sua totalidade pelas forças imperiais europeias, sendo que as únicas exceções eram a Libéria e a Etiópia, já independentes. Este encontro na capital do Império Alemão, foi o início de um processo conhecido popularmente como “Partilha de África”, onde as potências europeias deram início aos planos de conquista no continente e concluíram entre si acordos de delimitação de fronteiras.<sup>5</sup> Foi uma mostra do poderio imperial e da força do colonialismo vigente.

Esta dominação, exposta no ato de retalhar um continente inteiro visando ganhos políticos e econômicos, juntando etnias rivais sob um mesmo território e ignorando diferenças tribais e históricas entre esses povos, foi apenas mais um exemplo do como operava o colonialismo e os ideais que vigoravam na época dos Jogos de Saint Louis. As influentes correntes de pensamentos do período, que colocavam os europeus como superiores e civilizados em relação aos povos colonizados, fortaleceram este comportamento violento nos territórios ocupados.

Maquiada em um discurso civilizatório, a colonização imposta pelas potências ocidentais era na prática algo bem diferente do que se dizia levar as populações ocupadas. A missão de conduzir os “selvagens” ao conhecimento e lhes dar bons hábitos, não foi feita a base de afeto e cuidado, mas sim de violência e dominação frente aos povos colonizados. Cesairé (2020) define o colonialismo como uma agressão, uma pilhagem, afirmando que a colonização:

[...] não é nem evangelização, nem empreendimento filantrópico, nem vontade de empurrar para trás as fronteiras de ignorância, da doença e da tirania, nem expansão de Deus, nem extensão do Direito; é admitir de uma vez por todas, sem recuar ante as consequências, que o gesto decisivo aqui é do aventureiro e do pirata [...] da colonização à civilização, a distância é infinita; que, de todas as expedições coloniais acumuladas, de todos os

---

<sup>5</sup> FERRO. *A colonização explicada a todos*, p. 69-70.

estatutos coloniais elaborados, de todas as circulares ministeriais despachadas, não sobraria um único valor humano.<sup>6</sup>

Contemporâneo de Cesairé, Fanon foi outro grande intelectual martinicano e um dos maiores expoentes da luta anticolonial no século XX. Ele afirmou que o colonialismo nunca foi algo civilizatório que buscasse transmitir razão e conhecimento para os colonizados, como as potências ocidentais afirmavam fazer em suas ocupações mundo a fora. Para o autor o colonialismo era somente uma “violência em estado de natureza”,<sup>7</sup> que desumaniza e humilha o oprimido, além de construir e perpetuar estereótipos. Inclusive, Fanon (2022) defendeu que a violência seria uma alternativa para combater a mesma violência imposta pelo colonizador. Uma de suas frases mais famosas é que “o homem colonizado se liberta na e pela violência”,<sup>8</sup> defendendo que apenas uma reação na mesma medida traria a liberdade e dignidade para as populações colonizadas, após séculos de opressão.

Como aponta Cesairé, a colonização trouxe aos colonizados diversos males como trabalho forçado, roubos, estupros, imposição cultural, desprezo, entre outras desgraças.<sup>9</sup> O poeta martinicano ainda afirma que;

[...] a colonização, repito, desumaniza até o homem mais civilizado; que a ação colonial, o empreendimento colonial, a conquista colonial fundada no desprezo pelo homem nativo e justificada por esse desprezo, inevitavelmente, tende a modificar a pessoa que o empreende; que o colonizador, ao acostumar-se a ver o outro como animal, ao treinar-se para tratá-lo como um animal, tende objetivamente, para tirar o peso da consciência, a se transformar, ele próprio em animal.<sup>10</sup>

A brutalidade vista em diferentes regimes coloniais na Era Imperialista, como aponta Ferro,<sup>11</sup> vai de encontro com o pensamento de Cesairé. O dito civilizado ao invés de levar conhecimento e progresso aos povos ocupados, se bestializa e comete diversas atrocidades visando manter seus lucros às custas da vida do colonizado.

A questão civilizatória, bastante presente nos discursos do século XIX, se alia ainda as teorias científicas da época que colocavam o homem branco em posição

<sup>6</sup> CESAIRÉ. *Discurso sobre o colonialismo*, p. 10-1.

<sup>7</sup> FANON. *Os condenados da terra*, p. 58.

<sup>8</sup> FANON. *Os condenados da terra*, p. 82.

<sup>9</sup> CESAIRÉ. *Discurso sobre o colonialismo*, p. 24.

<sup>10</sup> CESAIRÉ. *Discurso sobre o colonialismo*, p. 23.

<sup>11</sup> FERRO. *A colonização explicada a todos*, p. 14.

superior diante das demais etnias sob ocupação dos impérios coloniais. Desta forma as missões civilizadoras seriam um dever moral do homem branco, uma obrigação em educar as ditas “raças inferiores”, que eram atrasadas e infantilizadas segundo os cientistas da época.<sup>12</sup> Todas estas ações ainda ajudaram a enriquecer as economias das potências coloniais, que engordavam seus cofres com riquezas extraídas das diferentes colônias ao longo de séculos de exploração.

O pensamento de superioridade que vigorava na Europa, também ressoava do outro lado do Oceano Atlântico. Tendo alguns territórios sob suas posses, os Estados Unidos da América começavam a exercer uma grande influência na geopolítica global.<sup>13</sup> Com uma visão cada vez mais imperialista, os estadunidenses também tinham aspirações para aumentar seu poderio político, econômico e militar, como pode ser observado antes e durante a realização dos Jogos Olímpicos em Saint Louis.

Com a mentalidade preconceituosa enraizada na época, seria uma grande surpresa esperar algo diferente também na esfera esportiva. O pensamento colonial que era exposto na política e no cotidiano dos cidadãos nas metrópoles e colônias, também se refletiu no esporte como será visto nas próximas seções.

## **O COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL E O COLONIALISMO**

Fundado no dia 23 de junho de 1894, o Comitê Olímpico Internacional nasceu no seio da aristocracia europeia. Entre os idealizadores que assinaram a carta de fundação da entidade estavam representantes de nove países: Bélgica, Espanha, Estados Unidos, França, Grécia, Itália, Reino Unido, Rússia e Suécia. Todos os presentes eram homens, brancos e membros de famílias burguesas. Além de viabilizar um resgate dos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga para a Era Moderna, o COI também acreditava que o esporte poderia ser um elemento importante para a conciliação política e diplomática das nações.<sup>14</sup> Com a definição da primeira edição em Atenas, no ano de 1896, o grego Demetrios Vikelas tornou-se o primeiro presidente da entidade.

---

<sup>12</sup> FERRO. *A colonização explicada a todos*, p. 56-8.

<sup>13</sup> DELSAHUT. *Los Juegos Antropologicos de Saint-Louis*, p. 810.

<sup>14</sup> FREITAS. *A aproximação do Movimento Olímpico com os novos tempos: o caso dos fluxos migratórios e a Equipe Olímpica de Refugiados*, p. 131.



Porém, quem mais teve notoriedade nos primeiros anos do COI foi seu segundo presidente: Charles Pierre de Frédy, conhecido popularmente como o Barão Pierre de Coubertin. Nascido em Paris no ano de 1863 e membro de uma família aristocrática francesa, Coubertin foi um intelectual e a vivência no ambiente acadêmico, lhe inspirou na busca por reviver os antigos Jogos Olímpicos.

Uma das principais razões que o motivaram a persistir com a ideia dos Jogos era que o esporte auxiliava na formação moral e social do homem, além de ser um elemento vital para o progresso de uma sociedade como escreveu:

[...] o exercício físico – se concebido e aplicado de maneira correta – pode ajudar a forjar o caráter, tornar a polir uma comunidade, e, inclusive em tempos de democracia, oferecer um vínculo de união entre as classes sociais diferentes. Ultrapassa então suas estreitas fronteiras fisiológicas, e se estabelece no epicentro da educação entre a psicologia, por um lado, e a arte, por outro lado, e se converte em fator primordial de progresso geral.<sup>15</sup>

Após visitar a Inglaterra em 1883 e ter contato com as práticas esportivas que já vigoravam no país, Coubertin acreditava que as modalidades esportivas e a educação física seriam essenciais não somente no aspecto moral e social, mas também para a formação e preparação física de bons soldados no campo de batalha. O Barão levou em consideração essa questão militar devido a situação da França, que havia sido derrotada pelo Reino da Prússia na Guerra Franco-Prussiana no século XIX.<sup>16</sup>

Coubertin presidiu o COI por 29 anos, entre 1896 e 1925, sendo até hoje o mandatário com maior tempo no cargo. É em seu mandato que o Comitê Olímpico Internacional começou a se firmar de fato como uma entidade internacional influente. Sendo cada vez mais respeitado, o COI também precisou desenvolver seu lado político e administrar os interesses dos países-membros. E isso ultrapassava a esfera esportiva, mostrando como desde o surgimento da entidade a relação entre esporte e sociedade já se fazia presente. Esses interesses iam além das escolhas das cidades que sediariam os Jogos, já que envolviam questões morais e políticas do período. Um exemplo foi a participação das mulheres no evento.

---

<sup>15</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin: Olimpismo*, p. 211.

<sup>16</sup> FERREIRA JÚNIOR. *Colonisation Sportive*, p. 88.

Contrário as disputas femininas, que considerava “nada prático, nada interessante e nada estético” e que às mulheres cabia a função do “aplausos feminino como recompensa”,<sup>17</sup> Coubertin foi um ferrenho crítico das atletas mulheres devido a tradição dos Jogos da Grécia Antiga. Porém, devido à crescente demanda pela participação feminina na sociedade dos países ocidentais no início do século XX, o COI teve de ceder espaço a elas. Em Paris-1900 as primeiras mulheres foram autorizadas a competir, mas somente em cinco modalidades: tênis, vela, croquet, hipismo e golfe. Em outras como polo aquático e boxe, por exemplo, elas esperaram mais de um século para poderem enfim participar dos Jogos Olímpicos.

Figuras do colonialismo europeu também foram bastante influentes no início das atividades do COI entre o final do século XIX e início do século XX. Um deles foi o Rei Leopoldo II da Bélgica, bastante próximo da estrutura de poder do Comitê Olímpico Internacional. Ao longo de seu reinado, o monarca ocupou o atual território da República Democrática do Congo, transformando toda a área em uma colônia pessoal a nomeando como Estado Livre do Congo.<sup>18</sup> Ao mesmo tempo em que praticava um genocídio em solo africano,<sup>19</sup> Leopoldo II era um grande entusiasta da pedagogia do esporte, que identificava como uma “instrumentalização colonialista das práticas esportivas”.<sup>20</sup>

O rei belga também foi bastante próximo de Coubertin, tendo sido patrocinador dos ideais olímpicos e nomeado presidente de honra do Congresso Internacional do COI em 1905, realizado na cidade de Bruxelas.<sup>21</sup> Alguns anos antes, em 1901, o próprio Coubertin aproveitou de uma viagem do rei a Paris onde lhe solicitou patrocínio durante uma audiência.<sup>22</sup> Neste encontro, o Barão descreveu traços da personalidade de Leopoldo II e revelou que o monarca havia lhe solicitado a preparação de um programa esportivo:

Se considerasse interessante, a conversação se prolongava durante um bom tempo. Sua estatura elevada, seu olhar sempre um tanto zombeteiro e sua acuidade ao intervir o tornavam temível. Quando o visitante não

<sup>17</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 705.

<sup>18</sup> HONORATO; PAIVA JÚNIOR. *Rei branco, morte negra: um olhar sobre a trajetória psicopolítica de Leopoldo II da Bélgica*, p. 250.

<sup>19</sup> Estima-se que 13 milhões de congolezes foram mortos durante a violenta colonização de Leopoldo II no território entre 1880 e 1908. HONORATO; PAIVA JÚNIOR. *Rei branco, morte negra*, p. 250.

<sup>20</sup> FERREIRA JÚNIOR. *Colonisation Sportive*, p. 89.

<sup>21</sup> FERREIRA JÚNIOR. *Colonisation Sportive*, p. 89.

<sup>22</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 404.

resultava simpático, podia chegar inclusive à ironia. Gostava de esportes? Ou, melhor dizendo: tinha alguma vez gostado de esportes? Não posso afirmar isso com certeza, mas posso dar testemunho de que aquilatava seu valor como instrumento para a formação de indivíduos que se destacassem em seus empreendimentos coloniais. Alguns anos mais tarde encarregou-me de fazer projetos, regulamentos e programas para um “*collège de préparation coloniale*” cuja execução realizei com vivo prazer e lhe remeti depois de documentá-los em detalhe. Naturalmente, o desenvolvimento dos esportes desempenhava ali um papel importante. O projeto fracassou: eu o havia previsto laico e o rei assim o aprovou, mas influências religiosas o fizeram malograr completamente.<sup>23</sup>

A estreita ligação entre o COI e as elites coloniais entre o fim do século XIX e início do século XX, além da proximidade demonstrada por Coubertin nesse encontro com Leopoldo II, mostra bem como era a política do Movimento Olímpico neste período histórico. Nascido como elemento da aristocracia europeia, o COI também era parte dessa estrutura de poder e soube se valer desta forma de diplomacia para conseguir se firmar com uma entidade internacional e transnacional, mantendo boas relações com aristocratas e lideranças políticas e econômicas,<sup>24</sup> gerando assim um comportamento que se tornou natural no decorrer dos anos seguintes.

Se vigorava na época o pensamento de que o esporte formava caráter, era uma atividade nobre, tinha uma missão civilizadora e trazia moralidade a seus praticantes.<sup>25</sup> Em 1904, os Jogos em Saint Louis foram um dos ápices do pensamento colonial vigente no Movimento Olímpico no início do século XX, pois além das disputas esportivas no evento e dos controversos “Dias Antropológicos”, fortaleceu-se o discurso racista, colonial e supremacista branco.

### **OS CONTROVERSOS JOGOS OLÍMPICOS DE SAINT LOUIS-1904 E OS “DIAS ANTROPOLÓGICOS”**

A terceira edição dos Jogos Olímpicos aconteceu no ano de 1904 e pela primeira vez na história, o evento esportivo foi disputado fora do continente europeu. Após Atenas, na Grécia, no ano de 1896, e Paris, na França, em 1900, ficou decidido após uma

<sup>23</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 404.

<sup>24</sup> RUBIO. Agenda 20+20 e o fim de um ciclo para o Movimento Olímpico Internacional, p. 25.

<sup>25</sup> QUINTILIO; ZIMMERMANN; PEREZ; MARCONI. A formação do atleta e a Educação Olímpica: a busca pelo estado de empoderamento, p. 266.

conferência do Comitê Olímpico, que os Jogos desta vez seriam do outro lado do Oceano Atlântico, nos Estados Unidos.

A escolha pelo país já era conhecida desde o primeiro Congresso do COI em 1894. Devido ao crescimento econômico dos Estados Unidos e ao bom desempenho dos atletas estadunidenses, restava apenas definir o local dos Jogos. Um detalhe importante é que nesta época vigorava em território estadunidense a legislação Jim Crow,<sup>26</sup> o que não foi um empecilho para escolha do país como sede em tempos de ideais colonialistas. Porém, ocorreu uma divergência sobre o local dos Jogos.

O Barão Pierre de Coubertin, então presidente do COI, defendeu a escolha de Chicago para ser o local das disputas olímpicas. Em alguns documentos e cartas sobre a definição dos Jogos de 1904, o mandatário do COI elogiou a estrutura da cidade no estado de Illinois e o comitê organizador pelo empenho e trabalho.<sup>27</sup> Além disso, os Jogos dariam o protagonismo ao Movimento Olímpico que a edição anterior em Paris não havia dado.

Em 1900 os Jogos foram sediados na cidade natal de Coubertin, porém, acabaram fazendo parte da programação da Exposição Universal, evento muito importante na época e que reuniu mais de 50 milhões de visitantes ao longo de sete meses.<sup>28</sup> A inclusão dos Jogos Olímpicos como parte da exposição não era o desejo do Barão, que criticou o fato do evento incluir no programa de “Concursos de Exercícios Físicos e Desportes” atividades de xadrez e bilhar, o que nada tinha a ver com o ideal olímpico.<sup>29</sup> Coubertin avaliou que a edição olímpica de Paris não teve o protagonismo que merecia e que os Jogos foram “reduzidos a uma vassalagem humilhante”.<sup>30</sup> Desta forma, a realização dos Jogos em uma cidade moderna como Chicago e em um país que iniciava seu processo para se tornar a maior potência global, era um dos objetivos do COI.

---

<sup>26</sup> A legislação Jim Crow foi um conjunto de leis estaduais e locais que aplicavam a segregação racial no sul dos Estados Unidos. Essas leis vigoraram entre os anos de 1877 e 1964.

<sup>27</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 387.

<sup>28</sup> MACMILLAN. *A Primeira Guerra Mundial [...]*, p. 7-8.

<sup>29</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 380.

<sup>30</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 386.

O presidente estadunidense Theodore Roosevelt, que assumiu o cargo após o assassinato do então presidente William McKinley em 1901, foi uma figura importante na decisão dos Jogos irem para Saint Louis. Amigo pessoal de Coubertin, que definia o estadunidense como “um dos mais audaciosos e fervorosos sportsmen do mundo inteiro”,<sup>31</sup> Roosevelt estava em campanha pela reeleição no ano de 1904. Para o presidente, a transferência da competição para Saint Louis seria muito interessante para seus objetivos pelo fato de a cidade receber naquele ano a Exposição Universal.

A exposição era importante nacionalmente e geopoliticamente para os Estados Unidos. No campo nacional o evento celebraria, com um ano de atraso, o centenário da compra do território da Louisiana. A imensa área, com mais de 2 milhões de quilômetros quadrados, foi adquirida pelo país em 1803 após negociações com os franceses. Já no cenário global, os Estados Unidos estavam em franca ascensão imperialista e colecionavam conquistas no plano militar. Em 1898 o país anexou o território das Filipinas após vencer a Guerra Filipino-Americana e apoiou as forças cubanas na Guerra Hispano-Americana, que culminou na Independência de Cuba. Roosevelt tinha um plano ambicioso de política externa e divulgou esse documento em 1904 durante a fala anual do presidente ao Congresso estadunidense.<sup>32</sup> A ação ficou conhecida popularmente como Corolário Roosevelt.<sup>33</sup>

Simultaneamente, os Estados Unidos apoiavam processos de independência e autonomia na América Latina, Caribe e região do Pacífico, porém, ao mesmo tempo buscavam ampliar sua influência e não descartavam intervir militarmente em países que não seguissem sua cartilha ou para defender seus interesses como ocorreu na República Dominicana em 1903. Desta forma, os estadunidenses passaram a utilizar a intervenção militar como ferramenta frequente para efetivar seus interesses nos anos seguintes.

---

<sup>31</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 389.

<sup>32</sup> OFFICE OF THE HISTORIAN. Message of the President: Papers relating to the foreign relations of the United States, with the annual message of the President transmitted to Congress, December 6, 1904, 1904.

<sup>33</sup> Esse projeto de política externa tinha como principal objetivo garantir o crescimento econômico, político e militar dos Estados Unidos através de uma ação expansionista. Roosevelt aplicou ainda a Diplomacia do Big Stick, em tradução livre a “Diplomacia do Grande Porrete”, onde os estadunidenses atuariam como a “polícia do mundo” para manter seus interesses no plano geopolítico.

Roosevelt também entendia que associando os Jogos à Exposição Universal, reforçaria ainda mais a imagem de potência militar e tecnológica dos Estados Unidos perante a comunidade internacional. Um exemplo foi que o presidente estadunidense realizou o discurso de abertura da exposição através de um telégrafo que era um dos principais destaques do evento e demonstrava o poderio tecnológico do país.<sup>34</sup> A realização dos Jogos em paralelo com outro grande evento internacional era tudo que Coubertin queria evitar.

Porém, a intensa pressão de James E. Sullivan, que ocupava o posto de organizador esportivo da exposição de Saint Louis, fez Coubertin recuar. Caso os Jogos Olímpicos não fossem disputados em Saint Louis como parte da Exposição Universal, Sullivan ameaçou organizar na cidade um evento esportivo concorrente. Pressionado, o COI se viu obrigado a aceitar a mudança do evento de Chicago para Saint Louis e ainda nomeou Sullivan como responsável pela organização dos Jogos.

Com a cidade sede definida começaram então os preparativos para a realização dos Jogos e convite para atletas e países. Porém, a infraestrutura da época somada ao longo período de disputas<sup>35</sup> e aos custos de viagem causou diversos problemas para os organizadores. Saint Louis está localizada na região Meio-Oeste dos Estados Unidos e a mais de 1500 km de distância do Porto de Nova York, na costa atlântica. Sem transporte aéreo, o deslocamento marítimo era a única forma dos estrangeiros chegarem ao país. Somada a longa viagem além-mar, as delegações ainda teriam que encarar uma extensa viagem de trem pelo país.

Todos estes obstáculos foram vitais para que muitos atletas europeus optassem por não viajar aos Estados Unidos. Outra questão que inviabilizou o deslocamento de atletas foi a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905), que era travada nas águas do Oceano Pacífico. Quem também decidiu não comparecer presencialmente aos Jogos foi Coubertin, descontente pela escolha de Saint Louis ao invés de Chicago. O Barão inclusive chegou a classificar Saint Louis como “uma cidade cheia de desilusões”.<sup>36</sup> Além dos Comitês Olímpicos europeus, outros países foram convidados

---

<sup>34</sup> OLIVEIRA. *Jogos Políticos da Era Moderna*.

<sup>35</sup> Os Jogos de Saint Louis foram disputados entre o dia 1º de julho e 23 de novembro de 1904 para coincidir com a Exposição Universal. O longo período de competições esportivas fez com muitos países desistissem de enviar atletas.

<sup>36</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 401.

como Canadá, Cuba, Austrália e África do Sul, que fez sua estreia olímpica. Devido a estes fatores, a esmagadora maioria dos atletas inscritos foi de estadunidenses.

Os Jogos foram os primeiros da história a premiar os três melhores atletas de cada evento com medalha de ouro para vencedor, prata para o vice-campeão e bronze para o terceiro colocado.<sup>37</sup> O amplo domínio estadunidense devido à baixa inscrição de estrangeiros foi notável, com os atletas do país conquistando 231 pó-dios, muito à frente dos alemães que vieram logo a seguir com 15 medalhas.

Sendo disputados em plena era do colonialismo, os Jogos de Saint Louis também acabaram sofrendo com a influência e efeitos dessa ideologia. Duas semanas antes do torneio olímpico ter início Sullivan e William J. McGee, então presidente da Associação Antropológica dos Estados Unidos e chefe do Departamento de Antropologia da Exposição Universal, decidiram criar uma competição chamada “Dias Antropológicos”. Esse evento serviria para que populações originárias de diversas partes do mundo consideradas como “inferiores”, pudessem realizar exposições esportivas e demonstrassem suas habilidades. Também tinha como objetivo, ratificar as teorias da época sobre a superioridade da civilização ocidental branca frente as demais e encerrar “boatos infundados sobre habilidades atléticas dos “selvagens” para preservar a integridade dos Jogos Olímpicos”.<sup>38</sup>

Aproveitando que existiam “atrações” com essas populações originárias durante a Exposição Universal, milhares deles foram convidados a participar, mas apenas cerca de cem homens acabaram disputando o evento.<sup>39</sup> Se os atletas olímpicos receberam medalhas por suas conquistas, os “selvagens” ganharam apenas uma bandeira dos Estados Unidos.<sup>40</sup>

A competição exclusiva para os ditos “seres inferiores”, também foi uma forma encontrada para unir dois fatos bastante populares no período: os estudos antropológicos e o esporte, criando assim “espaços interculturais” como define Brownell (2008):

A característica partilhada pela antropologia e pelos Jogos Olímpicos modernos era que elas eram formas de dar sentido aos encontros interculturais

<sup>37</sup> INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Olympic Games St. Louis 1904: about the game, 2023.

<sup>38</sup> DELSAHUT. Los Juegos Antropologicos de Saint-Louis, p. 812.

<sup>39</sup> FUKUZAWA. Olympics for Savages: The Anthropology Days, 2021.

<sup>40</sup> DELSAHUT. Los Juegos Antropologicos de Saint-Louis, p. 817.



entre seres humanos que começaram a ocorrer numa escala sem precedentes. No encontro entre o Ocidente e “o resto”, o esporte foi utilizado como “espaço intercultural” ou “zona de contacto”. O fascínio pelos selvagens fortaleceu a identidade do Ocidente ao definir “quem não somos”.<sup>41</sup>

Uma das atrações da Exposição Universal eram as exposições etnológicas, que ficaram popularmente conhecidos como os “zoológicos humanos”, “atrações” que se tornaram marca registrada do colonialismo da época. Como aponta Brownell (2008), a observação de animais em zoológicos serviu como modelo para estudar o ser humano.<sup>42</sup> No século XIX essa atividade tornou-se uma espécie de “show”, que rendia dinheiro e fama para os donos de circos que rodavam o mundo fazendo exposições de seres humanos tidos como exóticos.<sup>43</sup> Os “zoológicos humanos” ainda buscavam demonstrar a superioridade intelectual, física e moral do homem branco frente as demais etnias das colônias em uma espécie de “hierarquização racial”.<sup>44</sup> Assim como em Paris-1900, a edição de Saint Louis contou com uma “exposição” semelhante onde membros de povos originários das Américas, Ásia e África foram exibidos como animais silvestres para o público da Exposição Universal.

Nas exposições dos “zoológicos humanos” nas metrópoles europeias e nos Estados Unidos, membros de populações originárias e indivíduos com algum tipo de deficiência física ou mutilação, eram alvo frequente de zombaria por parte do público. Este mesmo comportamento se refletiu na esfera esportiva com os “Dias Antropológicos”. A difusão do comportamento supremacista racial nestes zoológicos humanos da Exposição Universal e nos Jogos Olímpicos de Saint Louis era, de acordo com Brownell (2008), algo comum para o período porque ambos seguiam uma lógica cultural e que gerava uma afinidade natural.<sup>45</sup>

---

<sup>41</sup> “The feature shared by anthropology and the modern Olympics was that they were ways of making sense out of the cross-cultural encounters between human beings that began to take place on an unprecedented scale. In the encounter between the West and “the Rest”, sports were used as “intercultural spaces” or “contact zones”. The fascination with savages strengthened the identity of the West by defining “who we are not” (tradução nossa). BROWNELL. Introduction: bodies before Boas, sport before the laughter left, p. 2.

<sup>42</sup> BROWNELL. Introduction, p. 20.

<sup>43</sup> ÉSTHER. Senhoras e senhores, aproximem-se! Bem-vindos ao maior espetáculo da Terra!, p. 980.

<sup>44</sup> DELSAHUT. Los Juegos Antropologicos de Saint-Louis, p. 811.

<sup>45</sup> BROWNELL. Introduction, p. 29.



Os zoológicos humanos na Feira de Saint Louis, e conseqüentemente os “Dias Antropológicos”, reforçavam a campanha estadunidense de assimilação aos povos nativos no país. Também confirmavam a superioridade do homem branco em sua missão nacionalista e divina de expandir o território estadunidense ao Oeste, processo que foi feito ao longo do século XIX, e conduziria os Estados Unidos a prosperidade no chamado Destino Manifesto.<sup>46</sup>

Sullivan e McGee foram bastante influenciados pelas teorias em voga na época como racismo, eugenia e darwinismo social, utilizadas como tese para explicar a superioridade da raça branca frente as demais etnias. A dupla se questionava se os membros de populações originárias seriam capazes de realizar atividades esportivas, como correr, nadar e saltar, além de compreender as regras das modalidades.

Desta forma, alguns homens de diversos grupos étnicos foram convidados ou enviados para participar das disputas em Saint Louis. Esses indivíduos eram oriundos de diferentes partes do mundo, entre eles pigmeus africanos, ainus japoneses, representantes esquimós do Círculo Polar Ártico e populações originárias da Patagônia argentina, da ilha de Vancouver no Canadá, das Filipinas e de diversas regiões dos Estados Unidos.<sup>47</sup>

Os “Dias Antropológicos” foram realizados em dois dias, 12 e 13 de agosto, e todos os homens participantes tiveram que realizar as atividades para um público de até 10 mil pessoas. Ele tinham suas características e habilidades físicas julgadas pelos organizadores e durante o evento, competiram entre si tendo que realizar atividades que faziam parte do programa olímpico, e que nem todos estavam habituados como o cabo de guerra, além das outras tidas como “de selvagens”, caso do lançamento de lanças e varas, atirar com arco e flecha, escalar paredes, entre outras.<sup>48</sup> Os avaliadores não se impressionaram com as performances, já que alguns resultados ficaram muito distantes dos resultados dos atletas olímpicos. Um pigmeu da etnia Mbuti chamado Shamba, correu 100 jardas em mais de 14 segundos,

---

<sup>46</sup> A teoria do Direito Manifesto foi uma crença popular que dizia que os cidadãos estadunidenses brancos foram escolhidos por Deus para civilizar o continente americano. A “marcha para o Oeste” em direção ao Oceano Pacífico culminou no massacre da população originária e na ocupação de territórios. OLIVEIRA, *Jogos Políticos da Era Moderna*.

<sup>47</sup> FORSYTH; WAMSLEY. *Symbols without substance: aboriginal peoples and the illusions of Olympic Ceremonies*, p. 232.

<sup>48</sup> FORSYTH; WAMSLEY. *Symbols without substance*, p. 232.

desempenho classificado como medíocre pelos avaliadores que afirmaram que qualquer atleta estadunidense branco seria muito mais veloz que o jovem pigmeu.<sup>49</sup>

Entre os participantes dos Dias Antropológicos estavam dois homens negros da etnia zulu e oriundos da África do Sul: Len Taunyane e Jan Mashiri. Ambos foram enviados a Saint Louis para participar da Exposição Universal em uma exibição sul-africana sobre a Guerra dos Bôeres. Após participarem dos “Dias Antropológicos”, Taunyane e Mashiri foram escalados para correr a maratona olímpica. Sem treinamento para tal, a dupla correu descalça o percurso e com chapéus de palha. A cena inusitada tornou-se motivo de chacota para o público presente<sup>50</sup> e a participação dos sul-africanos entrou para a história por ter sido a primeira de atletas negros em Jogos Olímpicos, algo que se tornaria frequente nas edições seguintes.

Os membros de populações originárias não conheciam as regras das modalidades olímpicas que tiveram que disputar e a baixa performance em comparação aos brancos, somente reforçou o pensamento supremacista de que esses “indivíduos primitivos não poderiam competir contra os homens civilizados”,<sup>51</sup> ignorando completamente que existiam diferenças culturais e que estes sujeitos jamais haviam disputado essas modalidades antes. Sullivan avaliou ainda alguns resultados das performances dos participantes dos “Dias Antropológicos”, as comparando com o desempenho dos atletas estadunidenses brancos que competiram no programa olímpico do COI. Em sua avaliação ele utilizou termos depreciativos e escreveu ainda que as populações originárias não tinham inteligência necessária para trabalhar coletivamente.<sup>52</sup>

Mas Sullivan e McGee também colheram frutos amargos na empreitada que não conseguiu atrair tanta atenção dos expectadores da feira. Estima-se que apenas 10 mil pessoas acompanharam as disputas entre os “selvagens”, número ínfimo comparado ao total de público que passou pela Exposição Universal. A dupla tentou realizar novamente uma edição dos “Dias Antropológicos” no mês seguinte, desta vez oferecendo treinamento aos participantes.<sup>53</sup> Porém, o pouco material referente ao evento nos leva a crer que a nova edição também tenha sido outro fracasso.

<sup>49</sup> DELSAHUT. *Los Juegos Antropologicos de Saint-Louis*, p. 813.

<sup>50</sup> O'TOOLE. *The Athletes*, 2015.

<sup>51</sup> FORSYTH; WAMSLEY. *Symbols without substance*, p. 232.

<sup>52</sup> FORSYTH; WAMSLEY. *Symbols without substance*, p. 233.

<sup>53</sup> FUKUZAWA. *Olympics for Savages*, 2021.

Já a imprensa dos Estados Unidos destacou os “Dias Antropológicos” como uma experiência válida, baseando-se nos estudos científicos da época que difundiam e justificavam a desigualdade racial classificando os membros de populações originárias como inferiores. Esse pensamento da mídia, através de artigos de opinião e reportagens, também ajudou a fortalecer no imaginário coletivo que os estadunidenses eram superiores não apenas nas arenas esportivas, mas também no plano cultural e no modo de vida.<sup>54</sup>

Delsahut (2011) afirma que a imprensa foi um espaço de expressão extremamente vital para o fortalecimento e difusão dos ideais racistas, supremacistas e coloniais da política estadunidense devido:

Em primeiro lugar, a imprensa assegurou a crença numa espécie humana dividida em “raças humanas”, que deviam ser ordenadas. O vocabulário de estigmatização da selvageria foi reforçado por uma produção iconográfica frequentemente violenta, creditando a ideia de uma subhumanidade estagnada, a humanidade dos confins coloniais, à fronteira da humanidade e da animalidade. Expressões como “bárbaros”, “comedores de cães”, “povos primitivos” ou “raças estranhas de homens”, adjetivos como “Aïnu cabeludo” ou “canibais” (um subgrupo do grupo africano) serviam, segundo Matti Goksy, para manter uma distância social, uma diferença de status entre visitantes e pessoas. [...] Nesta animalização, a transgressão dos valores e normas que constituem, para a América a civilização é um elemento propulsor e permite legitimar a brutalidade dos conquistadores em animalizar o conquistado ou em tornar-se um.<sup>55</sup>

O desempenho dos membros de povos originários nas atividades esportivas e a esmagadora performance estadunidense no número total de medalhas dos Jogos Olímpicos de Saint Louis, serviram como pretexto para a imprensa dos Estados Unidos reforçar a ideologia racista e supremacista para seus leitores. Só que desta vez, através do esporte.

---

<sup>54</sup> DELSAHUT. Los Juegos Antropologicos de Saint-Louis, p. 818.

<sup>55</sup> “En primer lugar ella aseguraba la creencia en una especie humana dividida en “razas humanas”, que se tenía que ordenar. El vocabulario de estigmatización del salvajismo fue esforzado por una producción iconográfica frecuentemente violenta, acreditando la idea de una subhumanidad estancada, humanidad de los confines coloniales, a la frontera de la humanidad y de la animalidad. Las expresiones como “barbaros”, “comedor de perros”, pueblos primitivos” o “extrañas razas de hombre”, los calificativos como “Aïnu peludos” o “caníbales” (un subgrupo del grupo africano) servían, según Matti Goksy, a mantener una distancia social, una diferencia de estatuto entre los visitantes y los pueblos. [...] Em esta animalización, la transgresión de los valores y de las normas que constituyen, para América, la civilización es un elemento motor y permite legitimar la brutalidade de los conquistadores en animalizando los conquistados o en paso de serlo” (tradução nossa). DELSAHUT. Los Juegos Antropologicos de Saint-Louis, p. 818-19.

Alertado por membros do COI que estiveram em Saint Louis sobre a realização dos Dias Antropológicos, Coubertin foi extremamente crítico com a situação:

Em nenhum outro lugar a não ser na América se teriam atrevido a incluir tais números no programa de uma Olimpíada, mas aos americanos tudo é permitido; seu ardor juvenil fez com que as sombras dos grandes antepassados helenos se inclinassem à indulgência, se por acaso tivessem vagado naqueles momentos entre a multidão divertida.<sup>56</sup>

Ele ainda classificou a edição olímpica como uma comédia e afirmou que tudo isso “perderia a graça no dia em que negros, amarelos e vermelhos aprenderem a correr, nadar, saltar e arremessar deixando os brancos para trás”.<sup>57</sup>

O comentário de Coubertin pode ser encarado como profético e problemático simultaneamente. Por um lado, mostrou que o Barão acreditava que os ditos inferiores poderiam melhorar suas habilidades esportivas para competir de igual para igual com os brancos algum dia, mas por outro lado, refletiu o pensamento racista vigente da época, onde no imaginário coletivo atestava-se a superioridade da raça branca sobre as demais e que os ditos inferiores, só conseguiriam seguir sua evolução com o auxílio do homem branco. Como as participações de atletas não-brancos até aquele momento em Jogos Olímpicos era ínfima, essa mentalidade permaneceu presente na esfera olímpica. Assim, conclui-se que se essa dita supremacia racial estava presente na sociedade, obviamente também se refletiria nos mais diversos campos, caso do esporte.

## **O FORTALECIMENTO DO IDEAL OLÍMPICO APÓS OS JOGOS DE SAINT LOUIS**

Terminada a edição de Saint Louis, o COI tinha como objetivo evitar realizar uma edição olímpica simultaneamente com outra Exposição Universal. Como já mencionado neste artigo, Coubertin não ficou satisfeito com o que viu nas edições de Paris-1900 e Saint Louis-1904. Em ambos os casos os Jogos Olímpicos teriam sido ofuscados pelas exposições e segundo o Barão, era necessário desvincular o Movimento Olímpico da Exposição Universal.<sup>58</sup> O assunto foi abordado durante a 6ª Sessão do Comitê Olímpico

<sup>56</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 395.

<sup>57</sup> OLIVEIRA. *Jogos Políticos da Era Moderna*.

<sup>58</sup> ALMEIDA; RUBIO. *Internationalism and the first editions of the Modern Olympics*, p. 38.

Internacional, em junho de 1904 na cidade de Londres. Além deste tema, também ficou definido que Roma seria a sede da quarta edição olímpica em 1908.

Porém, devido a uma tragédia natural o COI teve que mudar a cidade-sede de 1908 as pressas. Em abril de 1906 o Monte Vesúvio entrou em erupção e devastou a região de Nápoles, no sul do país. Para reparar os danos sofridos o governo italiano decidiu utilizar boa parte da verba destinada aos Jogos Olímpicos na recuperação da região afetada pelo terremoto. Desta forma, Roma desistiu de sediar o evento.<sup>59</sup>

No mesmo ano de 1906, ocorreu uma competição bastante peculiar na história olímpica. Celebrando dez anos da primeira edição dos Jogos em Atenas, a capital grega foi palco de um evento que ficou conhecido popularmente como Jogos Intermediários. Esse evento não foi considerado pelo COI como uma edição oficial do Jogos Olímpicos, porém, impactou no futuro da entidade e dos Jogos:

Para Krüger (1999, p. 8), os Jogos Olímpicos Intermediários foram muito importantes para o desenvolvimento do COI, pois após o declínio de interesse gerado pela conexão com as Exposições Universais, esses Jogos podem ser considerados o primeiro e principal evento midiático. Jornais esportivos foram criados, além de criarem o *Tour de France* e o *Giro d'Italia*. Mathys (1979) corrobora com o pensamento de Krüger (1999) de que os Jogos Intermediários serviram para fortalecer o ideal olímpico, por mais que houvesse certo descontentamento de Coubertin e de alguns membros do COI quanto à quebra do ciclo de quatro anos entre uma edição e outra.<sup>60</sup>

Além de maior interesse midiático e do fortalecimento do ideal olímpico, o evento em 1906 também foi importante para formalização de regras e envio de convites aos países participantes,<sup>61</sup> criando tradições que se manteriam presentes em edições futuras dos Jogos. Outro exemplo foi o desfile das delegações participantes com suas respectivas bandeiras nacionais, que contou nos Jogos Intermediários com 20 países participantes.<sup>62</sup> O COI aprovou a ideia do desfile e o ato passou a ser repetido a partir da edição olímpica de 1908 e segue presente até hoje nas cerimônias olímpicas.

Com a desistência de Roma, o COI precisou definir uma nova sede para a edição olímpica de 1908 e nomeou Londres como a cidade responsável por receber o evento. Porém, a capital britânica sediaria na mesma época a Feira Franco-Britânica,

<sup>59</sup> OLIVEIRA. *Jogos Políticos da Era Moderna*.

<sup>60</sup> GIGLIO. *COI x FIFA: A história política do futebol nos Jogos Olímpicos*, p. 136-7.

<sup>61</sup> ALMEIDA; RUBIO. *Internationalism and the first editions of the Modern Olympics*, p. 40.

<sup>62</sup> OLIVEIRA. *Jogos Políticos da Era Moderna*.

uma exposição pública que visava celebrar as boas relações políticas e diplomáticas entre os dois países após séculos de turbulências.<sup>63</sup> Mesmo dividindo atenção com a Feira, os Jogos Olímpicos em Londres foram revolucionários em alguns aspectos, como na questão de infraestrutura. Para a competição foi erguido um enorme estádio para quase 70 mil espectadores que recebeu o nome de White City Stadium. Dentro dele foi construída uma piscina de 100 metros onde foram realizadas as disputas da natação, polo aquático e saltos ornamentais. As modernas instalações foram bastante elogiadas por Coubertin, que as classificou como “colossais”.<sup>64</sup> O Barão ainda afirmou que desta vez a Feira Franco-Britânica não foi um entrave aos Jogos, mas sim um viabilizador de fundos no que ele classificou como uma “revanche divertida das experiências precedentes”.<sup>65</sup>

Em 1925, após 29 anos à frente da entidade, Coubertin deixou o posto e em seu lugar assumiu o belga Henri de Baillet-Latour. Conde e membro da aristocracia europeia do início do século XX,<sup>66</sup> o novo presidente tinha posições conservadoras em algumas questões, como por exemplo, ser contrário a uma maior participação feminina em eventos olímpicos.<sup>67</sup> Enquanto os Jogos atingiam um novo patamar de organização e se tornavam cada vez mais populares, a estrutura de poder do COI tinha poucas mudanças. A mentalidade colonial e eurocêntrica permanecia vigente com os mesmos homens brancos e aristocratas de sempre ditando os rumos da entidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto ao longo deste artigo, as influências do colonialismo estiveram presentes durante os Jogos Olímpicos de Saint Louis em 1904. Seja na participação exclusiva das potências ocidentais no evento, seja na realização dos famigerados “Dias Antropológicos” que visavam justamente reforçar este ideal de supremacia racial e civilizacional. Em meio a tantas teorias e ideias preconceituosas, ações coloniais puderam ser vistas na competição e nas atitudes de seus organizadores.

<sup>63</sup> OLIVEIRA. *Jogos Políticos da Era Moderna*.

<sup>64</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 408.

<sup>65</sup> COUBERTIN. *Pierre de Coubertin*, p. 412.

<sup>66</sup> OLIVEIRA. *Jogos Políticos da Era Moderna*.

<sup>67</sup> WAMSLEY; PFISTER. *Olympic Men and Women: the politics of gender in the modern games*, p. 113.

A edição olímpica foi também importante para a política e afirmação internacional dos Estados Unidos, que se consolidariam na década seguinte, após a I Guerra Mundial, como a maior potência econômica do mundo. A realização do evento na cidade de Saint Louis, em meio a Exposição Universal, ao invés de Chicago, escolha do COI e de seu presidente, apenas atestaram a força dos estadunidenses que viram na junção dos Jogos com a exposição, uma ótima vitrine para não só recordar um sentimento patriótico e nacionalista, como para se apresentar para o mundo como uma nação inovadora.

Saint Louis-1904 também foi outro exemplo de como as relações controversas do COI podem ser questionadas. Ao mesmo tempo em que pregava uma diplomacia e união através do esporte, o Comitê Olímpico Internacional e Coubertin fechavam os olhos para as atitudes de seus países membros, optando por não intervir em assuntos políticos e mantendo uma posição de neutralidade, como visto na relação próxima com o Rei Leopoldo II da Bélgica.

Como aponta Ferreira Júnior (2021): "Coubertin e seu Movimento Olímpico eram filhos de seu tempo. Nem criador nem criatura podiam escapar ilesos de um contexto histórico em que pessimismo racial e darwinismo social ocupavam um importante espaço no sistema de ideias europeu à época".<sup>68</sup>

Desta forma, pode-se concluir que a edição de 1904 deixou impactos e legados importantes para o futuro dos Jogos Olímpicos. A realização das atividades esportivas de forma simultânea as Feiras Mundiais foram revistas, porém, o espírito colonialista e de superioridade racial e civilizatória permaneceu presente por mais algum tempo no ambiente olímpico. Fato é, que esses Jogos entraram para a história não somente pela má organização e pelas situações polêmicas, mas também por mostrar como o esporte foi um relevante espaço para manifestação do pensamento colonialista, refletindo no campo esportivo os efeitos da sociedade na qual está inserido.

\* \* \*

---

<sup>68</sup> FERREIRA JÚNIOR. *Colonisation Sportive*, p. 76.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, William Douglas; RUBIO, Katia. Internationalism and the first editions of the Modern Olympics. **International Sports Studies**, v. 40, n. 2, p. 34-46, 2018.
- BROWNELL, Susan. Introduction: bodies before boas, sport before the laughter left. In: BROWNELL, Susan (Ed.). **The 1904 Anthropology Days and Olympic Games: Sport, Race, and American Imperialism**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2008, p. 1-58.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.
- COUBERTIN, Pierre de. **Pierre de Coubertin: Olimpismo – seleção de textos**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2015.
- DELSAHUT, Fabrice. Los Juegos Antropologicos de Saint-Louis. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 809-23, 2011.
- ÉSTHER, Angelo Brigato. Senhoras e senhores, aproximem-se! Bem-vindos ao maior espetáculo da Terra!, **Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociidade**, Belo Horizonte, v. 7, n. 20, p. 978-89, 2020.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- FERREIRA JÚNIOR, Neilton. *Colonisation Sportive: o laboratório da “simbiose” racismo e esporte moderno*. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 13, p. 73-98, 2021.
- FERREIRA JÚNIOR, Neilton; RUBIO, Katia. Revisitando a “raça” e o racismo no esporte brasileiro: implicações para a Psicologia Social. In: RUBIO, Katia; CAMILO, Juliana A. de Oliveira (Orgs). **Psicologia social do esporte**. São Paulo: Képos, 2019, p. 183-208.
- FERRO, Marc. **A colonização explicada a todos**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- FORSYTH, Janice; WAMSLEY, Kevin B. Symbols without substance: aboriginal peoples and the illusions of Olympic Ceremonies. In: YOUNG, Kevin; WAMSLEY, Kevin B. (Ed.). **Global Olympics: historical and sociological studies of the modern games**. Oxford: Elsevier, 2005, p. 227-47.
- FREITAS, Guilherme Silva Pires de. A aproximação do Movimento Olímpico com os novos tempos: o caso dos fluxos migratórios e a Equipe Olímpica de Refugiados. **Olimpianos – Journal of Olympic Studies**, São Paulo, n. 6, p. 129-43, 2022.
- FUKUZAWA, Hosanna. Olympics for Savages: The Anthropology Days, 2021. Disponível em: <https://www.hosannafukuzawa.com/anthropologyday/>. Acesso em: 22 dez. 2023.
- GIGLIO, Sergio Settani. **COI x FIFA: A história política do futebol nos Jogos Olímpicos**. Tese (Doutorado), Escola de Educação Física e Esporte, USP, 2013.
- GIGLIO, Sergio Settani; RUBIO, Katia. A hegemonia europeia no Comitê Olímpico Internacional. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 291-305, 2017.



HONORATO, Felipe Antonio; PAIVA JÚNIOR, Paulo Cesar de Abreu. Rei branco, morte negra: um olhar sobre a trajetória psicopolítica de Leopoldo II da Bélgica. **África(s)**, Alagoinhas, v. 7, n. 13, p. 244-58, 2020.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. Olympic Games St. Louis 1904: about the game, 2023. Disponível em: <https://olympics.com/en/olympic-games/st-louis-1904>. Acesso em: 23 dez. 2023.

MACMILLAN, Margaret. **A Primeira Guerra Mundial... que acabaria com as guerras**. São Paulo: Globo Livros, 2014.

OFFICE OF THE HISTORIAN. Message of the President: Papers relating to the foreign relations of the United States, with the annual message of the President transmitted to Congress, December 6, 1904. Disponível em: <https://bit.ly/3TuG0Hn>. Acesso em: 23 dez. 2023.

OLIVEIRA, Paulinho. **Jogos Políticos da Era Moderna**. Fortaleza: Editora do Autor – Versão Ebook, 2020.

O'TOOLE, Sean. The Athletes, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/47nqUJz>. Acesso em: 22 dez. 2023.

PEREZ, Alberto Aragon. Royalty and the Olympic Games: from Ancient Greece to the Present Day. **Journal of Olympic History**, London, v. 23, n. 2, p. 22-31, 2015.

QUINTILIO, Natália Kohatsu; ZIMMERMANN, Maria Alice; PEREZ, Carlos Rey; MARCONI, Juliana Rodrigues. A formação do atleta e a Educação Olímpica: a busca pelo estado de empoderamento. In: RUBIO, Katia (Org.). **Do pós ao neo Olimpismo: esporte e movimento olímpico no século XXI**. São Paulo: Képos, 2019, p. 263-82.

RUBIO, Katia. Agenda 20+20 e o fim de um ciclo para o Movimento Olímpico Internacional. **Revista USP**, São Paulo, n. 108, p. 21-8, 2016.

WAMSLEY, Kevin B.; PFISTER, Gertrud. Olympic Men and Women: the politics of gender in the modern games. In: YOUNG, Kevin; WAMSLEY, Kevin B. (Ed.). **Global Olympics: historical and sociological studies of the modern games**. Oxford: Elsevier, 2005, p. 103-25.

\* \* \*

Recebido em: 22 jan. 2024.

Aprovado em: 13 set. 2024.

# Esporte Olímpico como tecnologia política: contradições no princípio da neutralidade (1920-1955)

Olympic Sport as a political technology:  
contradictions in the neutrality principle (1920-1955)

**Stefanie Hesse Alves**

Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação Física, Campinas/SP, Brasil  
s064484@dac.unicamp.br

**Sérgio Settani Giglio**

Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação Física, Campinas/SP, Brasil  
Doutor em Ciências, USP

**RESUMO:** O Comitê Olímpico Internacional construiu, ao longo de sua história, um discurso de neutralidade, buscando separar o esporte da política, tendo estabelecido recomendações e regulamentações que visavam impedir a apropriação do esporte olímpico para finalidades do tipo. Mas, contraditoriamente, é possível identificar, em suas práticas internas, processos de disputa, dominação e uso do poder que caracterizam o Movimento Olímpico como tecnologia política a serviço de um sistema disciplinador, coercitivo e excludente. O objetivo deste artigo foi investigar como se configurou essa modalidade de poder a partir da análise de documentos oficiais e processos de tomada de decisão, no período que vai da criação do COI até meados da década de 1950.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jogos Olímpicos; História; Política; Esporte.

**ABSTRACT:** The International Olympic Committee (IOC) has historically sought to maintain a discourse of neutrality, establishing recommendations and regulations with the aim of preventing the appropriation of Olympic sports for non-Olympic purposes. However, an analysis of the IOC's internal practices reveals a contradictory picture. On the one hand, there are indications of a political technology that serves a disciplinary, coercive and exclusionary system. On the other hand, there are also indications of a power structure that is characterised by quarrels, domination and the use of power. The objective of this article is to investigate how this modality of power was structured based on the analysis of official documents and decision-making processes, in the period from the creation of the IOC until the mid-1950s.

**KEYWORDS:** Olympic Games; History; Politics; Sports.

## INTRODUÇÃO

Revestido com a *roupa olímpica*, o esporte figura como objeto privilegiado de estudo para vários campos teóricos. Sua reverberação extrapola os estádios, quadras, piscinas e pistas, e atinge esferas mais abstratas, definindo modos de vida, comportamentos, valores e ideais. O próprio Comitê Olímpico Internacional (COI), responsável institucional pela realização dos Jogos Olímpicos (JO), incorpora essa expansão no Movimento Olímpico (MO), que declara ter por objetivo contribuir para um mundo melhor e mais pacífico através da educação de jovens por meio da prática esportiva de acordo com o Olimpismo e seus valores (excelência, amizade e respeito).<sup>1</sup>

Nesse sentido, é inegável que há, por parte do COI, uma relevante capacidade de influência sobre atletas, dirigentes esportivos, patrocinadores, mas também, sobre formação humana, constituição de espaços de lazer, cuidados com a saúde, direitos de acessibilidade, ações de sustentabilidade, na mesma medida em que é constantemente reconfigurado pelos contextos em que suas ações estão inseridas.

Ao estabelecer relações com a sociedade, o esporte olímpico constrói e revela processos de dominação, de disputas por legitimidades, de manutenção ou rupturas do *status quo*, tratando-se de relações de poder, portanto. E podemos questionar e debater seus processos históricos, ampliando os olhares para além do encadeamento linear de fatos no tempo, ou mesmo das relações de causa e consequência. Por meio do esporte pode-se, sobretudo, enxergar uma teia de relações complexas entre diversos aspectos da vida humana, e olhá-los como produções em constante processo de reconfiguração e ressignificação.

Desse modo, a proposta deste artigo é abordar o esporte olímpico a partir de seu entendimento enquanto tecnologia política do corpo, um conjunto de saberes e controles sobre o corpo, ao qual instituições e aparelhos recorrem, utilizam e valorizam, impondo maneiras de agir. Ao mesmo tempo, elas não são unívocas, e provocam focos de instabilidade, riscos de conflitos, lutas, podendo chegar até mesmo

---

<sup>1</sup> COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. Olympic Values.

na inversão das relações de forças.<sup>2</sup> Especificamente, nos interessa a percepção de um deslocamento nas formas de controle do corpo, identificando aparatos que visam uma realidade incorpórea, que tem por objetivo controlar e transformar o comportamento dos indivíduos.<sup>3</sup>

Trata-se então de compreender como se estabelecem modos específicos de sujeição, buscando a perpetuação de domínios hegemônicos ou o desencadeando ações de resistência.<sup>4</sup>

No final do século XIX e início do século XX, as práticas de dominação aparecem cada vez mais heterogêneas e passam a estar dispersas pelas práticas sociais. Identificá-las pode ajudar a compreender como modelos de ser e agir se estabeleceram como normas na sociedade moderna.

Nossa proposta neste estudo, então, foi olhar para o esporte olímpico enquanto uma tecnologia política do corpo, sendo utilizado como estratégia para propagar modos de agir, práticas de saber e tensões entre diferentes sujeitos sociais. Contraditoriamente, ao colocar o esporte olímpico sob essa ótica, identificamos que há um princípio discursivo que permeia a construção dessa tecnologia política: a neutralidade política.

Ao destacarmos como o COI tenta, por meio de seus documentos regulatórios e decisórios, e registros oficiais,<sup>5</sup> constrói e afirma o princípio da neutralidade, e percebemos dispositivos dos quais ele lança mão para assegurar que os sujeitos envolvidos com o esporte olímpico se mantenham obedientes a esse princípio, procuramos explicitar e discutir a contradição dessa condição de neutralidade, uma vez que ao determinar efeitos esperados aos sujeitos e seus comportamentos, evidencia a condição do esporte olímpico enquanto tecnologia política do corpo direcionado a

---

<sup>2</sup> ALVAREZ. Foucault: corpo, poder e subjetividade. O conceito de tecnologia política do corpo aqui utilizado é emprestado de Michel Foucault, em seus estudos sobre modalidades de poder e sistemas de dominação aos quais o corpo é submetido na Modernidade. Importante lembrar que a obra de Michel Foucault pode ser lida como uma longa reflexão sobre o corpo, sendo este entendido como a materialidade sobre a qual se inscrevem as práticas sociais de saber, poder e subjetivação, compondo assim uma base complexa e heterogênea que constitui a história da sociedade humana.

<sup>3</sup> FOUCAULT. *Vigiar e punir*.

<sup>4</sup> FOUCAULT. *Vigiar e punir*.

<sup>5</sup> Anuários e Estatutos do Comitê Olímpico Internacional, que depois foram renomeados como Cartas Olímpicas, Atas das Sessões do COI, do Comitê Executivo e demais Comitês, Boletins, Revistas Olímpicas, publicações sobre as Conferências Internacionais.

interesses de determinados grupos.

## FONTES E DESENHO METODOLÓGICO

A escolha pela investigação dos documentos oficiais e materiais produzidos pelo próprio COI parte da premissa de que elas são, para fins desse trabalho, fontes a partir das quais podemos realizar inferências e considerações.

Aróstegui<sup>6</sup> distingue a *informação histórica*, o conhecimento construído por meio do discurso do historiador, de análise e interpretação já estabelecida por um ator discursivo, de uma *informação historiográfica*, definida a partir da ideia de fonte primária, os materiais a serem observados e tensionados pelos pesquisadores. O autor aponta também que o processo de pesquisa histórica passa por dois momentos: a escolha do tema e a busca por fontes de informação. Afirmado assim a condição determinante do assunto em relação aos materiais pesquisados.

A descoberta e a análise das fontes primárias não são exclusivas no fazer historiográfico, mas são essenciais. Essas fontes podem ser todo e qualquer material sobre o qual se pode inferir algo acerca de uma determinada situação social no tempo. E embora sejam teoricamente finitas, a pesquisa histórica não corre o risco de esgotamento pois não depende do aparecimento de novas fontes, mas sim do tratamento cada vez mais refinado das mesmas. Nessa perspectiva, os arquivos históricos constituem ainda hoje um dos repositórios fundamentais de informações e prática historiográficas, sendo necessário transformá-los em narrativas.<sup>7</sup>

Assim, os arquivos são lugares vitais de informação sobre o passado esportivo, mas precisam ser olhados com cautela, porque também podem ser lugares que privilegiam informações, de modo que a evidência recuperada representa sempre relações de poder nas sociedades. Atas e minutas de reuniões podem esconder a intensidade de um debate. Ou seja, é necessário examinar as formas que uma fonte diz as coisas e considerar seus relacionamentos com contextos sociais, políticos e culturais.<sup>8</sup>

<sup>6</sup> ARÓSTEGUI. *A pesquisa histórica*.

<sup>7</sup> ARÓSTEGUI. *A pesquisa histórica* e JOHNES. *Archives and Historians of Sport*.

<sup>8</sup> JOHNES. *Archives and Historians of Sport* e DAY; VAMPLEW. *Sports History Methodology*.

Destacamos como fontes primárias profícuas para este trabalho os documentos produzidos pelo COI, entre os quais foram analisados sete Cartas Olímpicas, três Boletins e Relatórios das edições dos JO, três Relatórios dos Congressos Olímpicos, duas transcrições e atas das reuniões do Comitê Executivo do COI, sete transcrições e atas das Sessões do COI, e uma Circular encaminhada aos membros, disponibilizados na coleção Arquivos Históricos, mantidos pelo Olympic Studies Centre (OSC),<sup>9</sup> cuja sede se localiza em Lausanne, na Suíça, e por meio de repositório online disponibilizado na Olympic World Library (OWL).<sup>10</sup>

Para a obtenção de parte desse material, foi realizada uma visita *in loco* ao acervo do OSC.<sup>11</sup> Os documentos foram requisitados junto aos bibliotecários e historiadores curadores do acervo, a partir de pesquisa prévia nos catálogos. Foram entregues dois Hard Disks com digitalização das atas das reuniões das Sessões do COI, do Comitê Executivo, das reuniões do Comitê Executivo com as Federações Internacionais (FI) e com os Comitês Olímpicos Nacionais (CON), das reuniões das Comissões internas, e das circulares encaminhadas aos membros do COI. Foi autorizada a cópia desses documentos para propósitos da pesquisa. No acesso à biblioteca, também foram consultadas as versões impressas dos Relatórios dos Congressos Olímpicos e demais obras bibliográficas de referência sobre o esporte olímpico.

Na base de dados online disponível na OWL, foi possível consultar os Relatórios de todas as edições dos JO, documento de produção obrigatória para os Comitês Organizadores dos JO, e todo o catálogo da Revista Olímpica, publicação mantida pelo COI ao longo dos anos para divulgar novidades e informações a respeito do MO.

O recorte temporal desta pesquisa delimita a observação do material produzido entre 1920 e 1955. O período analisado se inicia após o fim da Primeira Guerra Mundial, momento em que o COI já se encontrava institucionalmente consolidado e revela intensos debates sobre as finalidades, adequações e expansões ao MO, tanto a fim de atender demandas externas da sociedade, quanto problematizar e conter movimentos de resistência aos seus processos de dominação. O ano de 1955 é o momento em que foi publicada na CO a orientação de que não seriam toleradas

---

<sup>9</sup> Centro de Estudos Olímpicos (tradução nossa).

<sup>10</sup> Biblioteca Olímpica Mundial. Disponível em: <https://library.olympics.com> (tradução nossa).

<sup>11</sup> A visita ocorreu entre os dias 15 e 26 de janeiro de 2024.

manifestações e propagandas políticas nos espaços dos JO.

Nossa premissa é de que este período determina como o COI constrói sua estratégia discursiva e busca se organizar internamente para fundamentar sua proposta de ação sobre os sujeitos, ou seja, como ele estrutura seu sistema de dominação. Ao mesmo tempo, abrimos caminho para poder então, em estudos futuros, compreender os diversos movimentos de contestação e protestos contra o COI que eclodiram na segunda metade do século XX.

### **A RETOMADA DO ESPORTE OLÍMPICO NA MODERNIDADE**

O esporte olímpico é retomado no final do século XIX enquanto proposta que visa contribuir para o desenvolvimento social a partir de uma educação esportiva.<sup>12</sup> Fundador do COI, o Barão Pierre de Coubertin, buscava criar uma instituição internacional capaz de produzir transformações nos indivíduos, sociedades e nações através de um empreendimento educativo, moral e social, com compromisso de honrar as tradições e os valores do Olimpismo da Antiguidade grega, os Jogos Olímpicos.<sup>13</sup> Os JO modernos foram realizados pela primeira vez em 1896.<sup>14</sup>

Por Olimpismo é entendido o conjunto de valores pedagógicos e filosóficos que exaltavam a prática amadora e a igualdade de condições para a competição, conforme descrito nos objetivos do primeiro *Anuário* do COI, em 1908, e no primeiro artigo dos *Princípios Fundamentais do Regulamento e Protocolo da celebração das*

---

<sup>12</sup> A proposta de retomada dos Jogos tinha a Pedagogia como elemento fundamental de sua proposta. Tanto é que nos primeiros Congressos do COI havia sempre uma sessão do programa destinada a debater questões pedagógicas relacionadas ao esporte. No Congresso de Le Havre, de 1897, por exemplo, o Programa previa a discussão dos tópicos: “As ações morais dos Exercícios Físicos sobre crianças e adolescentes – a influência do esforço na formação do caráter e no desenvolvimento da personalidade”, e “A organização dos Exercícios físicos nos Liceus e Colégios; os alunos podem organizá-los e dirigi-los eles mesmos, e de que forma? – Consequências da independência dos estudantes - Papéis de autoridade.”, ou os três primeiros itens do Congresso de Bruxelas, em 1905: “A - Os exercícios físicos na escola; B - Os exercícios físicos no Colégio; C - Os exercícios físicos na Universidade” (Cf.: COMITE OLYMPIQUE BULGARE. *Reglements des Congres Olympiques qui ont eu lieu de 1894 à 1930*, 1970, p.18-26, tradução nossa).

<sup>13</sup> RUBIO. Memória e imaginário de atletas medalhistas olímpicos brasileiros; TAVARES DA SILVA. *Esporte, movimento olímpico e democracia*.

<sup>14</sup> Os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga, que datam do século I a.C.



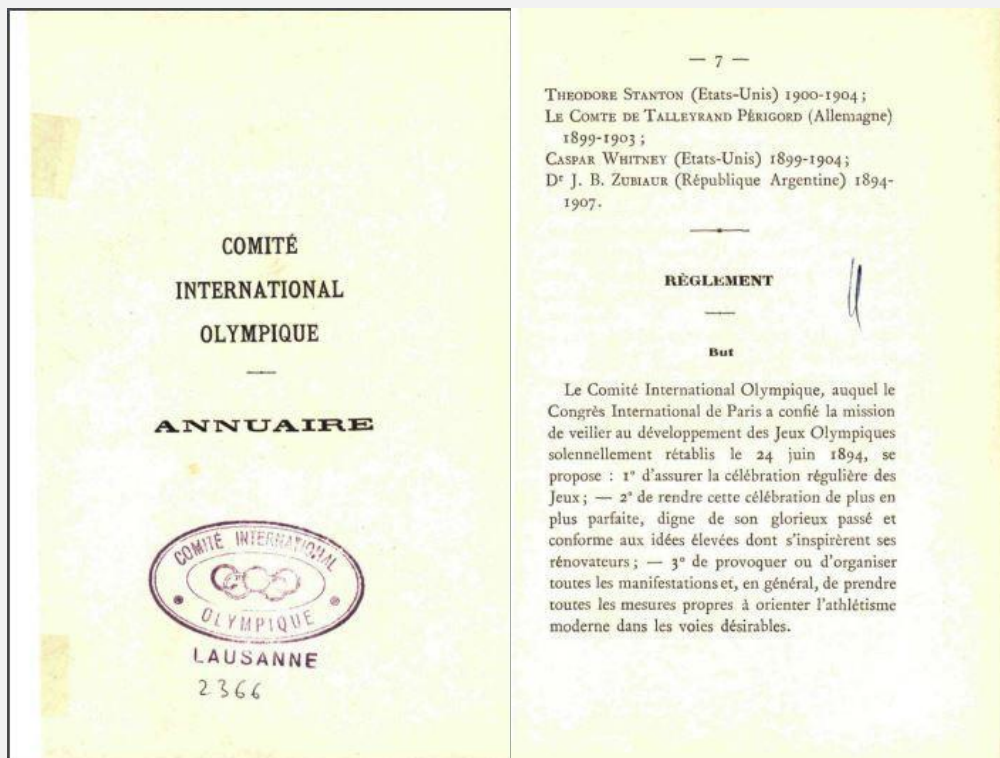
*Olimpíadas Modernas e dos Jogos Olímpicos Quadrienais, em 1924.*<sup>15</sup>

Fig. 1: Contracapa e página interna no Anuário de 1908.

Da fundação aos anos de 1920, o COI conseguiu se estruturar formal e burocraticamente como instituição, tendo um documento regulador, mantendo uma dinâmica de sessões anuais, congressos, publicações de boletins e revistas, e uma sede administrativa.

Desde então, os documentos mostram que há constantes negociações, da parte do COI com outras instâncias, tais como os governos nacionais e municipais, e com as federações e associações esportivas, a fim de viabilizar um projeto que atenda interesses específicos. Como podemos notar nas minutas da 1ª Sessão, em 1894, quando boa parte da discussão girou em torno dos critérios de elegibilidade para participação nos JO, na qual se admitiu a necessidade de dialogar com as entidades esportivas já existentes, e também a aprovação de uma moção a fim de que o COI fizesse todo o possível para obter o apoio dos governos nacionais para viabilizar a organização dos JO.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Cf.: COI. *Annuaire*. 1908; COI. *Règlements et protocole de la célébration des olympiades modernes et des jeux olympiques quadriennaux*. 1924.

<sup>16</sup> Cf.: COI. *Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques*, n. 1, jul. 1894, p. 1-4.



Ao mesmo tempo, a redação dos documentos aponta para um apelo de isenção, autonomia e independência do movimento, principalmente em relação aos governos nacionais.<sup>17</sup>

Essa noção de autonomia é exemplificada na forma como o COI desenvolve sua estrutura administrativa. O próprio Comitê designa um presidente, responsável por representá-lo e administrá-lo, e os lugares e datas de suas reuniões. As decisões são tomadas por meio de eleições internas, e são deliberações do Comitê a autorização para a participação de novos membros, assim como a sua exclusão em caso de traição aos seus interesses ou violação das leis da honra e do bom senso, a escolha da cidade na qual os JO devem acontecer, e o reconhecimento das FI e dos CON, que somente quando reconhecidos pelo COI podem inscrever delegações para participar nos JO.<sup>18</sup>

Diferentemente de outras organizações supranacionais, as decisões no COI não precisam ser corroboradas por seus membros.<sup>19</sup> Estes não atuam como representantes de seus países junto ao COI (embora os contextos de lugar de fala façam diferença, eles não são legalmente respaldados), mas sim como representantes do COI junto a seus países<sup>20</sup>. Essa inversão de papéis faz com que a filiação ao COI obedeça a uma espécie de juramento moral, e esse fator se faz essencial para compreender o esporte olímpico como tecnologia política no processo de apropriação de certos valores e princípios, e na tentativa de afirmar e controlar pertencimentos a uma elite esportiva.<sup>21</sup>

<sup>17</sup> Na transcrição da 2ª Sessão do COI (Cf.: COI. *Retranscription - Procès-verbal, 2<sup>e</sup> Session*, Athènes, 1896), após a primeira edição dos JO, ao se discutir sobre o financiamento dos eventos, o sr. Gebhardt, membro alemão, propõe que o Comitê responsável pela organização dos JO se responsabilize pelas despesas do COI ao longo dos quatro anos que antecedem os JO. A ele foi respondido (sem menção de quem) que o COI deveria manter completa independência em relação aos Comitês Nacionais, e que aceitar esse tipo de apoio financeiro seria alienar essa independência.

<sup>18</sup> Cf.: COI. *Annuaire*. 1908.

<sup>19</sup> GRASSI. Olympic Rule 50 and political neutrality: is it time for a turning point?

<sup>20</sup> “O Comitê Olímpico Internacional é permanente e elege a si mesmo [...] Os membros deverão se considerar como os delegados do Comitê Internacional frente às federações e sociedades esportivas e de exercícios físicos de seus respectivos países. Eles não devem aceitar, dessas sociedades, qualquer ordem que os vincule como membros do Comitê e impeça a independência de seus votos” (tradução nossa) (Cf.: COI. *Annuaire*. 1908, p. 8).

<sup>21</sup> ZAKUS. *The International Olympic Committee: Tragedy, Farce, and Hypocrisy*.

Isso produz um desbalanço na distribuição das representações dentro do COI, configurando uma hegemonia europeia na composição dos membros e na eleição dos presidentes ao longo de sua existência.<sup>22</sup>

### A CONSOLIDAÇÃO DO ESPORTE OLÍMPICO NO ENTRE GUERRAS

No período entre guerras, a organização dos JO passou por intensas disputas pelo poder de decisão entre o COI, as FI e os CON. Parte do seu processo de consolidação passou por concessões administrativas e uma divisão do trabalho na instituição.

Na 19ª Sessão do COI, em Antuérpia, foi apontado que as federações esportivas já existiam antes do projeto de retomada dos JO, e eram independentes do COI, e que pressioná-las poderia ser prejudicial ao MO. Já em relação aos CON, havia muitas diferenças entre eles, e foi apontada a necessidade de se estabelecer certa uniformidade e constante comunicação com o Comitê. Em ambos os casos, o COI parece procurar adotar uma postura conciliadora, reconhecendo a importância dessas instituições para sua própria sobrevivência.<sup>23</sup>

As decisões sobre o programa olímpico, sede dos JO, e a filosofia geral do MO ficou sob responsabilidade do COI e do Comitê Organizador de cada edição dos JO, que deveria permanecer tão livre quanto permitido pelos acordos estabelecidos a esse respeito nos Congressos<sup>24</sup> de 1914 e 1921, em Paris e Lausanne, respectivamente<sup>25</sup>, enquanto os CON supervisionavam as inscrições e participações nos eventos, e as FI determinavam os regulamentos técnicos e a elegibilidade de atletas.<sup>26</sup>

O período também estabeleceu uma compreensão ampliada do MO. Em 1925, paralelamente ao Congresso Técnico, em Praga, o COI organizou o Primeiro

<sup>22</sup> GIGLIO. *COI x FIFA*; GIGLIO. *A história política do futebol olímpico (1894-1988)*; GIGLIO; RUBIO. A hegemonia europeia no Comitê Olímpico Internacional.

<sup>23</sup> Cf.: COI. *Retranscription - Procès-verbal, 19<sup>e</sup> Session*, Anvers, 1920.

<sup>24</sup> Até a Segunda Guerra Mundial, as principais alterações de regulamentos eram propostas e discutidas nos Congressos Olímpicos e aprovadas nas Sessões do COI.

<sup>25</sup> Cf.: COI. *Bulletin officiel du Bureau Permanent des Fédérations Internationales Sportives*, 1924; COI. *Procès-verbal, Commission Exécutive*, Paris, 1921; COI. *Official Minutes of the Congress of the International Olympic Committee*, Lausanne, 1921.

<sup>26</sup> KEYS, Barbara. *The rise of International Sports Organizations*.

Congresso Internacional Olímpico Pedagógico.<sup>27</sup> O relatório conclui que a lealdade, a disciplina, o jogo limpo e o cavalheirismo devem ser os alicerces morais que constituem o espírito esportivo, um poderoso agente da melhoria moral e social. E que se faz necessária a propaganda e difusão desses valores através do ensino, da imprensa, dos discursos, conferências, e pelo *exemplo*, como incentivo à *autoeducação*.

Essa noção de autoeducação é cara à compreensão das tecnologias de poder modernas. Elas não se fazem perceber pela aplicação de sanções externas, mas sim através de um modelo coercitivo - evidente em seu efeito no sujeito. Fala-se, portanto, de uma autodisciplina a fim de assegurar um comportamento bom e produtivo à sociedade.<sup>28</sup> O relatório também sublinha a importância de esclarecer o público sobre a *essência do esporte*, que seria uma grande escola de devoção, de abnegação e do serviço em favor da comunidade, qualidades essenciais ao equilíbrio da democracia moderna.<sup>29</sup>

Ao longo das décadas de 1920 e 1930, viagens, promoção de eventos e competições, e apoio a organizações atléticas (como a YMCA<sup>30</sup>, por exemplo) contribuíram para a difusão dos ideais e o recrutamento de novos participantes para o MO fora do eixo Europa-EUA. A preocupação em enumerar e qualificar esses valores convergem com a ideia de aproveitamento do esporte como forma de valorizar um modo de vida que garante aos seus sujeitos uma impressão de plenitude.

Um exemplo prático desse discurso é a declaração do então presidente do COI, Conde Baillet-Latour, no Congresso de Berlim, em 1930, de que era função do Congresso *exercer influência na opinião pública*.<sup>31</sup> Ao que parece, mais do que as

---

<sup>27</sup> Foram pautadas questões pedagógicas e sociais relativas ao desenvolvimento crescente da atividade esportiva. No Congresso Técnico foi montada uma comissão para estudar os problemas da educação esportiva, e os efeitos deste estudo não eram dirigidos somente aos atletas ou juizes, mas ao público em geral.

<sup>28</sup> FOUCAULT. *Vigiar e punir*.

<sup>29</sup> Cf.: COI. *Procès-verbal du Congrès Olympique Technique de Prague*, 10 maio 1925, p. 40-41.

<sup>30</sup> No Brasil, a Young Men's Christian Association (YMCA) ficou conhecida como Associação Cristã de Moços (ACM).

<sup>31</sup> Cf.: COI. *Minutes of The Olympic Congress of Berlin*, 25 de maio de 1930, p. 11-14. Desde o Congresso de Praga, em 1925, o debate sobre o amadorismo ganhou muito destaque, pois a FIFA e o COI divergiam quanto os seus princípios. Cinco anos mais tarde, ao longo do Congresso de Berlim, em 1930, uma extensa discussão sobre a definição de amadorismo e do programa olímpico acirrou as tensões entre o COI, as FI e os CON. Para Baillet-Latour, o Congresso mostrou completa harmonia referente à questão do amadorismo, embora não tivessem tomado nenhuma decisão definitiva, e que, assim sendo, não via por que não seria possível mostrar para o mundo esse efeito harmônico e fiel aos princípios fundamentais nos quais Pierre de Coubertin fundamentou seu projeto.

questões quantitativas,<sup>32</sup> é notável o esforço do COI em assumir a intenção de ampliação de seu raio de influência na sociedade. O COI passa a ter iniciativas mais diretas, como as intenções por trás da criação do Comitê de Campos de Jogo,<sup>33</sup> que tinha por objetivo investigar a provisão de espaços públicos de jogo e recreação nos países filiados ao COI, e intervir junto às administrações nacionais e municipais para proporcionar esses espaços de saúde e bem-estar para as pessoas. Essa ação evidencia a pretensão de aproximar os ideais olímpicos da população geral, de imprimir na vida cotidiana do cidadão comum marcas e modos de comportamentos sancionados pelo COI, deixando claro o uso do esporte olímpico como tecnologia política do corpo.

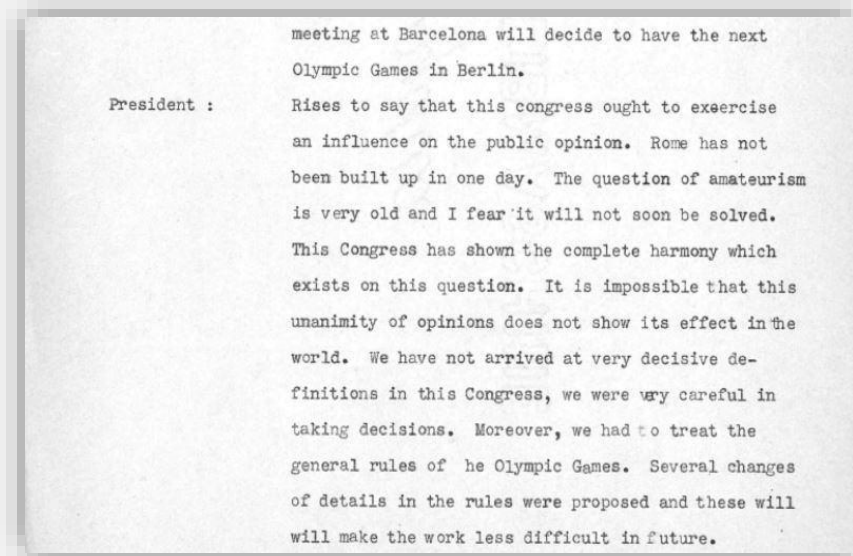


Fig. 2: Trecho da minuta do Congresso Olímpico de Berlim, 1930.

Essa marca também aparece durante a 32ª Sessão do COI, em Viena.<sup>34</sup> O COI aprovou a incorporação de parte do texto do relatório da comissão sobre a educação esportiva, apresentado durante o Congresso de Praga, na CO. Dedicados a estabelecer o esporte olímpico como esse lugar de excelência moral, o texto traz na contracapa, espaço nobre da publicação, uma seção intitulada “Você é um Esportista?”. Ela é subdividida em duas partes “Como um atleta” e “Como um espectador”, e enumera

<sup>32</sup> Que estão destacadas na CO, que cita 43 países representados por 66 delegados (Cf.: COI. *Olympic Charter*. 1933, p. 11.

<sup>33</sup> Cf.: COI. *Minutes of The Olympic Congress of Berlin*, 25 de maio de 1930, p. 29-30.

<sup>34</sup> Cf.: COI. *Procès-verbal, Session de 1933 à Vienne*, Viena, 1933.

uma série de perguntas de ordem moral e comportamental (“Você vence sem ostentação e perde sem lamentar?” ou “Você quer ver seu lado vencer se ele não merece?”), e termina com as seguintes afirmações para o caso de as respostas serem inadequadas “Então você não é um esportista. Tente se tornar um”.<sup>35</sup>

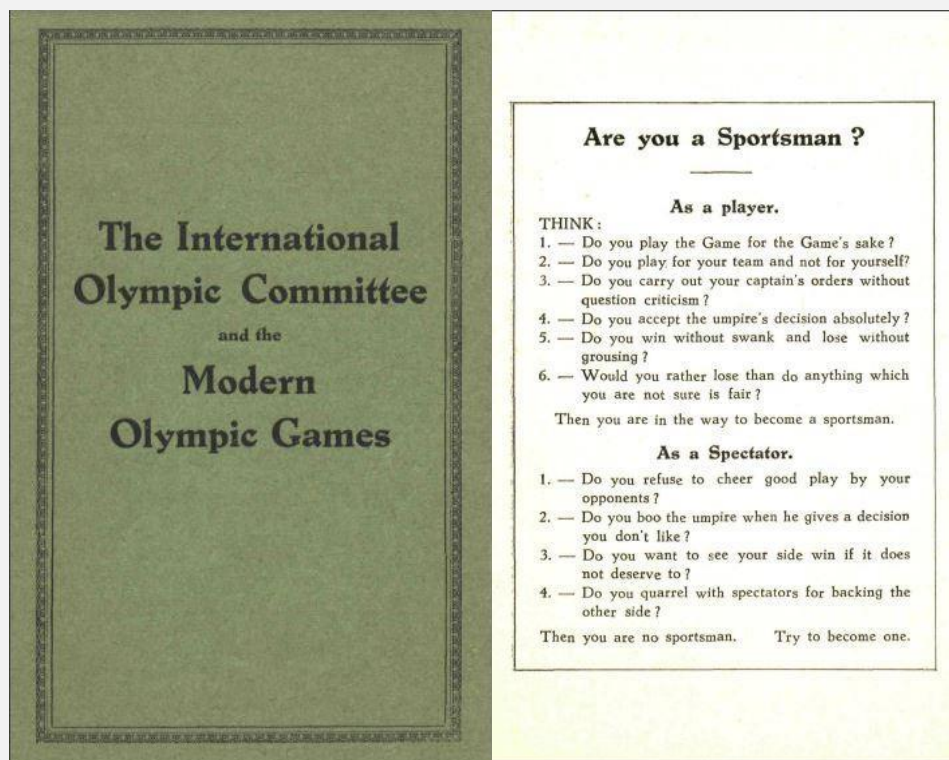


Fig. 3: Capa e contracapa da Carta Olímpica de 1933.

Essa ideia também aparece na apresentação dos objetivos e da organização administrativa do COI, reforçando a intenção de encaminhar o esporte moderno na “direção correta, pela promoção do espírito cavalheiresco, amor ao jogo limpo, reverência ao verdadeiro amadorismo e com a ajuda das autoridades oficiais”.<sup>36</sup>

O texto também retoma o discurso de Pierre de Coubertin na celebração dos JO em 1896, quando ele afirma que “não é nosso [do COI] desejo que o interesse mercantil ou eleitoral se aproveite dele [JO] [...] nós desejamos que vocês se tornem devotos da religião do esporte”.<sup>37</sup>

<sup>35</sup> Cf.: COI. *Olympic Charter*. 1933, p. 1. (tradução nossa).

<sup>36</sup> Cf.: COI. *Olympic Charter*. 1933, p. 9. (tradução nossa).

<sup>37</sup> Cf.: COI. *Olympic Charter*. 1933, p. 10. (tradução nossa).

É evidente, portanto, o esforço do COI em incorporar certa natureza mística de nobreza, pureza e estabilidade ao projeto olímpico, ao mesmo tempo em que marca discursivamente o afastamento dos debates econômicos e políticos, mantendo um ideal supranacional e acima de *questões mundanas*.

No entanto, os primeiros JO após a publicação desta CO, em Berlim, 1936, ficaram marcados como uma das edições que mais tiveram repercussão política.<sup>38</sup> O alcance dessa edição dos JO pode ser creditado a uma nova forma de significar o esporte olímpico, a partir de grandes injeções financeiras estatais, investimento em publicidade e propaganda, novas formas de tratamento para os símbolos olímpicos, espetacularização do evento e mitificação dos atletas.<sup>39</sup>

Ao não barrar os investimentos e a influência política no evento de 1936, o COI explicita que as restrições e proibições só valem quando os grupos envolvidos atrapalham os seus interesses de expansão. Uma vez que os objetivos do governo alemão eram coincidentes com os do COI, de expansão e difusão de um modelo ideal e superior de homem e sociedade, baseados em uma aristocracia europeia purista, não houve por parte do MO resistência à interferência alemã.

Ao mesmo tempo, reforçar o princípio da neutralidade é essencial para o funcionamento dessa tecnologia política do corpo. Ao se distanciar dos movimentos políticos estatais, o COI se coloca na posição de agir sobre quaisquer sujeitos, fazendo-se valer de uma autoridade ainda mais marcada e privilegiada.

Não à toa, na 38ª Sessão, no Cairo,<sup>40</sup> um relatório da Comissão de estudo sobre a questão da nacionalização dos esportes para um propósito político, propôs a redação de uma seção para a CO na qual o texto expressa a satisfação nos esforços do MO e dos governos nacionais que desenvolveram programas de educação física coletivas, mas chama a atenção para o perigo que apresenta ao ideal olímpico que, próximo a esse desenvolvimento legítimo dos esportes, em conformidade com os

---

<sup>38</sup> Pela primeira vez, os Jogos foram transmitidos por rádio, pela Germany Broadcasting Company. Cerca de 3 mil transmissões foram enviadas a partir do centro de mídia para o mundo todo (ORGANISATIONSKOMITEE FÜR DIE XI OLYMPIADE BERLIN 1936. *The XIth Olympic Games Berlin, 1936: Official Report*).

<sup>39</sup> RUBIO. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização.

<sup>40</sup> Cf.: COI. *Procès-verbal, Session de 1938 au Cairo*, Cairo, 1938.



princípios do amadorismo, possa se propagar certas tendências que visam sobretudo uma exaltação nacional exacerbada dos sucessos alcançados, e não a realização dos objetivos comuns, que é a lei essencial do Olimpismo.

A confirmação desse lugar destacável que o esporte olímpico passou a ocupar no imaginário coletivo é que, mesmo após o cancelamento da edição de 1940 por causa da Segunda Guerra Mundial, o COI, e, por consequência, a proposta dos JO, mantiveram-se relativamente íntegros, muito em razão do discurso da neutralidade.

### A SOBREVIVÊNCIA DO MOVIMENTO OLÍMPICO NO PÓS-GUERRA

A primeira eleição para presidência do COI após o término da II Guerra é mais um exemplo do esforço do Comitê para a afirmação nessa neutralidade política. Sigfrid Edström, sueco, membro do COI desde a década de 1920, assumia a presidência, em 1946,<sup>41</sup> tendo exaltados seu perfil conciliador e seus esforços na manutenção da comunicação entre os membros do Comitê durante a guerra. O fato de seu país de origem ter estado neutro no conflito armado foi um fator importante para corroborar a posição que o COI se colocaria a partir desse momento.<sup>42</sup>

A publicação da CO de 1946 inaugurou um tratamento mais atento do termo *política* nos documentos e discursos do COI. A questão da neutralidade política do COI ocupou o lugar de argumento central em várias tomadas de decisão, sendo incluídos novos trechos, aprovados na Sessão do Cairo de 1938,<sup>43</sup> nos quais ela foi intimamente atrelada ao amadorismo, outro dos princípios fundamentais do MO.

Desentendimentos a respeito da validade da inscrição da equipe norte-americana de Hockey no gelo nos JO de Inverno de St. Motriz, em 1948, se transformaram em pontos-chave para debater questões sobre o amadorismo, os Princípios Fundamentais, a estrutura administrativa do COI e as regras dos JO.<sup>44</sup> O impasse e

<sup>41</sup> Em eleição unânime na 40ª Sessão do COI, após o falecimento de Henri de Baillet-Latour, seu antecessor (Cf.: COI. *Procès-verbal de la Session du Comité International Olympique*, Lausanne, 1946).

<sup>42</sup> LENNARTZ. The presidencies of Sigfrid Edström (1942-1952).

<sup>43</sup> Cf.: COI. Resoluções em relação ao status Amador – 1. Exame da questão do nacionalismo esportivo para fins políticos. Olympic Charter. 1946, (tradução nossa).

<sup>44</sup> Cf.: COI. *Bulletin du Comité International Olympique*, n.13, 1949. Às vésperas dos JO, as regras existentes não eram capazes de resolver o problema, e o COI optou por culpar a FI de Hóquei no gelo pelo reconhecimento de uma equipe que não atendia às condições necessárias,

as concessões e movimentos do COI nos anos seguintes deixou claro o quanto disputas políticas permeavam as instâncias decisórias.

Se destaca, nessas discussões, a questão da representatividade. Entre as opiniões expressas relatadas na ata, nota-se que há uma percepção das transformações sociais e a necessidade de ceder espaço à juventude, mas também o receio de perda de poder político.<sup>45</sup>

A contradição aparece justamente na argumentação. A análise das falas mostra que há uma estrutura administrativa de determinação política bastante direta (tradicional e autoritária) no COI. E que propostas de resistência a essa forma de controle das decisões não são bem-vindas, uma vez que proporcionam o desequilíbrio das forças estabelecidas.

Embora sejam citadas várias vezes ao longo das Atas das Sessões do COI e das reuniões do Comitê Executivo, não há em nenhum dos documentos de 1948 e 1949 a descrição sobre a discussão de outras novas regras. Apenas a menção de que as regras foram discutidas, artigo por artigo, durante a reunião do Comitê Executivo em Londres.<sup>46</sup> No entanto, algumas modificações incorporadas na CO de 1949 chamam a atenção.

Após diversas discussões que pautaram a aceitação de novos CON, sempre reforçando a tomada de decisão a partir do não envolvimento político do COI, no item 1 dos Princípios Fundamentais, que afirma que os JO reúnem amadores de to-

---

e a excluiu de futuros JO de inverno. Também removeu o Comitê Organizador de St. Moritz do COI, por ter cedido às ameaças da federação de cancelar todo o programa do Hóquei no gelo.

<sup>45</sup> Cf.: COI. *Procès-verbal Session du Comité International Olympique*, Londres, 1948. Avery Brundage, vice-presidente do COI à época, compreende que as críticas partem das FI e dos CON, uma vez que eles não têm direito de nomear membros ao COI, e com isso se veem como elos menos poderosos na relação de forças. O Marquês de Polignac, membro francês, aponta que, quando da fundação do COI, o Barão de Coubertin desejava que o comitê se recrutasse a si mesmo, e que o COI deveria manter suas tradições, sem aceitar a influência dos governos, ou isso mudaria completamente o espírito olímpico. Para ele, os ataques são dirigidos a eles pois eles são uma organização que escapa ao sistema eleitoral, e que se submeter às pressões exteriores seria correr o risco de acabar com o COI. Lorde Burghley, inglês, aponta que a crítica se fundamenta no fato deles serem membros eleitos perpetuamente, e que o próprio Barão de Coubertin era favorável a novas ideias. Que não se tratava de uma revolução, mas sim de uma adaptação aos novos tempos. Ao final da discussão, foram criadas uma comissão de estudo para a questão do limite de idade, e uma outra comissão responsável por estudar as críticas mencionadas durante a discussão.

<sup>46</sup> Cf.: COI. *Procès-verbal Commission Exécutive du Comité International Olympique*, Londres, 1948.



das as nações em pé de igualdade e justiça, foi acrescentada a frase: “Nenhuma discriminação é permitida contra qualquer país ou pessoa por questões de cor, religião ou política”.<sup>47</sup> A rubrica reforça certa ideia de organização universal, embora insista em restringir a participação nos JO aos amadores.

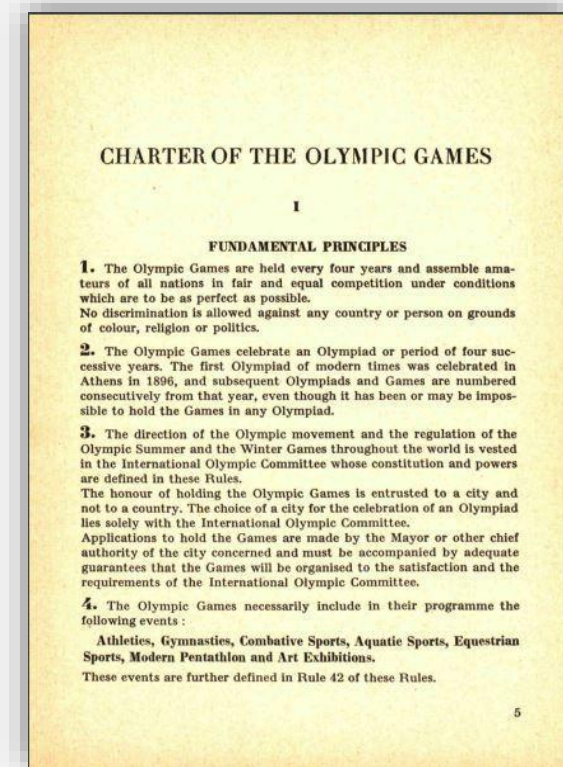


Fig. 4: Página da Carta Olímpica de 1949.

É importante notar que essa sempre foi uma condição contraditória da proposta dos JO. Na mesma medida em que se colocam abertos à participação de todos, essa participação só é permitida desde que os participantes se sujeitem a condições específicas de prática esportiva. Também se faz necessário refletir a que grupo de pessoas essas condições eram possíveis e favoráveis. Em uma sociedade transformada profundamente por revoluções sociais e conflitos armados recorrentes nos dois séculos anteriores, a prática esportiva ocupava tempos e espaços privilegiados, que não eram compartilhados em condições de igualdade nas sociedades de meados do século XX.

<sup>47</sup> Cf.: COI. *Olympic Charter*. 1949, p. 5. (tradução nossa).

Mas, como destacamos em diversos apontamentos neste trabalho, o COI sempre teve, em seu horizonte, a influência que o MO poderia exercer sobre os mais variados grupos sociais, em especial, sobre a juventude. Parece, então, que essa contradição entre universalidade e restrições, neutralidade e autoritarismo político, buscam, na verdade, atender às necessidades de um modo de poder que busca vencer que somente certos comportamentos são aceitáveis para aqueles que buscam o progresso. E que pertencer ao grupo que atende a esse comportamento o coloca em uma posição privilegiada. Trata-se, então, de compreender o esporte olímpico como estratégia de controle e influência de grupos sociais, articulada por um grupo hegemônico, uma velha aristocracia.

Há outras marcas do exercício do poder por meio do esporte pela parte do COI no texto da CO. Ainda nos Princípios Fundamentais, o item 3 discorre sobre a autoridade suprema do COI. O texto que antes fazia referência apenas à escolha da sede dos jogos, passa a reafirmar a autoridade suprema do COI, encerrando o tópico com “[...] garantias adequadas de que os Jogos serão organizados à satisfação e requisitos do Comitê Olímpico Internacional”.<sup>48</sup>

Outros termos utilizados no texto reforçam essa ideia, como na seção *II. Estatuto do Comitê Olímpico Internacional*, com o título “Objetivos e Poderes”, no qual o art. 9 conclama “[O COI] a quem o Congresso de Paris em 23 de junho de 1894 confiou o controle e desenvolvimento dos Jogos Olímpicos modernos [...]”.<sup>49</sup> Na descrição dos cargos de presidente e vice-presidente, a palavra *poder* também aparece repetidas vezes,<sup>50</sup> investindo autoridade nas funções referidas. Em relação aos CON, há uma maior descrição sobre os deveres do órgão, especialmente que “Ele deve ser independente e autônomo”. E o último item da seção, intitulado “Autoridade Suprema”, reafirma que os poderes do COI são soberanos, exceto pelo regulamento técnico dos esportes, que concerne às FI.<sup>51</sup>

Enquanto isso, a definição de amador é simplificada, e o texto, ao invés de apontar para critérios técnicos, apela para a questão ética e moral, restringindo os

<sup>48</sup> Cf.: COI. *Olympic Charter*. 1949, p. 5. (tradução nossa).

<sup>49</sup> Cf.: COI. *Olympic Charter*. 1949, p. 7. (tradução e grifos nossos).

<sup>50</sup> “Os poderes e deveres do presidente...” “... o vice-presidente tem os poderes do Presidente...” (Cf.: COI. *Olympic Charter*. 1949, p. 7. (tradução e grifos nossos).

<sup>51</sup> Cf.: COI. *Olympic Charter*. 1949, p. 11-12. (tradução nossa).

JO àqueles cuja participação no esporte se faz somente pelo *prazer* e pelos *benefícios físicos, mentais e sociais*, e para quem a participação no esporte seja nada mais do que recreação, sem ganhos materiais.<sup>52</sup>

Embora a moralidade sempre tenha sido balizadora das ações do COI, a nova redação da Carta Olímpica parece explicitar o quanto esses ideais devem ser os argumentos por trás de um modelo de comportamento. Ou seja, é por meio de uma argumentação discursiva que o MO opera como um sistema de poder sobre os sujeitos, o que o caracteriza como uma tecnologia política do corpo.

Ao longo da década de 1950, o reconhecimento dos CON e as regras de elegibilidade pautadas no amadorismo permaneceram como pauta principal das discussões sobre a organização dos JO<sup>53</sup>. Por diversas vezes, o COI recebeu requisições sobre reconhecimento de CON de países envolvidos em conflitos, ou o pedido de permissão para participar nos JO de delegações de países divididos politicamente, ou ainda a inclusão de modalidades esportivas no programa dos JO, ou a exigência sobre as regras de elegibilidade. Isso o colocava na posição de precisar tomar decisões a favor ou contra certos grupos. Por vezes, nas mais problemáticas, como a questão da Alemanha, da China e da África do Sul, ou sobre o afrouxamento das regras do amadorismo, decisões foram revogadas após acusações de influência política e pressões diversas, sempre com a intenção de reafirmar seu caráter neutro

A eleição do novo presidente do COI, em 1952, deixou claro o quanto a negação da questão política passou a figurar como pano de fundo para praticamente todos os discursos oficiais, ao mesmo tempo em que na prática muitas decisões eram permeadas pelas tensões políticas do período da Guerra Fria.

Em circular enviada aos membros do COI, em junho de 1952, antes da Sessão na qual ocorreria a eleição, Edström apontou o quanto o MO havia crescido, envolvendo aproximadamente 80 países, milhares de competidores e grandes orçamentos foram investidos em equipamentos e instalações. Ele também alertou que, devido à grande e rápida expansão e desenvolvimento do esporte olímpico, e sua popularidade nos países civilizados, havia cada vez mais pressão pela sua utilização

---

<sup>52</sup> Cf.: COI. *Olympic Charter*. 1949, p. 18. (tradução nossa).

<sup>53</sup> SCHANTZ. *The presidency of Avery Brundage (1952-1972)*.

em propósitos comerciais e de exaltação política. E que por isso, uma mão firme se fazia necessária na liderança.<sup>54</sup>

Ao abrir a reunião da 47ª Sessão,<sup>55</sup> dias antes da realização dos JO de 1952, em Helsinque, Edström chamou a atenção para o parágrafo 10 do Estatuto do COI, que determinava que os membros do COI não deveriam aceitar, nem de organizações esportivas de seus países, nem do governo, instruções que pudessem, de qualquer forma, interferir na independência de seus votos, retomando a resolução que já estava presente nos regulamentos desde 1908. Que era essencial que o COI mantivesse sua independência de todas as influências externas, particularmente de discussões políticas.

Na ata da eleição no norte-americano Avery Brundage, está registrado somente o resultado de 30 votos contra 17 e duas abstenções. Contudo, Otto Schantz<sup>56</sup> relata que a eleição só foi definida na 25ª rodada. O principal motivo da resistência à eleição de Brundage teria sido seu país de origem, primeiro por ser não-europeu, e ao mesmo tempo, o grande rival soviético.

A omissão do acirramento eleitoral também indica o quanto o COI estava determinado a afastar qualquer coisa que pudesse indicar tensões e conflitos. Parece que até mesmo o registro das resistências internas incomoda o COI. A admissão dessas contestações implicaria em desconstruir a imagem de um poder homogêneo e seguro, capaz de influenciar a sociedade para o bem comum, que os discursos construíram ao longo dos anos.

Ao mesmo tempo, a eleição de Brundage parecia atender aos pedidos de Edström. Em seus 20 anos à frente do COI, em uma forma de administração considerada autoritária, foi um dos mais fervorosos defensores dos princípios e valores olímpicos, tendo o amadorismo, principalmente, como condição *sine qua non* do MO sob seu comando. Em seus discursos, recuperava com frequência falas e escritos de Pierre de Coubertin, interpretando-os à sua maneira, sempre reforçando a ideia do esporte olímpico como uma importante força social do período, capaz de ajudar a fazer o mundo um lugar mais saudável, feliz e pacífico através do desenvolvimento

---

<sup>54</sup> Cf.: COI. *IOC Historical Archives - Collection: Circulaires*, 1950.

<sup>55</sup> Cf.: COI. *Procès-verbal International Olympic Committee: 47<sup>th</sup> Session - Helsinki 1952*.

<sup>56</sup> SCHANTZ. *The presidency of Avery Brundage (1952-1972)*.

humano em valores morais semelhantes aos de a uma religião (honestidade, respeito mútuo, jogo limpo e esportividade).<sup>57</sup>

Brundage lutou para manter esporte e política separados, uma tarefa impossível, dada a própria estrutura do COI. E que o levou a entrar em contradição consigo mesmo nos seus anos à frente da instituição, ao longo dos quais precisou lidar com os conflitos ideológicos, a crescente consciência nacional dos estados em regime colonialista, problemas sociais e de direitos humanos, e a manipulação comercial do esporte enquanto fenômeno midiático.<sup>58</sup>

Cada vez mais, aumentava a pressão sobre a necessidade de atualização dos princípios norteadores dos JO, a fim de encontrar consonância com as novas demandas da configuração do esporte de alto rendimento mundial e da sociedade com a qual ele se relaciona. Determinado a não renunciar aos poderes conquistados, o COI resistiu a fazer concessões. A justificativa era constantemente a blindagem do MO sobre qualquer influência externa, mas, em especial, eram sublinhadas as influências políticas e comerciais.

Em 1955, a CO passa a instruir a cidade candidata à sede e o Comitê Organizador para que não sejam toleradas demonstrações políticas nos espaços utilizados pelos Jogos. A estrutura textual é a mesma que, anos depois, foi utilizada para proibir as manifestações por parte de qualquer participante dos Jogos: “[...] nenhuma manifestação política será tolerada nos estádios ou outros espaços esportivos, ou na Vila Olímpica, durante os Jogos, [...]”.<sup>59</sup>

Ao longo dos anos 1960, mesmo com a recomendação, diversas manifestações ocorridas nos espaços olímpicos ganharam visibilidade e alertaram o Comitê para a necessidade de criar uma regulamentação específica a fim de evitar a vinculação explícita dos JO com as disputas políticas externas.

Finalmente, em 1975, é elaborada a Regra que efetivamente proíbe manifestações e propagandas, sejam elas políticas, religiosas ou raciais:

55 – Publicidade, propaganda

Todo tipo de manifestação ou propaganda, seja política, religiosa ou racial, nos espaços Olímpicos está proibida. [...] nada deve ser usado nos

<sup>57</sup> SCHANTZ. The presidency of Avery Brundage (1952-1972).

<sup>58</sup> SCHANTZ. The presidency of Avery Brundage (1952-1972).

<sup>59</sup> Cf.: COI. Fundamental Principles. *Olympic Charter*. 1955, p. 18. (tradução nossa).

uniformes dos competidores ou funcionários exceto a bandeira ou emblema do seu Comitê Olímpico Nacional, que deve atender à aprovação do Comitê Olímpico Internacional.<sup>60</sup>

Da perspectiva desse estudo, a implementação dessa regra sacramentou a constituição do esporte olímpico como tecnologia política do corpo, uma vez que impôs em definitivo uma regra sobre o comportamento dos sujeitos.

Entendemos aqui que, desde a sua fundação, o COI tem construído um percurso de controle e influência social fundamentado numa pretensa universalidade afirmada por discursos que sublinham a necessidade da neutralidade política, que é, por sua vez, frequentemente contrariada nos processos de tomada de decisão.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A questão que tentamos debater neste estudo foi o quanto as declarações de afastamento da política são tomadas como estratégia de afirmação de um poder exclusivo, que utilizando argumentos moralistas e puristas, definem perfis ideais de comportamento, obediência e procuram inibir contestações. Nesse sentido, afastar a política externa significa implantar uma política interna bastante rígida, determinada a construir certa imagem dos JO como um espaço acessível e plural, embora, contraditoriamente, imponha códigos excludentes, determinando um modelo de dominação poderoso e influente.

Esse sistema, contudo, nunca esteve imune a contestações e resistências. Lentamente, em sua história, o COI passou a ajustar seus discursos e princípios, ora abrindo concessões, ora acirrando o controle sobre os sujeitos envolvidos com a imagem dos JO. Quando novas questões entram em pauta, é possível notar o quanto o COI, em uma estratégia de contenção, procura controlar e se apropriar dos temas que desencadeiam conflitos e colocam a prova a sua posição dominante sobre o sistema esportivo.

O argumento que fundamenta as decisões e ações do COI continua até a atualidade sendo a neutralidade política, e a cobrança para que os sujeitos envolvidos com o MO assumam essa condição se torna cada vez mais intensa. A concretização

---

<sup>60</sup> Cf.: COI. 55 - Advertising, propaganda. *Olympic Charter*. 1975, p. 35. (tradução nossa).

dessa proposta é a regra que proíbe qualquer manifestação e propaganda política nos espaços Olímpicos durante os JO.

A contradição se evidencia quando o COI ignora que sua própria estrutura administrativa constitui um sistema político bastante próprio. E que esse sistema utiliza estratégias que direcionam para uma forma de controle dos corpos e de todo um sistema de códigos que os afeta, determinando assim comportamentos e pensamentos esperados daqueles que se alinham ao MO, e excluindo qualquer possibilidade de contestação e debate.

Concluimos, então, que, ao longo do caminho percorrido pela nossa análise dos documentos e discursos proferidos pelo COI, é justamente o discurso de obediência ao princípio da neutralidade política que permite enxergar o quanto o esporte olímpico é manipulado pelo COI como tecnologia política.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Marcos César. Foucault: corpo, poder e subjetividade. In: BRUHNS, Heloisa Turini; GUTIERREZ, Gustavo Luis (org.). **O corpo e o lúdico**: ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados, 2000, p. 67-77.
- ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica**: teoria e método. Bauru: Edusc, 2006.
- COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. Olympic values, 2024. Disponível em: <<https://olympics.com/ioc/olympic-values>>.
- DAY, Dave; VAMPLEW, Wray. Sports History Methodology: Old and New. **The International Journal of the History of Sport**, v. 32, n. 15, p. 1715-1724, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad.: Raquel Ramalhe. 39 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.
- GIGLIO, Sérgio Settani. **COI x FIFA**: A história política do futebol nos Jogos Olímpicos. 2013. 518 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- GIGLIO, Sérgio Settani. **A história política do futebol olímpico (1894-1988)**. São Paulo: Intermeios/FAPESP, 2018.
- GIGLIO, Sérgio Settani; RUBIO, Katia. A hegemonia europeia no Comitê Olímpico Internacional. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 31, n. 1, p. 291-305, 2017.



GRASSI, David. Olympic Rule 50 and political neutrality: is it time for a turning point? **Olimpianos – Journal of Olympic Studies**, v. 6, p. 188-214, 2022.

JOHNES, Martin. Archives and Historians of Sport. **The International Journal of the History of Sport**. v. 32, n. 15, p. 1784-1798, 2015.

KEYS, Barbara. The rise of International Sports Organizations. In: KEYS, Barbara. **Globalizing sport: national rivalry and international community in the 1930s**. Cambridge: Harvard University Press, 2006, p. 40-63.

LENNARTZ, Karl. The presidencies of Sigfrid Edström (1942-1952). In: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **1894-1994 The International Olympic Committee – one hundred years: the idea, the presidents, the achievements**, v. II, Lausanne: International Olympic Committee, 1995, p. 13-76.

ORGANISATIONSKOMITEE FÜR DIE XI OLYMPIADE BERLIN 1936. **The XIth Olympic Games Berlin, 1936: Official Report**. Berlin: W. Limpert, 1937.

RUBIO, Katia. **Memória e imaginário de atletas medalhistas olímpicos brasileiros**. Tese (Livre Docência em Dimensões Socioculturais do Movimento Humano e a Educação Física no Ciclo de Vida), Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

RUBIO, Katia. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 55-68, 2010.

SCHANTZ, Otto. The presidency of Avery Brundage (1952-1972). In: INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **1894-1994 The International Olympic Committee – one hundred years: the idea, the presidents, the achievements**, v. II, Lausanne: International Olympic Committee, 1995, p. 77-200.

TAVARES DA SILVA, Otávio Guimarães. **Esporte, movimento olímpico e democracia: o atleta como mediador**. Tese (Doutorado – Programa de Pós-graduação em Educação Física), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.

ZAKUS, Dwight. The International Olympic Committee: Tragedy, Farce, and Hypocrisy. **Sociology of Sport Journal**, v. 9, n. 4, p. 340-353, dez. 1992.

## FONTES

COI. **Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques**, n. 1, jul.1894, p. 1-4.

COI. **Retranscription – Procès-verbal, 2<sup>e</sup> Session**, Athènes, 1896.

COI. **Annuaire**. 1908. Disponível em: <https://library.olympics.com/default/olympic-charter.aspx>.

COI. **Retranscription – Procès-verbal, 19<sup>e</sup> Session**, Anvers, 1920.

COI. **Official Minutes of the Congress of the International Olympic Committee**, Lausanne, 1921.

COI. **Procès-verbal, Commission Exécutive**, Paris, 1921.



COI. **Bulletin officiel du Bureau Permanent des Fédérations Internationales Sportives**, 1924;

COI. **Règlements et protocole de la célébration des olympiades modernes et des jeux olympiques quadriennaux**, 1924. Disponível em: <https://library.olympics.com/default/olympic-charter.aspx>.

COI. **Procès-verbal du Congrès Olympique Technique de Prague**, 10 maio 1925, p. 40-41.

COI. **Minutes of The Olympic Congress of Berlin**, 25 maio 1930.

COI. **Olympic Charter**, 1933. Disponível em: <https://library.olympics.com/default/olympic-charter.aspx>.

COI. **Procès-verbal, Session de 1933 à Vienne**, Viena, 1933

COI. **Procès-verbal, Session de 1938 au Cairo**, Cairo, 1938.

COI. Resoluções em relação ao status Amador – 1. Exame da questão do nacionalismo esportivo para fins políticos. **Olympic Charter**, 1946. Disponível em: <https://library.olympics.com/default/olympic-charter.aspx>.

COI. **Procès-verbal de la Session du Comité International Olympique**, Lausanne, 1946.

COI. **Procès-verbal Commission Exécutive du Comité International Olympique**, Londres, 1948.

COI. **Procès-verbal Session du Comité International Olympique**, Londres, 1948.

COI. **Bulletin du Comité International Olympique**, n. 13, 1949.

COI. **Olympic Charter**, 1949. Disponível em: <https://library.olympics.com/default/olympic-charter.aspx>.

COI. **IOC Historical Archives** – Collection: Circulaires, 1950.

COI. **Procès-verbal International Olympic Committee: 47<sup>th</sup> Session - Helsinki 1952**.

COI. **Olympic Charter**. Fundamental Principles, 1955. Disponível em: <https://library.olympics.com/default/olympic-charter.aspx>.

COI. 55 – Advertising, propaganda. **Olympic Charter**, 1975. Disponível em: <https://library.olympics.com/default/olympic-charter.aspx>.

COMITE OLYMPIQUE BULGARE. **Reglements des Congres Olympiques qui ont eu lieu de 1894 à 1930**, 1970.

\* \* \*

Recebido em: 27 fev. 2024.  
Aprovado em: 11 nov. 2024.

## 1936, o ano em que o Olimpismo foi sequestrado pelo totalitarismo

1936, the year in that Olympism was hijacked by totalitarianism

**Elcio Loureiro Cornelsen**

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Letras, Belo Horizonte/MG, Brasil  
emcor@uol.com.br

**RESUMO:** Nossa contribuição visa a apresentar aspectos que atestam o sequestro do Olimpismo pelo nazismo no contexto dos Jogos Olímpicos de Berlim. Para isso, tomaremos por base artigos publicados na imprensa alemã, bem como as chamadas *Presseanweisungen* (“instruções de imprensa”), boletins diários expedidos pelo Ministério de Instrução Popular e Propaganda enquanto instrumentos de pré-censura. Apresentaremos também uma breve reflexão sobre o Movimento Olímpico e a retomada e atualização do ideal olímpico da Grécia Antiga por Pierre de Coubertin, que nos permite vislumbrar sua apropriação por um regime totalitário que, na contramão do Olimpismo, construiu uma “vitrine” da “nova Alemanha”, “amante da paz” em tempos de preparação para a guerra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Olimpismo; Jogos Olímpicos de 1936; Nazismo; Imprensa; Grécia Antiga.

**ABSTRACT:** Our contribution aims to present aspects that attest the hijacking of Olympism by Nazism in the context of the Berlin Olympic Games. To do this, we will take as a basis articles published in the German press, as well as the so-called *Presseanweisungen* (“press instructions”), daily bulletins issued by the Ministry of Popular Education and Propaganda as pre-censorship instruments. We will also present a brief reflection on the Olympic Movement and the revival and updating of the Olympic ideal of Ancient Greece by Pierre de Coubertin, which allows us to glimpse its appropriation by a totalitarian regime that, contrary to Olympism, built a “showcase” of the “new Germany”, “a lover of peace” in times of preparation for war.

**KEYWORDS:** Olympism; 1936 Olympic Games; Nazism; Press; Ancient Greece.

## OLIMPISMO SEQUESTRADO PELO TOTALITARISMO: UMA INTRODUÇÃO

Estudos históricos que se ocupam dos Jogos Olímpicos de 1936, em geral, partem de diversos pressupostos que têm menos a ver com desempenhos esportivos propriamente ditos, do que com o uso político promovido pela cúpula nazista no sentido de apresentar o Terceiro Reich ao Mundo em um ângulo que lhe fosse favorável em termos geopolíticos. Mais do que uma metáfora, ao falarmos de uma “vitrine” temos em mente inúmeras medidas tomadas e estratégias empregadas no intuito de forjar ou inventar laços da Alemanha nazista com a Grécia Antiga, como se o Estado alemão sob a égide do *Führer* concretizasse o espírito olímpico, no intuito de “mostrar ao mundo – e, portanto, fabricar – uma bela imagem da ‘nova’ Alemanha (*das neue Deutschland*), bem diferente daquela vivenciada no dia-a-dia de um Estado totalitário”<sup>1</sup> Aliás, baseado em palavras de Joseph Goebbels, Victor Klemperer utiliza outra metáfora para expressar essa “fabricação” da realidade no contexto dos Jogos Olímpicos em um apontamento em seus *Diários*, de 13 de agosto de 1936 – a de “livro” que passa, igualmente, por escolha e preparação: “E, em Berlim, as ‘milhares’ de pessoas foram conduzidas pela ‘força e alegria’; os estrangeiros, diante dos quais ‘a Alemanha é um livro aberto’ – mas quem escolheu e preparou as páginas desse livro?”.<sup>2</sup>

Não é necessário ser um “expert” em ideologia nazista para saber que sua incongruência frente ao Olimpismo, senão diametral, é no mínimo profunda. Cabe ressaltar que, conforme aponta Roberto López Estévez,<sup>3</sup> Pierre de Coubertin atribuía ao esporte um valor pedagógico capaz de transformar a trajetória do homem e da sociedade, em que o esporte olímpico poderia contribuir para um mundo mais pacífico e fraternal, capaz de transmitir valores às novas gerações, influenciado pelas ideias difundidas pelo educador e historiador britânico Thomas Arnold (1795-1842). E Didier Fernando Gaviria Cortés aponta para o fato de que, em sua origem, o Olimpismo foi uma autêntica manifestação de desenvolvimento cultural e esportivo, que apontava a importância do corpo para a formação integral do ser humano, e o

---

<sup>1</sup> CORNELSEN; BLIKSTEIN. A utilização da mídia em estratégias de marketing político no contexto da olimpíada de Berlim, p. 14.

<sup>2</sup> KLEMPERER. *Os Diários de Victor Klemperer*, p. 174.

<sup>3</sup> ESTEVEZ. Pierre de Coubertin, p. 4.

esporte figuraria como um âmbito propício para a criação de um ambiente de convivência e paz enquanto espaço de socialização de valores.<sup>4</sup> Basta observarmos o caráter humanista do primeiro dos sete “Princípios Fundamentais do Olimpismo”, publicados na *Carta Olímpica*, que reafirma tal propósito:

O Olimpismo é uma filosofia de vida que exalta e combina de forma equilibrada as qualidades do corpo, da vontade e da mente. Aliando o desporto à cultura e educação, o *Olimpismo procura ser criador de um estilo de vida fundado no prazer do esforço, no valor educativo do bom exemplo, na responsabilidade social e no respeito pelos princípios éticos fundamentais universais*.<sup>5</sup> (grifos nossos).

Já no segundo “Princípio”, isso se torna ainda mais evidente: “O objetivo do Olimpismo é o de colocar o desporto ao serviço do desenvolvimento harmonioso da pessoa humana em vista de *promover uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana*”.<sup>6</sup> (grifos nossos) Acresce que, segundo Roberto López Estévez,<sup>7</sup> originalmente, Coubertin não considerava os Jogos Olímpicos uma mera competição desportiva, mas também como uma festividade nos moldes do que ocorria na Grécia Antiga, entretanto sem seu caráter sacralizado de culto a uma determinada divindade. Além disso, Estévez não deixa de alertar para o fato de que, em determinadas ocasiões, os princípios fundamentais da *Carta Olímpica* são desvirtuados em função do uso que determinada sociedade faz de tais princípios na prática de esportes de alto rendimento (exploração econômica, uso político, emprego de meios ilícitos como doping, violência etc.).<sup>8</sup> De acordo com Didier Fernando Gaviria Cortés, o pensamento de Pierre de Coubertin apresenta um potencial de entendimento internacional, com “a criação de um movimento cuja participação transcende as categorias econômicas, políticas, religiosas e raciais, uma irmandade que promove o entendimento e, deste modo, contribui para a paz mundial”.<sup>9</sup> O Olimpismo contribuiria, portanto, para a promoção de valores através da

---

<sup>4</sup> CORTÉS. Pierre de Coubertin y su idea pedagogia del deporte y el olimpismo, p. 51-52.

<sup>5</sup> Carta Olímpica, p. 25.

<sup>6</sup> Carta Olímpica, p. 25.

<sup>7</sup> ESTEVEZ. Pierre de Coubertin, p. 5.

<sup>8</sup> ESTÉVEZ. Pierre de Coubertin, p. 5.

<sup>9</sup> Salvo outra indicação, todas as traduções do alemão, do espanhol e do inglês para o português são de nossa autoria.

prática esportiva: “a solidariedade, a cooperação, a comunicação, a participação, a tolerância, o respeito aos demais, o trabalho em equipe, a convivência, a perseverança, a criatividade, a iniciativa, entre outros”.<sup>10</sup>

Todavia, como bem aponta o historiador Patrick Clastres, Pierre de Coubertin segue sendo uma figura controversa:

Por um lado, seus amigos e discípulos, juntamente com certos “hagiógrafos”, incluindo membros e presidentes do COI, ressuscitaram-no como um humanista icônico. Por outro lado, há toda uma literatura que o condena como “o grande sacerdote da religião do esporte” e assimila o Olimpismo ao fascismo.<sup>11</sup>

Acertadamente, Patrick Clastres refuta tais rotulações por entender que não se trata de situar Pierre de Coubertin em um dos polos, entre idolatria e rejeição, mas, sim, entendê-lo em sua complexidade: “Na verdade, Pierre de Coubertin merece muito mais do que mera hagiografia ou lenda obscura”.<sup>12</sup> Aristocrata do *fin-de-siècle* e liberal pacifista são alguns de seus predicados apontados em vasta literatura mundo afora, algo que teria se originado a partir de escritos, relatos e pronunciamentos do próprio idealizador dos Jogos Olímpicos na era moderna: “O problema com Coubertin como ‘o renovador’ é que ele próprio forjou a lenda de sua vida ao publicar versões sucessivas de sua campanha educacional para o esporte, o renascimento dos Jogos Olímpicos e a invenção do Olimpismo”.<sup>13</sup>

---

CORTÉS. Pierre de Coubertin y su idea pedagogia del deporte y el olimpismo, p. 58. No original: la creación de un movimiento cuya participación trasciende las categorías económicas, políticas, religiosas y raciales, una hermandad que promueve el entendimiento y de este modo, contribuye a la paz mundial

<sup>10</sup> CORTÉS. Pierre de Coubertin y su idea pedagogia del deporte y el olimpismo, p. 59. No original: la solidaridad, la cooperación, la comunicación, la participación, la tolerancia, el respeto a los demás, el trabajo en equipo, la convivencia, la perseverancia, la creatividad, la iniciativa, entre otros.

<sup>11</sup> CLASTRES. *Playing with Greece*, p. 1. No original: On the one hand, his friends and disciples along with certain “hagiographers”, including IOC (International Olympic Committee) members and Presidents, have resurrected him as an iconic humanist. On the other hand, there is a whole literature that condemns him as “the great priest of the religion of sport” and assimilates olympism to fascism.

<sup>12</sup> CLASTRES. *Playing with Greece*, p. 1. No original: Indeed, Pierre de Coubertin deserves far better than mere hagiography or black legend.

<sup>13</sup> CLASTRES. *Pierre de Coubertin from Writings to the Archives*, p. 37. No original: The issue with Coubertin as “the renovator” is that he himself forged his life’s legend by publishing successive versions of his educational campaign for sport, the revival of the Olympic Games, and the reinvention of Olympism.

Por sua vez, há, ainda, outros predicados, como o da atitude presunçosa de um autêntico “demiurgo”, na crença de poder controlar os nacionalismos através da educação para a paz: “Ele foi presunçoso o suficiente para acreditar na dupla capacidade dos Jogos Olímpicos de promover a paz enquanto servem à causa das nações”.<sup>14</sup> Corroboramos essas palavras de Clastres, uma vez que apontam para um aspecto fundamental: o recrudescimento das relações entre as nações europeias na segunda metade do século XIX, em um quadro que convergirá para conflitos bélicos, até à eclosão da Primeira Guerra Mundial. Portanto, não obstante o espírito pacifista propugnado pelo Olimpismo, era algo que Pierre de Coubertin não podia controlar.

Conforme constataremos a seguir, há diversos exemplos da incompatibilidade entre o Olimpismo, conforme concebido por Pierre de Coubertin, e a ideologia nazista, documentados nas chamadas “instruções de imprensa” (*Presseanweisungen*) e em matérias de jornal publicadas na imprensa alemã, sobretudo em órgãos de imprensa vinculados ao partido nazista e a suas organizações estatais.

### **1936: UM ANO DUPLAMENTE OLÍMPICO À SOMBRA DO RACISMO E DO ANTISSEMITISMO**

O ano de 1936 possui um aspecto singular na história dos Jogos Olímpicos na Era Moderna: o fato de um mesmo país ter duas cidades contempladas para sediar tanto os Jogos Olímpicos de Inverno, quanto os Jogos Olímpicos de Verão: a cidade de Garmisch-Partenkirchen, localizada nos Alpes Bávaros, e Berlim, capital do Reich. Por assim dizer, a 4ª edição dos Jogos Olímpicos de Inverno, realizados de 06 a 16 de fevereiro de 1936, acabou funcionando como uma espécie de “ensaio geral” para a 11ª edição dos Jogos Olímpicos de Verão, realizados de 01 a 16 de agosto de 1936. Nas três edições anteriores dos Jogos de Inverno, notamos que havia uma tendência do Comitê Olímpico Internacional (COI) em eleger sedes em um mesmo país onde ocorreriam os Jogos de Verão. Esse é o caso dos Jogos Olímpicos de Paris, de 1924, quando os Jogos de Inverno foram realizados na cidade de Chamonix-Mont-Blanc, e dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, de 1932, quando os Jogos de Inverno

---

<sup>14</sup> CLASTRES. *Playing with Greece*, p. 2. No original: He was presumptuous enough to believe in the two-fold capacity of the Olympic Games to advance peace while serving the cause of nations.

foram realizados na cidade de Lake Placid. Aliás, originalmente, Pierre de Coubertin era contrário à realização de Jogos Olímpicos de Inverno, por considerar que não havia ligações culturais e históricas com a tradição olímpica da Grécia Antiga.

Um dos principais documentos que atestam a farsa nazista no contexto olímpico são as “instruções de imprensa” (*Presseanweisungen*), instrumentos de pré-censura à qual a imprensa alemã estava submetida, expedidas em reuniões diárias com redatores dos diversos jornais no Ministério do Reich para Instrução Popular e Propaganda (*Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda*), em Berlim. No intuito de encobrir o racismo e, especialmente, o antissemitismo na Alemanha pouco antes e durante os Jogos de Inverno em Garmisch-Partenkirchen por meio de manipulação na imprensa, foi ordenada a seguinte “instrução”:

Em consideração à Olimpíada de Inverno, é terminantemente proibido noticiar, doravante, sobre conflitos com estrangeiros e confrontos violentos com judeus. Até nas colunas locais devem ser evitadas coisas desse gênero sob todas as circunstâncias, para que, no último minuto, não seja fornecido à propaganda estrangeira material contra a Olimpíada de Inverno.<sup>15</sup>

Em outra “instrução”, datada de 28 de janeiro de 1936, praticamente uma semana antes da abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno, foi ordenado que o atleta Rudi Ball (1911-1975), convocado para integrar a equipe olímpica alemã de hockey sobre o gelo, não deveria ser qualificado “nem de judeu nem de meio-judeu” (*weder als Juden noch als Halbjuden*), pois “seu arianismo insuficiente” (*sein mangelndes Ariertum*) não teria importância para a reportagem desportiva.<sup>16</sup> Termos como esses, aliás, figuravam nos próprios textos de legalização do arianismo, do racismo e do antissemitismo no Terceiro Reich, na chamada “Lei de

---

<sup>15</sup> ZSg. 101/7/65/n° 82, de 27 jan 1936, in Bohrmann, *NS-Pressenanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 85. No original: Mit Rücksicht auf die Winter-Olympiade wird es strengstens untersagt, in Zukunft über Zusammenstöße mit Ausländern und tätlichen Auseinandersetzungen mit Juden zu berichten. Bis in die lokalen Teile hinein sollen derartige Dinge unter allen Umständen vermieden werden, um nicht noch in letzter Minute der Auslandspropaganda Material gegen die Winter-Olympiade an die Hand zu geben.

<sup>16</sup> ZSg.101/7/67/n° 89, 28 jan. 1936, in Bohrmann, *NS-Pressenanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 92. Cabe um destaque especial à obra *NS-Pressenanweisungen der Vorkriegszeit: Edition und Dokumentation* (1993), organizada por Hans Bohrmann e composta por sete volumes. Neles, está reunida a documentação de pré-censura, emitida no período de 1933 a 1939, sendo que cada volume corresponde a um ano. Trata-se, pois, de obra fundamental para se conhecer os mecanismos de pré-censura ativados pela Divisão IV de Imprensa, do Ministério de Instrução Popular e Propaganda, desde a chegada de Hitler ao poder até a eclosão da Segunda Guerra Mundial.



Proteção do Sangue Alemão e da Honra Alemã” (*Gesetz zum Schutze des deutschen Blutes und der deutschen Ehre*), também conhecida como “Lei de Proteção do Sangue” (*Blutschutzgesetz*), promulgada em 15 de setembro de 1935, durante a realização da convenção anual do partido nazista (*Reichsparteitag*) na cidade de Nuremberg. E na primeira “Portaria de implementação da Lei de Cidadania do Reich” (*Durchführungsverordnung zum Reichsbürgergesetz*), baixada em 14 de novembro de 1935, constam termos como “judeu completo” (*Volljude, volljüdisch*), “meio judeu” (*Halbjude, halbjudisch*) e “judeus mestiços” (*jüdische Mischlinge*).<sup>17</sup>

Nesse sentido, é difícil de acreditar que os Delegados do COI não tivessem conhecimento desse tipo de “legislação” hedionda, que não tinha nada a ver com “uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana”, que se orientava “no respeito pelos princípios éticos fundamentais universais”.<sup>18</sup> Supõe-se que os interesses econômicos e geopolíticos, e a simpatia pela Alemanha nazista, que parte de Delegados do COI e de outros Comitês nacionais nutriam, falaram mais alto. De acordo com o historiador Reinhard Rürup,<sup>19</sup> o principal debate em torno de um possível boicote dos Jogos foi travado entre Delegados da American Athletic Union (AAU), maior organização de atletismo do mundo. Todavia, tal debate chegou ao fim com a nomeação de Avery Brundage (1887-1975) para a presidência da AAU, defensor entusiasta da participação dos EUA nos Jogos. Segundo Susan D. Bacharach,<sup>20</sup> curadora do United States Holocaust Memorial Museum, na reunião da AAU realizada em 08 de dezembro de 1935 Brundage utilizou de suas habilidades para influenciar os Delegados, que votaram pelo indeferimento da moção de boicote dos Jogos Olímpicos de Berlim. Inclusive, quando o único Delegado norte-americano do COI que defendia o boicote incondicional, Ernst Lee Jahncke (1877-1951), foi desligado do Comitê no início de 1936, Avery Brundage, que também era o presidente do American Olympic Committee (AOC), assumiu seu lugar. Com isso, outros países seguiram o exemplo dos EUA, entre eles a Inglaterra e a França, e confirmaram presença de suas delegações em Berlim.

---

<sup>17</sup> KAMMER; BARTSCH. *Nationalsozialismus*, p. 39-40.

<sup>18</sup> Carta Olímpica, p. 25.

<sup>19</sup> RÜRUP. 1936, p. 53.

<sup>20</sup> BACHARACH. *The Nazi Olympics*, p. 53.



Entretanto, assim como havia ocorrido com o atleta Rudi Ball no contexto dos Jogos de Inverno, a esgrimista Helene Mayer (1910-1953), considerada no jargão nazista como “meio judia” (*Halbjüdin*), que vivia nos Estados Unidos desde 1932, ganhadora da medalha de ouro na Olimpíada de 1928 em Amsterdã e quarta colocada em Los Angeles na modalidade “florete”, foi convocada para fazer parte da delegação alemã, sem ter sido submetida ao processo seletivo de qualificação. O convite oficial havia sido feito por carta datada de 21 de setembro de 1935, enviada à atleta por Hans von Tschammer und Osten (1887-1943), presidente da *Deutscher Reichsbund für Leibesübungen* (DRL; Liga Alemã para Ginástica) e membro do *Deutscher Olympischer Ausschuss* (Comitê Olímpico Alemão).<sup>21</sup> Na verdade, conforme aponta Friedrich Bohlen (1979, p. 76), os nazistas pressionaram a mãe de Helene Mayer, que vivia em Hamburgo na Alemanha, a convencer a filha a aceitar o convite para participar da Olimpíada, integrando-se à delegação alemã. Tal estratégia visava a encobrir a real situação interna na Alemanha, em que discriminação racial e repressão estavam na ordem do dia, e para refutar o quadro divulgado no Exterior por grupos defensores do boicote, que alertavam para a falta de condições dos atletas judeus alemães, para competirem e se qualificarem aos Jogos Olímpicos.

Por sua vez, em 21 de fevereiro de 1936, cinco dias após o encerramento dos Jogos Olímpicos de Inverno, nova “instrução de imprensa” expressou a proibição categórica de investigações e, respectivamente, reportagens sobre a origem “não ariana” de alguns esportistas alemães participantes da Olimpíada. O governo ameaçou os jornais de fisco e proibição, caso a “instrução” não fosse literalmente observada.<sup>22</sup> Tal ameaça revela a preocupação da cúpula nazista, a qual ainda temia tanto o boicote de Nações isoladamente aos Jogos Olímpicos de Verão, quanto a transferência dos jogos para outro país por causa da discriminação de atletas alemães de origem judaica.

Todavia, as “instruções de imprensa” destinadas a instruir os redatores a maquiarem o racismo e o antissemitismo vigentes no cotidiano do Terceiro Reich não se limitaram a judeus, não mais reconhecidos, legalmente, em sua cidadania como alemães e taxados de “não arianos” pelas “Leis Raciais” de 1935. Enquanto evento

---

<sup>21</sup> BACHARACH. *The Nazi Olympics*, p. 101.

<sup>22</sup> ZSg.101/7/129/ n° 193, 21 fev. 1936, in Bohrmann, *NS-Pressenanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 197.

esportivo internacional, os Jogos Olímpicos de Berlim contariam com atletas, jornalistas e espectadores de várias partes do mundo. Uma semana antes do início dos Jogos, os redatores também foram lembrados a “não dirigir nenhum ataque contra usos e costumes estrangeiros durante o período dos Jogos Olímpicos” (*während der Zeit der Olympischen Spiele keine Angriffe gegen ausländische Sitten und Gebräuche zu richten*).<sup>23</sup> E alguns dias após a abertura dos Jogos, os redatores foram novamente instruídos para não associarem pontos de vista raciais a desempenhos esportivos: “Advertimos com insistência para que se evite carregar a cobertura dos Jogos Olímpicos com pontos de vista raciais”.<sup>24</sup>

Entretanto, foco principal de novas “instruções de imprensa” expedidas durante os Jogos Olímpicos de Verão foram atletas negros, sobretudo da equipe olímpica norte-americana. No total, ao longo dos Jogos, nove “instruções” indicaram aos redatores a maneira como os jornalistas deveriam relatar sobre as vitórias tanto dos “guerreiros” (*Kämpfer*) alemães, como dos estrangeiros em suas matérias. A motivação da metade dessas “instruções” foi especialmente provocada pelo desempenho do atleta norte-americano Jesse Owens (1913-1980) na corrida de 100 metros rasos, ganhador de quatro medalhas de ouro naquela edição, tornando-se o principal fenômeno do atletismo nos Jogos Olímpicos de Berlim. No dia 03 de agosto de 1936, foram expedidas quatro “instruções”. Na primeira delas, é frisado que deveriam “ser mencionados no título somente os maiores desempenhos alemães” (*nur die deutschen Höchstleistungen in der Überschrift zu erwähnen*), e as reportagens não deveriam aparecer em grande destaque. Além disso, foi determinado que não deveria ocorrer, em hipótese alguma, a diminuição das vitórias estrangeiras.<sup>25</sup> Na “instrução” em questão, também foi salientado o seguinte: “O ponto de vista racial não deve, de maneira alguma, ser empregado na discussão dos resultados esportivos. Sobretudo os pretos não devem ser atingidos em seus sentimentos”.<sup>26</sup> Em

<sup>23</sup> ZSg.101/8/59/n° 753, 25 jul. 1936, in Bohrmann, *NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 795.

<sup>24</sup> Zsg. 101/8/83/n° 808, de 06 de agosto de 1936, in Bohrmann. *NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit*. p. 853. No original: Es wird dringend gewarnt, die Berichterstattung der Olympischen Spiele mit rassistischen Gesichtspunkten zu belasten.

<sup>25</sup> ZSg.101/8/77/ n° 790, 03 ago. 1936, in Bohrmann, *NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 831.

<sup>26</sup> ZSg.101/8/77/ n° 790, 03 ago. 1936, in Bohrmann, *NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 831. No original: Der Rassenstandpunkt soll in keiner Weise bei Besprechung der sportlichen Resultate Anwendung finden; vor allem sollen die Neger nicht in ihren Empfindlichkeiten getroffen werden.

outra “instrução” expedida no mesmo dia, essa ordem foi ampliada: “Pretos são cidadãos americanos e precisam ser dignificados como tal. Isto não significa que o fato de que um preto seja vencedor também não possa ser mencionado de passagem”.<sup>27</sup>

A seguir, versaremos sobre um santuário necrológico, uma edificação que integra o Complexo Olímpico Poliesportivo, e como ele foi objeto de matéria publicada na imprensa alemã, no intuito de, discursivamente, revesti-lo de um sentido heroico e, ao mesmo tempo, sacrificial, associando os Jogos Olímpicos, simbolicamente, ao sacrifício do guerreiro em campo de batalha.

### **UM SANTUÁRIO NECROLÓGICO EM PLENO COMPLEXO OLÍMPICO POLIESPORTIVO**

Conforme apontado anteriormente, o sequestro do Olimpismo pelo totalitarismo, lembrando que o termo deriva do Latim *sequestrare*, que, originalmente, significava “pôr em depósito, confiar; separar, afastar”,<sup>28</sup> foi viabilizado por uma série de medidas que não só encobrissem os desmandos, a repressão, o racismo e o antissemitismo que grassavam no cotidiano do Terceiro Reich, como também forjassem uma ponte simbólica entre a Grécia Antiga, como berço dos Jogos Olímpicos, e a Alemanha nazista.

Antes de chegarem ao poder em janeiro de 1933, os nazistas mostraram-se contrários à realização da Olimpíada em Berlim, que havia sido nomeada como sede dos XI Jogos Olímpicos em 13 de abril de 1931. As manifestações ideológicas e a prática política do nacional-socialismo, fundadas no nacionalismo, no expansionismo, no racialismo e no antissemitismo, contradiziam o ideal olímpico. As ideias de universalidade e democracia, implícitas no ideal olímpico, foram alvo de constantes e veementes críticas por parte da propaganda nazista. Um exemplo disso é o artigo publicado no jornal *Völkischer Beobachter* em 19 de fevereiro de 1932, no qual o racismo apregoado pelos nazistas é revelado também no âmbito do esporte:

---

<sup>27</sup> ZSg.102/3/3/53 (7), 03 ago. 1936, in Bohrmann, *NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 832. No original: Neger seien amerikanische Staatsbürger und müßten als solche gewürdigt werden. Das schließe nicht aus, daß die Tatsache, daß ein Neger Sieger sei, nebenher auch miterwähnt werden könne.

<sup>28</sup> Dicionário Priberam, s/p.

Negros não têm nada o que procurar na Olimpíada. [...] hoje, infelizmente presenciamos que o homem livre frequentemente precisa até mesmo lutar pelo louro da vitória com pretos sem liberdade, com negros. Isso é uma profanação e humilhação sem par do ideal olímpico, e os antigos gregos certamente revirariam no túmulo, se soubessem o que os homens modernos fizeram de seus sagrados jogos nacionais. [...] Os próximos Jogos Olímpicos deverão acontecer no ano de 1936 em Berlim. Esperamos que os responsáveis estejam conscientes de seu dever. Os pretos devem ser desqualificados. Esperamos por isso.<sup>29</sup>

Trata-se, pois, de uma mudança de curso na política nazista em relação aos Jogos Olímpicos, em que o Olimpismo seria apropriado por um regime totalitário para fins de propaganda. Cabe ressaltar que, segundo o cientista político Eckhard Jesse, regimes totalitários possuem determinadas características, que os diferenciam de regimes autoritários e podem ser sintetizadas nos seguintes pontos: (a) Um sistema totalitário se diferencia por uma centralização rígida de poder, enquanto um sistema autoritário ainda assegura certo pluralismo, mesmo que limitado; (b) um sistema totalitário tem por base uma ideologia exclusiva, enquanto um sistema autoritário se fundamenta numa postura tradicional não-conformada rigidamente; (c) enquanto um sistema totalitário força a mobilização das massas através de mecanismos de integração e de persuasão, um sistema autoritário renuncia a uma participação dirigida das massas, satisfazendo-se com a apatia política geral.<sup>30</sup>

Entretanto, se a definição de totalitarismo proposta por Eckhard Jesse resulta do debate acadêmico da segunda metade do século XX e está centrada na estrutura organizacional de Estado, a historiadora Lucie Varga (1904-1941), contemporânea do nazismo, procurou traçar conjecturas para indicar suas especificidades enquanto fenômeno político e social, como, por exemplo, a estratégia de sedução empregada por suas organizações: “Esporte e política, prazer e dever, aventura e cálculo: de toda essa mistura emergiu uma sedução demoníaca para esses

---

<sup>29</sup> *Apud* Bohlen. *Die XI. Olympischen Spiele Berlin 1936*, p. 184. No original: ‘Neger haben auf der Olympiade nichts zu suchen. [...] so kann man heute leider erleben, daß der freie Mann oft sogar mit unfreien Schwarzen, mit Negeren, um die Siegespalme kämpfen muß. Das ist eine Schändung und Entwürdigung des olympischen Gedankens ohnegleichen, und die alten Griechen würden sich bestimmt im Grabe umdrehen, wenn sie wüßten, was moderne Menschen aus ihren heiligen Nationalspielen gemacht haben. [...] Die nächsten Olympischen Spiele finden im Jahre 1936 in Berlin statt. Hoffentlich wissen die verantwortlichen Männer, was ihre Pflicht ist. Die Schwarzen müssen ausgeschlossen werden. Wir erwarten es.’

<sup>30</sup> JESSE. *Die Totalitarismusforschung im Streit der Meinungen*, p. 20.

homens”.<sup>31</sup> Associado à sedução, o o fanatismo era propagado nas organizações como elemento positivo:

A espinha dorsal dos funcionários do Estado é, portanto, a espinha dorsal do regime, uma espécie de “ordem alemã” que, lentamente, deve se tornar o Estado; toda a educação nacional-socialista na escola e mais ainda fora da escola, na Juventude Hitlerista, tem apenas um objetivo: criar fanáticos, cem por cento devotados, apenas formados e treinados para serem fanáticos nacional-socialistas. A racionalização do fanatismo e sua estabilização tornaram-se artes políticas modelares.<sup>32</sup>

Essa passagem do ensaio de Lucie Varga, sem dúvida, vai ao encontro da definição proposta por Victor Klemperer para o termo *fanatisch* (fanático) em sua memorável obra *LTI – Lingua Tertii Imperii: Die Sprache des Dritten Reichs* (título em português: *LTI: A Linguagem do Terceiro Reich*), organizada a partir de seus diários escritos como testemunho daquele nefasto período. Para Klemperer, a instituição do poder se inicia com o domínio da linguagem: “O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases que foram impostas pela repetição, milhares de vezes, e foram aceitas inconscientes e mecanicamente”.<sup>33</sup> Enquanto, originalmente, o termo *fanatisch* era empregado em termo pejorativo, este foi ressignificado pelo nazismo ao ser associado a atos de coragem e heroísmo:

Se por longo tempo, alguém emprega o termo fanático no lugar de “heroico” e “virtuoso”, ele acaba acreditando que um “fanático” é mesmo um herói virtuoso e que sem fanatismo não é possível ser herói. As palavras fanático e fanatismo não foram criadas pelo Terceiro Reich, mas seu sentido foi adulterado; em um só dia elas eram empregadas mais do que em qualquer outra época’.<sup>34</sup>

Certamente, o discurso nazista de heroísmo e de fanatismo reverberava também no âmbito esportivo. Dentre as inúmeras estratégias para se “sacralizar” os Jogos Olímpicos de Berlim, há uma em especial, em que nos deparamos com uma “ritualização da morte heroica”: a construção de um mausoléu dentro do complexo olímpico poliesportivo, dedicado a soldados alemães que morreram em

---

<sup>31</sup> VARGA. A gênese do nacional-socialismo: notas de análise social (1937), p. 61.

<sup>32</sup> VARGA. A gênese do nacional-socialismo: notas de análise social (1937), p. 77.

<sup>33</sup> KLEMPERER. *LTI*, p. 55.

<sup>34</sup> KLEMPERER. *LTI*, p. 56.

combate na Batalha de Langemarck, cujo sentido pode ser estendido também àqueles que sucumbiram em outras batalhas da Primeira Guerra Mundial, defendendo a bandeira do Segundo Império (o *Kaiserreich*).<sup>35</sup> No mínimo, é de se causar estranheza encontrar tal mausoléu em um conjunto arquitetônico que, em princípio, deveria ser dedicado ao esporte olímpico. Afinal, devemos nos indagar: o que teria a ver esporte e guerra ou esporte e militarismo?

Inicialmente, podemos responder a tal indagação tomando por base a origem dos Jogos Olímpicos na Grécia Antiga. Embora não fossem os únicos jogos da Antiguidade, os Jogos Olímpicos eram aqueles que demandavam a celebração tácita entre as cidades-estado, de uma “trégua sagrada” (em Grego: *ekkekheiría*) em conflitos bélicos, para que seus guerreiros medissem forças não nos campos de batalha, mas, sim, em um santuário em Olímpia, dedicado a Zeus, divindade suprema no panteão grego.<sup>36</sup> Podemos deduzir dessa conjectura que o cotidiano era marcado por estados de beligerância, enquanto a “trégua sagrada” representava uma exceção, que garantiria aos guerreiros e aos espectadores em geral (somente a homens era facultado o ingresso no santuário durante as competições) o acesso, a estada em Olímpia e o regresso a sua localidade de origem. Guerreiros adestrados militarmente para enfrentamentos, nos quais estavam sujeitos a morrer, mediriam forças entre si, sem que os embates resultassem em óbito dos contendores.

Entretanto, ainda na tentativa de responder à indagação anteriormente formulada, devemos considerar também que não só de corpos adestrados, mas também de armamentos se compunham os guerreiros. Estes poderiam ser, por exemplo, os próprios punhos envoltos com tiras de couro no pancrácio, modalidade de pugilismo que mesclava artes marciais, em um autêntico “vale tudo” de golpes desferidos com a cabeça, os braços, os cotovelos, as pernas, os joelhos e os pés. Mas os guerreiros que se destacavam nos campos de batalha por manusear com maestria uma das armas e equipamentos de defesa da época – o dardo, o disco, o capacete, o escudo, o domínio na condução de bigas e quadrigas – estavam aptos a representarem suas cidades-estado. Tomemos como exemplo o disco, que poderia

---

<sup>35</sup> CORNELSEN. Olímpia a serviço de Germânia, p. 203-204.

<sup>36</sup> YALOURIS. A importância e o prestígio dos Jogos, p. 81.

ser de pedra, ferro ou bronze, e chegar a pesar 9,5 kg: na guerra, era lançado para atingir adversários, sobretudo rachar crânios; em Olímpia, vencia o guerreiro que lançasse o disco a uma distância maior. É interessante, aliás, refletirmos sobre o fato de que a representação plástica mais famosa dos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga, a qual sobreviveu ao tempo, é justamente o *Diskobólos* (Discóbolo; lançador de disco), do escultor grego Míron, que data de 445 a.E.C., originalmente forjada em bronze, mas que, posteriormente, seria difundida por Roma por meio de uma série de cópias em mármore. Descontextualizado do tempo em que foi erigido, o *Diskobólos* deixa de evidenciar aquilo o que ele representa para além do plano esportivo e, ao mesmo tempo, ritual: o corpo adestrado para a guerra, portando uma das armas da época. Aliás, o fascínio que a cúpula nazista nutria pelo *Diskobolos* fez com que Hitler adquirisse uma das cópias romanas, ao lado da qual discursou na cerimônia de abertura da *Haus der Deutschen Kunst* (Casa da Arte Alemã), em 18 de julho de 1937.<sup>37</sup>

Poderíamos indicar outros exemplos da relação entre esporte e guerra a partir da Antiguidade; porém, para a economia do presente artigo, retomemos o “santuário necrológico” de Berlim. Afinal, o que a cúpula nazista pretendia simbolizar com isso? Por que a Batalha de Langemarck seria representativa para supostas pretensões? São diversas as chaves de leitura possíveis. Uma primeira delas seria pensar a atuação do guerreiro a partir de duas noções: heroísmo e sacrifício. O excelente estudo de Luiz Gustavo Leitão Vieira, intitulado *A escrita da guerra: areté, nóstos e kléos na análise de narrativas de guerra* (2013), nos fornece três categorias que nos auxiliam na tarefa de pensarmos as noções de heroísmo e sacrifício: *areté* (excelência), *nóstos* (retorno) e *kléos* (glória). Vieira parte da *Ilíada*, “arquétipo da narrativa de guerra”,<sup>38</sup> para situar tais categorias, sucintamente apresentadas a seguir:

[...] Decisivo em guerras antigas, o poder individual, dos heróis épicos, vai sendo gradualmente anulado pelas armas advindas do avanço tecnológico que tornam o soldado vítima impotente e anônima. Metaforicamente, o herói se torna o Soldado Desconhecido. ‘Nóstos’ abarca toda a trajetória vivenciada pelo indivíduo, de início, meio e fim da experiência de combate, além do trauma resultante. ‘Kléos’ é aquilo que muitos desejam obter em combate: ter seu nome registrado de forma grandiosa e

<sup>37</sup> CORNELSEN. Olímpia a serviço de Germânia, p. 220.

<sup>38</sup> VIEIRA. *A escrita da guerra*, p. 12.



assim emulado por gerações futuras. ‘Kléos’ também representa o canto em si, a literatura; e, desta forma, o conceito é utilizado para análise da maneira como guerras são narradas.<sup>39</sup>

Se *areté* é a excelência atingida pelo guerreiro em combate, o *nóstos* é sua vivência que abrange o retorno, enquanto *kléos* é a fama angariada em virtude de seus feitos, a qual pode ser enaltecida por meio de epinícios, ou seja, cânticos de louvor àqueles que realizavam feitos heroicos, incluindo os que atingiam o ápice em competições como os Jogos Olímpicos. Maior exemplo disso são as Odes Olímpicas compostas pelo poeta grego Píndaro (2016) entre 500 e 445 a.E.C.

Portanto, seja o guerreiro no campo de batalha ou o guerreiro na disputa olímpica, a excelência era almejada e poderia torná-lo um herói celebrado em cânticos triunfais ao retornar para casa. Porém, como bem aponta Vieira (2013, p. 14), com as mudanças tecnológicas durante séculos, essa distinção não mais seria possível diante do morticínio em massa que a “guerra de material” (no original: *Materialenschlacht*, “batalha de material”), em uma expressão de Walter Benjamin,<sup>40</sup> passaria a representar no contexto da Primeira Guerra Mundial. Segundo Vieira,<sup>41</sup> teria havido uma “substituição de Aquiles pelo Soldado Desconhecido”.

Por sua vez, o sentido necrológico que se pretendia atribuir ao “Pavilhão de Langemarck” está documentado em matérias jornalísticas publicadas no contexto dos Jogos Olímpicos de Berlim. O caderno especial da Olimpíada, publicado em 26 de julho de 1936 na edição nº 208 do jornal *Völkischer Beobachter*, órgão de imprensa do partido nazista, traz em destaque na página 28 uma longa matéria intitulada “Reichssportfeld, das monumentale Bauwerk Berlins” (“Campo de Esportes do Reich, a monumental obra de construção de Berlim”).<sup>42</sup> Uma das seções dessa matéria é “Ein Ehrenmal der gefallenen Jugend” (“Um memorial em honra à juventude caída”). Nela, se evidencia o significado atribuído por seus idealizadores a tal santuário necrológico:

---

<sup>39</sup> VIEIRA. *A escrita da guerra*, p. 6.

<sup>40</sup> BENJAMIN. *Teorias do fascismo alemão*, p. 69.

<sup>41</sup> VIEIRA. *A escrita da guerra*, p. 14.

<sup>42</sup> REICHSSPORTFELD. *Völkischer Beobachter*, p. 28.



No andar superior da enorme arquibancada adjacente à Torre, que se abre para a Alameda Friedrich Freisen, fica o grande e espaçoso Pavilhão de Langemarck, fortemente sustentado por doze pilares, que fará da Torre *um marco de um memorial da Nação para além dos Jogos Olímpicos e atribui ao Campo de Esportes do Reich espiritualmente o seu conteúdo mais precioso*. No futuro, as competições nas grandes praças de disputa, os exercícios nos campos da Academia do Reich, as grandes marchas no Campo de Maio e a peça musical no Anfiteatro Dietrich Eckart acontecerão *em frente ao memorial da juventude alemã, que em 1914 cantou até à morte pela Alemanha*.<sup>43</sup> (grifos nossos).

Como esse trecho citado faz parte da longa matéria de apresentação do Campo de Esportes do Reich, ele demanda esclarecimentos quanto a determinadas referências espaciais relacionadas ao Pavilhão de Langemarck. A “Torre” que se ergue a partir do Pavilhão recebeu dois nomes: inicialmente, era chamada de “Torre do Führer” (*Führerturm*), mas, para suprimir seu caráter político, foi rebatizada de “Torre do Sino” (*Glockenturm*), assumindo, assim, um sentido religioso, feito uma torre de igreja. O “Sino-Olympia” (*Olympia-Glocke*), que pesava 13 toneladas e media 2,60 metros de altura, além de exibir em relevo o brasão da águia, trazia a inscrição “Eu convoco a juventude do mundo!” (*Ich rufe die Jugend der Welt!*). Desse modo, simbolicamente, associa-se os jovens que disputarão os Jogos aos jovens alemães que caíram na Batalha de Langemarck, como reza a narrativa mítica, cantando o hino da Alemanha. Segundo consta, a Batalha de Langemarck foi uma autêntica carnificina, travada em 10 de novembro de 1914, quando mais de dois mil jovens voluntários da 6ª Divisão de Reserva morreram em combate. A lenda em torno dessa Batalha originou-se de uma anotação feita no Diário da *Wehrmacht*, de que, naquele dia, os combatentes morreram cantando o hino alemão.<sup>44</sup> Porém, o articulista, inominado no texto publicado no *Völkischer Beobachter*, empresta ao conjunto de edificações um significado mais amplo, para

---

<sup>43</sup> EIN EHRENMAL. *Völkischer Beobachter*, p. 28. No original: Im Obergeschoß des an den Turm angrenzenden, massiv ausgeführten Tribünenteiles liegt, nach der Friedrich-Freisen-Allee zu geöffnet, die von zwölf Pfeilern kräftig gegliederte hochräumige Langemarckhalle, die über die Olympischen Spiele hinaus den Turm zum Wahrzeichen einer Gedenkstätte der Nation machen wird und dem Reichssportfeld damit geistig seinen kostbarsten Inhalt schenkt. So werden künftig die Wettkämpfe in den großen Kampfstätten, die Übungen auf den Feldern der Reichsakademie, die großen Aufmärsche auf dem Maifeld und das musische Spiel der Dietrich-Eckart-Freilichtbühne *angesichts der Gedächtnisstätte der deutschen Jugend stattfinden, die 1914 für Deutschland singend in den Tod gezogen ist*. (grifos nossos)

<sup>44</sup> CORNELSEN. *Olimpia a serviço de Germânia*, p. 204-205.

além dos Jogos Olímpicos, ao referenciar o “Campo de Maio” (*Maifeld*), uma ampla área destinada a comícios e a marchas, bem ao estilo da estética das massas no período nazista, em uma apropriação do 1º de Maio, e também a Academia [de Ginástica] do Reich (*Reichsakademie [für Leibesübungen]*) e o “Anfiteatro Dietrich Eckart” (*Dietrich-Eckart-Freilichtbühne*), tornando-se, assim, “um memorial da Nação”.

Entretanto, de maneira inequívoca, o que torna o Pavilhão de Langemarck um santuário necrológico, é o que se segue nessa seção da matéria “Reichssportfeld, das monumentale Bauwerk Berlins” (“Campo de Esportes do Reich, a monumental obra de construção de Berlim”):

A decoração do Pavilhão de Langemarck é de grande simplicidade simbólica. Os doze pilares carregam as 76 bandeiras dos regimentos envolvidos na batalha. O massivo da Torre do Sino que se ergue ao centro do Pavilhão exibe em 10 placas de aço os nomes das divisões e dos batalhões que pertenciam a elas. A leste do bloco da Torre do Sino jaz no solo, debaixo de uma placa de aço, terra do Cemitério de Langemarck.<sup>45</sup>

De acordo com o historiador Hilmar Hoffmann (1993, p. 23), o autor do projeto do Pavilhão de Langemarck foi Carl Diem (1882-1962), então Secretário Geral do Comitê Olímpico Alemão, que teria ido pessoalmente a Langemarck, localizada nos Flandres belgas, e retirado terra das sepulturas dos soldados alemães mortos na batalha, para depois colocá-la sob uma placa de metal, no solo do Pavilhão. Inclusive, é possível até mesmo que o texto publicado no *Völkischer Beobachter* seja de sua autoria. Portanto, edificado nos mínimos detalhes para produzir um sentido simbólico de heroísmo e sacrifício, o Pavilhão de Langemarck não deixa de ser também um símbolo do culto à guerra e à morte sacrificial do “guerreiro” pela “Nação”. Tal significado, mais uma vez, é reiterado na matéria pela menção a dois dizeres com letras gravadas em pedra nas paredes laterais do Pavilhão:

---

<sup>45</sup> EIN EHRENMAL, p. 28. No original: Der Schmuck der Langemarckhalle ist von großer, symbolhafter Einfachheit. Die zwölf Pfeiler tragen die 76 Fahnen der an der Schlacht beteiligten Regimenter; das Massiv des mitten durch die Halle stehenden Glockenturmes trägt auf zehn Stahlschilden die Namen der Divisionen und der ihnen zugehörigen Truppenteile. Östlich vor dem Block des Glockenturmes liegt im Fußboden unter einer Stahlplatte Erde aus dem Friedhof von Langemarck.

“Vós, sagradas fileiras cinzentas  
Caminhai sob nuvens de glória  
Nos carregai as consagrações de sangue  
Do reino secreto!”  
Walter Flex

“Viva lá no alto, ó Pátria,  
E não conte os mortos,  
A ti, querida,  
Nem um único caiu a mais!”  
Hölderlin<sup>46</sup>

Cabe, aqui, uma referência aos dois autores citados. O primeiro deles, o escritor Walter Flex (1887-1917), é autor de obras como o drama *Klaus von Bismarck: Eine Tragödie* (1913; Klaus von Bismarck: uma tragédia), o livreto de cânticos *Das Volk in Eisen: Kriegsgesänge eines Kriegs-Freiwilligen* (1915; O povo em ferro: cânticos marciais de um voluntário de guerra) e o romance *Der Wanderer zwischen beiden Welten: Ein Kriegserlebnis* (1916; O caminhante entre dois mundos: uma vivência de guerra).<sup>47</sup> Pelos títulos, já é possível perceber que Walter Flex dedicou-se a temas associados ao Império alemão e à guerra, na qual tomou parte como voluntário no 50º Regimento de Infantaria. Durante a Operação Albion, codinome das ações militares conjuntas que visavam à ocupação do Arquipélago Moonsund, no Mar Báltico, em poder da Rússia, Walter Flex foi ferido gravemente e faleceu em 06 de outubro de 1917, em Oti Manor, na Ilha de Saaremaa, na Estônia. Desse modo, o escritor e militar tornou-se protótipo daquele que atinge o sacrifício heroico. Não por acaso, no período nazista os escritos de Walter Flex tornaram-se objeto de propaganda. A citação no Pavilhão de Langemarck é apenas um exemplo dessa apropriação, trata-se da última estrofe do poema “Ihr toten deutschen Soldaten” (Vós, soldados alemães mortos), extraída da obra *Das Weihnachtsmärchen des fünfzigsten Regiments* (1914; O Conto de Natal do Quinquagésimo Regimento).<sup>48</sup>

---

<sup>46</sup> EIN EHRENMAL, p. 28. No original: „Ihr heiligen grauen Reihen/ Geht unter Wolken des Ruhmes/ Uns tragt die blutigen Weihen/ Des heimlichen Königtumes!“/ Walter Flex// „Lebe droben, o Vaterland,/ Und zähle nicht die Toten,/ Dir ist, liebes,/ Nicht einer zuviel gefallen!“/ Hölderlin.

<sup>47</sup> Walter Flex, s/p.

<sup>48</sup> FLEX. Ihr toten deutschen Soldaten, s/p.

Por sua vez, Johann Christian Friedrich Hölderlin (1770-1843) é considerado um dos maiores poetas e escritores alemães. Diferindo de Walter Flex, escritor praticamente desconhecido nos dias atuais, Hölderlin é figura presente no panteão literário, autor de obras famosas, entre elas o romance *Hyperion oder Der Eremit in Griechenland* (1799; *Hyperion* ou *O eremita na Grécia*), o drama *Der Tod des Empedokles* (1800; *A morte de Empédocles*) e a obra lírica *Die Tübinger Hymnen* (1793; *Os hinos de Tübingen*).<sup>49</sup> Embora contemporânea do Classicismo de Weimar e do Romantismo na virada do século XVIII para o XIX, sua obra possui características singulares que impedem uma classificação sem ressalvas. Sobretudo seu estilo associado a hinos permanece singular na Literatura de Língua Alemã, e sua lírica fragmentária influenciou as futuras gerações de poetas. Todavia, poemas de cunho patriótico, como, por exemplo, a ode “*Der Tod fürs Vaterland*” (*A morte pela pátria*), tornaram-se populares tanto na Primeira Guerra Mundial, quanto no período nazista, ao serem descontextualizadas de seu caráter liberal e republicano de origem. A citação do Pavilhão de Langemarck foi extraída, justamente, da ode acima indica, trata-se de sua estrofe final.<sup>50</sup>

A seguir, apresentaremos alguns exemplos que documentam o sequestro do Olimpismo na imprensa alemã, tendo por foco a imagem que se pretendeu construir da “nova” Alemanha sob o regime nazista como uma Nação “amante da paz”.

#### **A ALEMANHA NAZISTA COMO “AMANTE DA PAZ” OU O SEQUESTRO DO OLIMPISMO NA IMPRENSA**

O sequestro do Olimpismo pelo totalitarismo passou, necessariamente, pela ideia de “paz” (*Friede*), simbolicamente associada à “paz olímpica” derivada da própria “trégua sagrada” (*ekekheiría*) dos Jogos Olímpicos na Grécia Antiga. Sem dúvida, a “paz” é o termo explorado à exaustão pela propaganda nazista, e isso é comprovado também em relação à imprensa alemã. Várias matérias publicadas reiteram a ideia de “paz”, ao expressarem as diretrizes imputadas pela Divisão IV de Imprensa do Ministério para Instrução Popular e Propaganda por meio das “instruções de

---

<sup>49</sup> Friedrich Hölderlin, s/p.

<sup>50</sup> HÖLDERLIN. *Der Tod fürs Vaterland*, s/p.

imprensa”. Vejamos, a seguir, alguns exemplos publicados nos jornais *Der Angriff* (O Ataque), órgão de imprensa da *Deutsche Arbeitsfront* (DAF; Frente Alemã de Trabalho), organização totalitária que substituiu os sindicatos e centralizou o controle do âmbito do trabalho, e *Völkischer Beobachter* (Observador Popular), órgão de imprensa do partido nazista. Cabe lembrar que jornais alemães que não possuíam vínculo institucional com o partido nazista, centralizador do poder totalitário, estariam mais suscetíveis à pré-censura, pois haviam sido submetidos em setembro de 1933 à política de “Sincronização” (*Gleichschaltung*), termo do jargão nazista que significava a intervenção estatal em todos os âmbitos da cultura alemã para “sincronizá-los” aos interesses dos detentores do poder e, com isso, eliminar todo e qualquer foco de resistência ao nazismo.<sup>51</sup>

Na página 02 da edição nº 169, do jornal *Der Angriff*, publicada em 21 de julho de 1936, 10 dias antes da abertura dos Jogos, figura a matéria intitulada “Olympischer Geist in Deutschland erneuert” (“Renovado o espírito olímpico na Alemanha”), não assinada. Tema central dessa matéria é a corrida de revezamento com a tocha olímpica, de Olímpia a Berlim, que estabeleceria uma ponte simbólica entre a Grécia Antiga e a Alemanha nazista. O último parágrafo da matéria evidencia a ideia de “paz” que revestiria tal evento:

Pensem no fato de que, quando os sacerdotes acendiam o fogo no sagrado Altis, todo o mundo grego depunha as armas. *A guerra, o ódio, as diversidades de opinião eram esquecidos, predominava a trégua.* Em todas as terras gregas predominava uma *completa tranquilidade espiritual*, para que, com isso, *os sagrados Jogos Olímpicos* pudessem ser realizados, a fim de conduzir a impetuosa juventude em *uma disputa elevada e pacífica*.<sup>52</sup> (grifos nossos).

O próprio título da matéria em questão destaca uma suposta “renovação” do *olympischer Geist* (“espírito olímpico”) na Alemanha nazista. O texto nos mostra também que esta “renovação”, para o sujeito da enunciação, seria o resgate de *eine völlige geistige Ruhe* (“uma completa tranquilidade espiritual”) a partir de um

<sup>51</sup> KAMMER; BARTSCH. *Nationalsozialismus*, p. 80-82.

<sup>52</sup> Olympischer Geist, s/p. No original: Denkt daran, daß, wenn die Priester das Feuer in der heiligen Altis anfachten, die gesamte griechische Welt die Waffen niederlegte. *Der Krieg, der Haß, die Meinungsverschiedenheiten waren vergessen, es herrschte Waffenruhe.* In allen griechischen Landen herrschte *eine völlige geistige Ruhe*, damit *die heiligen Olympischen Spiele* durchgeführt werden konnten, um die stürmische Jugend *in einen erhabenen und friedlichen Wettkampf* zu führen. (grifos nossos).

evento esportivo no âmbito internacional, que deveria funcionar como *Symbol des Friedens* (“símbolo da paz”). Os demais termos e expressões, na verdade, gravitam em torno desses três. Das noções de *Frieden* e *Ruhe*, que o sujeito da enunciação crê “resgatar” do pensamento olímpico na Grécia Antiga, deriva, por exemplo, o termo *Waffenruhe* (“trégua”, “silêncio das armas”). E mais: a *Wettkampf* (“disputa”), substantivo composto que em alemão marca claramente o tom de diversidade pelo termo *Kampf* (“luta”), é, então, estrategicamente valorizada de maneira positiva pela associação com outros atributos, convertendo-se *in einen erhabenen und friedlichen Wettkampf* (“em uma disputa elevada e pacífica”). Na verdade, não devemos nos esquecer que a chamada “paz olímpica” ou “paz sagrada”, segundo as fontes históricas, vigorava por certo período, e que, portanto, pressupunha um período maior de hostilidades, onde estas eram legítimas. Como aponta Lauret Godoy, a Olimpíada na Era Antiga, realizada a cada quatro anos, era tida como “o maior encontro pacífico de todos os gregos”.<sup>53</sup> Quando os “espondoforos” (arautos ou mensageiros) proclamavam por todo o território grego a “trégua sagrada” três meses antes da abertura dos Jogos, qualquer tipo de contenda e de guerra era suspenso, e a transgressão de tal ordem era punida com pesadas penas impostas pelo senado. A carta de proclamação da “paz sagrada” dizia: “Que o mundo esteja livre do crime, do assassinato e do ruído das armas”.<sup>54</sup> Mas era apenas um breve período de “paz” em um mundo marcado por inúmeros conflitos entre as cidades e as regiões, e que, ao realizar a Olimpíada, trazia jovens guerreiros para a arena.

Por sua vez, na página 5 do encarte especial dos Jogos Olímpicos, da edição nº 207 do jornal *Völkischer Beobachter*, publicada em 25 de julho de 1936, um certo “Dr. phil” Friedrich Richter figura como o autor de uma matéria sobre o significado dos Jogos Olímpicos em relação à Antiguidade: “Der olympische Gedanke als Kulturträger” (“O pensamento olímpico como mensageiro de cultura”). A matéria é ilustrada por uma série de desenhos mostrando estatuas gregas, e no alto figura uma espécie de *relief* antigo. Em uma legenda, as gravuras são identificadas nos

---

<sup>53</sup> GODOY. *Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga*, p. 65.

<sup>54</sup> GODOY. *Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga*, p. 65.



idiomas alemão, inglês, francês e espanhol. Nas seguintes passagens do texto, evidencia-se a ideia de “paz” reiterada diversas vezes:

Quando a Alemanha declara-se partidária do pensamento olímpico, ela o faz não por insípidas razões de conveniência, mas *na convicção honesta de estar defendendo uma grande ideia que carrega consigo cultura, uma das poucas ideias em cujo serviço todos os países e povos podem se encontrar indistintamente*. Desta forma, os preparativos por parte da Alemanha, de grande envergadura e únicos no mundo, não resultam da intenção de se fazer propaganda nacional-socialista, como nos é oportunamente taxado por maldade e incompreensão, mas do real entusiasmo pela *ideia dos Jogos Olímpicos unindo os povos*. Pois, se antigamente em Hellas e no mundo grego da bacia do Mediterrâneo *as armas eram depositas durante a Olimpíada*, do mesmo modo, *hoje em dia amplia-se o círculo dos países que observam a Paz Olímpica por todo o mundo*. [...]

A coesão da juventude, capaz de despertar entusiasmo, está em condições de realizar essas metas. Mas a verdadeira paz é, ao mesmo tempo, pressuposto e realização de todo objetivo cultural. Pela boca de seu Führer a Alemanha sempre se declarou partidária desta paz.

Portanto, que o mundo vislumbre nos preparativos da Alemanha, no entusiasmo olímpico pronto a entrar em ação de todos os alemães a prova de que *o povo alemão considera a ideia olímpica um instrumento da paz*, e quer comemorar os XI. Jogos Olímpicos como uma *Festa da Paz*.<sup>55</sup> (grifos nossos em itálico; grifos com caracteres espaçados no original).

Iniciaremos nossa interpretação da matéria acima citada pela questão da autoria. Como dito anteriormente, o texto é atribuído a um certo Dr. Friedrich Richter. Embora não tenhamos dados precisos sobre o sujeito da enunciação, podemos extrair

---

<sup>55</sup> RICHTER. Der olympische Gedanke als Kulturträger, p. 5. No original: Wenn Deutschland sich zum olympischen Gedanken bekennt, so tut es das nicht aus nüchternen Zweckmäßigkeitsgründen, sondern *in der ehrlichen Überzeugung, für eine große, kulturtragende Idee einzutreten, für eine der ganz wenigen Ideen, in deren Dienst sich alle Länder und Völker unterschiedslos zusammenfinden können*. So sind die umfangreichen, in der Welt einzigdastehenden Vorbereitungsarbeiten Deutschlands nicht, wie es uns Bosheit und Unverstand gelegentlich unterstellt haben, aus der Absicht heraus geleistet worden, nationalsozialistische Propaganda zu machen, sondern aus wirklicher Begeisterung heraus für *die völkerverbindende Idee der Olympischen Spiele*. Denn wenn früher in Hellas und in der Griechenwelt des Mittelmeersbeckens *zur Zeit der Olympien die Waffen ruhten*, so *spannt sich heute der Kreis der Länder, die den Olympischen Frieden achten, über die ganze Welt*. [...] Die begeisterungsfähige Aufgeschlossenheit der Jugend ist imstande, diese Ziele zu verwirklichen. Wahrer Friede aber ist gleichzeitig Voraussetzung und Erfüllung allen kulturellen Strebens. Deutschland hat sich durch den berufenen Mund seines Führers immer wieder zu diesem Frieden bekannt.

So mag die Welt in den umfassenden Vorbereitungen Deutschlands, in der einsatzbereiten olympischen Begeisterung aller Deutschen den Beweis dafür erblicken, daß *das deutsche Volk die olympische Idee als ein Werkzeug des Friedens betrachtet* und die XI. Olympischen Spiele als ein *Fest des Friedens* feiern will. (grifos nossos em itálico; grifos com caracteres espaçados no original).



do próprio texto alguns indícios que demonstram o envolvimento do articulista com o partido nazista. Além do uso recorrente do atributo *nationalsozialistisch* (“nacional-socialista”), além do emprego do nome Hitler e do termo *Führer*, ou mesmo pela citação do *Mein Kampf* como epígrafe para a matéria. Mas, o indício mais contundente, investido pela própria linguagem, é quando o sujeito da enunciação instaura um “nos” (*uns*) coletivo, expressando assim seu pertencimento ao partido. Isto se dá quando é mencionada a acusação de que os nazistas utilizariam os Jogos Olímpicos para fazer propaganda nazista e, em seguida, é feita a defesa mediante a alegação de que “nos é oportunamente taxado por maldade e incompreensão” (*wie es uns Bosheit und Unverstand gelegentlich unterstellt haben*). Quanto à função ou área de conhecimento, podemos pressupor pelo título acadêmico – *Dr. phil.: Doktor der Philosophie* – que se trate de alguém que atua na área de educação em nível superior, provavelmente na área dos Estudos Germânicos, Filosofia ou História. Portanto, Friedrich Richter demonstra ter por meta legitimar a política do partido nazista e de Hitler, e para isso vale-se de uma estratégia quase panfletária, como se falasse em nome do NSDAP.

Em relação à paratextualidade, inegavelmente, trata-se de uma matéria também voltada, em primeira linha, para o público estrangeiro. Os desenhos e as legendas em alemão, inglês, francês e espanhol possibilitariam um primeiro acesso ao texto. Já o título transmite a ideia de que os Jogos Olímpicos representariam um evento de alta cultura, esclarecido posteriormente no corpo do texto como instância de transmissão dessa suposta cultura ao longo dos séculos.

Por sua vez, os trechos da matéria acima citados demonstram que um de seus objetivos de cunho propagandista era de reforçar a ponte entre a Grécia Antiga e a Alemanha nazista por meio da noção de *Olympischer Friede* (“Paz Olímpica”). Com essa argumentação o sujeito da enunciação procura instaurar a ideia da deposição de armas e da suspensão de conflitos durante a Olimpíada na Grécia Antiga, para com isso colocar no lugar dos gregos a Alemanha nazista como aquela que seria – falsamente – “amante da paz”. Não podemos nos esquecer que, num mesmo jornal, encontravam-se matérias como as que estamos interpretando agora, e outras que cobriam o conflito na Península Ibérica com a deflagração da Guerra Civil Espanhola em 17 de julho de 1936, e a decorrente discussão em torno de uma possí-

vel intervenção militar na Espanha. Jogava-se, pois, ideologicamente com o contexto: matérias como estas de Richter pretendiam forjar uma suposta ideia de paz e confraternização que se estabeleceria alguns dias mais tarde com o início da Olimpíada de Berlim – o artigo é de 25 de julho de 1936, e os jogos se iniciaram em 1º de agosto de 1936 – e, ao mesmo tempo, dividir a opinião pública entre dois grupos distintos: aqueles que se encontrariam na Olimpíada, e aqueles que não só a boicotariam, mas também estariam envolvidos na Guerra Civil Espanhola, em primeira instância, a União Soviética. Para isso, nenhuma linha era escrita sobre o auxílio de Hitler a Franco desde as primeiras semanas e o envolvimento da Itália no conflito.

Dentre os termos semanticamente positivos, *Frieden* (“paz”) é o que tem maior incidência, ocorrendo cinco vezes em todo o texto. Este é mais um traço que, no conjunto das demais matérias, acabam por produzir a chamada “cacofonia polienunciativa”.<sup>56</sup> Interessante notar que destaques foram produzidos no original a partir de procedimento de diagramação dos caracteres espaçados, que enfatizavam a “verdadeira paz” (*Wahrer Friede*), “paz” (*Frieden*) e “festa da paz” (*Fest des Friedens*), além dos termos não destacados “a Paz Olímpica” (*den Olympischen Frieden*) e “um instrumento da paz” (*ein Werkzeug des Friedens*).

Portanto, a construção da imagem da Alemanha nazista como Nação “amante da paz” teve na imprensa alemã, sobretudo nos órgãos de imprensa vinculados ao partido nazista, um de seus canais de divulgação e de reiteração, com vistas a influenciar a opinião pública mundial e, com isso, encobrir o real caráter totalitário do regime nazista.

#### **OLIMPISMO E DISCURSO TOTALITÁRIO – À GUIA DE CONCLUSÃO**

O sequestro do Olimpismo pelo regime totalitário sob a égide do nazismo não foi reconhecido nesses termos pelo Comitê Olímpico Internacional. Ainda hoje, quando acessamos a página [www.olympics.com](http://www.olympics.com), nos deparamos com uma interpretação dos Jogos, que se tornou lugar comum no pós-Segunda Guerra Mundial:

---

<sup>56</sup> BRAIT. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso, p. 26.

Os Jogos de Berlim são mais lembrados pela tentativa fracassada de Adolf Hitler de usá-los para provar suas teorias de superioridade racial ariana. Como se viu, o herói mais popular dos Jogos foi o velocista e saltador em distância afro-americano Jesse Owens, que ganhou quatro medalhas de ouro nos 100m, 200m, revezamento 4x100m e salto em distância.<sup>57</sup>

Fato é que os exemplos aqui apresentados revelam não só o grau, nos mínimos detalhes, como diversas medidas foram tomadas pelos detentores do poder para utilizar os Jogos Olímpicos para fins de propaganda política e ideológica, como também as estratégias adotadas no sentido de maquiagem, temporariamente, o racismo e o antissemitismo no Terceiro Reich, se bem que os sinais eram tão evidentes, que dificilmente, não se tinha conhecimento deles. Se, por um lado, as “instruções de imprensa” emitidas no contexto dos Jogos Olímpicos de Inverno em Garmisch-Partenkirchen e, respectivamente, dos Jogos Olímpicos de Verão em Berlim, eram documentos secretos, as “Leis Raciais” de setembro de 1935 não o eram. Cabe lembrar, também, que um dos principais documentos de propaganda nazista no contexto daqueles Jogos é o filme *Olympia* (1938), da cineasta Leni Riefenstahl (1902-2003), lançado em duas partes: *Fest der Völker* (Festa dos Povos) e *Fest der Schönheit* (Festa da Beleza).<sup>58</sup> Objeto de críticas e debates acadêmicos, esse polêmico documentário, tido pelo historiador alemão Hilmar Hoffmann como “um documentário propagandista e uma propaganda documentária”,<sup>59</sup> nunca recebeu críticas do COI. Ao contrário, a fascinação do COI pelo filme de Riefenstahl na época em que foi lançado foi tão grande que a cineasta foi condecorada com a “Ordem Olímpica” em 1939.<sup>60</sup> Sequer o cineasta sueco Peter Cohen faz qualquer análise crítica dos Jogos Olímpicos de Berlim no documentário *The Architecture of Doom* (1989),<sup>61</sup> ignorando-os, como se eles e os objetos artísticos que compõem o *Olympiastadion* e o *Reichssportfeld* não fizessem parte da “arquitetura da destruição”. Em contrapartida, no mesmo ano o cineasta britânico Peter Adam lançou o docu-

---

<sup>57</sup> About the Games [1936], s/p. No original: The Berlin Games are best remembered for Adolf Hitler's failed attempt to use them to prove his theories of Aryan racial superiority. As it turned out, the most popular hero of the Games was the African-American sprinter and long jumper Jesse Owens, who won four gold medals in the 100m, 200m, 4x100m relay and long jump.

<sup>58</sup> RIEFENSTAHL. *Olympia*.

<sup>59</sup> HOFFMANN. *Mythos Olympia*, p. 103.

<sup>60</sup> HOFFMANN. *Mythos Olympia*, p. 96.

<sup>61</sup> COHEN. *The architecture of Doom*.

mentário *Art of the Third Reich* (1989),<sup>62</sup> no qual não deixa de apresentar os Jogos e sua relação com as artes sob o jugo nazista.

Por sua vez, o discurso nazista ganhou materialidade na imprensa e contou com inúmeras matérias que foram publicadas no intuito de atribuir sentido aos Jogos Olímpicos, lançando uma “névoa” sobre as reais intenções e práticas do regime totalitário. Como tal, nada lhe escapava em termos organizacionais, nenhum âmbito da vida cultural, incluindo o esportivo.

Ficam aqui, portanto, exemplos documentados de como, naquele ano olímpico de 1936, as mensagens da Carta Olímpica não encontraram eco suficiente no sentido de mobilizar as instituições esportivas e seus Delegados a um boicote dos Jogos. Certamente, não se tinha a dimensão do que estava por vir, mas, poucos anos mais tarde, os campos de “disputa pacífica” dariam lugar aos campos de batalha e à carnificina que custou a vida de milhões.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

ABOUT THE GAMES [1936]. **Olympics**. 2024. Disponível em: <https://olympics.com/en/olympic-games/berlin-1936>. Acesso em: 28 jul. 2024.

BACHARACH, Susan D. **The Nazi Olympics**: Berlin 1936. Boston; New York; London: Little Brown and Company, 2000.

BENJAMIN, Walter. Teorias do fascismo alemão. Sobre a coletânea ‘Guerra e Guerreiros’, editada por Ernst Jünger (1930). In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas; v. 1. Trad. Sérgio Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 61- 72.

BOHLEN, Friedrich. **Die XI. Olympischen Spiele Berlin 1936**. Instrument der Innen- und Außenpropaganda und Systemsicherung des faschistischen Regimes. Köln: Pahl-Rugenstein, 1979.

BOHRMANN, Hans (org.). **NS-Pressenanweisungen der Vorkriegszeit**: Edition und Dokumentation. v. 4/I-II: 1936, München: Saur, 1993.

BRAIT, Beth: As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, Diana Luz P. de; FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. Em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994, p.11-27. Ensaio de Cultura; 7.

---

<sup>62</sup> ADAM. *Art of the Third Reich*.

CARTA OLÍMPICA. Trad. Alexandre Miguel Mestre e Filipa Saldanha Lopes. Lisboa: Instituto Português do Desporto e Juventude, 2012.

CLASTRES, Patrick. Pierre de Coubertin from Writings to Archives. In: WASSONG, Stephan; MÜLLER, Norbert; CHAPPELET, Jean-Loup (orgs.). **Pierre de Coubertin and the Future**. Kassel, Agon Sportverlag, 2015, p. 37-54.

CLASTRES, Patrick, Playing with Greece. Pierre de Coubertin and the Motherland of Humanities and Olympics, **Histoire@Politique**. Politique, culture, société, v. 3, n. 12, p. 1-14, set.-dez. 2010. Acesso em: 24 set. 2024.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Olímpia a serviço de Germânia: a recepção da arte e da tradição olímpica da Grécia antiga no contexto dos Jogos Olímpicos de Berlim. **Classica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos**. v. 19, n. 2, p. 196-223, 2006. Acesso em: 28 jul. 2024.

CORNELSEN, Elcio Loureiro; BLIKSTEIN, Izidoro. A utilização da mídia em estratégias de marketing político no contexto da olimpíada de Berlim. **Record**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-23, jan./jun. 2019. Acesso em: 28 jul. 2024.

CORTÉS, Didier Fernando Gaviria. Pierre de Coubertin y su idea pedagógica del deporte y el olimpismo. **VIREF Revista de Educación Física**. Antioquia, v. 1, n. 1, p. 51-61, out.-dez./2012. Acesso em: 28 jul. 2024.

DICIONÁRIO PRIBERAM. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 24 set. 2024.

EIN EHRENMAL der gefallenen Jugend. **Völkischer Beobachter**. 49º Ano, n. 208, p. 28, 26 jul. 1936.

ESTÉVEZ, Roberto López. Pierre de Coubertin: olimpismo moderno y movimiento olímpico. **EFDeportes.com**. Buenos Aires, Ano 17, n. 170, p. 1-7, jul. 2012. Acesso em: 28 jul. 2024.

FLEX, Walter. Ihr toten deutschen Soldaten. In: FLEX, Walter. Das Weihnachtsmärchen des Fünzigsten Regiments (1914). **Projekt Gutenberg**, 2024. Acesso em: 26 jul. 2024.

FRIEDRICH HÖLDERLIN. **Projekt Gutenberg**, 2024. Disponível em: <https://www.projekt-gutenberg.org/autoren/namen/hoelderl.html>.

GODOY, Lauret. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

HOFFMANN, Hilmar. **Mythos Olympia**. Autonomie und Unterwerfung von Sport und Kultur, Berlin: Aufbau-Verlag, 1993.

HÖLDERLIN, Friedrich. Der Tod fürs Vaterland (1800). **Projekt Gutenberg**. 2024. Disponível em: <https://encurtador.com.br/fgkka>.

JESSE, Eckhard. Die Totalitarismusforschung im Streit der Meinungen. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Totalitarismus im 20. Jahrhundert**. Eine Bilanz der internationalen Forschung. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 1996, p. 9-39.

KAMMER, Hilde; BARTSCH, Elisabet. **Nationalsozialismus**. Begriffe aus der Zeit der Gewaltherrschaft 1933-1945. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 1992.

KLEMPERER, Victor. **LTI: A linguagem do Terceiro Reich**. Trad. Miriam Bettina Paulina Oelsner, Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

KLEMPERER, V. **Os Diários de Victor Klemperer**, Trad. Irene Aron, São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

OLYMPISCHER GEIST in Deutschland erneuert. **Der Angriff**. n. 169, p. 2, 21 jul. 1936.

PÍNDARO. **As Odes Olímpicas de Píndaro**. introd., Trad. e notas Glória Braga Onelley e Shirley Peçanha. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

REICHSSPORTFELD, das monumentale Bauwerk Berlins. **Völkischer Beobachter**. 49º Ano, n. 208, p. 28, 26 jul. 1936.

RICHTER, Friedrich. Der olympische Gedanke als Kulturträger. **Völkischer Beobachter**. 49º Ano, n. 207, Ed. Especial, p. 5, 25 jul. 1936.

RÜRUP, Reinhard. (org.). **1936: Die Olympischen Spiele und der Nationalsozialismus**. Eine Dokumentation, Berlin: Argon, 1996.

VARGA, Lucie. A gênese do nacional-socialismo: notas de análise social (1937). In: CASTRO, Celso; MARROQUIM, Dirceu. **Lucie Varga: entre as mentalidades e o tempo presente**. Trad. Pedrita Mynssen, Rio de Janeiro: FGV Editora, 2024, p. 55-84.

VIEIRA, Luiz Gustavo Leitão. **A escrita da guerra: 'areté', 'nóstos' e 'kléos' na análise de narrativas de guerra**. Tese (Doutorado em Estudos Literários), Pós-Lit: Estudos Literários da FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2013.

WALTER FLEX (verbete). **Projekt Gutenberg**. 2024. Disponível em: <https://www.projekt-gutenberg.org/autoren/namen/flex.html>. Acesso em: 26 jul. 2024.

YALOURIS, Nicolaos. A importância e o prestígio dos Jogos. In: YALOURIS, Nicolaos (org.). **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga: Olímpia Antiga e os Jogos Olímpicos**. Trad. Luiz Alberto M. Cabral, São Paulo: Odysseus, 2004, p. 81-85.

## FILMOGRAFIA

ADAM, Peter (dir). **Art of the Third Reich**. Inglaterra, p&b; cor, 1989, 120 min.

COHEN, Peter (dir). **The Architecture of Doom**. Suécia, p&b; cor, 1989, 123 min.

RIEFENSTAHL, Leni (dir.). **Olympia**. Alemanha, p&b, 1938, 212 min. I: Fest der Völker, 115 min.; II: Fest der Schönheit, 97 min.

\* \* \*

Recebido em: 28 jul. 2024.  
Aprovado em: 25 set. 2024.



# Uma perspectiva sobre o hipismo olímpico brasileiro: da Missão Militar Francesa ao Jogos Olímpicos

A Perspective on Brazilian Olympic Equestrianism:  
From the French Military Mission to the Olympic Games

**Guilherme Carvalho Vieira**

Universidade Cesumar  
Maringá/PR, Brasil  
guivieira9988@gmail.com

**Ester Liberato Pereira**

Universidade Estadual de Montes Claros  
Montes Claros/MG, Brasil

**Janice Zarpellon Mazo**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre/RS, Brasil

**RESUMO:** O hipismo foi inserido nos Jogos Olímpicos em 1900, na edição realizada em Paris, na França. O Brasil teve representante na competição hípica somente em 1948. Até essa data, marcante para o hipismo no cenário olímpico nacional, foram achados indícios que revelam a raiz militar e a ligação com a elite na constituição do esporte. Diante de tais informações, o artigo tem, por objetivo, compreender o papel do exército no desenvolvimento do hipismo no Brasil, desde a década de 1920, quando houve a contratação da Missão Militar Francesa, até o final de 1940, com a primeira representação brasileira, composta por militares, na modalidade em Jogos Olímpicos. Para tal, utilizamos fontes documentais do acervo da Escola de Equitação do Exército (EsEqEx) e da imprensa brasileira do período. Apontamos que, no período anterior à participação olímpica, a instituição precursora dessa prática, em âmbito nacional, foi a Escola de Equitação do Exército (EsEqEx), um legado da Missão Militar Francesa (MMF).

**PALAVRAS-CHAVE:** História; Missão Militar Francesa; Hipismo; Jogos Olímpicos; Exército.

**ABSTRACT:** Equestrianism was introduced to the Olympic Games in 1900, at the edition held in Paris, France. Brazil had a representative in equestrian competition only in 1948. Until this significant date for equestrianism on the national Olympic scene, there were indications revealing the military roots and elite connections in the formation of the sport. Given this information, the article aims to understand the role of the army in the development of equestrianism in Brazil, from the 1920s when the French Military Mission was hired, until the late 1940s, with the first Brazilian representation, composed of military personnel, in equestrian events at the Olympic Games. To do so, we used documentary sources from the archive of the Escola de Equitação do Exército (EsEqEx) and Brazilian press from the period. We point out that, in the period before Olympic participation, the precursor institution of this practice on a national level was the Escola de Equitação do Exército (EsEqEx), a legacy of the Missão Militar Francesa (MMF).

**KEYWORDS:** History; French Military Mission; Equestrianism; Olympic Games; Army.



## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

O desenvolvimento dos esportes modernos e o Exército Brasileiro têm uma relação de proximidade. Podemos inferir que a Educação Física e os esportes têm suas raízes militares, no início do século XX.<sup>2</sup> Assim, um novo ideal de corpo, forte e saudável, culminou com a difusão de práticas esportivas populares para certos grupos sociais, como, por exemplo, as modalidades coletivas, tais como: voleibol, basquetebol e futebol. Já algumas modalidades mais restritas, como é o caso do hipismo, golfe e polo, têm sua difusão concentrada em algumas regiões e com determinado público, com aspecto homogêneo. Nesse caso, situado no nosso estudo, o hipismo, que deriva de práticas equestres, foi desenvolvido de forma sistemática pelos militares e das sociedades hípicas.

A necessidade de modernização do Exército Brasileiro culminou em diversas iniciativas para melhorar a imagem das Forças Armadas perante a sociedade civil e consolidação de uma doutrina de Guerra,<sup>3</sup> além de atrair jovens para a carreira militar. Frente a essa situação, o Exército Brasileiro e o Estado contrataram a Missão Militar Francesa, que promoveu a criação do curso de Equitação, que passou a destacar-se na promoção do hipismo clássico ainda na década de 1920. Nas décadas seguintes, a prática foi promovida pelo Exército, no Brasil, e em 1948 temos a primeira delegação de cavaleiros competindo no hipismo dos Jogos Olímpicos. A modalidade foi permeada por uma constituição militar de qualidade, cujos valores estão presentes tanto na prática esportiva como no desejo de constituição de hegemonia masculina, com base na força, altivez e honra.<sup>4</sup> Assim, como esporte capaz de desenvolver tais competências, o hipismo atua como fonte de garantia de formação de liderança e polidez, uma vez que tal esporte era fechado sob alta patente do exército.<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> Financiamento: A presente pesquisa foi realizada com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), Processo: APQ-03240-22, Edital Nº 009/2022 - Fortalecimento e Consolidação da Pesquisa na UEMG e UNIMONTES. A pesquisa faz parte do projeto: HIP-POS BR - Projeto Interinstitucional (Unimontes, UFRGS, UFAM e CBH) de Mapeamento Histórico do Esporte Hípico no Brasil (<https://www.instagram.com/hippos.br/>).

<sup>2</sup> GÓIS JUNIOR. Nacionalismo, Educação Física e a missão francesa na Força Pública de São Paulo: uma comunidade imaginada (1906-1913).

<sup>3</sup> MALAN. *Missão Militar Francesa de instrução junto ao Exército Brasileiro*.

<sup>4</sup> CONNELL; MESSERSCHMIDT. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito, 2013.

<sup>5</sup> LEAL. *A Missão Militar Francesa e a equitação no Brasil*, 2019.

O artigo tem, por objetivo, compreender o papel do exército no desenvolvimento do hipismo no Brasil, desde a década de 1920, quando houve a contratação da Missão Militar Francesa, até o final de 1940, com a primeira representação brasileira, composta por militares, na modalidade em Jogos Olímpicos. Para isso, utilizamos fontes documentais disponíveis no acervo da Escola de Equitação do Exército (EsEqEx) e na imprensa brasileira da época. Nosso recorte temporal abrange as décadas de 1920 a 1940, período que vai desde a contratação da Missão Militar Francesa até a primeira participação do Brasil em uma competição olímpica, com cavaleiros do exército.

Ao longo da história da humanidade, humanos e cavalos estabeleceram uma relação multifacetada. Inicialmente, essa parceria se manifestou em atividades agrícolas, militares, rituais religiosos e momentos de lazer e competição esportiva. Durante períodos dominados por regimes imperiais, o cavalo representava uma distinção social, associada ao poder.<sup>6</sup> No contexto das interações entre humanos e animais, a relação com os equinos desempenhou um papel destacado em diversos aspectos sócio-históricos, especialmente nos esportes aristocráticos e de uma elite militar, como a caça à raposa e as corridas de cavalos.<sup>7</sup> Tal princípio do esporte foi um passo para a esportivização da prática, que a tornou representativa de civilidade e polidez, como, por exemplo, o hipismo.<sup>8</sup>

O hipismo, no Brasil, em especial na região sudeste, com foco nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, teve grande influência da Missão Militar Francesa (MMF), após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), como parte de um esforço para modernizar o exército brasileiro. Este contrato de intervenção foi estabelecido com a finalidade de promover melhorias nas Forças Armadas brasileiras e acompanhar as reformas militares em curso em países do Ocidente. Dada a fragilidade e a escassez de pessoal com habilidades e competências militares, no Brasil, naquela época, a baixa no recrutamento tornou-se uma preocupação significativa. Para enfrentar esses desafios e consolidar as reformas, o Brasil contratou uma missão francesa,

---

<sup>6</sup> HAAN; DUMBELL. *Equestrian Sport at the Olympic Games from 1900 to 1948*.

<sup>7</sup> PEREIRA; MAZO. *A Caça à Raposa em Porto Alegre-Brasil: uma apropriação cultural*, 2014.

<sup>8</sup> PEREIRA. *Configurações sócio-históricas da equitação no Rio Grande do Sul: uma investigação das redes de interdependência nas práticas esportivas equestres*, 2016.

resultando neste contrato de cooperação. Foi nesse contexto que o Curso de Especialização em Equitação foi estabelecido.<sup>9</sup>

A equitação mantém uma relação intrínseca com o contexto militar, tendo suas raízes profundamente ligadas à vida dentro dos quartéis. A prática do hipismo é considerada uma tática essencial para aprimorar o policiamento montado e desenvolver habilidades atitudinais,<sup>10</sup> especialmente aquelas relacionadas à interação entre humanos e cavalos. A simbologia da relação homem-cavalo como uma representação de liderança, historicamente associada aos combates ao longo da história, permanece presente no imaginário coletivo. Essa representação é particularmente evidente em um dos aspectos mais valorizados pelos militares no trabalho com cavalos. Para além disso, estudos demonstram que a relação entre humanos e cavalos, durante competições, promove o desenvolvimento da capacidade de liderança.<sup>11</sup>

Este estudo se amparou por meio de pesquisa documental em diversos arquivos e fontes. Estes incluem os arquivos da Escola de Equitação do Exército (EsEqEx), da Confederação Brasileira de Hipismo (CBH), do Arquivo Histórico do Exército (AHEx), do acervo da Hemeroteca Digital Brasileira e do acervo pessoal da família de Oromar Osório, que foi comandante de Divisão de Cavalaria do Exército. Além disso, foram consultadas fontes impressas, como periódicos da cidade do Rio de Janeiro, que datam do período em questão. Essas fontes, que têm um valor histórico significativo, permitiram reconstruir o passado, ao fornecer informações sobre mudanças ocorridas ao longo do tempo em comparação com o presente.<sup>12</sup>

Em relação a tais acervos, os jornais tornam-se um elemento precioso para uma análise do imaginário social daquele período, em especial sobre o discurso da modernidade, e reveladores dos bastidores do esporte. Ao construírem sentidos de determinadas camadas sociais, puderam remeter às aspirações e desejos da sociedade daquele período, ao expressar valores e comportamentos daquele momento.<sup>13</sup>

---

<sup>9</sup> GUERRA. *100 anos da missão militar francesa no Brasil e sua contribuição para a evolução da doutrina militar terrestre brasileira*, 2019.

<sup>10</sup> TITAN. *A prática do hipismo percebida como uma ferramenta educacional de desenvolvimento emocional*, 2020.

<sup>11</sup> LARA. *O concurso completo de equitação como ferramenta de desenvolvimento de conteúdos da área atitudinal*, 2019.

<sup>12</sup> ALMEIDA. *O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas*, 2011.

<sup>13</sup> BURKE. *O que é história cultural?*.

Para tal, além dos arquivos citados, utilizamos o *Jornal dos Sports*, periódico especializado que possibilitou compreender o contexto pré-olímpico do hipismo.

O *Jornal dos Sports*, impresso esportivo carioca, era um importante periódico que veiculava notícias diárias sobre o esporte, além de apresentar o maior tempo de circulação. O primeiro número foi publicado no ano de 1931 e o último em 2010. O jornal, com sua proposta de noticiar, de forma mais instantânea, sobre os esportes, apresentou-se, em seus primeiros momentos, como um jornal simples, tendo em média, quatro páginas de extensão. Ao longo do tempo, na sua segunda década de existência, o jornal apresenta conteúdo mais robusto, um número maior de páginas e reportagens mais variadas.

As fontes foram submetidas a uma análise documental, composta pelas seguintes etapas: classificação das fontes; fichamento; e, em seguida, a análise propriamente dita das mesmas. Por fim, um cruzamento deste *corpus* documental permitiu evidenciar significados acerca do objeto de estudo. No que se refere às revistas, estas servem de subsídios para interpretar a significação do esporte hípico. No arquivo da Escola de Equitação do Exército, trabalhamos com documentos que evidenciam a participação de tenentes e coronéis, para procurarmos entender o financiamento da prática esportiva, qual o valor da mesma para a formação moral, e sua respectiva função no processo de modernização do exército.

Com a capacidade de captura da vida cotidiana, e aspirações por um modelo de vida, neste trabalho, optamos por usar as fontes impressas, no caso o *Jornal dos Sports*. Tratava-se de uma imprensa especializada em esportes, disponível na Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional. Esse periódico, que teve sua circulação nacional e sede na cidade do Rio de Janeiro, é um importante componente para este estudo, ao revelar cenas cotidianas do esporte pelas narrativas dos seus escritores e por apresentar um espaço importante dedicado ao hipismo.

Por fim, utilizamos o arquivo e a imprensa como fontes de forma que uma complementa-se à outra. Ao cruzar os dois tipos de fontes, podemos perceber o silenciamento de uma delas, ao revelar aspectos que fazem entender, de forma ampla, a hegemonia militar no hipismo, em um primeiro momento até a primeira participação brasileira nos Jogos Olímpicos nesta modalidade esportiva. Ainda permitem compreender a sua estrutura administrativa e como se deram os bastidores dos

Jogos Olímpicos, ao ter em vista que alguns relatórios da Escola de Equitação apresentaram informações bem representativas, além dos arquivos da família Osório. Desta forma, as fontes aqui presentes contribuem para conhecer e viabilizar as respostas postadas nas indagações do presente estudo.

#### **A INSTITUIÇÃO MILITAR E O FOMENTO AO ESPORTE**

O hipismo nacional é uma herança da Missão Militar Francesa, que chega ao Brasil com o propósito de modernizar as forças militares, além de garantir uma doutrina de guerra ao Exército Brasileiro (EB). Este já tinha interesse em ter uma coudelaria, com tal objetivo, desde o império de D. Pedro II. No entanto, a constituição das Forças Armadas, no Brasil, teve um processo um pouco amador, antes da Missão Militar Francesa. Para tal, vamos retornar um pouco no tempo e trazer um pouco sobre o contexto histórico da instituição militar no país. Esse panorama nos ajuda a entender a constituição histórico-cultural e a relação entre militares e sociedade civil.

As Forças Armadas brasileiras tiveram um processo de preservação de sua estrutura lusitana, a princípio, desde o período da Independência do Brasil. Essa ocorrência se deve, principalmente, ao fato de que o sistema de recrutamento do EB manteve-se de forma endógena, sem ter uma abertura oficial no momento de independência do país. Em sequência, o contexto de recrutamento para os cargos de oficiais manteve-se fechado a pessoas de origens nobres e, posteriormente, a tendência foi manter-se dentro da classe média, como pontua José Murilo de Carvalho (2010). O recrutamento de oficiais era realizado da nobreza para a classe média, tendo em vista que deveriam ter processo de formação nos colégios de nobres, na Academia da Marinha. No entanto, tais procedimentos tiveram que ser revistos, de 1809 a 1811, ocasião em que o Brasil teve um relaxamento nas normas. Já na Primeira República, o trabalho do historiador José Murilo de Carvalho pontua que, pelas informações, as origens dos tenentes são de famílias privilegiadas. O autor critica a condução de pessoas assim dentro do exército e culpa a falta de modernização das Forças Armadas brasileiras pelo recrutamento de pessoas de origens pobres.<sup>14</sup> No

---

<sup>14</sup> CARVALHO. *Forças Armadas e política no Brasil*.

entanto, na República, com Hermes da Fonseca, passou-se ao encaminhamento de um processo de modernização e ampliação da forma de recrutamento. O novo modelo passou a contar com sorteios e instituiu, nos colégios secundários, as orientações militares, criadas pela legislação em 1908. Tais propostas não tiveram êxito. Após tal cenário catastrófico, um grupo de jovens militares, com uso do poder da imprensa, tentou divulgar as ideias e contribuir para melhorar o nível de jovens recrutados. Tais jovens eram conhecidos como Jovens Turcos, conforme instituído pela revista Defesa Nacional, no governo de Wenceslau Braz, de 1914 a 1918. Os jovens turcos tiveram reconhecimento mais intensificado por ocasião da Primeira Guerra Mundial, contando também com o apoio de Olavo Bilac, poeta e filho de militar de grande aceitação no meio civil. Tal nova forma de recrutar conseguiu êxito e apresentou um número significativo nos anos de 1916 a 1919.

Outro fato importante a ser pontuado é a inconsistência na formação militar. O treinamento de oficiais apresentava-se como fraco no que correspondia à exigência de uma ciência militar e doutrina de guerra. A formação dos oficiais do exército era academicista e voltada para um saber intelectual, com pouca relação com as necessidades de um exército. José Murilo de Carvalho pontua que “a escola do exército estava formando bacharéis fardados”,<sup>15</sup> e que tinha, como objetivo, competir com os demais bacharéis. Também estavam presentes, no quartel, alguns oficiais que não tiveram o processo de formação na escola do exército. Esses recebiam a denominação de “tarimbeiros”, de forma pejorativa. Nesse contexto de despreparo do corpo militar brasileiro, que tinha sua formação muito teórica e acadêmica, o Brasil começou a criar uma relação com outro país que apresentava um exército com um bom treinamento e moderno. Em um primeiro momento, o Brasil assinalava um desejo de criar uma missão de treinamento com os alemães. Entre os anos de 1906 e 1910, o exército mandou três turmas para a Alemanha, tendo em vista o desejo de Hermes da Fonseca.<sup>16</sup> No entanto, tal relação não prosperou de forma efetiva e o país acabou por recorrer ao exército francês para consolidar tal missão de modernizar as Forças Armadas brasileiras.

---

<sup>15</sup> CARVALHO. *Forças Armadas e política no Brasil*, p. 25.

<sup>16</sup> FAUSTO. *História do Brasil*.

Em 9 setembro de 1919, é fechado o acordo entre Brasil e França, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento de uma doutrina militar compatível, ao nível internacional, tendo em vista a defasagem do exército brasileiro em comparação com os demais países do ocidente. Neste momento, estão presentes os primeiros desdobramentos da consolidação de uma equitação voltada para o contexto militar com uma formação profissional, que visa à melhor participação e utilização do animal para fins de tração e carregamento de carga, uma doutrina de equitação. Nesse caminho, José Alberto Leal coloca que:

A preocupação dos exércitos brasileiro e francês com a equitação e com a saúde equina se revela já no artigo I do contrato firmado entre os representantes do governo do Brasil e o ministro da Guerra da França, em 9 set. 1919, para o envio de uma Missão Militar Francesa (MMFB) ao Brasil. Na relação de cargos da Missão, está a designação para a “*École de Perfectionnement des Officiers de tout armes*” — a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais — de um oficial de Cavalaria *écuyer* — equitador —, um veterinário militar para diretor da Escola de Veterinária, um segundo veterinário adjunto e um mestre-ferrador. Isto se entende quando verificamos que, não obstante o aumento do poder de fogo e da motorização de alguns meios, os exércitos da época moviam-se em dorso de cavalo.<sup>17</sup>

É evidente que a relação entre Brasil e França, por intermédio da MMF, contribuiu como uma porta de entrada para a criação de cavalos baseada em melhores performances que alcançam tanto o cavalo quanto o cavaleiro. A tração animal era uma das formas mais eficientes de transporte em momentos mais remotos; no entanto, tornou-se obsoleta com o passar do tempo. Ao mesmo tempo que a relação dos militares com os animais encaminhou para o campo do esporte e do policiamento montado, que além de incorporar valores tradicionais, na representação que o cavalo tem para a instituição militar, constituída em muitos momentos históricos.

Tinha-se em vista o desejo eminente de constituir uma doutrina de guerra decente para as forças armadas da nação brasileira e a criação de uma equipe de equitação apresenta desde do início do contrato certas condições para explorar a formação de forma dos padrões franceses, e que fosse condizente com as necessidades daquele momento, ao considerar-se que a nas forças militares, da necessidade do animal para corporação. As exigências dos franceses no que se refere à criação e

---

<sup>17</sup> LEAL. A Missão Militar Francesa e a equitação no Brasil, p. 43.



ao cuidado dos equinos também possibilita a demonstração de que o país não possuía, de forma sistemática, uma estrutura ou equipamento voltado para tais aspectos, assim como tampouco para o treinamento dos animais.

Por meio desse esforço, o Brasil consolidou a proposta de planejar algo voltado ao treinamento militar com equinos. Logo é instituído o primeiro curso de instrução de equitação na escola do Estado-Maior do Exército, pelo ministro da guerra, General Sobrinho de Carvalho, em 1923. Um ano antes, o Ministério da Guerra, encaminhou para os centros de instrução as diretrizes da nova organização e modernização implantada pela Missão Militar Francesa, conforme evidencia-se no técnico escrito pelo 1º tenente Oromar Osório.

Em uma portaria de 20 de abril de 1922, o ministro da guerra criou os centros de instrução do exército, prevendo para a arma de cavalaria, entre outros cursos, o centro de formação de oficiais instrutores de equitação, com o objetivo de formar um núcleo de oficiais instrutores de equitação capazes de transmitirem, nas escolas e nos corpos de tropa, regras uniformes de equitação.<sup>18</sup>

Nesse aspecto, podemos observar a presença da necessidade de que a doutrina fosse tanto desenvolvida como transmitida para novas turmas, e, assim, dando continuidade à equitação nos moldes da equipe francesa. Outro ponto a ressaltar é a necessidade de padronização, que é um movimento presente na “esportivização”, tendo em vista que essa regulação dos movimentos também era um objetivo do processo de modernização que perpassa tanto o exército, quanto a sociedade civil daquele momento. Ainda, chama a atenção a necessidade de apresentação em público. Nesse mesmo ano, comemorava-se o centenário da Independência do Brasil (1822-1922). Isso fez com que o foco do curso fosse alterado e o novo objetivo era preparar o grupo para o Concurso Hípico Internacional, evento comemorativo dos 100 anos da Independência, com a orientação para que os instrutores franceses realizassem o treinamento de uma equipe brasileira. Esse treinamento aconteceria de 15 de maio a 15 de setembro de 1922, ou seja, durante quatro meses.

---

<sup>18</sup> OSÓRIO. *Resumo Histórico EsEqEx*, p. 1.

Em 20 de janeiro de 1924, o núcleo de adestramento apresenta sua primeira turma, ao modificar seu nome, agora denominado “Centro de Instrução de Adestramento”. Nesse mesmo ano, houve a primeira turma formada e a consolidação dos Esporas Douradas: “Através do Cap. Gloria, a escola de cavalaria Saumur chega, aos oficiais instrutores brasileiros, o privilégio do uso das esporas douradas, tradição medieval absorvida por aquela escola”.<sup>19</sup> Tal artefato era oferecido, como algo representativo para aqueles que concluíam o curso de instrutor, ao invocar um valor histórico, atribuído desde uma ordem religiosa, que propagava a fé, a um título de honra que foi adaptado para os militares, representando destaque aos cavaleiros que a recebiam.

No mesmo ano, em 1924, foi implantada a “liga Sports do Exército”, “cuja presidência coube ao general João Gomes Ribeiro, e a chefia do Departamento Hípico ao Major Antônio da Silva Rocha.” Esta entidade teve um papel destacado ao impulsionar a prática por meio da promoção de competições: “Ambos incrementam as competições hípicas, particularmente no Rio de Janeiro (campo de São Cristóvão) e em São Paulo (Sociedade Hípica Paulista)”.<sup>20</sup> De acordo com a documentação analisada, neste momento temos a existência dessa prática centralizada no eixo Rio-São Paulo, e no caso de São Paulo, a MMF foi precursora na difusão do hipismo, como aponta o documento: “São Paulo, através de sua força pública, já se beneficia da presença de um instrutor de equitação francês, o Cap. Frederich Statimuller, componente da Missão Francesa para reorganização daquela corporação”.<sup>21</sup> A participação dos franceses no processo de reorganização das forças armadas do país, parece ter sido um elemento de grande contribuição para as primeiras competições, como foi relatado em documento, datado do ano de 1925, quando tivemos o registro de uma competição sediada no Rio de Janeiro, capital do país na época.

A 12 de outubro de 1925, realizou-se a primeira competição hípica inter-estadual, entre o Rio de Janeiro e São Paulo. A prova apresentava obstáculos com altura média de 1 metro e 30 cm, em sua maioria fixos. Os Oficiais Alunos do Centro de Instrução de Adestramento logram êxito e aplausos da assistência paulista, face a uniformidade na condução de suas montadas.<sup>22</sup>

<sup>19</sup> OSÓRIO. *Resumo Histórico EsEqEx*, p. 3.

<sup>20</sup> OSÓRIO. *Resumo Histórico EsEqEx*, p. 3.

<sup>21</sup> OSÓRIO. *Resumo Histórico EsEqEx*, p. 3.

<sup>22</sup> OSÓRIO. *Resumo Histórico EsEqEx*, p. 3.

Neste período, temos a presença dos primeiros registros das competições, de forma que o relatório é escrito, e apresentado no mapa, pelo tenente Osório. Tal documento contém algo primordial para um processo de esportivização e modernização da prática de cavalgar, que é a “uniformidade”. Ainda, podemos pontuar a relação e a influência da equitação clássica, também denominada acadêmica, de origem francesa, que traz o salto como uma modalidade de destaque. Percebi que essa intervenção permanece condicionada ao hipismo nacional, o qual realça as provas de salto, ao apresentar-se logo à frente, de forma detalhada, para além de seu destaque na imprensa.

O curso de instrutores de equitação pode ser pontuado como condutor da difusão do hipismo enquanto modalidade de esporte moderno. No entanto, a EsEqEx teve suas atividades interrompidas, embora relatos encontrados em documentos colocam que os oficiais tinham a obrigação de difundir os conhecimentos adictos. Notamos que a escola passou por uma fase inicial e, posteriormente, teve suas atividades suspensas em decorrência da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), como podemos contemplar no fragmento de texto logo abaixo:

[...] assessorado pelo Major Euclides de Oliveira Figueiredo, que cursara a Escola de Cavalaria de Hannover, na Alemanha, e sob coordenação do Capitão francês Armand Gloriá, consagrado cavaleiro. Em 1928, transformou-se em Curso Especial de Equitação, sob a chefia do Major Robert Batistelli, o qual regressou à França em 1933. A partir daí os oficiais brasileiros, Capitão Armando de Moraes Âncora, Capitão Oswaldo Borba e Capitão Manoel Garcia de Souza, como instrutores-chefes, foram incumbidos de difundir os conhecimentos equestres desenvolvidos na Europa.<sup>23</sup>

Essa passagem, retirada de um relatório da EsEqEx, evidencia a relação de outras pessoas com a experiência da equitação alemã. No entanto, com a consolidação da MMF no Brasil, a equitação militar no país fundamentou-se na vertente francesa, em um primeiro momento. Todavia, o desenvolvimento da equitação nas Forças Armadas, pelos militares franceses.

---

<sup>23</sup> OSÓRIO. *Resumo Histórico EsEqEx*, p. 1.

Como pontuado, a necessidade de uma doutrina e a influência da MMF na equitação, promoveu o estilo “francês” de cavalgar em meio aos instrutores. Tal estilo se difundiu no cenário nacional, tendo em vista que a base teórica do curso de equitação é de origem francesa. Inclusive, os manuais de equitação utilizados à formação, eram redigidos em língua francesa como apresentado na imagem abaixo.



Manual de Equitação Francês. Fonte: Arquivo da Família Osório.

Acima, temos um exemplar do manual da Escola de Cavalaria de Saumur, uma das instituições de equitação militar mais tradicionais, proveniente do arquivo pessoal da família Osório. A Escola de Cavalaria de Saumur serviu como base teórica na formação dos instrutores de equitação no Brasil. É possível que o estilo de equitação francês influenciou, profundamente, a maneira como cavaleiros e cavalos interagiam na prática. Este é mais um exemplo da sólida difusão do modelo de equitação acadêmica francesa.

No período de 1939 a 1945 houve uma interrupção causada pelas circunstâncias globais do conflito da Segunda Guerra Mundial, afetando diretamente a continuidade da formação de instrutores no Brasil. Após esse ano as atividades da EsExEq foram retomadas e passaram a ser oferecidas nas dependências do Departamento de Equitação e de Educação Física da Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro. O brasão abaixo é um símbolo representativo da instituição.



Fonte: Exército Brasileiro.

No brasão percebemos a ausência de uma referência direta ao cavalo e apenas uma simples elaboração. O que o diferencia dos demais, é o brasão da divisão de desporto e cultura, que apresenta, de forma explícita, as práticas de esportes. Cabe mencionar que anos depois, em 1954, foi estabelecida a denominação atual da EsEqEx, mas manteve a representação pelo brasão.

Diante de tais indícios, verifica-se a configuração de uma instituição, a Escola de Equitação do Exército, enquanto o berço do hipismo, porém não devemos esquecer de que a cultura equestre, com práticas de equitação, já era presente no Brasil, em especial as corridas de cavalos, nos *jockey clubs*. Outro aspecto a observar é que esse esporte apresenta a sua prática delimitada ao público da caserna, que são os militares de alta patente, e que o curso de instrutor de equitação era delimitado a um público restrito. Destaca-se que, no final de seu curso, era dada uma honraria de distinção: as esporas douradas.

Em consonância com o exposto, a MMF foi a precursora no desenvolvimento de técnicos instrutores de equitação, com uma média de 10 instrutores formados entre os anos de 1924 a 1937. Nesse primeiro momento, tinha sua composição formada por Tenentes, Capitão e Major. Já entre as décadas de 1940, mais precisamente de 1946 a 1969, a média de formandos foi de 9 a 13 instrutores, permanecendo em sua maioria os tenentes e capitães. A título de esclarecimento, a

hierarquia do exército brasileiro no período era: Marechal; e assim segue.<sup>24</sup> General do Exército, General de Divisão, General de Brigada, Coronel, Tenente-Coronel, Major, Capitão, 1º Tenente, 2º Tenente, Aspirante a Oficial, Subtenente, 1º Sargento, 2º Sargento, 3º Sargento, Cabo, Taifeiro-mor, Taifeiro de 1ª Classe, Taifeiro de 2ª Classe, Soldado.

Tal hierarquia é importante no processo de entendimento da constituição do esporte hípico no Brasil, uma vez que sua prática era restrita a um determinado núcleo: o alto escalão das Forças Armadas. Os membros do alto escalão, posicionados acima da patente de capitão eram os praticantes de hipismo, enquanto que para os demais restava, provavelmente, cuidar dos cavalos. Esta hierarquia de posições dos agentes presume o caráter elitista que o esporte apresenta posteriormente. Nesse aspecto, é necessário um debate sobre o esporte hípico e suas dinâmicas de estabelecimento.

#### **OS ESPORTES NAS FORÇAS ARMADAS E A POTENCIALIZAÇÃO DO HIPISMO**

No presente tópico, o debate centra-se na difusão dos esportes pela Forças Armadas brasileiras e a consolidação do hipismo enquanto uma modalidade olímpica, ao interpretar o processo de esportivização da modalidade, e o seu papel para a corporação. As Forças Armadas são precursoras na difusão de uma “cultura física” no país, ao apresentarem destaque no papel de esportivização e difusão das práticas corporais e esportivas entre o final do século XIX e o século XX. Esse movimento aconteceu, de forma sólida, na primeira metade do século XX, por meio da organização de ligas esportivas, conforme Cancelli e Mataruna (2012). Como exemplo, teve-se a Liga Militar de *Football*, no Exército, e a Liga de *Sports* da Marinha (LSM), ambas fundadas em 1915. Como apontam os autores:

Ao longo de todo o século XX, a prática do esporte e da atividade física nas Forças Armadas (FFAA) brasileiras, até a década de 1940, era composta apenas por Exército e Marinha. Ampliou-se de maneira significativa, tendo os militares participado no processo de estabelecimento das primeiras escolas de formação em Educação Física do país e atuação

---

<sup>24</sup> TURMAS de alunos formados na EsEqEx. In: ESCOLA DE EQUITAÇÃO DO EXÉRCITO (EsEqEx).

significativa na organização de eventos esportivos no Brasil, caso dos Jogos do Centenário de 1922”.<sup>25</sup>

Semelhante ao papel das escolas secundárias da Inglaterra na difusão do esporte, no Brasil, quem recebeu essa atribuição foram as Forças Armadas. O intuito era treinar o corpo da sociedade brasileira preparando futuros ingressantes nas instituições militares, assim como a difusão de cultura física para manter o corpo saudável para o trabalho na indústria. Era também aparado um desejo nacional do período, permeado por um valor simbólico: as práticas corporais e esportivas, que denotavam a mudança, a ruptura com o antigo, remetido ao aspecto higiênico e moral.

Nesse caminho, notamos o papel primordial da imprensa em divulgar os saberes e propagar os valores relacionados à prática esportiva. O papel de divulgação, e até a demonstração das normas de cada modalidade, é o destaque da Revista Educação *Physica*. Nesta revista há sempre um “doutor” (médico e sanitarista) assinando artigos e apresentando as normas, além dos benefícios e as classificações do esporte. A este respeito trata o recorte a seguir, intitulado a Oficialização dos esportes, assinado pelo Dr. Tobias Machado.

Quando se fala em regulamentação do esporte, pensa-se, desde logo, no “football”, diversão enraizada na massa popular e causa de toda a desorganização esportiva nacional, pela atração que desperta e subsequente desinteresse pelas demais atividades, tão propícias à educação do espírito e do corpo.

De fato, esporte é distração para o espírito e o coroamento da educação física, pois visa ao desenvolvimento do indivíduo, aprimorando suas qualidades superiores, como acuidade sensorial, força, resistência, velocidade e destreza, além de aperfeiçoar suas qualidades morais, como a atenção, a coragem, a audácia, a tenacidade, o sangue frio, a disciplina, a solidariedade e a energia.<sup>26</sup>

Na citação supramencionada nota-se um incômodo com o esporte popular, o futebol. Pelo descrito, a causa do desinteresse da população em praticar os demais esportes, além de ser um fenômeno quase incontrolável, não se enquadra, de forma prática, aos anseios de uma educação moral pelo esporte. Já no segundo parágrafo da passagem acima, o autor voltou a ressaltar os benefícios dos esportes, dentro dos seus modelos de controle.

---

<sup>25</sup> CANCELLA; MATARUNA. Gestão do Esporte Militar no Brasil: uma análise histórica do primeiro modelo de gestão adotado pela Liga de Sports da Marinha (1915-1919), p. 126-127.

<sup>26</sup> MACHADO. Oficialização dos Esportes, p. 50.



Após tal passagem, o artigo volta a criticar fortemente o futebol, o qual se mostraria como um esporte incapaz de tornar visíveis os valores cultuados na prática esportiva. Sugere que o futebol gerava um certo descontrole, indo contra o que o estado almejava: ter um corpo controlado e saudável pela prática de esporte. Nesse caso, o futebol se apresentava de forma subversiva, por isso estão presentes fortes críticas ao descontrole gerado pelo esporte e sua “assistência” (espectadores). Nesse momento, a necessidade de manter a ordem proporcionou a criação e consolidação de uma estrutura administrativa para o esporte.

A necessidade de criação dessa padronização para além de uma educação física, é pautada na seguinte argumentação: “Todos os esportes são regulamentados pelas instruções e regras que orientam a sua prática, aumentam sua eficiência, evitam os excessos, coíbem os abusos, restringem as faltas, no intuito de cultivar cada vez mais as possibilidades físicas, intelectuais e morais dos que praticam”.<sup>27</sup> Nesse mesmo caminho, encontramos a criação e organização de uma instituição para manter a atualização das regras e uniformizar a prática do esporte. Nessa direção, segue, abaixo, a passagem que remonta à necessidade de manter a organização:

#### Reorganização dos Desportos Nacionais

Todas as federações nacionais com filiação internacional direta terão uniformizadas as suas denominações que passarão a ser as seguintes: Confederação de Tiro, Confederação Brasileira de ciclismo, Confederação Brasileira de Pugilismo, Confederação Brasileira de Motociclismo, Confederação Brasileira de Basketball, Confederação Brasileira de Hipismo, Confederação Brasileira de Esgrima, Confederação Brasileira de Xadrez, Confederação Brasileira Bilhar, Confederação Brasileira Vela e Motor, Confederação Brasileira, Confederação Brasileira de Desportos (foot-ball, atletismo, natação, remo, tênis). Também com relação às entidades regionais haverá uniformização dos nomes, assim, as atuais ligas, as associações, Uniões etc., terão seus nomes uniformizados para “Federações”. Tomando por base o Distrito Federal, as suas atuais “ligas” passarão a denominar-se: Federação de Basketball, Federação de Ciclismo, Federação de Natação. Como se observa, o plano estabelece a filiação direta dos clubes às Federações Regionais, e estas diretamente ligadas às confederações, e, finalmente, as confederações Brasileiras, com filiações internacionais, serão reconhecidas pelo Conselho Nacional de Esportes, órgão máximo controlador.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> MACHADO. Oficialização dos Esportes, p. 50.

<sup>28</sup> NOTICIÁRIO. *Revista Educação Physica*, p. 29.

Entende-se que o esporte é algo praticado em determinados moldes e submetido a uma hierarquia administrativa, que delimita sua prática ao criar regras e modelos. Apesar de uma evidente necessidade de padronização, a revista traz uma parte impactante no que corresponde ao profissionalismo no esporte, ao afirmar que isso corrompe o uso enquanto ferramenta desprovida de uma necessidade material.

A preocupação das rendas, dos troféus ou dos pontos nas tabelas, é o responsável pelo sacrifício da higidez e da própria vida de numerosos patriotas nossos, incentivados pelos espíritos rudes de dirigentes, presidentes de clubes, torcidas e técnicos responsáveis.

A decadência do esporte, em nosso país, chegou ao auge com o profissionalismo do “foot-ball”, quando se exacerbaram todos os sentimentos maus e perniciosos e se esqueceram dos demais esportes.

E assim como foram regulamentadas a caça e a pesca, no interesse de preservar a espécie animal do seu desaparecimento, pela incompreensão e insensatez dos seus apaixonados, teve o Governo, graça à sua nítida compreensão do interesse público do Presidente Vargas, necessidade de regulamentar, não só o esporte, porém os clubes e entidades, na defesa da própria espécie humana e da nossa raça.<sup>29</sup>

Percebemos que o esporte praticado de forma profissional é elevado a um *status* de perversidade, nessa reportagem. Segundo o autor, Dr. Thobias Machado, a busca de reconhecimento pelo esporte e do sucesso pode corromper os valores morais que vão em desencontro com o que era permeado pelo esporte. Nessa mesma passagem, em que o esporte profissional é questionado, o autor pontua que a organização da prática esportiva é um benefício para a “própria espécie humana”, e que a partir da padronização o esporte deixa de ser nocivo. Nesse caminho temos a percepção que o esporte organizado proporciona uma aceitação no meio das autoridades, uma vez que referem a existência de um sentimento pernicioso no esporte profissional. No segundo parágrafo da reportagem, ao falar da caça e da pesca, remetem a ideia de que a regularização pode controlar os impulsos, como a “insensatez e incompreensão”. No entanto, a organização pode ser percebida também como um fator que impulsiona as práticas de forma controlada, incentivando os eventos esportivos.

Após tal organização, podemos notar a presença de competições de esportes hípicas, incentivadas pela imprensa e estruturadas pela Federação Brasileira de Hipismo, como apresentado no fragmento a seguir:

---

<sup>29</sup> MACHADO. Oficialização dos Esportes, p. 50.



Fig. - Reportagem do *Jornal do Sport* sobre o Hipismo.  
Fonte: *Jornal do Sport*, 24 de maio de 1940 p. 6.

Na matéria acima, é notável a consolidação do esporte e suas competições submetidas à federação. Ainda, evidenciamos que a imprensa foi propagadora da prática, ao ter o seu nome nas provas, sendo a primeira intitulada “Diário de notícias” e a segunda “Associação Brasileira de Imprensa”. Também é possível perceber que as amazonas e a sociedade civil não recebem a mesma premiação.

Já em uma reportagem da revista *Almanaque do Esporte* sobre o exército e o esporte, foi evidenciada a organização da instituição e seu comprometimento com o esporte. Nessa direção, temos o presente fragmento:

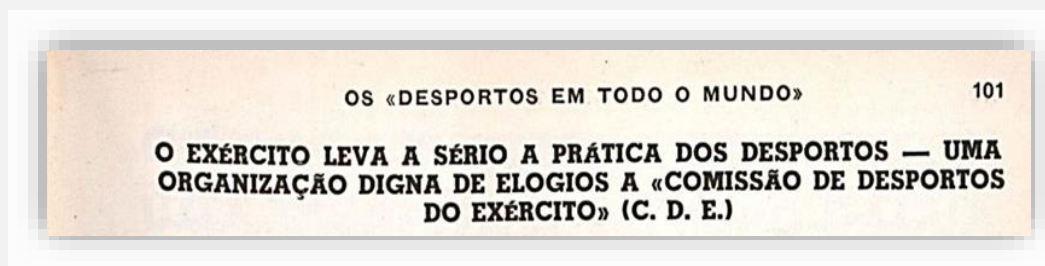


Fig. - Reportagem: Os Desportos em Todo o Mundo.  
Fonte: *Almanaque do Desporto*, nº 11, 1957, p. 101.

Em um título de destaque dentro do periódico, na parte reservada para as manchetes e reportagens internacionais acerca do esporte no mundo, a revista reporta a organização do esporte dentro do Exército e seu compromisso, com os demais, em divulgar para a sociedade civil. O que entra em destaque na matéria é a organização do esporte hípico, como ressalta a redação: “Recebendo o calendário de 1957 (Geral, de Polo e Hipismo), que foram gentilmente enviados pelo Cel. Pedro Geraldo de Almeida [...]”.<sup>30</sup> Nessa mesma matéria, após reforçar diversas vezes elogios para a instituição, é apresentando o calendário e quem pode competir em cada modalidade; no hipismo, só membros do alto escalão.

### **PRIMEIROS GALOPES PARA UMA HISTÓRIA DO HIPISMO OLÍMPICO NACIONAL**

A seguir, apresentamos um trecho da reportagem sobre as eliminatórias para os Jogos Olímpicos:

#### **PRIMEIRA ELIMINATÓRIA DE HIPISMO PREPARAM-SE OS SALTADORES CARIOCAS PARA AS OLIMPÍADAS**

Terá lugar hoje, às 15 horas, na pista do Carioca Esporte Clube, a 1<sup>a</sup> das 3 competições eliminatórias para seleção da equipe que representará o hipismo nacional nas Olimpíadas, em Londres.

Tomarão parte na eliminatória de hoje, que vem sendo aguardada com grande ansiedade, dada a sua importância, os seguintes cavaleiros: Major Franco Pontes - Cap. Rubem Continentino – Cap. Felício de Paula, e tenente Morrot Coelho, Todos do Departamento de Desportos do Exército; Hermes Vasconcellos e Jurandyr Patrone, este com um cavalo novo, sem grandes possibilidades, da Federação Hípica Metropolitana, cuja a equipe, está aliás, desfalcada de vários e seus melhores elementos,

<sup>30</sup> ALMANAQUE DO DESPORTO. Os Desportos em Todo o Mundo, p. 11.

inclusive do Sr. Roberto Marinho, que não disputará as eliminatórias. De Minas, tomará parte o Capitão Montedone e, do Rio Grande do Sul, o capitão Eloy Menezes.<sup>31</sup>

Nesta primeira reportagem do *Jornal do Sport*, temos a iniciação do Brasil rumo aos Jogos Olímpicos de Londres, que ocorreram em 1948. Esse é um momento histórico, que marca a primeira participação de uma equipe de hipismo na delegação brasileira (militar e civil nas eliminatórias). No entanto, a presença de civis não era de tal expressividade técnica, visto que para esses sujeitos o esporte era praticado de forma amadora. Contudo, a presença militar que já tinha uma prática sistemática apresentou um bom desempenho nas eliminatórias, o que garantiu a presença e sua hegemonia na primeira participação nacional do hipismo nos jogos olímpicos.

Afirmar que, na época, o hipismo era restrito aos membros do alto escalão levanta questões sobre o caráter elitista do esporte, o que não era incomum em outros esportes também. Uma análise mais ampla pode abordar como, historicamente, diversas modalidades esportivas eram acessíveis apenas às classes mais altas, devido a fatores como custos, infraestrutura e o status social exigido para participação.

Outro fato notável é de pessoas de grande influência e poder econômico, como o caso de Roberto Marinho, na época, um empresário da imprensa, que apresentou grandes participações em competição antes das eliminatórias, no entanto, não esteve presente em tal competição para disputar sua vaga rumo a Londres nos Jogos Olímpicos de 1948. Esse fato ilustra que o círculo de praticantes da modalidade era restrito a militares e grandes empresários, tendo como fator de sociabilidade o poder aquisitivo e ser membro de uma elite carioca, tanto como empresário ou militar de alta patente. Os civis não tiveram visibilidade na primeira competição olímpica, diferentemente dos militares que se destacaram nas eliminatórias, afinal, tinham o esporte como prática de treinamento e se apropriaram dos ensinamentos da equitação acadêmica francesa.

No final, temos o registro da primeira delegação do Brasil no jogos olímpicos, de Londres, ficou confirmada a participação do Brasil, na prova de salto, foi a precursora dessa primeira participação brasileira, com o seguintes cavaleiros, General Edgar Amaral, o Capitão Rubem Continentino, o Coronel Eloy Menezes, o Tenente

---

<sup>31</sup> *Jornal do Sport*, 18 maio 1948, p. 15.

Renyldo Pedro Guimarães Ferreira e o Tenente Coronel Franco Pontes. Destaca-se a atuação expressiva do Tenente Coronel Franco Pontes, que alcançou o 10<sup>o</sup> lugar na classificação geral das provas individuais de salto.<sup>32</sup>

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modernização do exército pela Missão Militar Francesa (MMF) e a disseminação do hipismo no Brasil seguiram caminhos paralelos, estabelecendo uma relação de interdependência entre ambos. O Curso de Instrutores de Equitação desempenhou um papel fundamental na difusão desse esporte equestre, especialmente no salto e no Concurso Completo de Equitação (CCE), os quais evidenciam uma forte influência francesa que, através da MMF, foi preservada e promovida entre os escalões superiores do Exército Brasileiro. Além disso, a Missão Militar Francesa proporcionou uma formação robusta que resultou na consolidação de um estilo de equitação fundamentado nos princípios teóricos da equitação acadêmica francesa.

O esporte hípico, em seus primeiros galopes rumo às competições olímpicas, teve a presença de militares. Após anos, foi registrada a participação de civis, ainda que com uma tímida presença nos Jogos Olímpicos de 1948. No entanto, o destaque foi para os militares, que estavam bem preparados ao nível nacional. O esporte em contexto do alto escalão dos militares compunha a racionalização do corpo e o movimento de polidez, contribuindo para a difusão de valores relacionados a determinada classe social e de ideal civilizado do momento histórico.

As fontes utilizadas, centradas na Missão Militar Francesa e no desenvolvimento do hipismo no Brasil, foram cruciais para entender como os valores militares moldaram o esporte e sua disseminação entre as elites. Contudo, uma abordagem futura poderia explorar mais detalhadamente como essa prática esportiva foi gradualmente incorporada por outros grupos sociais.

O estudo também reforça que o hipismo foi mais do que uma prática esportiva entre os militares. Ele serviu como um mecanismo de racionalização do corpo, alinhado com os ideais de disciplina, polidez e autocontrole, valores amplamente

---

<sup>32</sup> FÉDÉRATION Equestre Internationale. Resultados Individuais Jogos Olímpicos- Londres 1948.



promovidos pela Missão Militar Francesa e incorporados à formação militar brasileira. Esses valores refletiam um processo de civilização que não apenas moldava os oficiais do exército, mas também permeava o contexto social e cultural mais amplo, associando o hipismo a uma classe social específica e à ideia de modernidade e civilização que vigorava no período.

Por fim, o impacto da Missão Militar Francesa sobre o exército brasileiro transcendeu a esfera militar, moldando práticas culturais e esportivas, como o hipismo, que se tornaram símbolos de status e poder entre as elites. Ao mesmo tempo, essa influência consolidou um estilo de equitação que refletia os ideais de disciplina e polidez tão valorizados no período. O hipismo, em seu início no Brasil, não foi apenas um esporte; foi uma expressão de valores sociais e militares que ajudaram a definir o ideal de civilização de uma classe social dominante no contexto da primeira metade do século XX. O desafio futuro para pesquisas sobre o tema é ampliar essa análise para compreender como o esporte expandiu ou/e se democratizou (?) nas décadas seguintes, rompendo com suas origens exclusivas e abraçando novas camadas sociais.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

ALMANAQUE DO DESPORTO. Os Desportos em Todo o Mundo, Rio de Janeiro, n. 11, p. 101, 1 jan. 1957.

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Aedos**, Porto Alegre, v. 3, n. 8, p. 9-30, jun. 2011.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CANCELLA, Karina; MATARUNA, Leonardo. Gestão do Esporte Militar no Brasil: uma análise histórica do primeiro modelo de gestão adotado pela Liga de Sports da Marinha (1915-1919). **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 1, n. 2, p. 123-147, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. **Forças Armadas e política no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.



- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CONNELL, Robert. W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan. 2013.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12ª ed. São Paulo: EdUSP, 2006.
- FÉDÉRATION Equestre Internationale. Resultados Individuais Jogos Olímpicos-Londres 1948. **Banco de dados FEI**. Link: <http://bit.ly/4hMeShv>.
- GÓIS JUNIOR, Edivaldo. Nacionalismo, Educação Física e a missão francesa na Força Pública de São Paulo: uma comunidade imaginada (1906-1913). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, n. 4, p. 1023-1032, out. 2016.
- GUERRA, João Paulo Diniz. **100 anos da missão militar francesa no Brasil e sua contribuição para a evolução da doutrina militar terrestre brasileira**. João Paulo Diniz Guerra. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares), Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2019.
- HAAN, Donna de; DUMBELL, Lucy Claire. Equestrian Sport at the Olympic Games from 1900 to 1948. **The International Journal of the History of Sport**, [s. l.], v. 33, p. 648-665, 24 jun. 2016.
- JORNAL DO SPORT, 18 maio 1948, p. 15.
- JORNAL DO SPORT, 24 maio 1940, p. 6.
- JORNAL DO SPORT, 3 jan. 1940, p. 1.
- LARA, Anderson Albani. **O concurso completo de equitação como ferramenta de desenvolvimento de conteúdos da área atitudinal**. Rio de Janeiro: EsEqEx, 2019. Monografia.
- LEAL, José Alberto. A Missão Militar Francesa e a equitação no Brasil. **Revista do Exército Brasileiro**, Rio de Janeiro, p. 40-51, 2019.
- MACHADO, Tobias. Oficialização dos Esportes. **Revista Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 55, p. 50-55, 1 jun. 1941.
- MACHADO, Tobias. Oficialização dos Esportes. **Revista Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 55, p. 50-55, 1 jun. 1941.
- MALAN, Alfredo Souto. **Missão Militar Francesa de instrução junto ao Exército Brasileiro**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2018. 312 p.
- NOTICIÁRIO. **Revista Educação Physica**, 1940, n. 49.
- OSÓRIO, Oromar. **Resumo Histórico EsEqEx**. Rio de Janeiro, 1980.
- PEREIRA, Ester Liberato; SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpelon. As primeiras participações de atletas do hipismo sul-rio-grandense em Jogos Olímpicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 29, n. 1, p. 47-64, jan. 2015.

PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon. A Caça à Raposa em Porto Alegre-Brasil: uma apropriação cultural. **Recorde**: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, v. 7, ed. 2, p. 1-23, 2014.

PEREIRA, Ester Liberato. **Configurações sócio-históricas da equitação no Rio Grande do Sul**: uma investigação das redes de interdependência nas práticas esportivas equestres. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano), UFRGS, Porto Alegre, 2016.

RUBIO, Katia. A dinâmica do esporte olímpico do século XIX ao XXI. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, p. 86-90, dez. 2011.

THOMAZ, Diego Wander; SANTOS, Dionys Melo dos; TOLEDO, Luiz Henrique de. Ethos militar e masculinidades nos esportes olímpicos. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 2, p. e79389, 2021.

TITAN, Alex. **A prática do hipismo percebida como uma ferramenta educacional de desenvolvimento emocional**. Dissertação (Educação Física), Universidade Católica de Brasília, 2020.

TURMAS de alunos formados na EsEqEx. In: **Escola de Equitação do Exército (EsEqEx)**, 27 fev. 2024. Disponível em: <https://www.eseqex.eb.mil.br/turmas-formadas>. Acesso em: 21 fev. 2024.

\* \* \*

**Recebido em:** 28 fev. 2024.  
**Aprovado em:** 28 set. 2024.

## A narrativa de Adrian Gomes: ginasta que esteve nos Jogos Olímpicos de Londres sem competir

The narrative of Adrian Gomes: gymnast who was at the London Olympics without competing

**Natália Bender**

Universidade Federal de Pelotas  
Escola Superior de Educação Física, Pelotas/RS, Brasil

**Luiz Carlos Rigo**

Universidade Federal de Pelotas  
Escola Superior de Educação Física, Ginástica e Saúde, Pelotas/RS, Brasil

**Vivian Alt**

Universidade Federal de Pelotas  
Escola Superior de Educação Física, Pelotas/RS, Brasil

**Silvana Vilodre Goellner**

Universidade Federal de Pelotas  
Escola Superior de Educação Física, Pelotas/RS, Brasil  
vilodre@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar a participação de Adrian Gomes na seleção brasileira de ginástica artística, mais especificamente, sua presença nos Jogos Olímpicos de Londres. Com base no aporte teórico-metodológico da História Oral, realizamos entrevistas com a atleta e com pessoas que acompanharam de perto diversas etapas da sua carreira, como sua mãe, seu marido, dois de seus treinadores e uma treinadora. Essas entrevistas foram cotejadas com outras fontes, como materiais de seu acervo pessoal, reportagens e produções acadêmicas. Da análise, emergiram dois temas: a preparação para os Jogos Olímpicos e a impossibilidade de competir. A partir da narrativa da ginasta, foi possível identificar o longo e árduo caminho que percorreu para chegar à seleção brasileira, o orgulho de representar o país em várias competições e a frustração por lesionar-se às vésperas da prova olímpica para a qual estava inscrita.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jogos Olímpicos; Ginástica; História Oral; Atleta.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze Adrian Gomes' participation in the Brazilian artistic gymnastics team, particularly her presence at the London Olympic Games. Supported by the theoretical-methodological contribution of Oral History, we conducted interviews with the athlete and people who closely followed different stages of her career, such as her mother, her husband, two of her male coaches and a female coach. The interviews were compared to other sources, such as materials from her personal collection, reports, and academic texts. Two topics emerged from the analysis: the preparation for the Olympic Games and the impossibility of competing. From the gymnast's narrative, it was possible to identify the long and arduous path she took to reach the Brazilian team, the pride of representing the country in several competitions and the frustration of being injured on the eve of the Olympic competition for which she was registered.

**KEYWORDS:** Olympic Games; Gymnastics; Oral History; Athlete.

## INTRODUÇÃO

O ano de 2021 foi muito significativo para a ginástica nacional: nos Jogos Olímpicos de Tóquio, Rebeca Andrade levou o nome do Brasil ao lugar mais alto do pódio tornando-se a primeira campeã olímpica da modalidade e a primeira a conquistar duas medalhas em uma mesma competição. Seus feitos ampliaram-se em 2024 ao ganhar quatro medalhas nos Jogos Olímpicos de Paris, o que a alçou ao topo do esporte brasileiro por ser a atleta, entre homens e mulheres, que soma o maior número de medalhas olímpicas. Sua conquista resulta do esmero de uma atleta que encontrou no esporte um espaço de sociabilidade, prazer e empoderamento, cuja trajetória se assemelha a outras mulheres que dedicaram parte de suas vidas à ginástica artística e ao sonho de conquistar uma medalha olímpica. Ao comentar esse feito, Rebeca destaca que sua vitória é individual e também coletiva porque, antes dela, muitas meninas e mulheres se dedicaram a esta modalidade esportiva e abriram os caminhos para que ela pudesse chegar aonde chegou: “Todas as pessoas que já passaram pela ginástica feminina do Brasil se veem aqui nessa medalha, estão se sentindo orgulhosas de mim e fazendo parte dessa história. Estou só continuando, dando mais um passo na nossa geração”.<sup>1</sup>

A gaúcha Adrian Geovana Nunes Gomes é uma delas. Sua passagem pela ginástica artística é permeada por várias conquistas e por uma grande frustração: durante uma sessão de treinamento em Londres, quarenta e oito horas antes de competir nos Jogos Olímpicos de 2012, sofreu uma lesão na coluna lombar, sendo imediatamente afastada da seleção e substituída por outra atleta. Tal incidente marcou sua história de forma indelével, seja porque não disputou as provas para as quais havia arduamente se preparado, seja porque sua trajetória não figura em vários dos espaços que registram a história do esporte olímpico brasileiro. O fato de não ter disputado as provas parece ter lhe usurpado a condição de atleta olímpica e, de certo modo, a jogado no ostracismo e no esquecimento.

Considerando esse contexto, ao analisar aspectos relacionados aos Jogos Olímpicos pela perspectiva das Humanidades, julgamos necessário olhar para a trajetória de atletas que não alçaram a fama, cujas histórias vivem ofuscadas pelo brilho

---

<sup>1</sup> MEIRELES. Conheça a emocionante história de Rebeca Andrade, p. 4.

de quem conquistou as tão almeçadas medalhas. Nesse sentido, corroboramos Goellner e Macedo quando registram que visibilizar trajetórias de sujeitos e grupos que estão à margem do que é identificado como oficial “poderá promover a construção de outras histórias, evidenciando, assim, a pluralidade de discursos, práticas e representações que circulam no entorno de áreas específicas”.<sup>2</sup>

Fundamentado no aporte teórico-metodológico da História Oral, este artigo tem como objetivo analisar a participação de Adrian Gomes na seleção brasileira de ginástica artística, mais especificamente sua presença nos Jogos Olímpicos de Londres. Partimos do entendimento de que tal perspectiva “

[...] permite ouvir histórias de indivíduos e grupos que de outra forma seriam ignorados; permite expandir os horizontes do nosso conhecimento sobre o mundo; e estimula o questionamento de nossas próprias hipóteses a respeito das experiências e dos pontos de vista de outras pessoas e culturas.<sup>3</sup>

Os caminhos percorridos por Adrian Gomes se assemelham aos de muitos/as atletas que, impulsionados pelo sonho olímpico, superam inúmeros desafios para buscar a excelência dentro do esporte de alto rendimento. Além daqueles inerentes ao contexto esportivo, ela enfrentou vários outros por ser uma menina negra, oriunda de uma família humilde que residia em um bairro periférico da cidade de Porto Alegre, no sul do país. Nascida no dia 5 de abril de 1990, é a mais velha entre os três filhos de uma empregada doméstica e de um funcionário de um jornal da capital gaúcha. Sua inserção na ginástica se deu por meio da escola pública, cujo talento foi percebido por sua professora que a convidou para integrar a equipe de ginástica mantida por um centro de treinamento financiado por políticas públicas. Seus pais a autorizaram a participar desse projeto, conferindo suporte emocional e, dentro de suas possibilidades, o custeio de parte das despesas relacionadas às competições e à rotina de treinos. Em 1998, com oito anos, participou de uma competição e, em função de sua performance, foi convidada para realizar um teste para frequentar a escolinha do Grêmio Náutico União, um clube de referência no trabalho com a ginástica. A partir desse momento, sua trajetória alçou outros voos e, em 2005, com catorze

---

<sup>2</sup> MACEDO; GOELLNER. Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da Educação Física e esportes no Brasil, p. 163.

<sup>3</sup> PATAI. *História Oral, feminismo e política*, p. 124.

anos, foi convocada para a seleção brasileira de ginástica que treinava na cidade de Curitiba, no Paraná. Detentora de vários títulos nacionais e internacionais, entre convocações e cortes, Adrian representou o Brasil em várias competições: em 2009, foi a quarta colocada na trave na Copa do Mundo de Ginástica (Bélgica), disputou o Campeonato Mundial de Ginástica Artística (Holanda, 2010), foi campeã no individual geral do Campeonato Sul-Americano de Ginástica (Chile, 2011), conquistou o 5º lugar por equipes e o 12º no individual geral nos Jogos Pan-Americanos de Guadalajara em 2011. No ano de realização dos Jogos Olímpicos de Londres, Adrian confirmou seus bons resultados com a conquista da medalha de ouro na categoria individual geral, medalha de prata por equipes na trave, e campeã por aparelho no salto no I Meeting Internacional de Ginástica Artística realizado em Natal, no Rio Grande do Norte. Participou da Copa do Mundo em Tóquio, do Campeonato Sul-Americano sediado na Argentina, onde conquistou seis medalhas (quatro de ouro, uma de prata e uma de bronze) e do Campeonato Pan-Americano de Ginástica que aconteceu em Medellin, na Colômbia, onde se tornou medalhista de prata e de bronze.<sup>4</sup> Os resultados que alcançou nestes eventos aumentaram seu desejo de integrar a equipe olímpica e, para tanto, se dedicou aos treinos com afinco e disposição. “Sei que eu já estava convocada antes de sair os treinos no Rio de Janeiro, isso, se não me engano, aconteceu dois, três meses antes dos Jogos. Certa para os Jogos era eu e outra menina, o resto era dúvida”.<sup>5</sup>

Munida de autoconfiança, Adrian viajou para Londres certa de que representaria seu país no maior evento esportivo do planeta. No entanto, não foi bem assim, e seu retorno foi muito mais triste e desolador do que, em seu maior pesadelo, poderia imaginar.

## CAMINHOS INVESTIGATIVOS

A pesquisa está fundamentada no aporte teórico-metodológico da História Oral,<sup>6</sup> visto que “permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”.<sup>7</sup> Partimos do

---

<sup>4</sup> BENDER. *A ginástica artística no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes*, 2018.

<sup>5</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes, p. 5.

<sup>6</sup> AMADO; FERREIRA. *Usos & abusos da história oral*, 1998.

<sup>7</sup> ALBERTI. *Fontes históricas*, p. 155.

pressuposto de que a narrativa de Adrian Gomes contribui para preencher algumas lacunas que a história oficial da ginástica deixou no esquecimento, mesmo cientes de que suas palavras não representam ‘a verdade’, mas uma versão que é produzida e conformada pela sua visão de mundo e experiências que vivenciou.<sup>8</sup> Ao recorrermos às entrevistas como fonte de pesquisa, referenciamos Daphne Patai, quando afirma que “alguém repensa os acontecimentos da vida de alguém de modo que eles façam sentido”.<sup>9</sup> Essa perspectiva conduziu nossa intenção de reconstruir parte da trajetória esportiva de Adrian, tendo a oralidade como fonte. Entendemos que

[...] o esporte olímpico, assim como outros fenômenos humanos, apresenta marcas de um fato que se configura como social e se perpetua no atleta como o narrador de eventos que colaboram para a formação de um imaginário esportivo. Isso porque na condição de protagonista do espetáculo ele é, tanto o herói de seu tempo, como o anônimo em um futuro chamado pós-carreira.<sup>10</sup>

Para a construção deste texto, foram realizadas duas entrevistas com Adrian. Na primeira, abordamos temas relacionados com sua iniciação na ginástica, o apoio dos familiares, as primeiras competições e sua trajetória até chegar à seleção. A segunda teve como foco os treinamentos junto à equipe brasileira, as competições internacionais, os Jogos Olímpicos de Londres e o abandono da ginástica artística. Além da atleta, entrevistamos sua mãe, Vera Lúcia Nunes Gomes, e o marido da ginasta, Lucas Barreto Neves, pessoas que acompanharam de perto diversas etapas da sua carreira. Também foram entrevistados João Carlos Oliva, Presidente da Federação Gaúcha de Ginástica, Sérgio Stringhini e Lisiane Lewis Bergue, treinadores da atleta no Núcleo de Base do Alto Rendimento na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde Adrian treinou durante três anos, mais especificamente entre 2005 e 2008. Além dessas entrevistas, tivemos a oportunidade de acessar o acervo pessoal da atleta, composto por 28 crachás de identificação e credenciais de competições, 20 certificados, 80 medalhas, uma pasta com recortes de jornais e duas revistas. Esse material foi preservado por sua mãe, que teve a gentileza de nos emprestar e permitir que utilizássemos conforme os objetivos da

---

<sup>8</sup> PESAVENTO. *História e História Cultural*, 2004.

<sup>9</sup> PATAI. *História Oral, feminismo e política*, p. 42-43.

<sup>10</sup> RÚBIO. *Narrativas biográficas: da busca à construção de um método*, p. 14.



pesquisa. As entrevistas e os itens do acervo foram cotejados com fontes de naturezas distintas, tais como reportagens, entrevistas, produções acadêmicas e documentos institucionais com o intuito de “evitar unanimidades ou dicotomizações na forma de interpretar nossa história”.<sup>11</sup>

Do entrecruzamento dessas fontes, emergiram dois temas: a preparação para os Jogos Olímpicos de Londres e a frustração decorrente do corte e da sua substituição.

### **UMA GAÚCHA NA SELEÇÃO BRASILEIRA**

A primeira convocação de Adrian Gomes aconteceu em 2005, quando completava sete anos de treinamento junto ao Grêmio Náutico União que, em seu boletim informativo, registra:

A atleta de apenas 14 anos viajou em fevereiro para Curitiba, onde passou pela análise da comissão da Confederação Brasileira de Ginástica Olímpica (CBG) que reuniu 35 meninas. Foram três longos dias de testes físicos, técnicos e médicos, onde as atletas tiveram que demonstrar seu melhor desempenho.<sup>12</sup>

O afastamento da família foi uma das dificuldades com que teve que lidar na época, inclusive porque a comunicação se dava apenas por ligação telefônica, e estas não eram baratas. Diferente das meninas que moravam em Curitiba, inicialmente Adrian ficava hospedada em um hotel, na maioria das vezes, sozinha, até que se mudou para uma casa onde a seleção ficou alojada. Além disso, não estava acostumada a uma série de exigências que o processo de treinamento demandava:

Foi uma época bem sofrida para mim, porque era uma coisa muito regradada e eu não estava preparada psicologicamente, fisicamente eu estava, mas psicologicamente não, eu acho que eu era muito pequena. Eu me lembro que a gente não podia comer muito, a gente tomava bastante laxante. Eu lembro que se a gente engordava um pouquinho tinha que fazer força dobrado. A gente treinava muito, de verdade, a gente não podia sair da casa que a gente tinha. E só assim. Ao mesmo tempo em que era sofrido, eu gostava de treinar lá.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> MELO. Reflexão sobre a História da Educação Física no Brasil: uma abordagem historiográfica, p. 44.

<sup>12</sup> GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO. Ginasta unionista é selecionada para a Seleção Brasileira de Ginástica Olímpica, s.p.

<sup>13</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes (2), p. 3.

Em 1999, a Confederação Brasileira de Ginástica Olímpica, com o apoio do Comitê Olímpico Brasileiro e do Comitê Olímpico Internacional, iniciou um trabalho envolvendo dois ciclos olímpicos (2004 a 2008). Quando Adrian chegou a Curitiba para participar da seleção permanente, cujo objetivo era qualificar atletas para campeonatos internacionais, a comissão técnica era formada por três ucranianos: Oleg Ostapenko, Iryna Ilyashenko e Nadia Ostapenko.<sup>14</sup> Foi um período bastante intenso e focado, o que propiciou uma impressionante repercussão nacional e internacional para a ginástica artística brasileira. O trabalho realizado surtiu resultados e as primeiras conquistas começaram a acontecer a partir de 2003, quando o Brasil ficou classificado “em oitavo lugar entre as 12 equipes (países) que conquistaram o direito de levar uma equipe para os Jogos Olímpicos”.<sup>15</sup>

Na esteira dessa conquista vieram outras, e os treinamentos passaram a ser ainda mais rigorosos. Adrian não conseguiu se adaptar às determinações, e alguns meses depois de convocada, foi dispensada da seleção. Em 2010, ao ser novamente convocada, a atleta concedeu uma entrevista para a UOL Esportes e nela menciona aspectos relacionados a sua primeira passagem por Curitiba:

Eu saí da seleção por infantilidade, imaturidade e um pouco de indisciplina também. Tinha 14 anos, era muito maria-vai-com-as-outras, aí acabei saindo, até pelo peso também, que eu sempre tive problema para controlar. [...] Agora eu sempre penso no lado profissional. Antes fazia tudo muito na brincadeira. Hoje aprendi que sempre tenho que fazer meu máximo e nunca deixar para depois.<sup>16</sup>

Compor a seleção nacional figura no plano de muitas ginastas, no entanto, são pouquíssimas as que ascendem a este posto. Isso, de certa forma, provocava competições e atritos entre as atletas, o que para Adrian era algo que não sabia como lidar:

Eu nunca consegui, eu nunca soube disfarçar: “Ah, se eu não gosto de ti eu não gosto de ti”. Eu não vou falar o básico, o necessário e deu, não vou te tratar mal, óbvio, mas tinha gente lá que não conseguia fazer isso. E dos técnicos é a mesma coisa, sempre foi assim. [...] Eu lembro que tinha uma que não gostava de mim em 2005. Em 2010, eu já não sei se ela gostava ou se ela me aturava,

---

<sup>14</sup> NUNOMURA; OLIVEIRA. Centro de excelência e ginástica artística feminina: a perspectiva dos técnicos brasileiros, 2012.

<sup>15</sup> SCHIAVON. *Ginástica Artística Feminina e história oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980-2004)*, p. 38.

<sup>16</sup> ALMEIDA. Adrian Gomes supera indisciplina, peso e idade avançada, brilha e volta à seleção, s.p.

mas eu lembro que ela veio e falou que ela gostava de mim, que eu tinha mudado muito, que eu era outra pessoa, que não era a mesma de 2005.<sup>17</sup>

Ao consultar matérias que circularam na mídia, identificamos que um dos principais motivos para a dispensa, além da indisciplina, foi o aumento de seu peso corporal,<sup>18</sup> fantasma que assombra a rotina de uma ginasta. Segundo o Presidente da Federação Gaúcha de Ginástica, “Isso é geral a todas, não é só ela. A ginasta não pode estar nem acima nem abaixo do peso, porque perde rendimento. Isso é comum a todos os esportes”.<sup>19</sup> Ao analisar as trajetórias de ginastas participantes do Jogos Olímpicos no período de 1980 a 2004, Schiavon destaca: “Quanto mais aumenta seu peso, relativamente ela fica mais fraca, pois está realizando o mesmo movimento com o mesmo condicionamento de antes, porém, mais pesada. As ginastas precisam ser fortes e leves, características de ginastas do mundo todo”.<sup>20</sup>

Sobre esse episódio, Vera, a mãe de Adrian, tece o seguinte comentário:

Quando ela foi para a seleção, teve um período que começou a engordar. Ela queria comer as coisas e não podia; quando foi para lá, era muito controlado, alimentação e horário de treino também. Foi bem pesado e resolveram mandar ela embora em função de peso, que ela comia escondido com as colegas, mas como ela recém estava chegando lá, tudo cai no mais fraco... Elas comiam escondido e quando achavam era sempre a Adrian a culpada. Isso foi ela que me falou, porque eu não estava lá.<sup>21</sup>

Quando foi suspensa, Adrian tinha o convite para treinar em um clube sediado na cidade de Guarulhos, São Paulo, no entanto, em função de um contrato, o Grêmio Náutico União não permitiu essa transferência. Completamente desmotivada com sua carreira, a atleta voltou para o Rio Grande do Sul, abandonou a ginástica e o clube. Lisiane Bergue, uma das treinadoras que a acompanhou no Núcleo de Base da Ginástica da UFRGS, menciona que a desconvocação de Adrian foi bastante influenciada pela questão emocional: “Eu sei que ela era muito jovem, as meninas iam muito novinhas para lá, então não tinham uma estrutura psicológica muito boa, não

---

<sup>17</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes (2), p. 7.

<sup>18</sup> ALMEIDA. Adrian Gomes supera indisciplina, peso e idade avançada, brilha e volta à seleção, 2010.

<sup>19</sup> OLIVA. Depoimento de João Carlos Oliva, p. 6.

<sup>20</sup> SCHIAVON. *Ginástica Artística Feminina e história oral*, p. 86.

<sup>21</sup> GOMES. Depoimento de Vera Lúcia Nunes Gomes, p. 3.

tinham um apoio psicológico muito bom e ela acabou não dando certo lá.<sup>22</sup> Em sua entrevista, Vera relata:

E um belo dia nos ligaram e disseram, para os pais, ligaram para nós: “Estamos mandando a Adrian embora em função de peso e de outras coisas”, que eu não me lembro agora o que aconteceu por lá. Ela usava telefone também, acho que ela tinha um namoradinho, não me recordo. E foi isso então, essa parte foi a mais chata para nós.<sup>23</sup>

Ainda que não saibamos o que aconteceu na sua primeira convocação, interessa referir que o curto período de cinco meses no qual Adrian integrou a seleção pode ser considerado um divisor na sua vida esportiva, visto que marcou profundamente a relação dela com a ginástica, cujos treinos abandonou por completo. Seu pai, Giovane Nunes, mesmo percebendo a desmotivação da filha, insistiu para que ela continuasse. Na ocasião, procurou Sérgio Stringhini, técnico do Núcleo de Base, solicitando que a aceitassem na equipe com a qual permaneceu por três anos, chegando, inclusive, a participar de seletivas para a seleção. Relembra Sérgio:

Ela tinha um pouco de problema de peso e isso foi uma coisa que atrapalhou um pouquinho a carreira, porque ela não conseguia se controlar muito... Não que ela fosse muito pesada, mas não entrava nos padrões brasileiros de quem comandava a ginástica no Brasil. Então, quando eu ia levar ela para uma seletiva, o pessoal que comandava a seleção brasileira sempre reclamava e olhava para ela meio torto.<sup>24</sup>

Nas entrevistas que realizamos, tanto o treinador quanto a sua auxiliar ressaltam que Adrian, além de ser uma pessoa de fácil comunicação, possuía uma excelente qualidade técnica:

Eu posso dizer que ela sempre foi uma ótima atleta, eu gostei muito de ser treinador dela, gostei muito mesmo. Ela era muito forte, muito explosiva, muito flexível, tinha uma postura muito boa, uma coordenação motora muito boa, fazia as coisas que eu pedia. [...] Ela treinou eu acho que uns três ou quatro anos comigo e aprendeu muita coisa e, mesmo o pessoal da comissão técnica do Brasil ficando meio assim quando eu levava ela para campeonato nacional porque normalmente ela ficava entre as seis primeiras na categoria adulta.<sup>25</sup>

---

<sup>22</sup> BERGUE. Depoimento de Lisiane Lewis Xerxenevsky Bergue, p. 4.

<sup>23</sup> GOMES. Depoimento de Vera Lúcia Nunes Gomes, p. 4.

<sup>24</sup> STRINGHINI. Depoimento de Sérgio Stringhini, p. 5.

<sup>25</sup> STRINGHINI. Depoimento de Sérgio Stringhini, p. 5.

Lisiane enfatiza o quanto ela era disciplinada nos treinos. “Tudo que a gente propôs para ela, ela fazia, era fantástica para trabalhar. Era mais velha, a líder, então, as gurias respeitavam muito ela, não tinha grandes problemas, ela ajudava bastante.”<sup>26</sup>

Durante o período em que esteve no Núcleo, Adrian rompeu o tendão de Aquiles por duas vezes e teve que recorrer a mais de uma cirurgia, cujos gastos foram cobertos pelo seu plano de saúde.

Ela teve que fazer cirurgia para religar o tendão, só que ocorreu até um certo problema porque, na verdade, foi uma cirurgia que não foi bem executada, porque religaram, mas não fizeram um reforço suficiente para aquilo que ela precisava, simplesmente costuraram e acharam que aquilo ali ia aguentar. [...] Quando ela voltou a treinar não teve dúvida, rompeu de novo, aí fez um enxerto, ele pegou um pedaço, se eu não me engano da panturrilha, um pedaço do músculo, e botou como um reforço no tendão de Aquiles e fez a cirurgia.<sup>27</sup>

Já desmotivada pelas lesões consecutivas e com a falta de perspectivas em relação a sua trajetória esportiva, decidiu novamente abandonar o esporte:

Operei o pé no fim de 2007, quando rompi o tendão. Tentei voltar, mas rompi de novo no começo de 2008. Fiz todo o tratamento de novo. Aí em 2009, tentei fazer seletiva para a seleção, mas chegando lá disseram que não valia a pena, porque eu ainda não conseguia fazer tudo. Então desisti, achei que não dava mais, até porque o pé doía muito e eu achava que o esforço não seria recompensado.<sup>28</sup>

Quando tomou essa decisão, Adrian tinha 18 anos. Com mais tempo para os estudos, voltou para a escola com o objetivo de concluir o Ensino Médio e começou a trabalhar em uma cafeteria: “eu fui porque tinha que fazer alguma coisa da vida, eu não podia ficar parada em casa”.<sup>29</sup> No entanto, um convite de Adriana Alves, treinadora da equipe de ginástica do seu antigo clube, o Grêmio Náutico União, fez com que voltasse novamente às arenas esportivas. “Eu precisava completar a equipe para o Campeonato Brasileiro, aí eu a convidei para voltar. O intuito era só competir no Brasileiro, mas ela acabou ficando, foi melhorando, e as perspectivas mudaram”.<sup>30</sup> Esse pedido revela um aspecto comum da ginástica brasileira: o baixo número de

---

<sup>26</sup> BERGUE. Depoimento de Lisiane Lewis Xerxenevsky Bergue, p. 6.

<sup>27</sup> STRINGHINI. Depoimento de Sérgio Stringhini, p. 6.

<sup>28</sup> ALMEIDA. Adrian Gomes supera indisciplina, peso e idade avançada, brilha e volta à seleção, s.p.

<sup>29</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes (3), p. 5.

<sup>30</sup> ALMEIDA. Adrian Gomes supera indisciplina, peso e idade avançada, brilha e volta à seleção, s.p.

ginastas capacitadas para o alto rendimento, situação que reflete a deficiência na formação de profissionais qualificados para formar ginastas.<sup>31</sup>

Adrian retomou os treinamentos e foi acompanhada por um psicólogo e uma nutricionista, cujo apoio qualificou seu desempenho fazendo com que, no início de 2010, fosse novamente convocada para representar o Brasil em competições internacionais. Em uma de suas entrevistas, assim rememora esse período:

Na verdade, é tudo uma questão política. A seleção é uma questão política, as vezes tu não precisa ser boa, mas se tu for gorda no padrão deles tu não entra. E quando eu fui para o União, nesse um ano, de 2009 a 2010, eu emagreci muito, ganhei muita massa muscular e melhorei bastante também.<sup>32</sup>

Quando retomou os treinos, no ano de 2009, Adrian estava em ótima condição física e logo começou a se destacar nas competições que participou. Seu bom desempenho culminou com uma nova convocação para a seleção, acontecimento celebrado pela imprensa gaúcha, conforme registra a matéria “Convocação comprova volta por cima de Adrian Gomes”, publicada no Jornal Correio do Povo no dia 22 de setembro de 2010:

Mais volta por cima, só se daqui dois anos Adrian Gomes voltar de Londres com uma medalha olímpica no peito. Por hora, o que poderia parecer corriqueiro para outros atletas, para a ginasta gaúcha de 20 anos, tem um significado especial. Ao ser convocada para o Mundial da Holanda, a atleta do Grêmio Náutico União (GNU) tem confirmada a condição de que voltou com força às competições.<sup>33</sup>

Fato é que, dois anos depois de seu retorno às competições, apesar de todo seu esforço e dedicação, uma fatalidade impediu que atingisse o que a matéria esperava para atestar sua “volta por cima”: a conquista de uma medalha olímpica.

#### **ESTIVE LÁ, MAS NÃO COMPETI**

A Seleção Brasileira feminina de ginástica artística foi recepcionada com uma grande surpresa nesta quarta-feira, em Londres, pouco depois de desembarcarem no Aeroporto de Heathrow. Na saída do local, ao invés do tradicional micro-ônibus, as meninas encontraram nada menos que duas limusines cor-de-rosa, carregadas com champanhe e equipadas com uma

---

<sup>31</sup> SCHIAVON. *Ginástica Artística Feminina e história oral*, 2009.

<sup>32</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes (3), p. 5.

<sup>33</sup> CORREA. Convocação comprova volta por cima de Adrian Gomes, p. 1.

bandeira do Brasil, prontas para levá-las a Ipswich, onde a equipe fará a aclimação antes da Olimpíada de 2012.<sup>34</sup>

A glamourosa chegada das meninas do Brasil à cidade sede dos Jogos Olímpicos se deu depois de um extenso período de preparação em regime de seleção permanente na cidade de Curitiba. A conquista da vaga olímpica aconteceu no mês de janeiro, quando as ginastas alcançaram o quarto lugar no Evento Teste, realizado em Londres. Já no período de aclimação e treinamento, dois dias antes das competições iniciarem, Adrian sentiu fortes dores na região lombar. Depois de examinada pela equipe médica e de ter realizado exames de imagem, foi detectada lesão na vértebra L3, dando fim ao sonho de participar do maior evento esportivo do planeta e, quiçá, ganhar uma medalha inédita para seu país.

Na sua narrativa e de seus familiares, havia um ano que vinha sentindo dores na região lombar, desconforto que não havia sido investigado com profundidade e nem a impedia de treinar. Afinal, dores e lesões eram recorrentes em função das próprias exigências da modalidade. O diagnóstico, emitido no dia 27 de junho, marcou sua história, cujas lembranças reverberam em seus pensamentos a cada vez que aciona essas memórias:

Me desesperei muito. Perguntei se fosse qualquer outra menina da Seleção que tivesse se lesionado, se eles também não deixariam continuar na competição. Questionei o porquê de não poder competir sendo que eu tinha aguentado até lá. Minhas dores nas costas já vinham desde o início do ano. Perguntei várias vezes e só diziam que não dava. Comprometi-me a assinar um termo de responsabilidade e só falavam: “Não, pode ser pior quando tu estiveres lá saltando”. Porque na verdade eu estava travada, não conseguia puxar a perna, perdi a sensibilidade da perna esquerda. Falaram que nem assinando, nem fazendo nada, me desesperei mais ainda, chorei um mês.<sup>35</sup>

A desconfiança em relação à comissão técnica da seleção fica evidente na fala acima, e se dá em função dos conflitos que Adrian teve na primeira vez em que foi convocada para a seleção, no ano de 2005, sendo dispensada por indisciplina e sobrepeso. Seu marido, Lucas Barreto Neves, questiona o corte de Adrian:

---

<sup>34</sup> PAIVA; MIRANDA. Meninas da ginástica são recebidas em Londres com limusine rosa, p. 1.

<sup>35</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes, p. 6.



Foi bem complicado porque foi uma surpresa para nós, porque eu acho que foi na época que ela estava melhor preparada fisicamente, mentalmente para ir, tanto que era considerada uma das melhores do Brasil para ir, e chegar lá. Acho que, pelo que eu me lembro, foi um dia ou dois dias antes da estreia, ser cortada e sofrer um boicote. Que para mim não passa disso. Foi um boicote que fizeram com ela na realidade. Porque se tu tá há um ano com dor nas costas e está treinando e tu te qualifica, um ano com dor nas costas, aí descobriram a lesão, dois dias, um dia antes.<sup>36</sup>

Em nota oficial, o Grêmio Náutico União assim se manifestou sobre o ocorrido:

[...] De acordo com contato do chefe-médico do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) José Padilha com o departamento médico do GNU, a atleta foi submetida a uma ressonância magnética e tomografia computadorizada da coluna lombar. O diagnóstico apontou lesão em uma das vértebras. Adrian deverá ficar em repouso e sem exercícios de impacto de seis a oito semanas, o que a tira da Olimpíada.

O médico do União, Ivan Pacheco, foi o intermediador das conversas com o médico da seleção brasileira e salienta que a lesão pode ter surgido de uma fratura por estresse, rechaçando a possibilidade da atleta ter viajado para o evento esportivo com essa lesão. “Acreditamos que tenha ocorrido uma fratura por estresse. Temos a informação que ela reclamou bastante do piso duro no local de treinamento da seleção, o que provavelmente fez desenvolver esta lesão. A Adrian realmente queixava-se de dores lombares, mas em todos os exames feitos - inclusive um há menos de dois meses - jamais apontaram qualquer problema em sua parte óssea. A última lesão da Adrian foi no joelho, no qual tivemos que fazer uma artroscopia em janeiro deste ano”, contextualiza e depois conclui: “a fratura por estresse pode não se manifestar em um primeiro momento, o que explica ela ter acentuado essa dor nos últimos dias”.

A coordenadora do departamento de ginástica artística e técnica de Adrian Gomes, Adriana Alves, que está presente na comissão brasileira para os Jogos, ressalta que a saúde da atleta deve ser priorizada no momento. “Claro que não esperávamos isso. É um trabalho que fazemos com ela desde quando era criança e entrou no clube. A Adrian estava no auge da forma física e técnica, tanto que iria competir em todas as provas da modalidade. Infelizmente foi uma fatalidade; o preço que se paga pela busca incessante da alta performance dos competidores é muito grande. A partir do momento que sua saúde fica em perigo, devemos priorizá-la, continuar trabalhando e contar com o suporte médico e psicológico em sua volta para Porto Alegre”, avalia Adriana.<sup>37</sup>

A suspeita de Adrian e de seus familiares resulta de seu histórico junto à seleção e também pelo fato de Jade Barbosa ter sido cortada da seleção dias antes da viagem para Londres sob a alegação de indisciplina,<sup>38</sup> o mesmo argumento que

<sup>36</sup> NEVES. Depoimento de Lucas Barreto Neves, p. 2.

<sup>37</sup> ZERO HORA. Com lesão na coluna, ginasta gaúcha Adrian Gomes está fora da Olimpíada, s.p.

<sup>38</sup> GAZETA DO POVO. Jade Barbosa não se apresenta e é cortada da Olimpíada, s.p.

ocasionou o seu primeiro desligamento do grupo. O fato é que não ter disputado a prova acarretou vários prejuízos na trajetória da ginasta. Tão logo foi substituída, outras dores, além da física, se fizeram presentes. Simbólicas, mas não menos pungentes.

É a entrevista mais triste da minha vida. Desejo muita sorte para ela. Ela vai representar bem o Brasil. Não sei se vou ter coragem, se vou conseguir ver as competições. Acho que vou ficar chorando... Senti uma dor que nunca tinha sentido.<sup>39</sup>

Uma matéria publicada no site da ESPN informa que a atleta compareceu à entrevista coletiva de óculos escuros depois de tanto chorar. “Quando saiu da entrevista, a ginasta tentou voltar ao quarto para pegar as suas coisas, mas o crachá não passou pela catraca. Ela já estava oficialmente fora da competição, e precisou acionar o COB para resolver a situação”.<sup>40</sup>

Nesse momento, Adrian deixou de ser atleta olímpica e a dor que sentia, além de física, era também emocional. Nas suas palavras: “Eu pensei muito em desistir quando saí da Vila Olímpica. Achei que não teria forças para continuar, mas depois vi que dava, mas só depois que já estava aqui em Porto Alegre.”<sup>41</sup>

Adriana Alves, sua treinadora, a acompanhou nesse processo e, junto com ela, deixou a Vila Olímpica:

Quando chegou na véspera que foi o treinamento oficial que era quarenta e oito horas antes dos Jogos realmente da competição dela, ela machucou, porque ela tem uma hérnia de lombar e a hérnia travou de uma tal forma que ela acabou sendo retirada vinte e quatro horas antes do evento, mas aí nós estávamos lá com tudo, aí eu acabei só assistindo junto com ela. Ficamos no Cristal Palace que era o que estava reservado para a delegação.<sup>42</sup>

O fato de sua atleta não competir repercutiu também na sua identificação como treinadora. Quando perguntada sobre sua presença nos Jogos Olímpicos, responde: “Eu acabei indo, mas não entrei como treinadora exatamente”.<sup>43</sup> Ou seja, todo o período que antecedeu a prova foi jogado no esquecimento, como se ela e sua atleta não fizessem parte da memória olímpica brasileira.

---

<sup>39</sup> ALMEIDA. Adrian Gomes supera indisciplina, peso e idade avançada, brilha e volta à seleção, s.p.

<sup>40</sup> BYDLOWSKI. Cortada, ginasta Adrian Gomes chora e cogita não assistir olimpíada, s.p.

<sup>41</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes, p. 7.

<sup>42</sup> ALVES. Depoimento de Adriana Rita Alves II, p. 8-9.

<sup>43</sup> ALVES. Depoimento de Adriana Rita Alves II, p. 9.

A anulação da presença de Adrian Gomes se faz sentir em outras instâncias que registram memórias e histórias de atletas participantes dos Jogos Olímpicos. Seu nome não figura no rol de atletas olímpicos nominados na Confederação Brasileira de Ginástica e no Comitê Olímpico Brasileiro. Essa mesma ausência aparece na obra referencial *Atletas Olímpicos Brasileiros*, cujo critério de inclusão aponta para “todos os atletas brasileiros que foram a Jogos Olímpicos desde a primeira participação brasileira em 1920”.<sup>44</sup>

Afora sua memória, há algo que para a ginasta materializa sua preparação, viagem e participação na equipe brasileira: a medalha de participação nos Jogos Olímpicos de Londres, que a exhibe com orgulho e satisfação.



Medalha de participação nos Jogos Olímpicos de Londres 2012.  
Fonte: Acervo de Adrian Gomes.

Ao guardar este objeto, entendido aqui como um “ativador da memória”,<sup>45</sup> Adrian reacende lembranças de um momento muito peculiar:

Por mais que tu tenha experiência em competições, tu nunca vai sentir a mesma sensação em todas. Então ter ido e não ter competido, essa experiência nem todo mundo passa, são poucas as pessoas que acabam indo até lá e não competem, tem que ter um psicológico muito forte.<sup>46</sup>

<sup>44</sup> RUBIO. *Atletas Olímpicos Brasileiros*, p. 95.

<sup>45</sup> GOMES; BRAGHINI. Potencialidades de pesquisa em história das ciências a partir da coleção de objetos do CEMEF/UFMG, p. 86.

<sup>46</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes, p. 5.

Apesar de não ser sua primeira lesão grave, essa indubitavelmente foi a mais traumática. Em uma de suas entrevistas, relata que já rompeu o tendão de Aquiles, operou o ombro direito, tem hérnias de disco, artrose e várias fraturas, tais como no pé, no punho, no cotovelo e outras que até já esqueceu.<sup>47</sup> Sentir dor era parte de sua rotina e compõe a cultura da própria modalidade, conforme descreve Laurita Schiavon ao analisar a fala de ginastas participantes dos Jogos Olímpicos:

É importante notar que, independente de geração e da evolução da ciência e de apoio, as ginastas continuam convivendo com a dor e competindo ou treinando machucadas. Um fato relevante que deve ser considerado, principalmente pela maioria estar ainda em fases importantes de desenvolvimento. E, além disso, muitas vezes, lidam com isso com naturalidade, considerando como atitudes corretas, ou seja, faz parte do contexto em que foram formadas e isso dificulta o afastamento ou a luta contra esse tipo de situação, sendo possivelmente condição de continuar pertencendo à elite da modalidade.<sup>48</sup>

A história de Adrian não é isolada, ao contrário, reafirma essa realidade. Depois de relatar o quanto foi difícil seu retorno para Porto Alegre, fez questão de ressaltar que assim que se sentiu em condições, voltou aos treinamentos e às competições: “Depois que tive a lesão na coluna, foi chato, mas a recuperação foi muito rápida, nem esperava que fosse tão rápida. Logo em seguida, na primeira competição pós-lesão, fui Campeã Sul-Americana, então, foi bem importante”.<sup>49</sup>

Sua resiliência e determinação fizeram com que retomasse os campeonatos e, como grande parte das ginastas que conhecia, não sucumbiu: “eu via muitas pessoas se recuperando de lesão e voltando a treinar numa boa e tal, e eu pensava, se a pessoa pode, por que eu não posso também?”.<sup>50</sup>

Uma vez recuperada, em 2013, foi novamente convocada para a seleção brasileira pela qual disputou a Copa do Mundo de Ginástica, no Catar, finalizando a competição na 7ª colocação, sendo a única brasileira a se classificar para a final. Seu “segundo salto, uma reversão com mortal carpado, foi muito bem executado, mas o valor de dificuldade é bem baixo. Terminou a final sem medalhas”.<sup>51</sup> Ainda nesse ano,

<sup>47</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes (3), 2018.

<sup>48</sup> SCHIAVON. *Ginástica Artística Feminina e história oral*, p. 265.

<sup>49</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes, p. 3.

<sup>50</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes (3), p. 10.

<sup>51</sup> GYM BLOG BRASIL. Resultados Copa do Mundo de Ginástica – Etapa de Doha, s.p.

se destacou no Torneio Internacional de Ipswich, na Inglaterra, conquistando a medalha de prata no individual geral e, logo em seguida, a medalha de bronze na Copa do Mundo de Ginástica Artística que aconteceu em Portugal.

Apesar desses resultados, seu corpo já estava apresentando vários sinais de desgaste; sentia dores constantes e não tinha mais o mesmo ímpeto para enfrentar fraturas e lesões. Tinha dúvidas sobre os caminhos que poderia seguir na sua carreira de pós-atleta, se permaneceria ou não na ginástica:

Quero e não quero. Quero porque gosto de dar treino, corrigir as gurias. Às vezes estou no ginásio e vejo elas fazendo errado, vou lá e corrijo, seja as pequenininhas ou as grandes que treinam comigo. Mas vejo pelos meus treinadores, eles passam acho que umas doze horas dentro do ginásio e não tem tempo. Claro que eles viajam, conhecem. Só que já fiz isso como atleta, então não sei, ainda estou pensando se realmente quero ficar dentro do ginásio.<sup>52</sup>

Apesar desses sentimentos, em 2014, aos vinte e quatro anos de idade, Adrian abandonou de uma vez por todas a ginástica artística. Nas suas palavras:

Foi bem complicadinho para mim, porque eu não tive suporte do clube, tipo: “Adrian, não larga de uma vez, não. Fica vindo aqui um pouquinho”. Até me disseram isso, só que eu ia para o ginásio, para o clube e as pessoas ficavam me olhando com cara feia, porque eu pedi para parar de treinar. Daí eu resolvi não ir mais.<sup>53</sup>

Sua decisão repercutiu no meio esportivo. O presidente da Federação Gaúcha de Ginástica, João Oliva, manifestou sua opinião ao saber da desistência de Adrian: “É uma perda. Isso é fato. Ela poderia muito bem ter encerrado a carreira e iniciar uma faculdade. Como profissional da área de Educação Física ela certamente seria uma excelente técnica”.<sup>54</sup>

Adrian, tentou esse caminho e por um ano frequentou a Licenciatura em Educação Física, mas não deu seguimento. Fez cursos na área de estética, trabalhou em uma cafeteria, ministrou algumas aulas de ginástica em um clube e de dança em uma academia. Entretanto, em 2015, um novo convite a fez voltar para o cenário do esporte de alto rendimento: competir pela seleção brasileira de esqui aéreo. Motivada

---

<sup>52</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes, p. 8-9.

<sup>53</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes (3), p. 11.

<sup>54</sup> OLIVA. Depoimento de João Carlos Oliva, p. 6.

pelo novo desafio, Adrian participou de treinos e de algumas competições, mas encerrou sua trajetória na modalidade em 2016 quando participava de treinamentos nos Estados Unidos. Durante essa temporada, sofreu um acidente, e sua família só teve conhecimento quando retornou ao Brasil. Lembra sua mãe:

Ela teve uma queda, bateu a cabeça, ficou em coma. Ela me contou: “Em vez de ter fama, dinheiro, eu vou ficar em casa, prefiro caminhar, trabalhar e ficar com vocês”. Nós já morávamos aqui, com escada de quarenta e oito degraus, tu imagina uma filha com problema de locomoção. Como é que nós íamos movê-la?<sup>55</sup>

Esse acontecimento selou definitivamente a carreira de Adrian no esporte competitivo:

Eu fui, mas comecei a sentir dor nas costas e a minha perna começou a falhar; numa dessas eu desci da rampa, a perna falhou e eu bati com a cabeça na ponta da rampa, desmaiei na água. Na verdade, depois que eu bati a cabeça eu não me lembro de mais nada. Eu estou te contando o que me disseram, que eu desmaiei na água e aí fui para a ambulância, e eu acordei e só falaram que eu dizia que a minha cabeça estava doendo. Daí eu começo a lembrar no hospital, quando eles me tiram da maca para botar na outra maca. Só. Eu fiz exames e eu nem lembro de nada e fiquei quinze dias sem poder ver a luz do sol. Guria, a minha cabeça doía enlouquecidamente. Eu tive uma concussão cerebral e um traumatismo craniano. E nesses quinze dias, a gente estava quarenta dias nos Estados Unidos treinando e eu fiquei quinze sem fazer nada. E a gente voltou. Daí quando a gente foi de novo para os Estados Unidos, eu contei para a minha mãe o que aconteceu. Deixei para contar quando eu voltei porque tu sabe como é o susto: a minha mãe infarta aqui e eu lá. E eu disse para a minha mãe: aconteceu isso e isso e ela não queria que eu voltasse mais. Eu disse: “Não, não mãe, vou tentar”. Tentei, mas eu não sei, acho que o psicológico afetou o corpo porque eu não conseguia mais descer a rampa. Guria, eu me mijava inteira. Eu dizia para o meu treinador: “Eu não vou conseguir, eu não consigo”. Eu tremia inteira, dos pés à cabeça.<sup>56</sup>

Diante dessa decisão, o sonho de lutar por uma medalha olímpica, na ginástica ou no esqui aéreo, desapareceu de seu horizonte.

---

<sup>55</sup> GOMES. Depoimento de Vera Lúcia Nunes Gomes, p. 12.

<sup>56</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes (2), p. 11.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2013, na primeira entrevista que nos concedeu, Adrian fez questão de enfatizar que, apesar do ocorrido em Londres, mantinha o desejo de competir nos Jogos Olímpicos.

Eu quero muito ir para 2016, só que não sei se o meu corpo vai permitir. Minhas costas ainda doem, tenho mais problemas do que em 2012. Então não sei se vou chegar até lá, em função do meu corpo, não do meu psicológico ou não do meu querer. Mas estou treinando para isso.<sup>57</sup>

Vivenciar uma edição dos Jogos Olímpicos, além de representar o triunfo de quem se dedica ao esporte de alto rendimento, permite experienciar situações que estão muito além da competição em si. Ao rememorar sua participação neste megaevento, atletas e treinadores do Rio Grande do Sul salientaram que o ambiente partilhado na Vila Olímpica é inesquecível: “a convivência com ídolos do esporte de várias nacionalidades, a estrutura das competições, a segurança, a torcida, a mídia e as lembranças que essa participação gerou”.<sup>58</sup> Essa presença, mesmo que não coroada com a conquista de uma medalha, lhes confere a noção de pertencimento, *status* e distinção social.

Ao ser cortada da seleção às vésperas de exibir seu talento ao mundo, Adrian foi posicionada nas sombras da história olímpica brasileira e, diante dessa constatação, viveu um segundo luto. Refutar esse apagamento é reconhecer que a impossibilidade de competir não pode ofuscar seu brilho nem mesmo anular sua identidade como atleta olímpica. Em suas entrevistas, Adrian descreveu o longo e árduo caminho que percorreu para chegar e permanecer na seleção brasileira. Ao falar sobre seus sentimentos, expectativas, conquistas e frustrações, expôs como percebeu cada experiência vivida, produzindo, assim a sua própria narrativa. Tal perspectiva foi privilegiada neste texto, pois entendemos que sua voz precisa ser ouvida, visto que narrar é contar o vivido, é “colocá-lo em uma temporalidade e, assim, humanizar o tempo, alinhar os personagens, tecer uma intriga; é, ainda, transgredir o discurso oficial em busca da criação; é, sobretudo, aliar o tempo vivido ao tempo ficcionado”.<sup>59</sup>

---

<sup>57</sup> GOMES. Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes, p. 8.

<sup>58</sup> MACEDO; BERNARDI. Mais que um sonho, p. 129.

<sup>59</sup> COSTA. A escuta do outro: dilemas da interpretação, p. 49.



As palavras de Adrian e as lembranças que evoca registram fragmentos de uma vida atravessada pelo esporte de competição, cujas marcas se fazem ver em seu corpo e em sua subjetividade. Reconhecida ou não pelos discursos oficiais do esporte brasileiro, importa registrar que sua história é extremamente significativa, inclusive para desconstruir a representação de que “participar dos Jogos Olímpicos, vivenciá-los de perto e por dentro parece não ser o suficiente. Há que competir e, preferencialmente, ganhar!”.<sup>60</sup>

Adrian competiu, ganhou e conquistou uma vaga para participar do maior evento esportivo do planeta. O fato de não ser lembrada como atleta olímpica revela algo que está além do campo esportivo: o aniquilamento ao qual são sujeitas as pessoas que não ascendem àquilo que é culturalmente representado como sinônimo de vitória e de sucesso.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 155-202.
- ALMEIDA, Paula. Adrian Gomes supera indisciplina, peso e idade avançada, brilha e volta à seleção. **UOL Esporte**, 16 ago. 2010.
- ALVES, Adriana Rita. **Depoimento de Adriana Rita Alves II**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/4fsfh7e>.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BENDER, Natália. **A ginástica artística no Rio Grande do Sul**: a trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

---

<sup>60</sup> BENDER; GOELLNER. A participação de ginastas do Rio Grande do Sul nos jogos olímpicos: trajetórias, narrativas e memórias, p. 18.

BENDER, Natália; GOELLNER, Silvana Vilodre. A participação de ginastas do Rio Grande do Sul nos jogos olímpicos: trajetórias, narrativas e memórias. **Motrivivência**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v. 31, n. 59, p. 1-22, 2019.

BERGUE, Lisiane Lewis Xerxenevsky. **Depoimento de Lisiane Lewis Xerxenevsky Bergue**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID UFRGS, 2017. Disponível em: <https://encurtador.com.br/9GCH6>.

BYDLOWSKI, Mendel. Cortada, ginasta Adrian Gomes chora e cogita não assistir olimpíada. **ESPN**, 26 jul. 2012.

CORREA, Carlos. Convocação comprova volta por cima de Adrian Gomes. **Correio do Povo**. Porto Alegre, 22 set. 2010.

COSTA, Cléria Botelho. A escuta do outro: dilemas da interpretação. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 47-65, 2014.

ESPN. Cortada, ginasta Adrian Gomes chora e cogita não assistir Olimpíada. **ESPN**, 26 jul. 2012.

GAZETA DO POVO. Jade Barbosa não se apresenta e é cortada da Olimpíada. **Gazeta do Povo**, 27 jun. 2012.

GOMES, Adrian Geovana Nunes. **Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3AUby3d>.

GOMES, Adrian Geovana Nunes. **Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes (2)**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3Z9jozg>.

GOMES, Adrian Geovana Nunes. **Depoimento de Adrian Geovana Nunes Gomes (3)**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3OeLrHA>.

GOMES, Ana Carolina Vimieiro; BRAGHINI, Katya Mitsuko Zuquim. Potencialidades de pesquisa em história das ciências a partir da coleção de objetos do CEMEF/UFMG. In: LINHALES, Meily Assbu; NASCIMENTO, Adalson. (Org.). **Organizando arquivos, produzindo nexos: a experiência de um Centro de Memória**. Belo Horizonte: Fino Trato, 2013.

GOMES, Vera Lúcia Nunes. **Depoimento de Vera Lúcia Nunes Gomes**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3YSXpvd>.

GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO. Ginasta unionista é selecionada para a Seleção Brasileira de Ginástica Olímpica. **Portal Grêmio Náutico União**, 4 fev. 2005.

GYM BLOG BRASIL. Resultados Copa do Mundo de Ginástica – Etapa de Doha – 1º dia de finais. **Gym Blog Brasil**, 28 mar. 2013.

MACEDO, Christiane Garcia; BERNARDI, Gustavo Henrique Ribas. Mais que um sonho. In: MACEDO, Christiane Garcia; Goellner, Silvana Vilodre. (Org.). **A participação gaúcha nos Jogos Olímpicos: garimpar memórias para produzir histórias**. Coleção Grecco. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, UFRGS, 2016.

MACEDO, Christiane Garcia; GOELLNER, Silvana Vilodre. Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em história da Educação Física e esportes no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Universidade Católica de Brasília, Brasília, v. 21, n. 3, p. 157-165, 2013.

MEIRELES, Olívia. Conheça a emocionante história de Rebeca Andrade. **Metrópoles**, São Paulo, 23 ago. 2021. Disponível em <https://bit.ly/3YN7oSO>. Acesso em: 4 fev. 2024.

MELO, Victor Andrade de. Reflexão sobre a História da Educação Física no Brasil: uma abordagem historiográfica. **Movimento**, ano III, v. 1, n. 4, 1996.

NEVES, Lucas Barreto. **Depoimento de Lucas Barreto Neves**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3YWbAj0>.

NUNOMURA, Myrian; OLIVEIRA, Maurício Santos. Centro de excelência e ginástica artística feminina: a perspectiva dos técnicos brasileiros. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 2, p. 378-392, 2012.

OLIVA, João Carlos. **Depoimento de João Carlos Oliva**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEF UFRGS, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/4hVs6ZI>.

PAIVA, Celso; MIRANDA, Leandro. Meninas da ginástica são recebidas em Londres com limusine rosa. **Portal Terra**, 11 jul. 2012.

PATAI, Daphne. **História Oral, feminismo e política**. São Paulo: Editora Letra e Voz, 2010.

PESAVENTO, Sandra J. **História e História Cultural**. Autêntica, Belo Horizonte, 2004.

RUBIO, Katia. **Narrativas biográficas: da busca à construção de um método**. São Paulo: Editora Laços, 2016.

RUBIO, Katia. **Atletas Olímpicos Brasileiros**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2015.

SCHIAVON, Laurita Marconi. **Ginástica Artística Feminina e história oral: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004)**. Tese (Doutorado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

STRINGHINI, Sérgio. **Depoimento de Sérgio Stringhini**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID UFRGS, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/4exyEun>.

ZERO HORA. Com lesão na coluna, ginasta gaúcha Adrian Gomes está fora da Olimpíada. **ZH Esportes**. **Zero Hora**, 26 jul. 2012.

\* \* \*

Recebido em: 24 fev. 2024.  
Aprovado em: 25 set. 2024.

## “São valores que nos unem muito como atletas”: a concepção de jovens atletas sobre os valores do Olimpismo

“They are values that unite us a lot as athletes”:  
young athletes’ conception about the values of Olympism

**Ana Gabriela Alves Medeiros**

Universidade do Estado da Bahia  
Campus XII, Guanambi/BA, Brasil  
amedeiros@uneb.br

**RESUMO:** Objetivou-se neste estudo compreender as concepções dos jovens atletas sobre os valores do Olimpismo, bem como seus contextos de aprendizagem e vivência, centradas na participação nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018. Para tanto, realizou-se entrevistas semiestruturadas e observações dos atletas nos diferentes espaços e momentos do evento. Embora não haja uma definição consensual sistematizada sobre o Olimpismo, os desportistas declararam uma gama de valores que se encontram apregoados nas elaborações sobre o Olimpismo, seja no campo acadêmico ou institucional. Ademais, os atletas afirmaram que aprenderam sobre estes valores através de diferentes influências, como ídolos, amigos, pais, treinadores, gestores e, até mesmo, a delegação e o Comitê Olímpico Nacional. Expressaram ainda que desempenham os valores do Olimpismo em todos os contextos de suas vidas. Inferiu-se, então, que os jovens atletas compreendem o Olimpismo enquanto uma filosofia de vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jogos Olímpicos da Juventude; Filosofia Olímpica; Esporte; Buenos Aires 2018.

**ABSTRACT:** The aim of this study was to understand young athletes' conceptions about the values of Olympism, as well as their learning and experience contexts, centered on participation in the Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games. To this end, we conducted semi-structured interviews and observations of athletes in different spaces and moments of the event. Although there is no systematized consensual definition of Olympism, athletes declared a range of values that are proclaimed in elaborations on Olympism, whether in the academic or institutional field. Furthermore, the athletes stated that they learned about these values through different influences, such as idols, friends, parents, coaches, managers and even the delegation and the National Olympic Committee. They also expressed that they carry out the values of Olympism in all contexts of their lives. It was then inferred that young athletes understand Olympism as a philosophy of life.

**KEYWORDS:** Youth Olympic Games; Olympic Philosophy; Sport; Buenos Aires 2018.

## INTRODUÇÃO

A idealização dos Jogos Olímpicos da era moderna pelo historiador e pedagogo Pierre de Frédy, mais conhecido como Barão de Coubertin, vislumbrou aliar esporte, educação e cultura, para atingir o desenvolvimento balanceado das qualidades intelectuais, morais e físicas do ser humano. Para tanto, o barão concebeu o Olimpismo, uma filosofia de vida que incorpora um arcabouço de valores mediado pela prática desportiva, cuja finalidade é maximizar as virtudes humanas.<sup>1</sup>

Acima de tudo, o Olimpismo visa, através do esporte, promover uma educação para a paz, para a coexistência, para o respeito, para o entendimento mútuo e para a preservação da dignidade humana. Nas palavras do Comitê Olímpico Internacional (COI) isto significa “colocar o desporto a serviço do desenvolvimento harmonioso da humanidade”.<sup>2</sup>

Contudo, Coubertin não estabeleceu uma definição clara e precisa para sua filosofia Olímpica, o que tem suscitado no decorrer dos anos diversas reflexões na área dos Estudos Olímpicos.<sup>3</sup> Desta forma, o Olimpismo permeou um processo de construção de consenso em torno dos valores, dada a necessidade de universalização e continuidade do Movimento Olímpico (MO).<sup>4</sup> Assim, uma gama de valores humanos (pretensamente) universais foram associados ao Olimpismo, de tal maneira que, em diferentes períodos históricos, diversas culturas ao redor do mundo se apropriaram dos valores Olímpicos.

No ano de 2007, o Comitê Olímpico Internacional decidiu sintetizar os valores do Olimpismo em três: excelência, amizade e respeito. Em seus documentos, o COI<sup>5</sup> esclarece a compreensão destes valores:

- Excelência: fazer o melhor que podemos, no campo de jogo ou na vida profissional. O importante não é vencer, mas participar, progredindo e desfrutando da combinação saudável do corpo, da mente e da vontade;

---

<sup>1</sup> MÜLLER; TODT. *Pierre de Coubertin (1863-1937), Olimpismo: seleção de textos.*

<sup>2</sup> INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE (IOC). *Olympic Charter*, p. 11.

<sup>3</sup> LOLAND. Pierre de Coubertin's ideology of Olympism from the perspective of the history of ideas, p. 49-78; PARRY. The moral and cultural dimensions of Olympism and their educational application, p. 181-197; DACOSTA. A Never-Ending Story: The Philosophical Controversy Over Olympism, p. 157-173.

<sup>4</sup> CHATZIEFSTATHIOU. The changing nature of the ideology of Olympism in the modern Olympic era.

<sup>5</sup> IOC. *Factsheet: Olympic Values Education Programme (OVEP)*, p. 1.

- Respeito: inclui o respeito por você e pelo seu corpo, pelas outras pessoas, pelas regras e regulamentos, pelo esporte e pelo meio ambiente;
- Amizade: este valor está no cerne do Movimento Olímpico. Isso nos incentiva a ver o esporte como um instrumento de compreensão mútua entre todas as pessoas.<sup>6</sup>

Vale ressaltar que os valores do Olimpismo devem nortear todas as ações dentro do Movimento Olímpico, atuando como um código de conduta para todos os entes envolvidos nas atividades olímpicas, sejam elas desportivas, burocráticas, voluntárias, dentre outras.

Com efeito, a concepção do Olimpismo demarcou a ligação entre esporte, educação e valores, de modo que o entendimento contemporâneo sobre a função pedagógica da prática desportiva advém, em grande parte, da influência do Movimento Olímpico.<sup>7</sup> Somado a isto, a filosofia Olímpica igualmente contribuiu para a difusão e magnitude dos Jogos Olímpicos no contexto internacional, tornando-os uma referência de competição que, muitas vezes, se constitui como o objetivo máximo de uma carreira atlética.

Sabe-se que os Jogos Olímpicos modernos foram inspirados nos Jogos Olímpicos da Antiguidade, entretanto, as competições já não são as mesmas, tampouco o local e o sentido (mítico-religioso), logo, podemos aludir que a ponte entre passado e presente – e, provavelmente, o futuro – é de natureza axiológica, expressa pelo compromisso de renovar, celebrar e compartilhar os mais altos valores da humanidade.<sup>8</sup>

Nesse sentido, o COI tem buscado reorientar os rumos do MO, atentando para as questões nevrálgicas que permeiam o mundo Olímpico e se empenhando para resgatar o seu quadro axiológico fundamental.<sup>9</sup> Diante disto, os Jogos Olímpicos da Juventude (JOJ) emergem como o mais recente evento chancelado pelo Movimento Olímpico, planejado para disseminar o Olimpismo entre os jovens, assim como para expandir a participação desportiva neste grupo.<sup>10</sup>

---

<sup>6</sup> As traduções citadas foram realizadas pela autoria deste trabalho.

<sup>7</sup> TAVARES. Valores olímpicos no século XXI.

<sup>8</sup> MONTEIRO; GARCIA. *O legado axiológico dos Jogos Olímpicos*.

<sup>9</sup> IOC, *Olympic Agenda 2020*.

<sup>10</sup> IOC, *Factsheet 1 of 4: The Youth Olympic Games Vision and Principles*.

Para isto, a estrutura do evento engloba duas programações essenciais: o Programa Desportivo (PD), que trata das competições atléticas, e o Programa de Educação e Cultura (PEC), que aborda temas relacionados ao Olimpismo, ao estilo de vida saudável, a carreira desportiva e pessoal dos atletas, a responsabilidade social e a expressividade, especialmente no que concerne as mídias sociais digitais.<sup>11</sup> Nesse enquadramento, o Comitê Olímpico Internacional revela o intento para com a formação dos jovens atletas, oportunizando a participação numa competição de elite, aliada a uma educação em valores.

Além disso, a introdução de novas modalidades nos JOJ (como o futsal e o basquetebol 3x3), as competições mistas envolvendo atletas de ambos os sexos (*mixed-gender events*) e de diferentes nacionalidades (*mixed-NOCs teams*), o uso de aparatos tecnológicos para comunicação entre os jovens atletas, bem como a presença do Movimento Olímpico nas redes sociais digitais, demonstram um apelo à juventude.

Desde a proposta de criação dos JOJ, estudos têm sido realizados na área acadêmica, retratando o evento a partir de diversas perspectivas. No que tange a análise de valores no referido evento, Medeiros, Garcia, Santos e Valente<sup>12</sup> identificaram uma escassez de pesquisas, principalmente em língua portuguesa. A partir de um estudo de revisão, os autores verificaram cinco produções científicas, em formato de artigo, que versavam sobre esta temática. Dentre eles, apenas um trabalho teve como foco examinar a percepção dos jovens atletas sobre os valores Olímpicos.<sup>13</sup>

Ao observarmos os objetivos propostos para o evento percebe-se a centralidade dos valores do Olimpismo, especificados nos seguintes propósitos: “oferecer uma exclusiva e poderosa introdução ao Olimpismo; inovar em educação e debate dos valores Olímpicos e desafios da sociedade; alcançar comunidades jovens do mundo para promover valores Olímpicos”.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> IOC, *Factsheet 1 of 4: The Youth Olympic Games Vision and Principles*.

<sup>12</sup> MEDEIROS; GARCIA; SANTOS; VALENTE. Valores Olímpicos e Jogos Olímpicos da Juventude: um estudo de revisão de produções científicas, p. 96-112.

<sup>13</sup> DERVENT; ÇOTUK. Perception of Olympic Values by Turkish Athletes who participated in the First Youth Olympic Games, p. 1-8.

<sup>14</sup> IOC, *Factsheet 1 of 4: The Youth Olympic Games Vision and Principles*, p. 1.



Isto posto, intentamos nesta pesquisa compreender as concepções dos jovens atletas sobre os valores do Olimpismo, bem como seus contextos de aprendizagem e vivência, centradas na participação nos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018 (JOJ BA 2018).

## PERCURSO METODOLÓGICO

Uma vez que o objetivo proposto vai em direção a uma compreensão densa do objeto, o qual, por natureza, é complexo e carece de um detalhamento em nível descritivo/valorativo, deliberamos por adotar uma abordagem qualitativa, ancorada no paradigma interpretativo, sob a forma de pesquisa de campo, com dois métodos de recolha de dados: observação e entrevistas.<sup>15</sup>

O lócus da nossa pesquisa foram os quatro parques temáticos – Parque Urbano, Parque Verde, Parque Tecnópolis e Parque Olímpico da Juventude – destinados aos III Jogos Olímpicos da Juventude de Verão, que aconteceram na cidade de Buenos Aires, Argentina. A coleta de dados ocorreu durante o período do evento, entre os dias 6 e 18 de outubro de 2018, onde 4.000 jovens atletas, dos 15 aos 18 anos, representaram 206 Comitês Olímpicos Nacionais (CON), competindo em 32 modalidades esportivas.

Inseridos neste contexto, buscamos, através de um roteiro teoricamente fundamentado, observar os espaços dos Jogos, os atletas nos diferentes momentos (competições, cerimônias, atividades culturais etc.), e suas interações, almejando-se captar as representações e manifestações dos valores do Olimpismo.

Os registros das observações foram realizados a partir de notas de campo, utilizando um aplicativo gravador de voz num *smartphone*, que posteriormente foram desenvolvidas e refletidas no diário de campo. É relevante salientar que os apontamentos de campo foram feitos com discrição com o intuito de não causar desconfortos ou interferir nas atividades desenvolvidas pelos atores sociais.

---

<sup>15</sup> PATTON. *Qualitative evaluation and research methods*; FONTANA; FREY. *The Interview: From Structured Questions to Negotiated Text*, p. 645-672.

Concomitantemente, no decorrer dos treze dias do evento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 31 atletas participantes dos JOJ BA 2018 (Quadro 1). Os atletas eram abordados aleatoriamente nos diferentes espaços dos Parques e para compor o grupo dos entrevistados, eles deveriam se comunicar em um dos seguintes idiomas: inglês, espanhol ou português, e aceitar participar da pesquisa mediante assinatura do Termo de Consentimento Informado ou do Termo de Assentimento (para menores de 18 anos assinado por seu responsável).<sup>16</sup> As entrevistas duraram entre 5 e 17 minutos.

<b>Atleta</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Comitê Olímpico Nacional</b>	<b>Idioma da entrevista</b>
1	Feminino	18	Brasil	Português
2	Feminino	18	Brasil	Português
3	Masculino	17	Portugal	Português
4	Masculino	18	África do Sul	Inglês
5	Masculino	16	Alemanha	Inglês
6	Masculino	17	Austrália	Inglês
7	Masculino	17	Áustria	Inglês
8	Feminino	16	Brasil	Português
9	Masculino	17	Canadá	Inglês
10	Masculino	17	Bahamas	Inglês
11	Feminino	16	Colômbia	Espanhol
12	Masculino	17	Equador	Espanhol
13	Feminino	16	Espanha	Espanhol
14	Masculino	17	Estados Unidos	Inglês
15	Feminino	17	Estônia	Inglês
16	Feminino	16	México	Espanhol
17	Masculino	16	Portugal	Português
18	Masculino	16	Micronésia	Inglês
19	Masculino	17	Portugal	Português
20	Masculino	17	Brasil	Português
21	Masculino	16	México	Espanhol
22	Masculino	17	Canadá	Inglês
23	Feminino	17	Brasil	Português
24	Feminino	17	México	Espanhol
25	Masculino	18	Portugal	Português
26	Feminino	16	Rússia	Inglês
27	Feminino	17	Rússia	Inglês
28	Masculino	17	Brasil	Português
29	Feminino	16	Portugal	Português
30	Feminino	16	Portugal	Português
31	Feminino	17	Brasil	Português

Quadro 1 - Caracterização dos entrevistados. Fonte: Dados da pesquisa.

<sup>16</sup> Tendo em vista que esta pesquisa decorreu de contato direto com jovens atletas, tornou-se necessário um enquadramento ético, o qual foi subsidiado pela aprovação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEFADE 29.2018).

Para a tarefa interpretativa, definiu-se as seguintes etapas: (1) análise exploratória do diário de campo e das falas, as quais estiveram sujeitas à Análise do Discurso,<sup>17</sup> para uma identificação primária dos seus domínios axiológicos; (2) análise comparativa dos dados oriundos dos diferentes métodos; por fim, (3) a interpretação dos dados a partir do campo teórico de análise.

### **OS VALORES DO OLIMPISMO E SEUS CONTEXTOS DE APRENDIZAGEM E VIVÊNCIA**

Na realização das entrevistas buscou-se diversificar as características dos participantes, como idade, modalidade e nacionalidade. Assim, os atletas participantes deste estudo competiram nas modalidades de atletismo, tiro desportivo, natação, judô, handebol de praia, vôlei de praia, pentatlo moderno e taekwondo. Para assegurar a confidencialidade dos participantes, foram atribuídos números de 1 a 31, correspondendo à ordem das entrevistas, favorecendo assim a análise e discussão dos dados.

Ao serem questionados sobre quais seriam os valores do Olimpismo em suas concepções, alguns atletas não entenderam o significado da expressão “valores do Olimpismo”, sendo por isso, substituído por ideologia, filosofia, princípios do Olimpismo e/ou valores Olímpicos.

Dentre os 31 atletas interrogados apenas quatro não identificaram os valores do Olimpismo: os atletas 13 e 28 não responderam à questão, enquanto a Atleta 18 respondeu inicialmente que não sabia, mas, quando citados alguns valores como exemplo, a jovem disse que os reconhecia. Podemos considerar que os atletas não tenham reconhecido a expressão “valores do Olimpismo” (e suas variantes) por uma questão cultural e linguística, ou até mesmo que não compreendam o que são valores, pelo que, como aponta Resweber,<sup>18</sup> possuem uma conceituação abstrata complexa permeada por ambiguidades, sendo, portanto, difíceis de serem definidos. Ponderamos, então, que as diferenças culturais e o

---

<sup>17</sup> ORLANDI. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*.

<sup>18</sup> RESWEBER. *A Filosofia dos Valores*.

idioma constituíram-se como obstáculos, sobretudo quando o inglês, o português e o espanhol não consistiam no idioma oficial do atleta.

Contudo, é importante salientar que um dos objetivos estabelecidos para os Jogos Olímpicos da Juventude é “oferecer uma exclusiva e poderosa introdução ao Olimpismo”, principalmente através do Programa de Educação e Cultura.<sup>19</sup> A utilização do termo “introdução” denota um contato inicial, e neste caso, intencional e planejado. Nesse sentido, o desconhecimento prévio dos atletas sobre os valores do Olimpismo é pressuposto na abordagem do COI.

Entretanto, a quarta atleta que não identificou os valores do Olimpismo foi a Atleta 31, que declarou: “Eles tinham falado... acho que eram três, só que eu não vou me recordar agora. Eles falaram nas palestras, mas eu não me recordo”. As palestras referidas pela atleta também foram mencionadas por outros competidores de diferentes nacionalidades, relatadas como um momento que a delegação teve, ainda no país de origem, com o Chefe de Missão, membros do CON e outras autoridades nacionais, no qual foram elucidadas informações sobre Buenos Aires 2018 (BA 2018) e abordados elementos da filosofia Olímpica.

Atleta 1: Nós ficamos no Rio de Janeiro antes de vir e teve [sic] muitas palestras. E teve uma palestra exatamente sobre isso, sobre os valores Olímpicos. Então, foi quase uma hora de palestra e eles explicando o que é estar aqui, a importância disso tudo... e é uma coisa que, querendo ou não, a gente vai levar isso pro [sic] resto da vida. E foi bem bacana até.

Atleta 3: Em Portugal, nós tivemos um colóquio com o Chefe da Missão, com o presidente do COP [Comitê Olímpico de Portugal], com o Ministro da Educação de Portugal e, assim, com muito mais importância.<sup>20</sup>

Percebe-se, com isso, que ao chegar nos JOJ alguns jovens atletas já tinham conhecimentos básicos sobre o evento, seus programas e seus valores. Além dos encontros (in)formativos organizados pelos Comitês Nacionais, os atletas podem acessar informações sobre os Jogos por meio de comunicações digitais, por exemplo, no *website*

---

<sup>19</sup> IOC, *Factsheet 1 of 4: The Youth Olympic Games Vision and Principles*, p. 1.

<sup>20</sup> O atleta se referia a relevância dos Jogos Olímpicos da Juventude em comparação com os campeonatos europeus e mundiais da modalidade que pratica.

do evento ou do COI, e nas diversas plataformas de mídia social (*YouTube, Instagram, Twitter, Facebook*).

Nesse contexto, é possível que lideranças do Movimento Olímpico, após as primeiras experiências com os JOJ, tenham tomado ciência dos aspectos deficitários relacionados ao conhecimento dos atletas, bem como dos demais membros das delegações, e se mobilizado para difundir o Olimpismo entre os seus participantes antes, durante e depois dos seus eventos.

Ainda no ensejo do questionamento sobre a compreensão dos atletas acerca dos valores do Olimpismo, os 27 jovens que responderam à pergunta mencionaram uma gama de valores, os quais estão identificados no Quadro 2 a seguir.

<b>RESPOSTAS</b>	<b>ATLETAS</b>
Amizade	6; 7; 10; 11; 15; 16; 17; 19; 23; 29; 30
Respeito	6; 11; 12; 17; 19; 22; 23; 29; 30
<i>Fair Play</i>	3; 9; 11; 16; 19; 25
Alegria; Diversão	3; 9; 17; 19
Igualdade	5; 9; 12
Amor ao esporte	5; 26; 27
Honestidade; Integridade	6; 16; 17
Dedicação	14; 16; 29
Excelência	8; 15; 20
Justiça	6; 29; 30
Disciplina	8; 21
Espírito desportivo	4; 22
Humanidade	5
Cultura	12
Cooperação	16
Compromisso	21
Perseverança	24

Quadro 2 - Os valores do Olimpismo segundo os jovens atletas Fonte: dados da pesquisa.

Por certo, a abordagem eclética e pluralista de Coubertin concatenou elementos de diferentes culturas na idealização do Olimpismo, caracterizando-o como um conjunto

de valores que representam o que pode haver de mais sublime no ser humano. Como advogam alguns autores,<sup>21</sup> o Olimpismo é a tradução do humanismo, portanto, a aprendizagem e o desenvolvimento de valores humanos estão na essência das atividades olímpicas, reverberando nas ações individuais e coletivas no âmbito desportivo e social.

Embora não se possa encontrar uma sistematização clara e bem definida sobre o Olimpismo, todos os valores citados pelos atletas têm respaldo nos estudos e discursos olímpicos, especialmente nas concepções coubertinianas.<sup>22</sup> Podemos ainda sublinhar que dentre os valores demarcados pelo COI como a síntese do Olimpismo – Amizade, Respeito e Excelência –, dois deles estão entre os mais citados pelos atletas.

Tavares,<sup>23</sup> em sua tese de doutoramento, entrevistou atletas brasileiros e alemães que participaram dos JO Sidney 2000 acerca dos valores proclamados pelo Movimento Olímpico. Como resultado, os atletas demonstraram “um déficit de conhecimentos a respeito do Olimpismo”, contudo, o valor excelência figurou como axial para os participantes, concatenando outros valores como confraternização, integração, espírito olímpico, desenvolvimento harmonioso e *fair play*. Apesar da divergência na abordagem metodológica, observa-se que a noção dos valores do Olimpismo independe do evento olímpico vivenciado, configurando-se como um conjunto de princípios que preservam uma essência comum, embora suas expressões possam variar conforme as interpretações e definições adotadas.

O Barão de Coubertin vislumbrava que os valores do Olimpismo se tornassem um código de conduta, norteando as ações daqueles que formavam o Movimento Olímpico. Por isso, esta “filosofia em processo”<sup>24</sup> abrange uma diversidade cultural que possibilita que seus valores sejam assimilados e praticados nas mais diversas regiões do globo. Sobretudo, numa conjuntura em que o relativismo axiológico se avulta, é imperativo que

---

<sup>21</sup> LOLAND. Pierre de Coubertin's ideology of Olympism from the perspective of the history of ideas, p. 49-78; PARRY. The moral and cultural dimensions of Olympism and their educational application, p. 181-97.

<sup>22</sup> CHATZIEFSTATHIOU. The changing nature of the ideology of Olympism in the modern Olympic era; RUBIO. Sobre as origens do esporte moderno e do Olimpismo, p. 149-168; MOTA. Do intrínseco ao contexto: Estratificando valores olímpicos fundamentais, p. 76-95.

<sup>23</sup> TAVARES. Esporte, Movimento Olímpico e Democracia: o atleta como mediador, p. 269.

<sup>24</sup> DACOSTA. A Never-Ending Story: The Philosophical Controversy Over Olympism, p. 157-173.

exista uma orientação filosófica (axiológica e pedagógica) que tenha fundamentos enraizados, mas que seja, da mesma forma, ajustável às demandas histórico-sociais.

Sendo assim, as respostas dos jovens atletas evidenciam que os valores do Olimpismo são, de alguma maneira, compreendidos e assimilados. Para além disso, são valores que devem ser ostentados pelos atletas olímpicos, como manifestado nas falas de alguns atletas:

Atleta 3: Acima de tudo, nós temos que manter esses valores. Mas, acho que já estão tão intrínsecos a nós que não era preciso serem explorados outra vez pelo presidente e pelo chefe de missão do COP [Comitê Olímpico de Portugal]. Nós já... acho que já mantemos esses valores do Olimpismo.

Atleta 12: Os valores Olímpicos devem se aplicar na vida de cada um, porque temos que praticar sempre.

Atleta 16: Alguns que eu ouvi é como... cooperação, também amizade, porque somos diferentes, porque somos de países diferentes, mas esses valores... também como a honestidade, também o jogar limpo... acredito que são também. Afinal de contas, são valores que nos unem muito como atletas, que apesar de sermos de países diferentes, de lugares diferentes, eles nos unem. E praticá-los é, para nós, como uma responsabilidade também.

É recorrente nos discursos institucionais a ideia de que o atleta está no cerne do Movimento Olímpico. Contudo, esta é uma relação simbiótica entre os atletas e o Movimento, em que os ídolos desportivos são protagonistas dos eventos olímpicos e, ao mesmo tempo, são como uma vitrine do Olimpismo. Como descrito no próprio *website* do COI: “Em campo, os atletas são os atores centrais da competição desportiva em que os Jogos Olímpicos são construídos. Eles são os modelos que inspiram milhões de crianças em todo o mundo a participarem do esporte e refletem os ideais olímpicos”.<sup>25</sup>

Nesse escopo, é delegado ao atleta olímpico a incumbência de representar os valores Olímpicos, em associação com a imagem da figura mítica do herói, indispensável para a conservação dos princípios do Olimpismo. Como exposto pela Atleta 16, esta assunção, simbolicamente, conecta os atletas olímpicos e os imbuí da responsabilidade de praticar os valores apreendidos.

---

<sup>25</sup> [Athletes - The Heart of the Olympic Movement | IOC \(olympics.com\)](https://olympics.com).



De acordo com Chatziefstathiou,<sup>26</sup> “o Olimpismo está ideologicamente e praticamente envolvido na produção de identidades transpessoais, transnacionais e pan-humanas”. Isto porque esta filosofia tem como alvo todos os cidadãos, e não apenas os atletas de elite, ela não está centrada exclusivamente nas competições, mas em todos os aspectos da vida, e não assume o esporte como uma mera atividade, e sim como um fenômeno cultural pedagógico e axiológico, por excelência. Nesta acepção, todos aqueles que se orientam pelos valores do Olimpismo estão mais próximos dos ideais gregos da *aretê*, ou seja, englobam as virtudes físicas, mentais e espirituais.

Assim, amizade, respeito, *fair play*, alegria, diversão, igualdade, amor ao esporte, honestidade, integridade, excelência, justiça, espírito desportivo, humanidade, cultura, cooperação, compromisso, perseverança, dedicação e disciplina são os valores do Olimpismo que impulsionam os jovens atletas a alcançarem a sua realização humana.

Decerto, o Olimpismo corresponde a uma maneira de ser e existir, a um estilo de vida, que não se restringe ao campo desportivo, mas submerge toda a existência do indivíduo, balizando amplamente sua conduta.<sup>27</sup> Com este entendimento, visamos identificar como os jovens atletas vivenciam os valores do Olimpismo por eles mencionados.

De maneira geral, os entrevistados manifestaram que praticam os valores em todos os contextos de suas vidas:

Atleta 11: O que eu aprendo no campo, eu ponho em prática em todas as minhas ações. No estudo também... O compromisso... Em todos os aspectos da minha vida.

Atleta 22: Bem, na minha vida cotidiana eu tento ser o mais respeitoso que posso com meus amigos, minha família, meus professores... Eu acho que isso se relaciona com a outra pergunta que você me fez antes, eu acho que o esporte nos ensina e procuro manter esses valores em todos os lugares.

Atleta 29: Eu acho que aplicamos tudo aquilo que nós aprendemos no esporte para toda a nossa vida, para todas as situações. Nós temos que ter uma disciplina que é inculcada aqui pelo esporte e pelo treino, que depois passamos para a nossa vida profissional e acadêmica.

---

<sup>26</sup> CHATZIEFSTATHIOU. The changing nature of the ideology of Olympism in the modern Olympic era, p. 69.

<sup>27</sup> MEINBERG. Ética Olímpica: algumas características e perspectivas, p. 57-74; IOC. *Olympic Charter*, p. 11.

Alguns jovens destacaram o contexto escolar, as relações com familiares, amigos, professores e treinadores para exemplificar a vivência cotidiana dos valores do Olimpismo.

Atleta 6: Na escola, eu sempre me esforço ao máximo, porque não faz sentido eu me esforçar na pista e não fazer o mesmo na escola. Com minha família... Eu sempre tento espelhar todos os valores que eu aprendo no esporte no meu dia a dia, com meus amigos e tudo mais.

Atleta 9: Assim como você precisa dos valores na pista, como persistência e trabalho duro e tudo mais, tudo isso se traduz também no campo acadêmico, entende? Porque você não pode ir bem na escola sem praticar e você não pode desistir de si mesmo, se você tirar uma nota ruim em um teste, você só tem que voltar e se esforçar mais.

Atleta 15: Bom... academicamente eu... quanto mais eu aprendo no esporte, melhor eu me saio na escola. Eu aprendo a trabalhar duro e assim por diante... e eu penso, muitas vezes, ao lidar com qualquer situação que surge na vida, seja com amigos, escola, família, acho que o esporte te ensina como realmente ser mais resiliente e ser capaz de realmente lidar com tudo.

À vista disso, as respostas dos atletas parecem alinhadas com a finalidade do Olimpismo de tornar-se uma filosofia de vida, sugerindo que os valores disseminados pelo MO se consolidam como um traço do caráter do ente olímpico. Contudo, há de se reconhecer que, neste aspecto, a nossa análise se limita ao que foi dito pelos participantes, os quais estavam circunscritos a um contexto olímpico específico. Ademais, a própria natureza da entrevista pode influenciar as respostas, uma vez que os entrevistados tendem a expressar comportamentos e atitudes considerados socialmente desejáveis.

De todo modo, segundo Perez,<sup>28</sup> “os valores Olímpicos estão diretamente relacionados à condição de atleta, seja no treinamento, na competição ou na vida em geral”. Nesse sentido, os atletas entrevistados alegaram que os valores do Olimpismo constituem os alicerces que orientam as suas relações e comportamentos, representando um paradigma de vida.

Ademais, os jovens pontuaram em suas falas o compromisso, a disciplina, a persistência, o respeito, a resiliência e a excelência – a partir das percepções de trabalho árduo, esforço e treino. Levar uma vida guiada pelos “mandamentos

---

<sup>28</sup> PEREZ. O entendimento de valores olímpicos por atletas olímpicos brasileiros, p. 45.

olímpicos” requer exercitação constante das virtudes, intentando alcançar a plenitude que conclama o Olimpismo.

Nesse sentido, a vida desportiva e a vida cívica se estabelecem em harmonia, em que as experiências e vivências cotidianas se assemelham com o que é vivido no esporte, conforme ressaltou o Atleta 17: “Normal, a vida é como se fosse um esporte, temos que aproveitá-la ao máximo, e... claro que sempre respeitar o próximo e ser amigável, não fazer asneiras... Normal. É como se fosse um esporte a vida”.

Nessa percepção reside a ideia de que o esporte é um microcosmo da sociedade, bem como da vida, e, portanto, reúne características e sistemas similares que podem ser reproduzidos.<sup>29</sup> No entanto, embora essa interrelação e interdependência da vida desportiva e da vida social possibilite que os valores também sejam deslocados, no esporte, por seu caráter universal e certa autonomia, há o estabelecimento de valores autóctones que, muitas vezes, servem como uma âncora existencial para os indivíduos que dele participam.

Em suma, o Atleta 10 parece ter conseguido resumir as respostas dos seus colegas com relação a vivência dos valores do Olimpismo dentro e fora do campo desportivo: “Os valores quando se aprende, se vive a todo tempo”. De fato, a praxiologia pervade a totalidade do sujeito, sendo cultiváveis de diversas maneiras. Segundo Patrício,<sup>30</sup> a vivência integral dos valores permeia momentos estruturais, os quais são definidos como percepção, fruição, criação e promoção ou difusão. Para o autor,

perceber um valor é vê-lo na sua presença, é identificá-lo. Fruir um valor é já gozá-lo, é ter uma experiência de prazer com o valor. A natureza desse prazer depende da natureza do valor e da qualidade e intensidade do acto fruidor. A criação axiológica não é, em rigor, a criação do valor, mas antes a criação de um objecto ou a realização de um acto que incorpora o valor, que é portador do valor. [...] Quanto à promoção/difusão do valor, consiste em induzir no outro, ou nos outros, a experiência do valor em algum, alguns ou todos os momentos.<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> MONTEIRO; GARCIA. *O legado axiológico dos Jogos Olímpicos*.

<sup>30</sup> PATRÍCIO. *Lições de Axiologia Educacional*.

<sup>31</sup> PATRÍCIO. *Lições de Axiologia Educacional*, p. 61-62.

Contudo, os valores não devem ser impostos, devem, primordialmente, passar por um processo de seleção e escolha, a partir das experiências de iniciação e indução axiológica. Nessa direção, buscamos compreender como os jovens atletas conheceram os valores do Olimpismo.

Em sua maioria, os entrevistados indicaram que os valores foram aprendidos genericamente no contexto desportivo, destacando diversos agentes no ensino axiológico.

Atleta 6: É um pouco de todas as influências, mas, suponho que conforme você cresce e observa seus ídolos, pode ver que são realmente idolatrados aqueles que estão fazendo as coisas certas, que são respeitosos e amigáveis, eles me mostraram isso. Você pode perceber que aqueles que não são considerados ídolos talvez seja porque não cumprimentam os outros competidores e não 'andam nos trilhos'. Então, você tem que absorver os valores observando aqueles que os têm.

Atleta 9: Nós recebemos boletins informativos e muitos... tipo... muitos treinadores e gestores falam conosco, e eles dizem: 'certifique-se de que você representa bem o nosso país e respeita a todos'...e foi assim.

Atleta 12: Com meus amigos olímpicos. Quando algum deles vem a competições internacionais nos explicam o que significam os valores.

Atleta 21: Eu conheço porque tenho vivido no dia a dia, com o treinamento diário... acordar cedo... ir para a escola e depois ir treinar... tudo isso, está no meu dia a dia.

Diante disto, podemos perceber que os diferentes atores do esporte cumprem um importante papel como fomentadores do conhecimento da axiologia Olímpica. Evidencia-se as figuras do atleta-ídolo, dos treinadores e gestores, dos amigos atletas e da própria delegação e do Comitê Olímpico Nacional (mencionados pelos Atletas 1, 2, 3, 7, 22 e 29).

Alguns atletas acrescentaram a família como um dos agentes responsáveis por seu conhecimento acerca dos valores do Olimpismo:

Atleta 5: Aprendi esses valores dos meus pais, da minha família, em toda a minha vida, nas minhas próprias experiências no esporte.

Atleta 15: Acho que aprendi muito com a experiência, mas, também minha família tem sido... minha mãe foi atleta, então, ela nos incutiu muitos desses valores.

É possível inferir através das falas dos jovens jogadores que os métodos usufruídos para a aprendizagem dos valores se assentam na inspiração, na observação, na

proposição, nos diálogos, na leitura e nas vivências cotidianas, constituindo formas de estimulação e indução.

Nesse escopo, destaca-se que, independente do instrutor axiológico (família, amigos, treinadores, agentes do Olimpismo), a aquisição dos valores se faz significativa a partir do exemplo e das relações afetivas. Com efeito, os valores são conhecidos emocionalmente, porém, sem negligenciar os sentidos, a razão, o desejo e o próprio hábito.<sup>32</sup> Nessa esteira, a vivência axiológica partilhada consiste num cenário profícuo para um conhecimento integralizado.

Por certo, não existe uma norma absoluta para ensinar valores, de todo modo, a prática desportiva oportuniza o ensino e a aprendizagem de valores, especialmente, quando desenvolvida alicerçada no Olimpismo. À vista disso, a Educação Olímpica tem se constituído como uma proposta pedagógica pautada nos princípios do Olimpismo, cujo intuito é fomentar uma formação humana em valores orientada pelo esporte.<sup>33</sup> A potencialidade transcultural e transdisciplinar da Educação Olímpica tem consagrado diversas iniciativas internacionais, dentro e fora do contexto escolar.<sup>34</sup> Desde 1994, as cidades escolhidas para sediar os Jogos Olímpicos devem realizar programas de Educação Olímpica.

Neste contexto, foi possível perceber os valores do Olimpismo nas diversas arenas de competição, sobretudo nas expressões e interações dos atletas. Um dos momentos em que pudemos verificar o valor amizade foi durante as competições por times mistos (*mixed-NOCs teams*), que ocorreram em grande parte das modalidades individuais. O formato das disputas proporcionou aos atletas a oportunidade de se conhecerem e estreitarem seus laços, além de trocarem experiências sobre técnicas e táticas da modalidade.

Nas competições mistas do judô foram formadas quatro equipes com oito atletas em cada uma, que disputavam a partir das suas categorias. Durante as lutas, percebemos que quando um atleta da equipe estava no tatame, todo o restante do time o apoiava e o incentivava, com um verdadeiro espírito de equipe. Ao final, na cerimônia de premiação,

---

<sup>32</sup> PATRÍCIO. *Lições de Axiologia Educacional*.

<sup>33</sup> FUTADA. Educação Olímpica: Conceito e modelos, p. 149-168.

<sup>34</sup> NAUL; BINDER; RYCHTECKY; CULPAN. *Olympic Education: An international review*.

foram hasteadas bandeiras olímpicas para cada time e, após ser tocado o hino olímpico, todos os atletas se abraçaram, evidenciando a união e a fraternidade Olímpica (Fig. 1).

Os judocas entrevistados confirmaram a percepção destes valores:

Atleta 10: Agora nós vimos [os valores do Olimpismo], na competição de equipes mistas e nós fizemos novos amigos, uma nova equipe, nós aprendemos com outros países. É muito legal ver como funciona em outros lugares. Foi uma grande experiência.

Atleta 19: Isso pra [sic] mim é união né [sic]... Mesmo a gente perdendo ali, aí só faltava uma menina lutar e tipo, não tinha mais chance da [sic] gente ganhar, mas estava todo mundo ali torcendo, como se fosse: 'se ela ganhar a gente era [sic] campeão'.



Fig. - Cerimônia de premiação da competição de judô por times mistos.  
Fonte: dados da pesquisa.

No geral, durante as partidas, notava-se o *fair play* e o respeito entre os atletas, que constantemente se cumprimentavam após as competições, e, da mesma maneira, entre os atletas e os árbitros, com raríssimas exceções, como as observadas nas disputas do futsal masculino, que permeou uma atmosfera divergente das outras competições, com muita rivalidade tanto em quadra quanto nas arquibancadas.

Não nos compete neste estudo buscar explicações para este fato, contudo, recordamos que, para Coubertin, as modalidades coletivas não deveriam galgar grande espaço na programação Olímpica, pois “sempre evocam uma ideia de batalha e de vitória terminal conseguida por uma tropa representativa do país ou da cidade”.<sup>35</sup> Efetivamente, o futebol, bem como o futsal, nutre, dentre outros aspectos, um “enraizamento dramático” que lhe atribui dimensões nacionalistas, que, em certa medida, divergem do caráter universalista dos Jogos Olímpicos.<sup>36</sup>

Por certo, o cerne dos Jogos Olímpicos da Juventude são as competições desportivas, nesse sentido, em todos os Parques, nos campos, nas quadras, nas pistas e nas águas, os jovens atletas demonstraram o valor excelência. Conforme declarou a Atleta 8: “Aqui estão os melhores do mundo”. Diante disso, era nítido o esforço máximo dos competidores e a busca pela superação, que também foi ressaltado pelo Atleta 15: “Todos estão realmente focados em fazer o seu melhor, o que é muito bom, porque todos querem estar no mais alto nível e se esforçar, o que é muito bom de ver”.

Em síntese, embora os jovens atletas tenham declarado que o conhecimento dos valores do Olimpismo foi adquirido a partir de outros espaços e agentes, os Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018 foi um importante lócus para a ampliação de uma educação fundamentada em valores (do Olimpismo). Destaca-se, nesse contexto, o Programa de Educação e Cultura destinado aos atletas, organizado pelo Comitê Organizador dos JOJ BA 2018 (*Buenos Aires 2018 Youth Olympic Games Organising Committee* - BAYOGOC) em parceria com o COI e as Federações Internacionais (FIs).

O BAYOGOC realizou uma gama de atividades para os atletas na Vila Olímpica da Juventude. A participação nas atividades não era obrigatória, no entanto, o BAYOGOC usufruiu de algumas estratégias para incentivar o envolvimento dos atletas, como os Jovens Embaixadores, o local das atividades e o *YOGGER*, dispositivo utilizado para trocar informações entre os atletas e acumular pontos nas atividades do PEC. Vale acenar também que os atletas participantes dos JOJ, ao contrário do que ocorre nos JO,

---

<sup>35</sup> MÜLLER; TODT. *Pierre de Coubertin (1863-1937), Olimpismo: seleção de textos*, p. 696.

<sup>36</sup> DAMATTA, *A bola corre mais que os homens*, p. 172-204.



devem permanecer na Vila até o final do evento, o que, estrategicamente, persuadia a participação dos atletas nas atividades do Programa.

Contudo, dentre os atletas entrevistados, 6 alegaram que ainda não haviam participado das atividades do programa, justificando que estavam focados nas competições. Entretanto, afirmaram que quando finalizassem seu calendário desportivo iriam participar da programação na Vila. Os demais entrevistados, os quais estiveram no Programa de Educação de Atletas, apontaram algumas das atividades que participaram, tais como karaokê, oficina de grafite, artes circenses, jogos desportivos, a plataforma *Performance Accelerator*, na qual realizavam testes físicos objetivando otimizar o desempenho e prevenir lesões, o *Gamechangers Hub*, onde puderam aprender a gerir melhor as suas redes sociais e o *Chat with Champions*, que eram momentos de conversa com atletas consagrados em suas modalidades promovidos pelas FIs.

De todo modo, mesmo dentre os atletas que já haviam participado de alguma maneira das atividades educacionais e culturais, foi possível identificar que a participação foi contingenciada em virtude do enfoque nas competições olímpicas, como demonstrado no discurso da Atleta 24: “Não pude participar de muitas atividades, porque como são físicas e como ainda vou competir, não quero me lesionar agora. Depois [da competição], vou participar mais”. Tal fala evidencia a centralidade do compromisso desportivo para os jovens atletas participantes dos JOJ, contudo, este aspecto é, reconhecidamente, conciliável com a diversidade de experiências disponibilizadas durante o evento.

No âmbito das atividades vivenciadas, os jovens atletas manifestaram que aprenderam, dentre outros aspectos, sobre amizade, respeito, *fair play*, culturas e sobre doping.

Atleta 8: Principalmente a amizade, porque lá a gente consegue falar com as outras pessoas, se divertir com elas, com as pessoas de outros países. Então, acho que a melhor coisa que tem lá dentro são essas brincadeiras.

Atleta 9: [Aprendi] como os atletas devem ser tratados pelos treinadores... e coisas gerais do esporte... como devem ocorrer.

Atleta 12: Acima de tudo, sinto que aprendi sobre as culturas de outros países.

Atleta 17: [Aprendi que] para correr, temos que correr justamente, não podemos usar o doping, que nos faz correr mais depressa.

Em uma pesquisa realizada com jovens atletas participantes dos JOJ de Inverno em Innsbruck 2012, Schnitzer, Peters, Scheiber e Pocecco<sup>37</sup> verificaram que através das atividades do PEC, os competidores fruíram de um conjunto de aprendizados, a saber: os valores Olímpicos, outras culturas, gestão de carreira, expressão de suas opiniões, responsabilidade social, prevenção de lesões e melhoria do estilo de vida.

Isto posto, é possível assumir que os atletas juvenis que se dispõem a participar do programa educacional e cultural, que integra os JOJ, adquirem uma diversidade de conhecimentos e valores relevantes, tanto para o desenvolvimento desportivo quanto para o desenvolvimento pessoal.<sup>38</sup>

Com isso, a potencialidade e a pluralidade educacional e cultural das atividades desenvolvidas na Vila Olímpica da Juventude são legitimadas enquanto iniciativas formativas no contexto de um megaevento desportivo, distinguindo-o de outros campeonatos internacionais, até mesmo dos Jogos Olímpicos.<sup>39</sup>

Ademais, os nossos entrevistados reconheceram, inclusive, os esforços para fomentar a convivência entre eles e a realização do valor amizade, através do dispositivo *YOGGER*:

Atleta 1: Lá na Vila mesmo, de noite... tipo, a gente janta e tem tipo um espaço cultural, sabe? E a gente tem isso aqui [mostrando o *YOGGER*], que você encosta no outro e é tipo um *pendrive*, e quem pegar mais informações ganha brinde. Então, fica todo mundo se relacionando por causa disso, fica todo mundo trocando *pins*... então, assim acaba tendo os valores Olímpicos, as relações de amizade, sabe?

Atleta 4: É muito divertido. Eu encontro amigos todos os dias. E tem uma variedade de coisas divertidas para fazer. Fiz novos amigos com o *YOGGER*, é bem dinâmico, encontro com pessoas de diferentes países, aprendo sobre os esportes deles e de onde eles vêm.

---

<sup>37</sup> SCHNITZER; PETERS; SCHEIBER; POCECCO. Perception of the culture and education programme of the Youth Olympic Games by the participating athletes: A case study for Innsbruck 2012, p. e1178-e1193.

<sup>38</sup> SCHNITZER; PETERS; SCHEIBER; POCECCO. Perception of the culture and education programme of the Youth Olympic Games by the participating athletes: A case study for Innsbruck 2012, p. e1178-e1193; DERVENT; ÇOTUK. Perception of Olympic Values by Turkish Athletes who participated in the First Youth Olympic Games, p. 1-8.

<sup>39</sup> MEDEIROS; GARCIA; SANTOS; VALENTE. Valores Olímpicos e Jogos Olímpicos da Juventude: um estudo de revisão de produções científicas, p. 96-112.

Torna-se então perceptível que este dispositivo utilizado nos Jogos Olímpicos da Juventude proporcionou o desenvolvimento da amizade entre os atletas, com a perspectiva de que estas relações permaneçam mesmo após o evento, uma vez que o *YOGGER* possibilitava o compartilhamento de *e-mails* e perfis nas redes sociais. Estas respostas convergem com os achados de MacIntosh, Parent e Culver,<sup>40</sup> em que jovens atletas participantes dos Jogos de Lillehammer 2016 constataram a funcionalidade do *YOGGER*, bem como do Programa de Educação de Atletas, para promover o intercâmbio cultural e as relações de amizade.

Com efeito, o ambiente da Vila Olímpica, *per se*, suscita a vivência de ideias Olímpicas ao propiciar o encontro de milhares de atletas com diferentes nacionalidades, e ter, neste espaço, o Programa de Educação de Atletas integraliza os objetivos do COI de compartilhar e celebrar culturas do mundo e educar os jovens em valores Olímpicos.

Inegavelmente, a educação em valores é de responsabilidade de toda coletividade social, e não depende de espaços formais de aprendizagem. Neste escopo, em Buenos Aires 2018, os mais altivos valores humanos, proclamados pela filosofia Olímpica, foram aprendidos, manifestados, representados e vivenciados, salientando o Olimpismo como exemplo de uma boa e bem-sucedida maneira de ser e existir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da centralidade que o Olimpismo assume nos Jogos Olímpicos da Juventude, somada a escassez de produções científicas que tematizam os valores neste evento, urgiu o interesse em compreender as concepções de jovens atletas acerca dos valores do Olimpismo, no contexto dos Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018. Operacionalizamos a partir de entrevistas semiestruturadas e observações dos atletas nos diferentes espaços e momentos do evento.

---

<sup>40</sup> MACINTOSH; PARENT; CULVER. Understanding Young Athletes' Learning at the Youth Olympic Games: A Sport Development, p. 1-20.

Pese embora não haja uma definição consensual sistematizada sobre o Olimpismo, considera-se que os valores a ele associados são, acima de tudo, valores humanos, contextualizados no âmbito desportivo. Assim, todos os valores declarados pelos jovens atletas encontram-se apregoados nas elaborações sobre o Olimpismo, seja no campo acadêmico ou institucional. À vista disso, os desportistas demonstraram que o Olimpismo foi compreendido e assimilado, asseverando a universalidade e abrangência da filosofia Olímpica.

Adicionalmente, alguns jovens manifestaram em suas falas que os valores do Olimpismo, de alguma forma, os uniam e deveriam ser praticados pelos atletas a todo tempo, tanto no desporto quanto fora dele. Efetivamente, o imaginário Olímpico, inspirado nos ideais gregos, atribui ao atleta a responsabilidade de encarnar as virtudes físicas, mentais e morais, concebendo-os como modelos de comportamento para a sociedade.

Neste escopo, questionamos aos atletas como eles vivenciavam os valores do Olimpismo. De maneira genérica, eles expressaram que desempenhavam os valores do Olimpismo em todos os contextos de suas vidas, exemplificando a partir das relações com familiares, amigos, professores e treinadores. Assumiu-se, então, a compreensão do Olimpismo enquanto uma filosofia de vida, fundamentada em valores humanos (universais), os quais orientam as atitudes e comportamentos dos indivíduos em toda sua existência.

Quando questionados sobre a aprendizagem destes valores, a maioria dos atletas afirmou que o conhecimento dos valores do Olimpismo foi adquirido no próprio contexto desportivo, figurando entre os agentes axiológicos os ídolos, os amigos atletas, os pais ex-atletas, os treinadores, os gestores e, até mesmo, a delegação e o Comitê Olímpico Nacional. Percebeu-se nas respostas dos jovens que a assimilação dos valores ocorreu por meio de observações, inspiração, proposições, diálogos, leituras e experiência cotidiana.

Embora os jovens atletas tenham afirmado que adquiriram conhecimento sobre os valores do Olimpismo através de diferentes contextos e influências, os Jogos Olímpicos da Juventude Buenos Aires 2018 desempenharam um papel crucial na expansão de

uma educação alicerçada nos princípios do Olimpismo, sobretudo em virtude do Programa de Educação e Cultura.

Entre os atletas que vivenciaram as atividades do PEC, identificou-se que a participação foi contingenciada em virtude da preocupação com as competições desportivas, o que revelou a centralidade do Programa Desportivo para os jovens olímpicos. De todo modo, o envolvimento nas atividades do programa possibilitou o aprendizado de conhecimentos e valores fundamentais para o desenvolvimento desportivo e social dos participantes, manifestado pelos ensinamentos sobre amizade, respeito, *fair play*, diversidade cultural, doping e sobre o combate ao assédio e abuso no desporto.

Os esforços do BAYOGOC e do COI em fomentar a educação em/para/sobre os valores do Olimpismo nos Jogos Olímpicos da Juventude foram reconhecidos por grande parte dos jovens atletas. Com isso, podemos depreender que Buenos Aires 2018 se configurou também como um contexto de aprendizagem e vivência dos valores do Olimpismo.

A capilaridade da filosofia Olímpica demanda constantemente um denso escrutínio sobre as apropriações e representações dos seus valores no contexto axiológico contemporâneo. Nesse sentido, os nossos achados podem se constituir como ponto de partida para futuras análises sobre o Olimpismo no evento olímpico juvenil e seus possíveis desdobramentos, emergindo assim outras temáticas, sujeitos e contextos de investigação.

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

CHATZIEFSTATHIOU, Dikaia. **The changing nature of the ideology of Olympism in the modern Olympic era**. Doctoral Thesis. Loughborough University, Loughborough, UK, 2005.

DACOSTA, Lamartine. A Never-Ending Story: The Philosophical Controversy Over Olympism. **Journal of the Philosophy of Sport**, 33(2), 157-173, 2006.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**: Duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DERVENT, Fatih; ÇOTUK, Müfide Yoruç. Perception of Olympic Values by Turkish Athletes who participated in the First Youth Olympic Games. **International Journal of Education and Research**, 1(4), 1-8, 2013.

FONTANA, Andrea; FREY, James H. The Interview: From Structured Questions to Negotiated Text. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Eds.). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2000, p. 645-672.

FUTADA, Felipe de Melo. Educação Olímpica: Conceito e modelos. In: RUBIO, Katia (Org.). **Educação Olímpica e responsabilidade social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 149-168.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE (IOC). **Factsheet 1 of 4**: The Youth Olympic Games Vision and Principles. Lausanne: International Olympic Committee, 2015.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE (IOC). **Factsheet**: Olympic Values Education Programme (OVEP). Lausanne: International Olympic Committee, 2018.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE (IOC). **Olympic Agenda 2020**. Presentation at the 127th IOC Session. Monaco: International Olympic Committee, 2014.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE (IOC). **Olympic Charter**. Lausanne: International Olympic Committee, 2017.

LOLAND, Sigmund. Pierre de Coubertin's ideology of Olympism from the perspective of the history of ideas. **Olympika**, IV, 49-78, 1995.

MACINTOSH, Eric; PARENT, Milena; CULVER, Diane. Understanding Young Athletes' Learning at the Youth Olympic Games: A Sport Development. **Journal of Sport Management Global**, 1-20, 2019.

MEDEIROS, Ana Gabriela Alves, GARCIA, Rui Proença., SANTOS, Doiara Silva dos; VALENTE, Jéssica Aline. Valores Olímpicos e Jogos Olímpicos da Juventude: um estudo de revisão de produções científicas. **Olimpianos – Journal of Olympic Studies**, 4, 96-112, 2020.

MEINBERG, Eckhard. Ética Olímpica: algumas características e perspectivas. In: RUBIO, Katia; REPPOLD FILHO, Alberto; TODT, Nelson; MESQUITA, Roberto. (Orgs.). **Ética e compromisso social nos estudos olímpicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. 57-74.

MONTEIRO, Alberto; GARCIA, Rui Proença. **O legado axiológico dos Jogos Olímpicos**. Lisboa: Comité Olímpico de Portugal, 2016.

MOTA, Francisco Marchiori. Do intrínseco ao contexto: Estratificando valores olímpicos fundamentais. **Olimpianos – Journal of Olympic Studies**. 4: 76-95, 2020.

MÜLLER, Norbert; TODT, Nelson. **Pierre de Coubertin (1863-1937), Olimpismo**: Seleção de textos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

NAUL, Roland; BINDER, Deanna; RYCHTECKY, Antonin; CULPAN, Ian. (Eds.). **Olympic Education**: An international review. London: Taylor & Francis, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8ª ed. Campinas: Pontes, 2009.

PARRY, Jim. The moral and cultural dimensions of Olympism and their educational application. **International Olympic Academy**: Report of 34th Session of Young Participants. Olympia, Greece, p. 181-197, 1994.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira. **Lições de Axiologia Educacional**. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.

PATTON. Michael Quinn. **Qualitative evaluation and research methods**. Newbury Park: Sage Publications, 2005.

PEREZ, Carlos Rey. **O entendimento de valores olímpicos por atletas olímpicos brasileiros**. Tese (Doutorado em Ciências), Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RESWEBER, Jean-Paul. **A filosofia dos valores**. Coimbra: Almedina, 2002.

RUBIO, Katia. Sobre as origens do esporte moderno e do Olimpismo. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Educação Olímpica e responsabilidade social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 149-168.

SCHNITZER, Martin; PETERS, Mike; SCHEIBER, Sabrina; POCECCO, Elena. Perception of the culture and education programme of the Youth Olympic Games by the participating athletes: A case study for Innsbruck 2012. **The International Journal of the History of Sport**, 31(9), 1178-1193, 2014.

TAVARES, Otávio. **Esporte, Movimento Olímpico e Democracia**: o atleta como mediador. Tese (Doutorado em Educação Física), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.

TAVARES, Otávio. Valores olímpicos no século XXI. In: RUBIO, Katia; REPPOLD FILHO, Alberto; TODT, Nelson; MESQUITA, Roberto. (Orgs.). **Ética e compromisso social nos estudos olímpicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. 181-202.

\* \* \*

Recebido em: 29 fev. 2024.

Aprovado em: 26 out. 2024.



## **Performing internationalism: a discursive analysis of artists' outfits and their political communication during the Opening and Closing Ceremonies of the Summer Olympic Games (2000–2020)**

Performando internacionalismo: uma análise discursiva dos trajes de artistas e suas comunicações políticas durante as Cerimônias de Abertura e Encerramento dos Jogos Olímpicos de Verão (2000–2020)

**Cecília Elisabeth Barbosa Soares**

Independent Researcher  
PhD, UERJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

**Raphael dos Santos Miguez-Perez**

Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro/RJ, Brasil

**ABSTRACT:** The modern editions of the Olympic Games convey international values, with sports being considered a tool to negotiate geopolitical issues. Particularly, the Opening and Closing Ceremonies can be seen as solemn events with an important visual aspect. Based on a discursive perspective through the lens of Bendel Larcher, Kress and Heller, this paper analyzes the shapes and the colors of the sartorial items used by artists during the Opening and Closing Ceremonies from 2000 until 2020. It focuses on the artists invited to perform during the occasions, and on their role to communicate different messages concerning the international conjuncture.

**KEYWORDS:** Opening/Closing Ceremony; Discourse Analysis; Olympic Games; Sartorial Items; Internationalism.

**RESUMO:** As edições modernas dos Jogos Olímpicos abarcam valores internacionais, considerando esportes como uma ferramenta para negociar questões geopolíticas. Em particular, as Cerimônias de Abertura e Encerramento podem ser tidas como eventos solenes, de aspecto visual importante. Baseando-se numa perspectiva discursiva pela ótica de Bendel Larcher, Kress e Heller, este artigo analisa formatos e cores de itens de vestuário utilizados por artistas durante as Cerimônias de Abertura e Encerramento das edições de 2000 a 2020. O artigo tem como foco os artistas convidados para se apresentarem nessas ocasiões e seu papel de comunicarem diferentes mensagens acerca da conjuntura internacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cerimônias de Abertura/Encerramento; Análise do Discurso; Jogos Olímpicos; Vestuário; Internacionalismo.

## INTRODUCTION

During the first edition of the Modern Olympic Games, in 1896, Pierre Frédy, the Baron of Coubertin, held a clear discourse about his motivations to (re)implement such a competition. The Baron, who was also the founder and first president of the International Olympic Committee (IOC), stated that

in reviving this institution, twenty-five centuries old, we have wished you to become devotees of the *religion of Sport* in the same sense as it was conceived by your famous ancestors. In the present world, [...] Olympism may be a school of moral nobility and purity, as well as of physical endurance and energy, provided that you always keep your conception of honor and disinterestedness in sport on a level with your physical powers.<sup>1</sup>

If the Baron's affirmation intends to enhance the ideals behind the initiative, stressing the role of tradition, fair play, and physical performance, modern sports would, from then on, also play an important role concerning geopolitics.<sup>2</sup> Throughout the 20th century, the Olympic Games would become one of the two global mega-events with major impacts concerning national visibility,<sup>3</sup> international negotiations, and urban organizations, among other topics.<sup>4</sup> Whereas many sources stressed the local negative effects of each edition of the Olympic Games, such as the evictions of local populations to build facilities for Rio 2016,<sup>5</sup> the conception of a "planetary initiative" can also delay some positive consideration about the worldly context and how to deal with urgent, international matters.<sup>6</sup>

In this sense, the Games can be perceived as multi-layered events with different geopolitical meanings and impacts: they gather a particular sample of national and international authorities, be it politicians, athletes, and artists. They are therefore able to get the public's attention and can be seen as "as important as the United Nations".<sup>7</sup> We can see the Olympic Ceremonies as a large moment of

---

<sup>1</sup> COUBERTIN *apud* OLIVEIRA. *Mega-events, city and power*, p. 20. Highlight by the author.

<sup>2</sup> CHARTIER. Avant-propos.

<sup>3</sup> FURRER. *Sydney 2000: "Sharing the spirit?"*, p. 20.

<sup>4</sup> The second mega-event would be the Soccer World Cup, organized by FIFA. See GRUNEAU; HORNE. *Mega-events and globalization: a critical introduction*.

<sup>5</sup> CORDEIRO *et al.* Qual é o efeito econômico de ser sede olímpica?

<sup>6</sup> BANCEL *et al.* *Une histoire mondiale de l'Olympisme (1896-2024)*.

<sup>7</sup> N/A. *Histoire mondiale de l'olympisme*.

communication and acknowledgment of major international discussions, be it verbally or visually.<sup>8</sup>

The structure of the Olympic Games proposes a balance between continuity and episodic events.<sup>9</sup> During each edition, we may expect an Opening Ceremony (when the Olympic fire will be lit), the competitions, and then an Ending Ceremony (when the Olympic fire will be put off and there will be the Handover of the Olympic flag to the host country of the next edition). A selection of actors will both resume Olympic values (cooperation, fair play, etc.) and enhance important global topics (environment, international negotiations, cultural exchanges).<sup>10</sup> In this context, where sports meet the concept of “citoyenneté”,<sup>11</sup> the choice of which actors will perform and how they will dress is a significant component of the message brought by each edition of the Games. Indeed, the shapes and colors of the uniforms and chosen sartorial goods can also be interpreted as symbolic tools to communicate and develop different values, such as peace, union, and patriotism.<sup>12</sup>

Even if each edition is based on a repetitive structure (Opening-Games-Closing and Handover), during the Games, the idea of “nation” is treated as something that is not uniform and ethnically similar,<sup>13</sup> but with different stories and outfit traditions, which may also change through the years.<sup>14</sup> This paper aims to look deeper into the discourse of artists’ dress at the Opening and Closing Ceremonies between 2000 and 2021, and how they discuss three perspectives: the Olympic values, some international topics that are happening in parallel with the Games, and a “promotion of the national”, i.e., the enhancing of positive characteristics of a specific nation by its members.

Although politicians and representatives of private institutions are important agents during the Ceremonies, this paper focuses on the artists invited to perform during the Ceremonies. They usually consist of well-known references to the host country, such as singers, bands, dancers, etc. While the athletes often wear outfits with

---

<sup>8</sup> ARNING. Soft power, ideology and symbolic manipulation in Summer Olympic Games opening ceremonies, p. 523-544. / HAYES; KARAMICHAS. *Olympic Games, Mega-Events and Civil Societies*.

<sup>9</sup> The Olympic Museum. *The Modern Olympic Games*.

<sup>10</sup> LATTIPONGPUN. The Origins of the Olympic Games’ Opening and Closing Ceremonies.

<sup>11</sup> HISTOIRE, SPORT ET CITOYENNETE.

<sup>12</sup> PEREZ; SOARES. Shapes and colours as symbols for international values.

<sup>13</sup> ANDERSON. *Imagined communities*.

<sup>14</sup> PEREZ; SOARES. Shapes and colours as symbols for international values.

national colors and/or symbols, especially during their parade, it is expected that formal actors wear suits or equivalents — frequently in sober tones of blue, black, or gray. The artists' dress is often more complex, mixing a visual exuberance to be seen on stage, national references to the host country, and other creative choices.

Our corpus includes twelve recorded videos<sup>15</sup> of the Opening and Closing Ceremonies of the 2000-2020 Summer Games, available online at the official YouTube channel of the Olympic Games.<sup>16</sup> Central moments of the footage were converted into screenshots, thus creating a second corpus of almost 600 images of the Ceremonies. From this corpus, we chose for the present paper 13 pictures of the following events: Sydney 2000 Opening and Closing Ceremonies, Athens 2004 Opening Ceremony, Beijing 2008 Opening Ceremony, London 2012 Closing Ceremony, Rio 2016 Opening Ceremony, and Tokyo 2020 Opening Ceremony. This choice is intended to highlight the paper's arguments without developing an overwhelming explanation.

The present article is organized into two parts. The first one presents six analytical categories to interpret outfits as a discourse, stressing the role of shape and color in communicating complex ideas [see notes 8 and 10]. These six analytical categories originated from the authors' previous research<sup>17</sup> on sartorial items used at the Games' Ceremonies, based on the discursive perspective of Bendel Larcher, Kress and Heller. The second part of this paper brings the artists' performances at the Games' Ceremonies and their take on international matters, focusing on a discursive analysis of the sartorial items used by these artists. Therein, we present the context of international politics and the Olympic Games during the first 20 years of the 21st century, considering the terrorist attacks of September 11th, 2001 in the US as a game-changer for internationalism and the role of global values in national contexts. Indeed, until the attack of the Twin Towers of the World Trade Center, in New York City, the Olympic Ceremonies had tried to keep on with Olympism, that is, to “inspire people toward a lifelong orientation to personal development and moral

---

<sup>15</sup> The videos were considered in their full length, although we took prints of different outfits and scenes while watching them. These screenshots became the corpus for the present paper.

<sup>16</sup> OLYMPICS YouTube Channel..

<sup>17</sup> PEREZ; SOARES. Shapes and colours as symbols for international values.

excellence”.<sup>18</sup> Indeed, Olympism can be understood as “[...] a social philosophy, which emphasizes the role of sport in world development, international understanding, peaceful co-existence, and social and moral education”.<sup>19</sup> After this, we notice a switch to different representations of national values and issues, especially concerning developing nations. Considering this, the hegemony of the developed nations as a reference for what is good is reduced, enabling developing nations to communicate values from other perspectives. Finally, we focus on the category of the “promotion of the national” and link this concept to other perspectives such as multiculturalism and postcolonialism.

#### SIX ANALYTICAL CATEGORIES TO INTERPRET THE OUTFITS OF THE GAMES

As mentioned before, in our previous work on the symbolism of shapes and colors of sartorial items used at the Opening and Closing Ceremonies of the Summer Olympic Games, we developed six analytical categories to interpret the outfits used by the actors starring in these ceremonies in the last two decades (Table 1).<sup>20</sup>

These categories are not isolated features, which people should follow diligently. Each combination of shapes and colors of outfits or accessories should not be taken for granted; rather, they can be perceived as complex structures that intend to enhance ideas, intensify a relation with a specific public, and/or reinforce discursive premises. The actors mix these references, according to what they want to express, and how.<sup>21</sup> In this sense, the articulations of these categories can be seen as a dynamic activity. Just as athletes often choose sober suits over the sportswear one would expect them to wear,<sup>22</sup> spokespeople can lighten the tone of their message by bringing different accessories or changing the traditional color palette associated with a specific shape. Nonetheless, the case of the artists may differ from the others, since they tend to mix a greater proportion of fashion tendencies, promotion of the national (such as the colors of a flag), and lyrical outfits.

<sup>18</sup> TEETZEL. *Olympism: The Evolution*, p. 107-117.

<sup>19</sup> KELMENDI *et al.* *Olympism and role of Olympic Values in Sport*, p. 14.

<sup>20</sup> PEREZ; SOARES. *Shapes and colours as symbols for international values*.

<sup>21</sup> GOFFMAN. *The presentation of self in everyday life*.

<sup>22</sup> BREWARD. *The suit*.

Category	Main colors	Who (mainly) wears it?	Main message
<b>Protocol colors or “politician outfit”</b>	navy blue, gray, dark gray, black, beige	representatives of the different government and international organizations; athletes	discretion, standardization, credible official communications, public mentions, diplomacy, elegance, temperance, masculinity
<b>The Western conception of “sportswear”</b>	bright tones, often related to the nation’s flag	athletes during the parade	uniformity; sports as the major point of the event; laid back environment; youth and strength; athleisure
<b>“Traditional” clothes of a nation</b>	vary according to the national references/adaptations; can be related to the nation’s flag	athletes during the parade	recording the nation’s past and origin; cultural diversity
<b>Promotion of the national</b>	vary according to the national references/adaptations	artists during the beginning of the Opening Ceremony and the end of the Closing Ceremony	highlighting the nation’s history and its modern values and tendencies
<b>The lyrical outfit</b>	metallic tones; major presence of blue, white, silver	artists, mainly singers, during the musical part(s)	lyricism; reprise of the Greek ideal of contemplating all five senses in each event
<b>Fashion tendencies</b>	vary according to the moment	athletes, artists	linking each event to their chronological context; presence of a “fashion taste”

Table 1: Analytical categories proposed and developed by the authors to interpret outfits.

For the proposed analysis, we rely on Discourse Analysis, which is a vast scientific field with many approaches. In our case, discourse shall be understood as the social process of understanding how to interpret and organize the world.<sup>23</sup> Whereas Discourse Analysis tends to be associated with a rather language-based analysis, the field of Social Semiotics is interested in meaning, in all its forms. In this sense, “[...] meaning arises in social environments and in social interactions. That makes the social into the source, the origin and the generator of meaning”.<sup>24</sup> When it comes to analyzing visual representations, many categories can be considered, color being one of them. Therefore, “[...] colour is also used to convey interpersonal meaning: it allows us to realize ‘colour acts’, just as language permits ‘speech acts’. It can be and is used to do things to or for each other”.<sup>25</sup>

The field of Social Semiotics, as developed by Kress, can and shall be understood from a discursive perspective,<sup>26</sup> Kress derives this concept from the systemic-functional model of Halliday, who

focuses on the relationship between the linguistic system and the social structure within a theory of ‘social semiotics’. The purpose of social semiotics is to study signifying practices in social and cultural contexts, to analyse human meaning-making as a social practice.<sup>27</sup>

Halliday developed his theory in the seventies, when Discourse Analysis was still being shaped as the vast field we know today. Later, Kress (and Van Leeuwen in *Reading Images*) further developed Social Semiotics from the perspective of Discourse Analysis as a tool for analyzing multimodal corpora, like images and videos. In the present paper, we consider Social Semiotics as an inherent dimension of Discourse Analysis.

In this sense, Bendel Larcher<sup>28</sup> includes Kress’ multimodal analysis as part of Discourse Analysis in her manual *Linguistische Diskursanalyse: Ein Lehr- und Arbeitsbuch*, considering various aspects of the analysis of images, such as colors.

---

<sup>23</sup> BENDEL LARCHER. *Linguistische Diskursanalyse*, p.16.

<sup>24</sup> KRESS. *Multimodality*, p. 54.

<sup>25</sup> KRESS: VAN LEEUWEN. *Reading Images*, p. 241.

<sup>26</sup> BENDEL LARCHER. *Linguistische Diskursanalyse*, p. 45.

<sup>27</sup> ANGERMULLER et al. *The Discourse Studies Reader*, p. 263.

<sup>28</sup> BENDEL LARCHER. *Linguistische Diskursanalyse*, p. 154.



Therefore, Bendel Larcher also considers Heller's theory of colors<sup>29</sup> as a tool for multimodal analysis from a discursive perspective. Through this model proposed by Heller, we can estimate the importance and the meanings of different colors, as perceived in Western societies.

<b>Color</b>	<b>Meaning</b>
<b>Blue</b>	unlimited, loyalty, longing, chill, masculine and spiritual virtues, royal, divine, peaceful
<b>Red</b>	love, hate, nobility, forbidden, life force, divine fire, matter, control, dynamism
<b>Green</b>	hope, nature, poison, health, youth
<b>Orange</b>	cheap, modernity, pleasure, fun, energy, shift, security, warning
<b>Violet</b>	power, vanity, immorality, extravagance, fashion, mystery, feminism, LGBT, decadence
<b>Gray</b>	mediocrity, boredom, sadness, unkindness, cruelty, old, past, poverty, inferior, illegal
<b>Silver</b>	fast, secondary, nobility, counterfeiting, modern, elegance
<b>Yellow</b>	sun, optimism, enlightenment, maturity, envy, selfishness, warning
<b>Black</b>	death, negative feelings, dirt, misfortune, meanness, elegance, individuality, illegality
<b>White</b>	perfection, light, divine, ideal, resurrection, purity, innocence, status, truth, peace, snow
<b>Pink</b>	feminine, sweet, childlike, weakness, romance, cozy, vanity
<b>Brown</b>	stupidity, laziness, unerotic, comfort, security, spoiled, poor, old-fashioned
<b>Gold</b>	luck, wealth, pride, infatuation, divine, happiness, splendor, festivity, fame, decor, alchemy, winner

Table 2: Colors and their meanings as seen in Western societies (based on Heller 2001; 2013).

The proposed analysis in this paper is thus conducted considering the color meanings and symbolism as organized by Heller. We believe that such analysis may

<sup>29</sup> HELLER. *Wie Farben wirken.* / HELLER. *A psicologia das cores.*

shed light on the power of the messages conveyed by artists at the Ceremonies. It is also important to reinforce that our analysis focuses mainly on the artists' outfits and their colors, shapes, and symbolism, although we may often explore other elements displayed on the "stage" to strengthen our argument. Considering this, we follow to the next part of this paper, where the context of the early 2000s is discussed, allowing us to understand how geopolitics and worldwide events influence the Games and the messages each edition brings to the public every four years.

### **THE ARTISTS' PERFORMANCES DURING THE GAMES' CEREMONIES AND THEIR TAKE ON INTERNATIONAL MATTERS**

Due to the magnitude of the Games, seen as "[...] the quintessential instance of the globalization of sport",<sup>30</sup> the choice of a nation as a host of a future edition of the event happens with an anticipation of many years. Sydney was chosen as the host city of the 2000 edition, the "Games of the New Millennium", in 1993, after a competitive and expensive bidding procedure.<sup>31</sup> Moreover, the previous edition of the Games, in Atlanta (USA), was severely criticized by the media, which stressed that the event had a poor organization and had become too commercial.<sup>32</sup> In this sense, the political aspect of the Games and the strong impact it could have, both on national and international scales, was explicit. The use of the Olympiads as a platform to express political perspectives was not new:

The Olympics' high-profile has been employed by organizations to promote a particular ideology. Worldly covered mega-events provide dissenting voices with an opportunity to express their view and attract potentially violent protests and political demonstrations. They offer a platform for protests and grievances, as is illustrated by the Black Power salute in the 1968 Mexico Games. Several Olympic boycotts (Moscow 1980 and Los Angeles 1984) point to the use of hallmark events by the governments to protest against other nations. But political protests have not always been peaceful, as the 1972 Olympic Village massacre of the Israeli team members proves. More recently, Atlanta suffered a bomb attack. [...] Hallmark events as a platform for community protest are also illustrated by the Aboriginal issues. Aboriginal groups have used mega-sporting events in the past to highlight the plight of their people.<sup>33</sup>

<sup>30</sup> ROWE *et al.* *apud* FURRER. *Sydney 2000: "Sharing the spirit?"*, p. 62.

<sup>31</sup> NEW SOUTH WALES Treasury *et al.* *The Economic Impact of Sydney Olympic Games*.

<sup>32</sup> ZEBULON BAKER. *Whatwuzit?*

<sup>33</sup> FURRER. *Sydney 2000: "Sharing the spirit?"*, p. 21.

In this sense, the 2000 edition of the Games “[...] were staged in the middle of a historical phase of globalization which took off around 1990 and lasted until the global financial crisis in 2009”.<sup>34</sup> In September 2000, just before the beginning of the Games, the General Assembly of the United Nations approved the Millennium Declaration, which intended “[...] to reaffirm our [the UN’s] faith in the Organization and its Charter as indispensable foundations of a more peaceful, prosperous and just world”.<sup>35</sup> The document discussed six major topics, from peace to poverty eradication and protection of the environment, through the development of human rights, democracy, governance, and the UN itself. In a symbolic convergence of these ideals, the North and South Korea teams competed separately but walked together during the Athletes’ parade. Timor-Leste, which had become independent very recently and did not have a flag, paraded with the Olympic flag.<sup>36</sup>

If, at the time, the notion of crisis seemed somewhat under control, the turn of the century conjuncture included, among other international topics, discussions about “green games”<sup>37</sup> and the symbolism of a new era with more diversity and inclusion. The Olympic points resonated with the general turn-of-the-century international goals and expectations: a moment where it was allowed to be optimistic and hope for a better future. Contrary to politicians, representatives of private institutions, or athletes, the artists do not adopt a mainstream reference to their outfits — it can be a suit in sober tones or a sportswear uniform with national identification. Their connection to a political expression is also developed by the composition of a lyrical aspect, thus widening the possible color spectrum and the shapes of the outfits.

We can see a reflection of such topics by the choice of preparing a Festival of the Dreaming as the first of the four Olympic Arts Festival, in 1997. The Game’s Opening Ceremony resumed the ideals of dreaming and achieving: John Farham and

---

<sup>34</sup> WADE. The economic legacy of Sydney’s Olympics is still taking shape.

<sup>35</sup> UNITED NATIONS. United Nations Millennium Declaration.

<sup>36</sup> HAVELY. The Olympics: a very political game.

<sup>37</sup> CHALKLEY; ESSEX. Sydney 2000: the “Green Games”?, p. 299-307; BRIESE. Sustaining Sydney, p. 25-42.

Olivia Newton-John sang *Dare to Dream*, and one of the Ceremony's sections was called *Awakening*, thus stressing the role of action to make dreams come true.<sup>38</sup>

The same Opening Ceremony included several Indigenous-themed segments (Figure 1), and Cathy Freeman, a Kuku Yalanji Australian who competed as a sprinter, was chosen to light the Olympic cauldron (Figure 2). Freeman would eventually win the 400m final, thus consolidating a general sensation of a victory for the nation, as well as the idea of diversity concerning the Indigenous population of the country. In these cases, the sartorial choice focuses either on traditional aesthetics from different Indigenous people or on regular sportswear, therefore proposing diversity by distancing themselves from national items such as the flag, country colors, or other symbols. Freeman wore a body-length overall in light colors, stressing her athletic figure. In this sense, although, during the Sydney ceremonies, Aboriginal people were present and wore traditional outfits (Figure 1), Freeman molded part of her identity as an athlete, a spokesperson of sports, more than dealing with other categories (Figure 2).



Figure 1 - Djakapurra Munyarryun, a Yolngu elder and songman, holds Nikki Webster by the hand during Sydney Opening Ceremony, in 2000. Footage from YouTube.

<sup>38</sup> Both events were directed by the same person: Rhoda Roberts AO. It is important to note that the Opening and Closing Ceremonies are usually commissioned to different artists from the host country. Therefore, even if this paper stresses the dialog of the events within a wider agenda, the point of view of the event is also authorial. See O'CONNOR. How the Sydney Olympics amplified First Nation voices on and off the track.

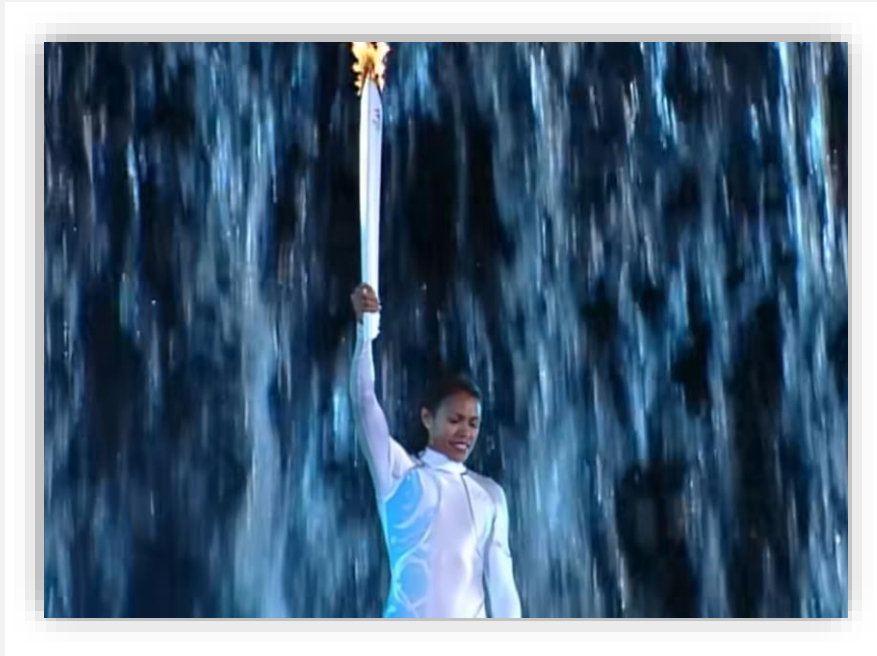


Figure 2.a - Cathy Freeman just before lighting the Olympic Cauldron.

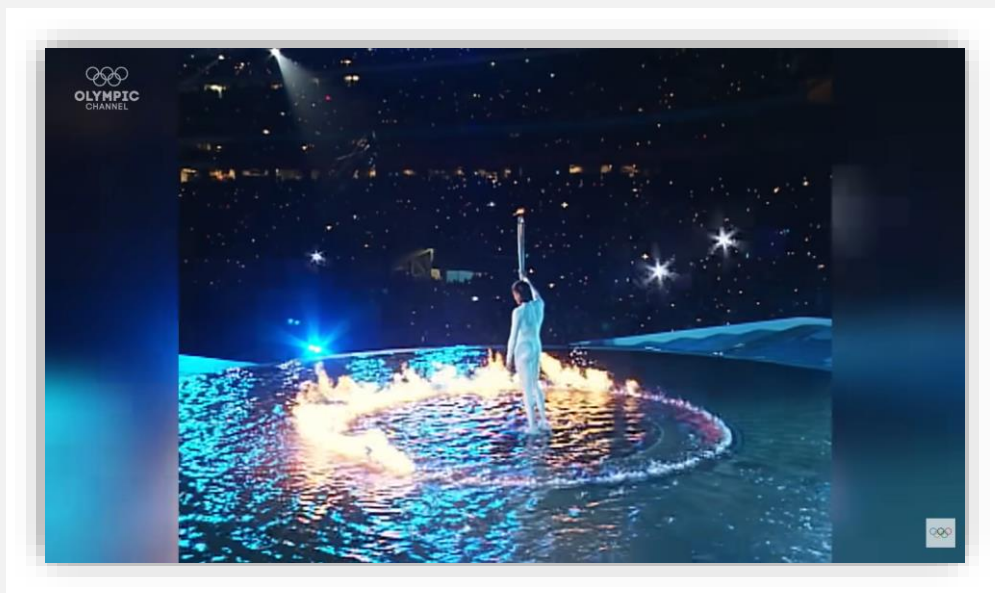


Figure 2.b - The lighting of the Olympic Cauldron. Footage from YouTube.

The general theme of diversity, inclusion, and tolerance was also present during Sydney's Closing Ceremony. The Australian duo Savage Garden released its second and final album, *Affirmation*, in 1999 and performed the homonymous song during the ceremony (Figure 3). Both artists are seen in jeans and black<sup>39</sup> shirts with short or no sleeves. If this outfit is, at the same time, neutral and characteristic of the

---

<sup>39</sup> BENDEL LARCHER. *Linguistische Diskursanalyse*, p. 154.

2000s fashion tendencies, the print on the singer's shirt is an Aboriginal flag, stressing the general message of national integration. In this sense, the song synthesized the idea of national and international affirmation towards the political agendas of representativity and cooperation. In an "era of glam, excess and pop superstars",<sup>40</sup> the dress, practical, neat and straightforward, translates a political optimism in front of the plural challenges of the New Millennium. It is also interesting to note that the black color works as a canvas to stress the importance of the aforementioned message. By wearing black, we can interpret that singer Darren Hayes chose to deliver an individual perspective concerning the Aboriginal cause but to a global public, in a context in which such diversity is already being discussed.

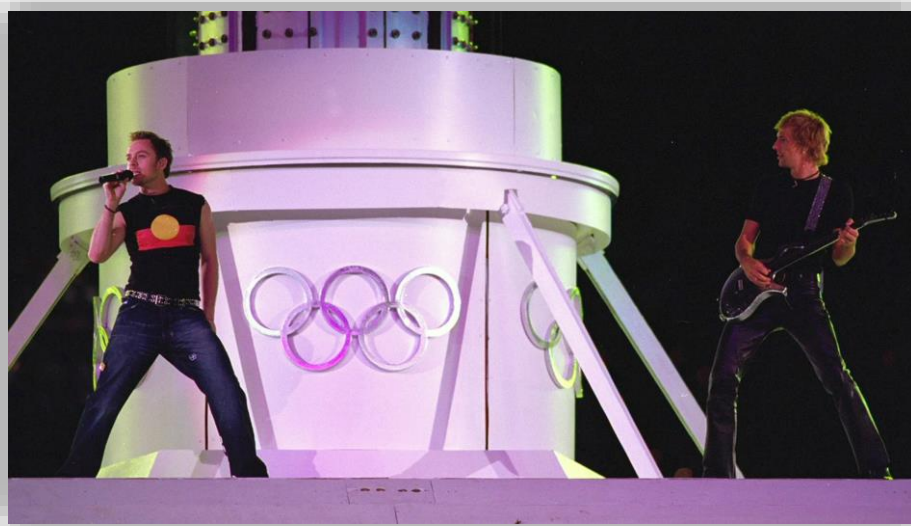


Figure 3 - Australian duo Savage Garden performing during Sydney's Closing Ceremony, 2000.<sup>41</sup>

However, this general scenario would be shattered by the events of September 11, 2001.<sup>42</sup> And, in 2005, one day after London won as the host for the 2012 Games, "suicide bombers exploded four devices in central London during the rush hour, killing a total of 56 people and injuring more than 700".<sup>43</sup> Other severe attacks, such as the events at the Bataclan or the bombing near the Stade de France, in Paris, both

<sup>40</sup> COPSEY. Darren Hayes reflects on Savage Garden: "It was an era of glam, excess and super popstars".

<sup>41</sup> FREEMAN. Director: Laurence Billiet. Australia, 2021.

<sup>42</sup> TOOHEY; TAYLOR. *Mega Events, Fear, and Risk*, p. 451-469.

<sup>43</sup> KAVETSOS; SZYMANSKI. *Olympic Games, Terrorism and their Impact on the London and Paris Stock Exchanges*, p. 189-206.



in 2015, highlighted the fear of terrorism<sup>44</sup> and faceless enemies operating in a deconstructed chain. Besides the security issues, the 2008 financial crash interrupted the previous ideal of sustainable economic growth and wide social development, including the adoption of technology and improvement of the general quality of life.

The Games editions of Athens, Beijing, London, and Rio stress different points of an unstable period in sharp contrast with the pre-2001 expectations. It can be about the scope of the international challenges and the shattering of the ideal of a “peaceful internationalism”,<sup>45</sup> or about how to cope with it — especially at a national level. In 2004, the Athens Opening Ceremony was divided into two parts, *Allegory* and *Clepsydra*, which intended to present general choices of the meaning of life, and their modification throughout the decades, from the Ancient to the Modern Times. The choice of Athens also reinforces the idea of a new beginning and comeback to tradition; during the *Allegory*, the third part of the poem *Mythistorema*, by George Seferis,<sup>46</sup> was read aloud.

Seferis opens his poem with the epigraph “Remember the baths where you were murdered.” He also states: “I woke with this marble head in my hands;/ it exhausts my elbow and I don’t know where to put it down./ It was falling into the dream as I was coming out of the dream / so our life became one, and it will be very difficult for it to separate again”. This struggle between dream and reality, plus the alert concerning the murder site, seems well accurate for the broken expectations of the previous years and the “continuous crisis of modernity and globalization”.<sup>47</sup> Therefore,

[the closing ceremony] converted the stage of the stadium into a gigantic wheat field that was formed in the shape of a spiral maze. The production began with a mock Greek wedding, which became a platform for incorporating local celebrations from various regions of Greece. These festivities were followed by the Exodus concert, a live show by representatives of the contemporary folk music scene in Greece.[...] The two ceremonies should be seen as supplementary to each other. If the [...] Opening Ceremony attempted to capture the archetype of Greek civilization in an Apollonian manner, the closing ceremony aspired to evoke its Dionysian character, and it was more pluralistic in nature, encompassing the regional diversity of Greek culture. If in the opening ceremony we encounter a nation more than a people, the opposite is true for the closing one.<sup>48</sup>

<sup>44</sup> SPAAIJ. *Terrorism and Security at the Olympics*, p. 451-468.

<sup>45</sup> KONSTANTAKI *et al.* *Themes and content of the London 2012 Olympic Games Opening Ceremony*, p. 40-53.

<sup>46</sup> POETRY FOUNDATION. *Mythistorema* (by George Seferis).

<sup>47</sup> TOMLINSON. *Olympic spectacle*, p. 583-602.

<sup>48</sup> TRAGANOU. *National Narratives in the Opening and Closing Ceremonies of the Athens 2004 Olympic Games*, p. 236-251.





Figure 4.a - Singer Björk performs during the Athens Opening Ceremony in 2004.

Amidst the allegories and transformations between Ancient and Modern times, the singer Björk performed the song *Oceania* (Figure 4) while incarnating the sea. Not only did it refer to the continuous Odyssey that is human life on earth, but it also referred to the variation of tides and political cycles. Her dress, created by the Greek stylist Sophia Kokosalaki, reflected the waves and tones of the sea, therefore incarnating the allegory. During the singer's performance, a large piece of fabric connected to Björk's dress started to cover the heads of the athletes, who had gathered in the center of the stadium. After the end of the song, there was a projection of a world map on the fabric. The song states: "You show me continents / I see the islands / You count the centuries / I blink my eyes." The islands of individuals presented at the Ceremony are united by the dress fabric.



Figure 4.b - Singer Björk performs during the Athens Opening Ceremony in 2004.

This was a very explicit representation of the lyrical outfit, where the color symbolism was tainted in metallic tones, bringing nuances between political communication and fantasy.



Figure 4.c - Singer Björk performs during the Athens Opening Ceremony in 2004.

The allegory from the sea and its movement would be resumed in the next edition of the Games, in Beijing (2008), stressing the ideas of cooperation and brotherhood throughout the nations. The first segments of the Opening Ceremony resumed the *Analects* of Confucius,<sup>49</sup> first scrolling a question (“Isn’t it delightful to have friends coming from afar?”) and later a sentence (“All those within the four seas can be considered his brothers”).



Figure 5 - Drummers perform during the Beijing Opening Ceremony.

<sup>49</sup> SLINGERLAND. *Analects*.

Indeed, the main effects of this edition of the games were a result of a large and cooperative work from the hundreds of performers at the Ceremony. They often wore very similar clothing and had to execute precise moves to reach the final visual result (Figures 5 and 6).<sup>50</sup>



Figure 6 - Performers chanting a quote from Confucius' Analects, translated as "All those within the four seas can be considered his brothers". Tim Hipps, U.S. Army, 2008.

Finally, the London and Rio editions of the games stressed the progressive modifications concerning nations and their identities, especially by dealing with multiculturalism and different postcolonial scenarios. If the union is necessary to allow a nation to exist, multicultural perspectives shed light on diversity and different storytelling, all under the same flag. In 2012, the Games were organized not by England, but by the entire United Kingdom, and some live artists (Duran Duran, Stereophonics, Snow Patrol, and Paolo Nutini) were chosen to represent the 4 countries — England, Scotland, Northern Ireland, and Wales.

In this case, the UK flag was particularly present as a symbol of union and cooperation between the host countries (Figure 7). While one of the Savage Garden's outfits was a black shirt with an Aboriginal symbol, Matthew Bellamy from MUSE wore, in London, a white shirt with the UK flag, under a shiny suit. As for the Spice Girls performance during the Closing Ceremony, the UK flag was used as a large back ribbon for Geri Halliwell's red dress.

<sup>50</sup> Nevertheless, the highly theatrical tone of the performance brought criticism for not discussing the actual situation of the country at the time. See KONSTANTAKI *et al.* Themes and content of the London 2012 Olympic Games Opening Ceremony, p. 40-53.





Figure 7. a - Geri Halliwell from the Spice Girls performs with a UK flag as a ribbon for her dress, in the London Closing Ceremony, 2012.



Figure 7.b) - Matthew Bellamy of MUSE performs wearing a shirt with the UK flag, during the London Closing Ceremony, 2012.

Rio's attempt to balance national history and union was also based on a choice of local artists and references. During a segment of Rio's Opening Ceremony, artists performed in a model of the Brazilian Congress, all dressed with the Brazilian flag (Figure 8). The highlights in shape and color as major visual elements stress a choice to enhance the role of the host nation and its internal approaches concerning

multiculturalism and development. It partially sets aside wider global topics — even if the Games are an example of a successful global product.

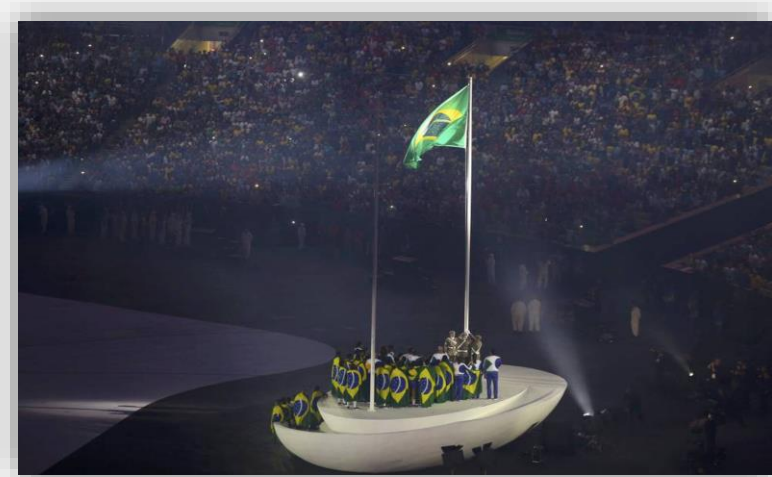


Fig. 8: Artists perform in a model of the Brazilian Congress during Rio's Opening Ceremony, 2016.<sup>51</sup> Capa da revista *FuLiA/UFMG*, v. 9, n. 3, 2024.

The idea of a search for global harmony would have a comeback in the Tokyo 2020 edition, especially because of the COVID-19 pandemic — it was visible in the naming of some Ceremony segments, such as *Apart but not Alone*. Due to the global sanitary situation, there was serious consideration about canceling this edition of the Games, which finally was postponed to 2021. The Opening Ceremony happened in a stadium without any public, while the media acknowledged: “The ceremony is an effort to inspire people around the globe by celebrating the world's best athletes coming together, while also acknowledging the trouble and anxiety these Games have caused”.<sup>52</sup> Especially, the idea of dreaming as a collective action is resumed: singers John Legend (representing the Americas), Keith Urban (Australia), Angélique Kidjo (Africa), Alejandro Sanz (Europe), and the Suginami Junior Chorus (Asia) were chosen to represent each continent involved in the Games and, together, performed John Lennon's song *Imagine* (Figure 9). It can be seen that the color white stands out as a privileged choice to represent peace as an international symbol. As Heller<sup>53</sup> points out, white stands for peace, divine, ideal, purity, etc. Therefore, it is often used in specific moments of the Ceremonies, such as the singing of the Olympic

<sup>51</sup> N/A. As imagens da cerimônia de abertura da Olimpíada.

<sup>52</sup> KENNEDY *et al.* Olympic Opening Ceremony Is A Delicate Mix Of Celebration and Solemnity.

<sup>53</sup> HELLER. *Wie Farben wirken*, p. 145. / HELLER. *A psicologia das cores*.

Anthem (usually by children as a means to reinforce the message of union). In the case of the *Imagine* performance, a wide projection of the globe was set in tones of white and blue,<sup>54</sup> not only reflecting the Earthly division between Ocean and Land but also stressing the spiritual union between people, everywhere, in a close tone to the UN’s main mission.

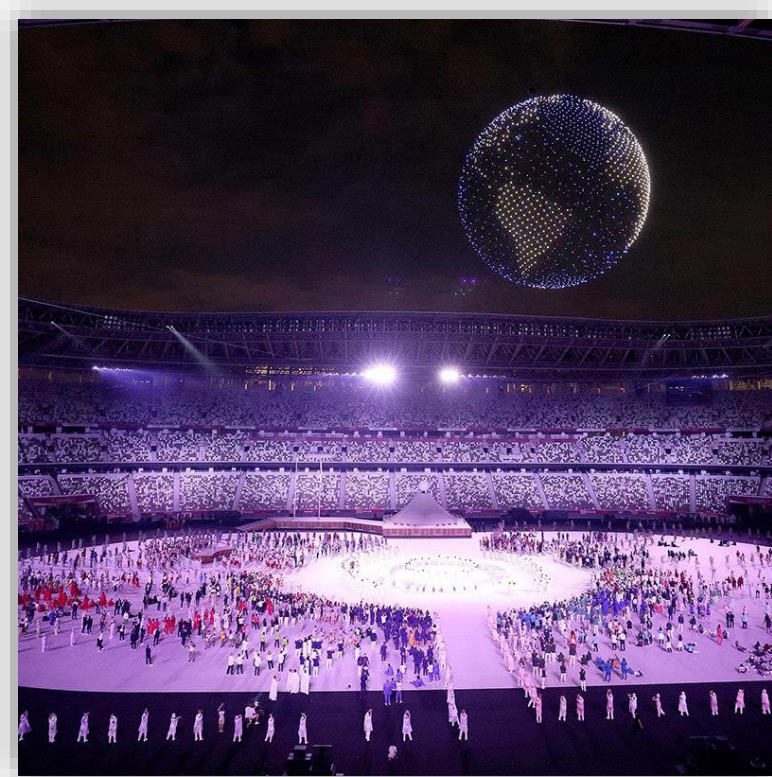


Figure 9 - Artists perform John Lennon’s song *Imagine* while a projection of the Earth is shown on the sky, Tokyo Opening Ceremony, 2021.<sup>55</sup>

Previous editions of the Olympic Games (particularly Atlanta, 1996) chose to perform *Imagine* during its ceremonies — a composition that can be seen as “more a hymn than a song”.<sup>56</sup> The reassembling of artists as representatives of continents and their union by performance stresses how, even in a changing international context, there is an intention to highlight global values.

<sup>54</sup> HELLER. *Wie Farben wirken*, p. 23. / HELLER. *A psicologia das cores*.

<sup>55</sup> JOHN LENNON. Drones light up the sky & artists sing ‘*Imagine*’ at the Tokyo 2020 Olympics Opening Ceremony.

<sup>56</sup> JOHN LENNON. Drones light up the sky & artists sing ‘*Imagine*’ at the Tokyo 2020 [...].

## CONCLUSION

The Olympic Games are a complex initiative that demands cooperation between national and international levels. Some main actors of the Opening and Closing Ceremonies intend to represent these different contributions — the politicians and representatives of private institutions usually make speeches and watch the general performances of the athletes and the artists. We could expect the role of this last category to be lyrical more than anything else. That is, their narrative could not only offer entertainment but could also be an opportunity to enhance global values such as harmony, cooperation, general development, resilience, etc., in short, discuss Olympism. At the same time, they also play an important part when it comes to political positioning, and the symbolism of their visual aspect is relevant to this point.

Throughout the first two decades of the 21st century, internationalism has seen an increase in the struggle between global values and ideas and the development of different nations on a single planet. The search for a union among the people contrasts heavily with multicultural issues. This is noticeable through the adaptation of different outfits (especially the athletes') to create an authentic storytelling that might include different origins, different beliefs, and other perspectives that were previously considered minorities. The artistic choices during the performances highlight and reflect these issues. It does so by selecting a particular close to enhance visibility, by discussing the international challenges through lyrical solutions, or by stressing the host nation's victories and characteristics (usually by heavily using the country's flag as a symbol).

Therefore, the "promotion of the national" is one of the major categories used during the Games' Ceremonies between 2000 and 2020, sometimes coordinated with lyrical aspects (colors such as pink, yellow, purple, and metallic tones) and current fashion trends (artists performing with jeans). This articulation intends to highlight the artists' particular role — they are not formal representatives of any protocol — and their civilian perspective, by relating to regular people who follow fashion trends. Their outfits are also strongly related to the choice of songs and choreography, thus creating a general performing agenda to address specific



political issues, and bringing in the process a positive light concerning the nation that will host the next edition of the Games.

In this sense, we can observe a variation between the ideal of a global competition tied by cooperation (“We are the world, we are the children”, as sung by USA for Africa in 1985) and an interior discussion of each nation, concerning how to represent its diversity and its traditions. This approach is distant from the ideal of belonging to an elite league where the flag would be the main synthesis of history and the group members would follow mainly a Western referential. And different images of the artists can be negotiated, considering those two aspects — they are not necessarily conclusive, but change throughout the years and can deploy different negotiations, according to different contexts.

The 2024 Games, which happened in Paris, highlighted the environmental issues as a collective one. The Games’ organizing committee stated in early 2024 that “hosting the biggest event in the world is going to change our country. It’s inevitable. Paris 2024 wants sports values to become a key part of people’s lives and to prove that we can achieve excellence while also championing sustainability”,<sup>57</sup> Edition after edition, the idea of legacy and the revisiting of “human challenges” take new tones. The analysis of the Paris 2024 performances may be an important next step to check this agenda.

\* \* \*

## REFERENCES

ANDERSON, Benedict. **Imagined communities**: reflections on the origin and spread of nationalism. London/New York: Verso, 1983.

ANGERMULLER, Johannes; MAINGUENEAU, Dominique; WODAK, Ruth. (Org.). **The Discourse Studies Reader**: Main currents in theory and analysis. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2014.

ARNING, Chris. Soft power, ideology and symbolic manipulation in Summer Olympic Games opening ceremonies: a semiotic analysis. **Social Semiotics**, 2013, 23:4, p. 523-544.

---

<sup>57</sup> THE OLYMPIC GAMES OF PARIS 2024 Official Website.

BANCEL, Nicolas *et al.* (Org.). **Une histoire mondiale de l'Olympisme (1896-2024)**. Neuilly: Éditions Atlande, 2023.

BENDEL LARCHER, Sylvia. **Linguistische Diskursanalyse**: ein Lehr- und Arbeitsbuch, Tübingen: Narr, 2015.

BREWARD, Christopher. **The suit**: Form, Function and Style. London: Reaktion Books, 2016.

BRIESE, Robyn. Sustaining Sydney: The 'Green Olympics' from a global perspective. **Urban Policy and Research**, 2001, v. 19, issue 1, p. 25-42.

CHALKLEY, Brian; ESSEX, Stephen. Sydney 2000: the "Green Games"? **Geography**, v. 84, n. 4 (October 1999), p. 299-307.

CHARTIER, Roger. Avant-propos. In: NORBERT, Elias; DUNNING, Eric. **Sport et civilisation**: la violence maîtrisée. Paris: Fayard, 1986.

COPSEY, Rob. Darren Hayes reflects on Savage Garden: "It was an era of glam, excess and super popstars". **Official Charts**, 18 Jan. 2016.

CORDEIRO, Dani; OPPENHEIMER, Walter; MAGRI, Diogo. Qual é o efeito econômico de ser sede olímpica? Pode ser um trampolim, mas também uma herança maldita. **El País**, 14 Jul. 2021.

COUBERTIN, 1896 *apud* OLIVEIRA, Nelma Gusmão de. **Mega-events, city and power**. London: Routledge, 2021.

FREEMAN. Director: Laurence Billiet. Australia, 2021 (58 min.). Available at: <https://iview.abc.net.au/show/freeman>. Accessed on: 24 Feb. 2024.

FURRER, Philippe. **Sydney 2000: "Sharing the spirit?"**: attitudes towards the Olympics in the context of Sydney's socio-spatial polarisation. PhD thesis (University of Wollongong), 1998.

GOFFMAN, Erving. **The presentation of self in everyday life**. New York: Anchor Books, 1980 [1959].

GRUNEAU, Richard; HORNE, John. Mega-events and globalization: a critical introduction. In: GRUNEAU, Richard; HORNE, John. (Org.). **Mega-events and globalization**: Capital and spectacle in a changing world order. London: Routledge, 2016.

GRUNEAU, Richard; HORNE, John. (Org.). **Mega-events and globalization**: Capital and spectacle in a changing world order. London: Routledge, 2016.

HAVELY, J. The Olympics: a very political game. **CNN**, 13 Jul. 2001.

HAYES, Graeme; KARAMICHAS, John. (Org.). **Olympic Games, Mega-Events and Civil Societies**: Globalization, Environment, Resistance. Basingstoke/New York: Palgrave Macmillan, 2012.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores**: como as cores afetam a emoção e a razão. Tradução: Maria L. L. da Silva. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HELLER, Eva. **Wie Farben wirken**: Farbpsychologie, Farbsymbolik, kreative Farbgestaltung. 11. Auflage. Reinbek: Rowohlt, 2001.

- HISTOIRE, SPORT ET CITOYENNETÉ. Expanded exhibition, 2024.
- JOHN LENNON. Drones light up the sky & artists sing 'Imagine' at the Tokyo 2020 Olympics Opening Ceremony.
- KAVETSOS, Georgios; SZYMANSKI, Stefan. Olympic Games, Terrorism and their Impact on the London and Paris Stock Exchanges. **Revue d'économie politique**, 2008, v.118, p. 189-206.
- KELMENDI, Diellza; HVZIU, Besa; ARIFI, Fitim. Olympism and role of Olympic Values in Sport. **J. Anthr. Sport Phys. Educ.** 8 (2024) 2: 13–17, p.14.
- KENNEDY, Merrit; FADEL, Leila; GOLDMAN, Tom. Olympic Opening Ceremony Is A Delicate Mix Of Celebration and Solemnity. **NPR**, 23 Jul. 2021.
- KONSTANTAKI, Maria; WICKENS, Eugenia; PERRIS, Feng Yi. Themes and content of the London 2012 Olympic Games Opening Ceremony: A comparison between pre-Games perspectives of British residents and actual ceremonial elements. **Tourism and Hospitality Research**, v. 19, Issue 1, Jan. 2019, p. 40-53.
- KRESS, Gunther. **Multimodality: A Social Semiotic Approach to Contemporary Communication**. London/New York: Routledge, 2010.
- KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading Images: The Grammar of Visual Design**. 3rd ed. Abingdon/New York: Routledge, 2021.
- LATTIPONGPUN, Wichian. The Origins of the Olympic Games' Opening and Closing Ceremonies: Artistic Creativity and Communication. **Intercultural Communication Studies**, 2010, XIX, 1.
- N/A. As imagens da cerimônia de abertura da Olimpíada. **El País**. 5 Aug. 2016.
- N/A. Histoire mondiale de l'olympisme: «Les JO sont aussi importants que l'Onu». **LaNouvelleRépublique.fr**, 8 Jan. 2024.
- NEW SOUTH WALES Treasury (Office of Financial Management); The Centre for Regional Economic Analysis (University of Tasmania). **The Economic Impact of the Sydney Olympic Games**, Research and Information Paper, Nov. 1997.
- NORBERT, Elias; DUNNING, Eric. **Sport et civilisation: la violence maîtrisée**. Paris: Fayard, 1986.
- O'CONNOR, Georgia. How the Sydney Olympics amplified First Nation voices on and off the track. **Sydney Opera House**, 28 Sep. 2020.
- OLIVEIRA, Nelma Gusmão de. **Mega-events, city and power**. London: Routledge, 2021.
- OLYMPICS YouTube Channel. Accessed on: 26 Nov. 2023.
- PEREZ, Raphael; SOARES, Cecília. Shapes and colours as symbols for international values: a discursive analysis of sartorial items used at the Opening and Closing Ceremonies of the Summer Olympic Games between 2000 and 2020. **Fashioning the Body for Sport and Leisure: A History of Dress and Textiles**, London, 2022.
- POETRY FOUNDATION. Mythistorema (by George Seferis).

ROWE *et al. apud* FURRER, Philippe. **Sydney 2000**: “Sharing the spirit?": attitudes towards the Olympics in the context of Sydney’s socio-spatial polarisation. PhD thesis (University of Wollongong), 1998, p. 62.

SLINGERLAND, Edward. **Analects**: Selections from Traditional Commentaries. Indianapolis: Hackett, 2003.

SPAAIJ, Ramón. Terrorism and Security at the Olympics: Empirical Trends and Evolving Research Agendas. **The International Journal of the History of Sport**, 2016, 33:4, p.451-468.

TEETZEL, Sarah. Olympism: The Evolution. In: GEORGIADIS, Konstantinos. (Org.). **Olympic Movement**: The process of renewal adaption. 55th International Session for Young Participants (Ancient Olympia, 23/5-6/6/2015). International Olympic Academy, Athens, 2016, p.107-117.

THE OLYMPIC GAMES OF PARIS 2024 Official Website.

THE OLYMPIC MUSEUM. **The Modern Olympic Games**. 3rd ed. Lausanne: The Olympic Museum, 2013.

TOMLINSON, Alan. Olympic spectacle: opening ceremonies and some paradoxes of globalization. **Media, Culture and Society**, 1996, v. 18, p.583-602.

TOOHEY, Kristine; TAYLOR, Tracy. Mega Events, Fear, and Risk: Terrorism at the Olympic Games. **Journal of Sport Management**, 2008, v. 22, p.451-469.

TRAGANOOU, Jilly. National Narratives in the Opening and Closing Ceremonies of the Athens 2004 Olympic Games. **Journal of Sport and Social Issues**, 2010, v. 34, issue 2, p.236-251.

UNITED NATIONS. United Nations Millennium Declaration. 8 Sep. 2000.

WADE, Matt. The economic legacy of Sydney’s Olympics is still taking shape. **Sydney Morning Herald**, 22 Sep. 2020.

ZEBULON BAKER, S. Whatwuzit?: The 1996 Atlanta Summer Olympics Reconsidered. **Southern Spaces**, 21 Mar. 2006.

\* \* \*

**Recebido em:** 29 fev. 2024.  
**Aprovado em:** 20 nov. 2024.

## Gullar, precário filosofar: o poeta-colunista e o futebol nos anos 2000

Gullar, precarious philosophy:  
football during the 200s and the columnist and poet

**Helcio Herbert Neto**

Universidade Federal Fluminense  
Departamento de Estudos Culturais e Mídia, Niterói/RJ, Brasil  
helcio.neto00@gmail.com

**RESUMO:** Ferreira Gullar publicou durante décadas textos a respeito de arte, política e comportamento em veículos de comunicação brasileiros. O propósito deste artigo é encarar como o futebol surge nas colunas do autor, levadas a público pela *Folha de S. Paulo*, durante os anos 2000. O intuito é compreender de que maneira são retomadas tendências presentes na cobertura esportiva desde meados do século XX, ora em debates a respeito sobre noticiário, ora especificamente acerca da modalidade. Com esse ponto de partida, um entendimento da relação com os acontecimentos em Brasília e da conceituação do esporte é menos intangível.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ferreira Gullar; Futebol; *Folha de S. Paulo*; Cobertura esportiva.

**ABSTRACT:** Ferreira Gullar published for decades texts about art and politics in Brazilian press. The aim of this article is to show how football appears in the columns published by the author in *Folha de S. Paulo* during the 2000s; and how guidelines presents in sports coverage since the mid-twentieth century are resumed, sometimes in debates about news, sometimes specifically about the modality. With this starting point, an understanding of the relationship with events in Brasilia and the conceptualization of sport is less intangible.

**KEYWORDS:** Ferreira Gullar; Football; *Folha de S. Paulo*; Sports coverage.

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Todo jogo é de azar. Falo assim referindo-me ao futebol que, ao contrário da roleta ou da loteria, implica tática.<sup>2</sup>

Ferreira Gullar foi reconhecido pela intelectualidade de seu tempo um dos principais escritores brasileiros, o fato de ter ocupado uma cadeira da Academia Brasileira de Letras (ABL)<sup>3</sup> atesta o trânsito pelos círculos mais influentes do país. Ao longo de sua vida, tomou parte de várias expressões artísticas, do teatro às artes plásticas: a presença na imprensa escrita atravessou essas atividades e se manteve até seus últimos dias. Foi crítico de arte, mas teve uma longa participação em veículos de comunicação impresso como colunista político.<sup>4</sup> Seus maiores méritos vieram da produção poética – na poesia se empenhou até para transmitir as sensações despertadas pelo principal momento do futebol no poema “O gol”.<sup>5</sup>

Observar com mais cautela a relação de Gullar com esta modalidade, forte expressão da cultura popular no Brasil, é o propósito deste trabalho. Para isso, será examinado um período específico em suas colaborações com a imprensa. Os esforços se concentram nos textos publicados no jornal paulistano *Folha de S. Paulo*, durante a primeira década do novo milênio. Nos anos 2000, o poeta já havia se distanciado das reivindicações mais enérgicas que marcaram sua participação política às vésperas da ruptura antidemocrática de 1964 e nos instantes imediatamente posteriores.<sup>6</sup> No entanto, o intervalo em que as colunas vieram a público antecede outra inegável inflexão de seu autor.

É a partir de 2010 que Gullar protagoniza, nas páginas da mesma publicação, um debate com o também poeta Augusto de Campos: a questão de fundo que instigou as desavenças foi a pertinência ou não de artistas condescenderem com atitudes políticas consideradas equivocadas com o intuito de manterem carreiras bem-

<sup>1</sup> Este estudo foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e pela FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processo SEI -260003/005791/2022.

<sup>2</sup> Texto publicado na *Folha de S. Paulo* em 24 jun. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3kaPatX>.

<sup>3</sup> Perfil acadêmico disponível em: <https://bit.ly/3GUH8ye>.

<sup>4</sup> O obituário da *Folha de S. Paulo* indica que o colaborador morreu de pneumonia aos 86 anos no Rio. Disponível em: <https://bit.ly/3ivdQwC>.

<sup>5</sup> Declamação em áudio disponível em: <https://bit.ly/3C1kXJ7>.

<sup>6</sup> RIDENTI. *Brasilidade revolucionária*.

sucedidas<sup>7</sup>. Assuntos mais candentes, entretanto, motivaram naquele momento os conflitos. O colunista fixo do jornal foi simpático ao processo que definiu a derrubada da presidenta eleita, Dilma Rousseff, em 2016. Campos, em contrapartida, não considerou justa a campanha pela saída da candidata eleita dois anos antes, na votação para o Palácio do Planalto.<sup>8</sup>

Depoimentos de envolvidos e textos biográficos registram que o desentendimento tem origens anteriores.<sup>9</sup> Data da crise do autor maranhense radicado no Rio de Janeiro com o grupo concretista paulista, que tinha outro representante da família de Augusto, Haroldo, o início das discórdias que atravessaram décadas.<sup>10</sup> No entanto, às vésperas da morte de Gullar – no mesmo ano da manobra que culminou no afastamento da presidenta do cargo –, a tensão atingiu maiores proporções e provocou comentários de outros colunistas, no mesmo jornal<sup>11</sup> e fora do veículo,<sup>12</sup> em debates que amalgamavam a política e as estéticas brasileiras.

Entre manifestações de hostilidade mútua, a discussão na *Folha de S. Paulo* colocou em pauta a entrada definitiva do escritor de São Paulo no Petit Trianon.<sup>13</sup> Foram muitos os imortais da ABL que se debruçaram sobre o futebol. Genolino Amado comparava sucessos e fracassos esportivos a dramas humanitários de seu tempo;<sup>14</sup> José Lins do Rêgo demonstrou simpatias por membros da União Democrática Nacional (UDN) em suas colunas esportivas;<sup>15</sup> Darcy Ribeiro enxergava o sucesso nacional na modalidade como o vislumbre do potencial do Brasil e de sua apoteose no plano internacional.<sup>16</sup> Apesar de suas proximidades com o universo futebolístico, os três casos exemplificam entrecruzamentos políticos, cada um a seu tempo.

Essa nuance é sensível em Gullar ao longo do período em questão. O futebol aparece como um elemento do cotidiano brasileiro, mas ganha corpo na desaprovção principalmente ao presidente da República. Compreender de que forma essa

<sup>7</sup> O debate foi travado na seção de artigos da publicação. Disponível em: <https://bit.ly/3vVoM9T>.

<sup>8</sup> Informações em: <https://bit.ly/3Xqw1Ci>.

<sup>9</sup> MOURA. *Ferreira Gullar: entre o espanto e o poema*; GULLAR. *Autobiografia poética e outros textos*.

<sup>10</sup> MOURA. *Ferreira Gullar: entre o espanto e o poema*; GULLAR. *Autobiografia poética e outros textos*.

<sup>11</sup> É um exemplo o texto de Ruy Castro. Disponível em: <https://bit.ly/3vTp4xU>.

<sup>12</sup> Blogs de esquerda repercutiram a discussão. Disponível em: <https://bit.ly/3vVoM9T>.

<sup>13</sup> Argumentos e contra-argumentos disponíveis em: <https://bit.ly/3vTp4xU>.

<sup>14</sup> FILHO. *O negro no futebol brasileiro*, p. 262.

<sup>15</sup> COUTINHO. *Um Flamengo Grande, um Brasil Maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1945)*, p. 164.

<sup>16</sup> RIBEIRO. *O Povo Brasileiro – A formação e o sentido do Brasil*, p. 205.



modalidade se articula com as disputas sociais é uma tarefa imprescindível para avaliar presença do esporte nos textos. Evidentemente, essas imbricações não são inéditas: a cobertura esportiva da primeira metade do século XX reúne registros semelhantes, que se mantêm nas emissoras radiofônicas e nos canais televisivos, especializados ou não.<sup>17</sup> Enfrentar os textos do poeta-colunista oferece ainda outras possibilidades.

Se nos espaços destinados aos esportes em veículos de comunicação há traços políticos evidentes, é desafiador enxergar com precisão como o futebol surge em outras seções, dedicadas a assuntos distintos. Gullar ocupava um espaço destinado à cultura. Mais do que isso: quando as suas colunas se deparam com a modalidade, aspectos aparentemente naturais são colocados em xeque. Os questionamentos são semelhantes aos dos filósofos perante os diversos conceitos com os quais lidam. É permitido sugerir que determinadas passagens são esboços de uma filosofia do jogo. Em trabalhos de momentos diferentes, o mesmo autor assume a mesma conduta em outras situações.

Não há a pretensão de examinar a obra poética do autor, que é extensa e mereceria grande empenho. O legado deixado pelo escritor é vasto o suficiente para motivar mais de uma iniciativa. Tampouco o trabalho se predispõe a compreender a totalidade da sua prosa, igualmente ampla, que se espalha principalmente por jornais, revistas e livros. A intenção é se deter ao intervalo anteriormente mencionado,<sup>18</sup> até mesmo para se concentrar em um momento da carreira de Gullar que tem merecido menos atenção do que fases anteriores, a exemplo da participação em manifestações artísticas nos anos 1950 e 1960 ou do engajamento contra os governos militares pós-1964.

O estudo adiante será constituído de três seções. Depois desta apresentação, a primeira contextualiza as relações de Gullar com a modalidade e apresenta elementos definitivos para a compreensão das tramas que correlacionam esporte e política em torno do autor. A seguinte se propõe a avaliar os atravessamentos mais diretos dos textos com menções ao futebol com o calendário eleitoral dos anos 2000 para identificar a

---

<sup>17</sup> HERBERT NETO. *Jogo de Palavras: uma história comparada do comentário esportivo a partir de Resenha Esportiva da Rádio Nacional, na década de 1940, e de Grande Resenha Facit nos anos 1960.*

<sup>18</sup> Serão examinados 21 textos publicados entre 5 jun. 2006 e 19 out. 2009. Em todos, há pelo menos menção ao termo futebol.

quais bandeiras o colunista se filiou e contra quem se levantou. Por fim, a terceira encara a forma como a natureza da modalidade foi conceituada no período, com a finalidade de identificar conexões estéticas e políticas nessas proposições.

#### **PERIQUITO VIROU POETA: FERREIRA GULLAR E O FUTEBOL**

A *Autobiografia poética* se inicia com o relato sobre a infância do escritor: “Quando tinha doze ou treze anos de idade, roubava copos em botequins e lanchonetes no Centro de São Luís. Meus companheiros nessas travessuras tinham mais ou menos essa mesma idade, e nenhum de nós se tornou ladrão”.<sup>19</sup> Em seguida, ao refletir sobre os rumos que a vida toma, completa – “Eu me tornei escritor; o outro, jogador de futebol; e o terceiro extraviou-se, entregando-se à maconha e depois à cocaína”.<sup>20</sup> A simples presença do futebol na abertura do livro de reminiscências é instigante, mas na realidade apenas aponta na direção da relevância que a modalidade assumiria para o colunista da publicação paulista.

Gullar retoma as memórias na *Folha de S. Paulo*. “Sou filho de um antigo cenotroavante do Luso Brasileiro Futebol Clube, que foi tantas vezes campeão maranhense. Ele se chamava Newton Ferreira, e foi na qualidade de craque da seleção maranhense que, em 1929, conheceu o Rio de Janeiro, um ano antes de nascer o seu filho”.<sup>21</sup> Não é uma proximidade contemplativa; sua rotina era marcada pelo esporte – “Minha relação com o futebol não se limita a isso, já que, sem o mesmo talento que ele, joguei no infantil do Ferroviário Futebol Clube, sem contar as peladas no Campo do Ourique, em frente ao Mercado Novo”.<sup>22</sup> Em outro texto assinala o motivo para o afastamento dos campos: “Saltei do bonde andando, em frente à igreja dos Remédios, embora logo adiante ficasse o ponto final da linha Praça João Lisboa-Gonçalves Dias, que era o outro nome da mesma praça. Em vez de esperar o bonde parar, resolvi dar uma de bacana, pulando”.<sup>23</sup>

Continua o relato de sua condição física depois do acidente: “Fraco dos miolos, no bom sentido, claro, não conseguindo nem brincar de roda com os colegas [...],

<sup>19</sup> GULLAR. *Autobiografia poética e outros textos*, p. 17.

<sup>20</sup> GULLAR. *Autobiografia poética e outros textos*, p. 17.

<sup>21</sup> Texto publicado em 11 jun. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3Gz88Sz>.

<sup>22</sup> Texto publicado em 11 jun. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3Gz88Sz>.

<sup>23</sup> Texto publicado em 12 nov. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3GynfLV>.

porque minha cabeça começava a rodar e tinha que segurar em alguém para não cair. Isso me incapacitou para o futebol, esporte predileto de meu pai [...] cujo exemplo desejava seguir”.<sup>24</sup> A afinidade com o esporte, no entanto, continuou. Gullar continuou a ser torcedor e se manteve atento aos caminhos e descaminhos dos antigos companheiros. “Troquei a rua pelo quarto, onde agora passava os dias lendo, enquanto meus companheiros de pelada seguiram seu rumo. Dois deles se tornaram craques de futebol, amados das respectivas torcidas: Esmagado, que fez sua carreira lá mesmo em São Luís do Maranhão, e Canhoteiro”.<sup>25</sup>

Depois de chegar ao Rio de Janeiro, o autor participou da geração que empreendeu o processo de transformação da imprensa brasileira e que teve muitos representantes nas primeiras experiências da televisão, inclusive com as mesas redondas esportivas.<sup>26</sup> “Confidenciei a um cronista esportivo – se não me engano, ao Armando Nogueira – que tinha sido colega de infância de Canhoteiro, e ele logo pensou em promover um encontro de nós dois, na primeira oportunidade que o São Paulo viesse jogar no Rio”, conta Gullar.<sup>27</sup> Nogueira foi um comentarista, escritor, jornalista e diretor de TV e exerceu funções de destaque na cobertura esportiva durante décadas.<sup>28</sup> A descrição dessa proposta de Nogueira demonstra a circulação do autor, não somente entre literatos, pelos principais veículos de imprensa desde a primeira metade do século XX, a despeito de o jogador profissional não o ter reencontrado. “O encontro não houve, mas, quando falou de mim a Canhoteiro, este exclamou: – Não me diga, o Periquito virou poeta?!”.<sup>29</sup>

Existe caudalosa ampla bibliografia dedicada às alterações nas empresas de comunicação na década de 1950, com ênfases nos impasses que as mudanças promoveram.<sup>30</sup> Essas transformações se inserem em um abrangente arco de

<sup>24</sup> Texto publicado em 11 jun. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3Gz88Sz>.

<sup>25</sup> Texto publicado em 11 jun. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3Gz88Sz>.

<sup>26</sup> *Programas esportivos de mesa redonda: a questão da autoridade em pauta no gênero televisivo*.

<sup>27</sup> Texto publicado em 11 jun. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3Gz88Sz>.

<sup>28</sup> HERBERT NETO. *Jogo de Palavras*.

<sup>29</sup> Texto publicado em 11 jun. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3Gz88Sz>.

<sup>30</sup> RIBEIRO. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. estudos históricos; ABREU. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 1950. In: ABREU; LATTMAN-WELTMAN; FERREIRA; RAMOS. Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50; LATTMAN-WELTMAN. Imprensa carioca dos anos 50: os “anos dourados”. In: ABREU; LATTMAN-WELTMAN; FERREIRA; RAMOS. Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50; ROXO, Jornalistas Pra Quê? Militância Sindical e o Drama da Identidade Profissional.

modificações pelas quais passaram as artes e a cultura no Brasil a partir da possibilidade de atingir enormes contingentes populacionais com a radiodifusão.<sup>31</sup> O acompanhamento dos acontecimentos esportivo é anterior ao período: desde o fim do século XIX a imprensa carioca se concentrava nos eventos protagonizados por várias modalidades, mesmo antes de o futebol se popularizar e alcançar as diferentes camadas da sociedade.<sup>32</sup>

Na segunda década do milênio, o futebol novamente surgiria, mesmo que de maneira menos explícita, em menção a uma expressão da cultura popular<sup>33</sup> de livro sobre crítica da arte contemporânea brasileira.<sup>34</sup> Do mesmo modo que sua biografia sugere a ligação com o futebol, indica conexões com bandeiras e pautas políticas. Gullar pode ser identificado com o conjunto de artistas e intelectuais com inclinação nacional-popular, cujos relatos reforçam o engajamento na militância política imediatamente antes do golpe de 1964,<sup>35</sup> e resistência ao autoritarismo do regime.<sup>36</sup> O escritor liderou um dos principais polos que promoveram essa experiência política, com méritos e limitações próprios: o Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), no princípio dos anos 1960.<sup>37</sup> Esse é um dos traços mais simbólicos do trânsito empreendido nos circuitos mais politizados da época, ao lado de sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB).<sup>38</sup> Há no período toda uma produção interessada na linguagem tradicional, com o recurso ao cordel, e as primeiras peças de teatro.

#### **EM QUE POBREZA NÃO FICARÁ A VIDA INTELECTUAL BRASILEIRA: OPOSIÇÃO AMPARADA PELO FUTEBOL**

A conduta política de Gullar é, todavia, ambígua: o período inicial do maranhense na então capital da República não é marcado pela defesa de reivindicações sociais;<sup>39</sup> antes do engajamento ao partido, foi recrutado para trabalhar em Brasília no setor

<sup>31</sup> ORTIZ. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*.

<sup>32</sup> MELO. *Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*.

<sup>33</sup> Título de uma das críticas publicadas em *Arte Contemporânea Brasileira*,

<sup>34</sup> GULLAR. *Bola no Chão*, p. 213.

<sup>35</sup> FERREIRA; GOMES. 1964: *O Golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*.

<sup>36</sup> RIDENTI. *Brasilidade revolucionária*; RIDENTI. *Em busca do povo brasileiro*.

<sup>37</sup> RIDENTI. *Brasilidade revolucionária*; RIDENTI. *Em busca do povo brasileiro*.

<sup>38</sup> GULLAR. *Autobiografia poética e outros textos*, p. 57.

<sup>39</sup> MOURA. *Ferreira Gullar: entre o espanto e o poema*, p. 30.

cultural do conservador governo Jânio Quadros;<sup>40</sup> e são comuns as versões de que até sua vinculação ao comunismo quase acidental provocou arrependimentos por conta das privações impostas.<sup>41</sup> O poeta foi para o exílio, com passagens por países também com governos autoritários, a exemplo da Argentina.<sup>42</sup> Sofreu perseguições por conta dessa militância, mas a colaboração com veículos de comunicação que apoiaram a derrubada do presidente João Goulart e ofereceram a sustentação civil para o regime imposto foi mantida, mesmo após a redemocratização.<sup>43</sup>

Essa ambivalência é identificada após a primeira eleição de um civil para presidente da República, depois de uma sequência de generais que ascenderam ao cargo sem o voto popular. Gullar foi nomeado pelo Palácio do Planalto presidente da Fundação Nacional das Artes (Funarte) na década de 1990 e declarou voto em Fernando Henrique Cardoso para a presidência.<sup>44</sup> Reconhecer a relevância dessas passagens para a trajetória do autor, sem idealizar a sua participação na política, deve ser o ponto de partida para a compreensão dos seus textos, elaborados nos anos 2000, e principalmente para a feroz oposição ao governo federal levada a cabo no período. A adesão de artistas e intelectuais a órgãos de Estado é problematizada por Ridenti<sup>45</sup> com base no conceito de brasilidade revolucionária, embora sua maior preocupação seja com o período entre a chegada de Castelo Branco e a posse de José Sarney.

Nessa paisagem, o futebol desempenha funções diferentes: ora representa um dos assuntos rotineiros mais debatidos pelas ruas cariocas de maneira até frívola,<sup>46</sup> ora surge como o enquadramento para discussões mais aprofundadas da sociedade.<sup>47</sup> Surgem assim vieses diferentes nos textos que citam a modalidade, do estranho debate sobre racismo no Brasil<sup>48</sup> às críticas à política externa;<sup>49</sup> desde os relacionamentos abertos<sup>50</sup> até a globalização, que àquela altura já havido promovido

<sup>40</sup> MOURA. *Ferreira Gullar: entre o espanto e o poema*, p. 60.

<sup>41</sup> MOURA. *Ferreira Gullar: entre o espanto e o poema*, p. 110.

<sup>42</sup> CABO. *Argentina/78: uma Copa do Mundo política, popular e polêmica*.

<sup>43</sup> MOURA. *Ferreira Gullar: entre o espanto e o poema*.

<sup>44</sup> Matéria disponível em: <https://bit.ly/3XikrZW>.

<sup>45</sup> RIDENTI. *Em busca do povo brasileiro*.

<sup>46</sup> A exemplo do texto publicado em 9 mar. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3X75r1u>.

<sup>47</sup> O texto publicado em 28 jun. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3GyO5U7>.

<sup>48</sup> Texto publicado em 24 maio 2009, disponível em: <https://bit.ly/3irMh7B>.

<sup>49</sup> Texto disponível em: <https://bit.ly/3vTp80M>.

<sup>50</sup> A exemplo do texto publicado em 9 mar. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3X75r1u>.

a espectadores dos jogos comunidades indígenas afastadas.<sup>51</sup> A abrangência é justificada pela liberdade interpretativa que é conferida a colunistas e comentaristas.<sup>52</sup>

A título de exemplo, os desvios gramaticais e sintáticos são alvos de críticas – às vezes bem-humoradas, às vezes sisudas. “Se criticamos os erros dos governantes, dos deputados, dos juízes de futebol, que desrespeitam a ética, por que não podemos criticar os erros – ainda que muitíssimo menos graves – de escritores, locutores, jornalistas, advogados, economistas, que desrespeitam a gramática?”<sup>53</sup> A modalidade se insere na vida cotidiana e, de certa maneira, nas mudanças na língua portuguesa: “Tampouco me tenho como um feroz inimigo do uso de palavras e expressões estrangeiras, quando impostas por necessidades da própria vida, em razão do surgimento de novas tecnologias ou novos hábitos”.<sup>54</sup>

O instante que condensa mais impressões diretamente sobre o futebol é a Copa do Mundo de futebol masculino de 2006. Os textos observam a campanha da seleção brasileira, considerada favorita em busca do título, e o modo pelo qual veículos de comunicação se debruçam no desempenho da equipe que representava o Brasil.<sup>55</sup> É adotada uma abordagem que recorre menos nos cacoetes da cobertura especializada – na verdade, ironiza suas incorreções e incoerências: “Como disse, não estou querendo encher a paciência dos leitores, mas já repararam como alguns comentaristas de futebol usam certos verbos?”<sup>56</sup> Naquela competição, o time buscava a quarta final seguida, o segundo troféu consecutivo e o sexto na história dos Mundiais. As reflexões sobre a derrota não se limitam a esse período, tampouco o tema se esgota no debate a respeito da frustração com o resultado do torneio.

Do ponto de vista político, a dimensão moral é a que mais mobiliza o autor nas colunas da *Folha de S. Paulo*. São duas as expressões mais notáveis dessa tendência na primeira década do milênio. A primeira diz respeito ao sentimento da justiça na modalidade, a partir da defesa do aprimoramento dos mecanismos decisórios da arbitragem, e tem maior enfoque esportivo. A segunda se atém ao noticiário

<sup>51</sup> Texto publicado em 19 out. 2008, disponível em: <https://bit.ly/3X39LyV>.

<sup>52</sup> HERBERT NETO. Liberdade interpretativa e jornalismo esportivo no Brasil: um universo para pesquisa.

<sup>53</sup> Texto publicado em 9 out. 2005, disponível em: <https://bit.ly/3XqoEuD>.

<sup>54</sup> Texto publicado em 9 out. 2005, disponível em: <https://bit.ly/3XqoEuD>.

<sup>55</sup> Representa um exemplo o texto publicado em 25 jun. 2006, disponível em: <https://bit.ly/3ID0uJq>.

<sup>56</sup> Texto publicado em 15 jun. 2008, disponível em: <https://bit.ly/3XqoEuD>.

de Brasília mais amplamente, porém se ampara nas referências futebolísticas para colocar em pauta os desvios de verbas, os projetos de manutenção de poder e a negligência perante os problemas sociais no Brasil. Ambas são complementares, como será visto a seguir.

Os erros de arbitragem despertam a indignação. Nesse sentido, o que está em xeque, no horizonte estabelecido pelas colunas, é a justiça no jogo. Sem o cumprimento desse princípio, a isonomia é prejudicada e o propósito do futebol se perde.<sup>57</sup> O que motiva a publicação é a série de controvérsias sobre as decisões de árbitros ou assistentes em campo que interferiram em placares determinantes para os resultados dos campeonatos.<sup>58</sup> Cabe a ressalva de que os equívocos não são exclusivos do período observado e que suscitaram discussões em outros momentos – a ponto de alimentarem suspeitas de combinação de resultado para facilitar ou prejudicar times, com desdobramentos políticos nítidos.<sup>59</sup>

Do ponto de vista da moral defendida pelo autor, isso configura uma degenerescência. “Quando o jogador deseja vencer a qualquer preço, mesmo roubando, é que a necessidade de autoafirmação sofreu uma grave anomalia: o jogador desonesto começa por enganar a si mesmo e a aceitar como verdadeira a vitória que não houve, a vitória fraudada, fruto da burla”.<sup>60</sup> A consequência, nas reflexões de Gullar, é automática – “A câmera da TV mostra se foi pênalti ou se não foi. E a pergunta que se impõe é sempre esta: por que não dotar a arbitragem de recursos tecnológicos que evitariam os erros?”.<sup>61</sup> O poeta-colunista antecipa em quase uma década a aplicação do *Video Assistant Referee* (VAR), recurso para checagem de lances duvidosos que só seria empregado em Copas do Mundo de futebol masculino em 2018.<sup>62</sup>

A ofensiva moral contra políticos merece destaque. A leitura das colunas na publicação no período evidencia que este é um mote, com ainda mais veemência do que a justiça no futebol. A modalidade surge como uma forma de aproximar os leitores dessa discussão quase etérea a respeito do comportamento dos governantes.

<sup>57</sup> Texto publicado em 5 dez. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3vVQTWs>.

<sup>58</sup> Texto publicado em 5 dez. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3vVQTWs>.

<sup>59</sup> HERBERT NETO. *Jogo de Palavras*.

<sup>60</sup> Texto publicado em 5 dez. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3vVQTWs>.

<sup>61</sup> Texto de 15 mar. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3Wf1JnnK>.

<sup>62</sup> “Chamou o VAR!”: mesas-redondas na TV, comentário esportivo e o recurso visual na estreia brasileira no Mundial de 2018. AÇÃO MIDIÁTICA.



O tema é candente a ponto de ser grafado com letras garrafais, no início de uma das edições da *Folha de S. Paulo*. “A CORRUPÇÃO entre nós está mudando. Essa é a impressão que tenho. Não me arvorar a entendido no assunto mas, até onde consigo perceber, de alguns anos para cá, a corrupção passou a apresentar características muito especiais”.<sup>63</sup> Na maioria dos textos que assumem esse como o tema principal, o esporte desempenha função periférica.

As denúncias se direcionam ao Partido dos Trabalhadores (PT), à época no governo, e ao presidente em exercício: “O que mais impressiona nessa farra petista de falcatruas é que ela persiste, apesar dos escândalos que tem provocado. É verdade que corrupção sempre houve e essa é, com razão, a única prioridade que Lula não reivindica para seu governo. Mas ficava restrita, quase sempre, a fatos pontuais”.<sup>64</sup> As críticas ou são endereçadas nominalmente ao representante da sigla ou a um personagem recorrente, o demagogo. Normalmente, as menções são acompanhadas de artigo definido. Ou seja, trata-se de uma figura singular, o que reforça as suspeitas de que há referências ao antigo líder sindicalista.

O seguinte caso exemplifica essa presença: “O demagogo engana o eleitor para obter-lhe o voto, vence a eleição e, depois, fica de mãos atadas, sem saber o que fazer diante dos problemas efetivos, que exigem solução. A saída que encontra é aumentar os impostos. Trata-se, portanto, de um exercício de burla”.<sup>65</sup> Os ataques aos erros do governo federal e ao caráter de Lula se dão também durante o período eleitoral de 2006, quando na tentativa de se reeleger o candidato recebe mais críticas da coluna – “O voto desinformado favorece o demagogo, o político que só visa suas próprias vantagens, enquanto alija da vida política aqueles que agem com espírito público”.<sup>66</sup>

Gullar retoma a imagem de um Brasil marcado pela corrupção moral, que tem na modalidade um raro sucesso em escala global: “A verdade é que a imagem que o mundo tem de nós é mais do país do futebol e do samba do que de um povo de brado heroico e retumbante”.<sup>67</sup> Em seguida, na mesma edição, volta à carga contra o governo, que havia sido reeleito após ser submetido às urnas em 2006. “Não há um dia”, afirma

<sup>63</sup> Texto publicado em 1º jun. 2005, disponível em: <https://bit.ly/3QB9mB9>.

<sup>64</sup> Texto publicado em 15 out. 2006, disponível em: <https://bit.ly/3Qw1pNw>.

<sup>65</sup> Texto publicado em 19 out. 2006, disponível em: <https://bit.ly/3CBGkLR>.

<sup>66</sup> Texto publicado em 5 out. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3IKnBlh>.

<sup>67</sup> Texto publicado em 31 dez. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3vXrcoo>.

o colunista, “em que não se descubra alguém que, parecendo nem rabo ter, revela-se com o rabo preso em alguma ratoeira”.<sup>68</sup> Entretanto, é no momento que analisa as notícias de Brasília que a imbricação entre futebol e política mais se destaca.

Em outro texto, o autor relata: “A propósito do bate-boca entre o presidente do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes, e o ministro Joaquim Barbosa, o presidente Lula declarou: ‘Isso é natural. É que nem futebol, onde se briga a toda hora. Se fosse por isso, o futebol já tinha acabado’”.<sup>69</sup> É interessante chegar a familiaridade do representante do PT apresenta com o esporte, ao relacioná-lo com as disputas no Legislativo. Morais igualmente ressalta essa facilidade no percurso do político.<sup>70</sup> A reação de Gullar, registrada na sucinta nota, é irônica – “É uma observação de raro brilhantismo. Imagino em que pobreza não ficará a vida intelectual brasileira depois do Lula!”.<sup>71</sup>

A dualidade expressa no esporte colabora para esse moralismo: com dois times em disputa, um choque aflora e a salvaguarda de um dos lados em detrimento do outro se explicita. O autor desenvolve essa dimensão de embate em uma das colunas do período: “O jogo é uma espécie de batalha que não resulta em mortos e feridos (ou não deveria), mas expressa a necessidade natural do ser humano de disputar e afirmar-se perante o outro que, no jogo, é um adversário convencionado – o ‘inimigo’ numa guerra simulada”.<sup>72</sup> A dicotomia pretensamente se ampara, por meio dessa visão, no caráter universal do jogo, que coloca em conflito as equipes. Essa versão não leva em consideração o histórico dos veículos de comunicação e, mais especialmente, da cobertura esportiva brasileira.

Gullar revisita uma tradição presente no falar sobre futebol no país quando investe repetidamente no amálgama entre política e futebol mediado pela moralidade.<sup>73</sup> “Sabemos que o futebol tem um universo verbal próprio, bastante pitoresco, aliás, contra o qual nada tenho a opor, muito pelo contrário”, reconhece.<sup>74</sup> O apelo junto às classes médias que a cruzada contra a corrupção moral dos representantes

<sup>68</sup> Texto publicado em 31 dez. 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3vXrcoo>.

<sup>69</sup> Texto publicado em 3 maio 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3IKnBlh>.

<sup>70</sup> MORAIS. *Lula – Biografia*.

<sup>71</sup> Texto publicado em 3 maio 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3IKnBlh>.

<sup>72</sup> Texto publicado em 4 dez. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3vVQTWs>.

<sup>73</sup> Grande Resenha Facit e udenismo: uma análise sobre partidarismo no gênero televisivo das mesas redondas no Brasil entre 1966 e 1967.

<sup>74</sup> Texto publicado em 15 jun. 2008, disponível em: <https://bit.ly/3ID0uJq>.

presentes no Executivo e no Legislativo, principalmente, é uma constante no século XX.<sup>75</sup> As candidaturas de comentaristas esportivos a cargos eletivos, com a defesa de pautas moralistas, são os pontos mais simbólicos dessa tendência.<sup>76</sup> Além disso, essa tendência histórica se expressa ainda no bacharelismo e no elitismo – que encontra ecos nas críticas ao mau uso da língua feitas pelo autor. Se os exemplos anteriores se notabilizam pela oposição ao trabalhismo, na publicação paulista o adversário é o PT.

Nesse novo momento, o proselitismo adquire outra fisionomia porque as pautas das classes médias passaram a ser diferentes. Em outro texto, consta a defesa do carro blindado utilizado pela Polícia Militar em operações em comunidades carentes do Rio de Janeiro – apelidado de Caveirão.<sup>77</sup> O autor reclama da ausência de manifestações públicas de ativistas dos direitos humanos depois das mortes de policiais militares e condescende com a alta letalidade das incursões das forças de segurança pública.<sup>78</sup> Os debates sobre a necessidade de medidas para essas áreas ainda levantam a hipótese da construção de muros para apartá-las, com o argumento de que isso provocaria a redução do desmatamento.<sup>79</sup>

#### **TODO JOGO É DE AZAR: O PRECÁRIO FILOSOFAR SOBRE FUTEBOL**

A vasta produção em prosa de Gullar tem vários episódios que demarcam a aproximação com a Filosofia, geralmente por meio das discussões a respeito da arte: ao apresentar o conceito de não-objeto e seu processo de concepção, o autor estipula como referência Merleau-Ponty;<sup>80</sup> quando repensa as possibilidades para o desenvolvimento de vanguardas artísticas em países subdesenvolvidos, Marx é tomado como paradigma;<sup>81</sup> e no desafio de examinar a vida de Nise da Silveira, é forçoso o diálogo com filósofos que colocaram a psiquiatria como um problema.<sup>82</sup> É

<sup>75</sup> HERBERT NETO. *Jogo de Palavras*.

<sup>76</sup> HERBERT NETO. *Jogo de Palavras*; HERBERT NETO. José Maria Scassa e o Golpe de 1964: partidarismo no comentário esportivo na TV.

<sup>77</sup> Texto publicado em 22 jun. 2007, disponível em: <https://bit.ly/3X1wpHZ>.

<sup>78</sup> Texto publicado em 22 jun. 2007, disponível em: <https://bit.ly/3X1wpHZ>.

<sup>79</sup> Texto publicado em 3 maio 2009, disponível em: <https://bit.ly/3vTp80M>.

<sup>80</sup> GULLAR. Teoria do não-objeto. In: AMARAL Projeto Construtivo Brasileiro na Arte: 1950-1962.

<sup>81</sup> GULLAR. *Vanguarda e subdesenvolvimento: ensaios sobre arte*, 1978.

<sup>82</sup> GULLAR. *Nise da Silveira: uma psiquiatra rebelde*.

imprescindível assinalar que a dimensão plástica, seja das palavras, seja de esculturas ou pinturas, é a força motriz dessas extensas análises.

Esse registro é necessário porque o autor reconhece no esporte um caráter artístico – “Futebol é arte, mas é, sobretudo, jogo. A arte tem um fim em si mesma, e o jogo não: a finalidade do jogo é a vitória que, infelizmente, nem sempre vem”.<sup>83</sup> A associação igualmente tem antecedentes entre intérpretes do Brasil, que identificaram que o modo pelo qual o esporte é praticado por nativos do país é singular.<sup>84</sup> Acima de tudo, o excerto realça o interesse do autor pela natureza da modalidade, que transcende o calendário profissional e as disputas rotineiras de seleções ou clubes. Contribui para isso o fato de seus textos não serem publicados na seção de esportes, e sim na de cultura da *Folha de S. Paulo*. A busca pela conceituação tem propósitos abrangentes, não ambiciona delimitar a modalidade como um elemento da identidade nacional, tampouco se esgota na descrição de suas camadas artísticas. A despeito de encarar o esporte com olhar universal, Gullar recupera outra característica que havia chamado a atenção de pensadores anteriores: a agonística.

A noção de conflito é outra constante no falar sobre o futebol, tanto na cultura popular quanto em veículos de comunicação desde as primeiras experiências em radiodifusão no país.<sup>85</sup> Hollanda nota esse aspecto no comportamento dos torcedores e na cobertura especializada no futebol<sup>86</sup> – ambos compartilham expressões, maneirismos e até sensações conectadas às disputas de ordem social, cultural e política. Depois do golpe de 1964, a mobilização ao redor do esporte transformou a postura daqueles que acompanhavam a modalidade, imprimindo mais intensidade e violência na cena pública.<sup>87</sup> É necessário perceber na atenção aos conflitos desdobramentos dessa perspectiva. Em outras colunas de Gullar, as disputas igualmente vêm à tona.<sup>88</sup>

A discussão sobre a natureza do jogo se estende e compõe, de certa maneira, o conjunto do pensamento do colunista acerca do futebol no período em questão. “Não pretende o extermínio do adversário mas, simbolicamente, uma afirmação de sua

<sup>83</sup> Texto publicado em 2 jul. 2006, disponível em: <https://bit.ly/3Gz88Sz>.

<sup>84</sup> HERBERT NETO. *Dansa Dyonisiaca: futebol brasileiro*.

<sup>85</sup> HERBERT NETO. *Jogo de Palavras*; HERBERT NETO. *Programas esportivos de mesa redonda*.

<sup>86</sup> HOLLANDA. *O Clube como Vontade e Representação*.

<sup>87</sup> HOLLANDA. *O Clube como Vontade e Representação*.

<sup>88</sup> É o caso do já mencionado texto publicado em 4 dez. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3vVQTWs>.

própria superioridade. Jogar é, portanto, uma coisa séria fingindo que é brincadeira, não uma farsa. Por isso mesmo tem regras que são, na verdade, a sua essência, melhor dizendo, o próprio jogo”.<sup>89</sup> Caso o leitor conheça a constituição do moralismo da coluna, fica mais simples entender que neste caso as nuances conflitivas ajudam a formar o sentimento de justiça, basilar nas reflexões sobre o tema na década de 2000. Não é gratuitamente que o autor, ao refletir, retorne ao problema da justiça: “Todo este precário filosofar veio a propósito dos frequentes erros que os juízes cometem, às vezes tão graves que comprometem o resultado da partida e até a conquista de um título de campeão”.<sup>90</sup> Os fragmentos colaboram ainda para o entendimento de questões estéticas mais profundas.

Nem a pactuação em torno das regras é capaz de extrair o caráter impondável do jogo. Como em raras passagens, Gullar é didático para explicar a indeterminação: “Tomemos, como exemplo, um lance que quase sempre implica perigo de gol: o tiro de canto. Não é à toa que, quando se cria essa situação, os jogadores da defesa se afligem em anular as possibilidades que têm os adversários de fazerem o gol. Sentem-se ao sabor do acaso”.<sup>91</sup> “O time adversário desloca para a área do que sofre o tiro de canto seus jogadores mais altos e, por isso mesmo, treinados para cabecear para dentro do gol”, prossegue o autor, “Isto reduz o grau de imprevisibilidade por aumentar as possibilidades do time atacante”.<sup>92</sup> As possibilidades permanecem, mesmo com toda essa dinâmica tática – “Crescem, para a defesa, as dificuldades de evitar o pior. Mas nada disso consegue eliminar o acaso, uma vez que o batedor do escanteio, por mais exímio que seja, não pode com precisão absoluta lançar a bola na cabeça de determinado jogador”.<sup>93</sup>

Pela cultura popular igualmente transita essa percepção de que o futebol convive com alto grau de aleatoriedade, segundo o colunista: “A verdade é que, sem um pouco de sorte, neste campo, como em outros, não se vai muito longe; jogadores, técnicos e torcedores sabem disso, tanto que todos querem se livrar do chamado ‘pé

<sup>89</sup> É o caso do já mencionado texto publicado em 4 dez. 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3vVQTWs>.

<sup>90</sup> Texto publicada em 15 mar. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3Wf1JnnK>.

<sup>91</sup> Texto publicado em 24 jun. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3kaPatX>.

<sup>92</sup> Texto publicado em 24 jun. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3kaPatX>.

<sup>93</sup> Texto publicado em 24 jun. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3kaPatX>.

frio”.<sup>94</sup> A constatação de que circula entre aqueles que jogam profissionalmente e os que simplesmente acompanham, nos estádios ou por radiodifusão, uma expressão específica para os desafortunados reitera a preponderância do acaso – não somente aos olhos do poeta, colunista e escritor, mas por todos os cativados de alguma maneira no esporte.

A conjunção de fatores faz com que essas impressões sejam sintetizadas: “Todo jogo é de azar. Falo assim referindo-me ao futebol que, ao contrário da roleta ou da loteria, implica tática e estratégia, sem falar no principal, que é o talento e a habilidade dos jogadores. Apesar disso, não consegue eliminar o azar, isto é, o acaso”.<sup>95</sup> O fascínio pela imprevisibilidade não é inédito: quando critica as pretensas vanguardas artísticas forjadas no Brasil, o autor estabelece Mallarmé como parâmetro para toda a renovação que eclodiu na Europa e provocou a literatura nos outros continentes.<sup>96</sup> Foi eleito referencial para a avaliação das rupturas *Um Lance de Dados*,<sup>97</sup> cujo trecho simbólico “um lance de dados jamais abolirá o acaso” é inclusive citado por Gullar.<sup>98</sup>

A menção evoca um elemento crucial para outros trabalhos do colunista. Em uma passagem do mesmo poema, Mallarmé registra: “O acaso/ cai a pluma/ rítmico suspense do sinistro/ sepultar-se/ nas plumas originais/ de onde há pouco sobressaltou seu delírio até um cimo/ fenecido/ pela neutralidade idêntica da vora-gem”.<sup>99</sup> Os experimentos com a linguagem são um diferencial mallarmeano, mesmo assim uma breve leitura identifica o assombro que essa experiência suscita. “O poeta nunca controlará sua linguagem a ponto de impedir qualquer interferência da subjetividade, do sonho, dos sentimentos ou do acaso”, comenta Gullar a partir do escritor francês.<sup>100</sup> A imprevisibilidade, portanto, também gera admiração.

Com isso, emerge a aproximação do futebol com a poesia. Os dois são constituídos pelo acaso, como assinalam as colunas da *Folha de S. Paulo*. Há outro indício que não pode ser negligenciado: relatos memorialísticos e autobiográficos são

<sup>94</sup> Texto publicado em 24 jun. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3kaPatX>.

<sup>95</sup> Texto publicado em 24 jun. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3kaPatX>.

<sup>96</sup> GULLAR. *Vanguarda e subdesenvolvimento*.

<sup>97</sup> MALLARMÉ. *Um jogo de dados*.

<sup>98</sup> Texto publicado em 24 jun. 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3kaPatX>.

<sup>99</sup> MALLARMÉ. *Um jogo de dados*, p. 99, grifos do autor.

<sup>100</sup> GULLAR. *Vanguarda e subdesenvolvimento*, p. 47.

unânicos ao reconhecerem o papel que o espanto exerce na obra do poeta brasileiro.<sup>101</sup> Em diferentes instantes de sua vida, Gullar defendeu que só escrevia novos poemas e, por conseguinte, publicava volumes inéditos quando era tomado por esse sentimento – assombro causado seja a partir da linguagem, seja perante as mais rotineiras atividades do dia a dia.<sup>102</sup> Essa era a sua justificativa para períodos tão longos sem lançamentos.

O fato de enxergar na modalidade também essa aleatoriedade demonstra a importância que o esporte teve na visão de Gullar no período levado em consideração. O espanto perante o acaso no futebol revela que toda tentativa de explicar o que acontece no gramado, seus resultados e jogadas é acompanhada por um alto nível de imprecisão. A imprevisibilidade, que não pode ser contida por estratégias dos treinadores ou pela habilidade dos mais capacitados atletas, é inexorável. As constantes críticas do colunista à cobertura especializada induzem a essas conclusões. Esse é um dos motivos para a tão instável autoridade de comentaristas esportivos de rádio e televisão que se propõem a analisar a modalidade

\* \* \*

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 1950. In: ABREU, Alzira Alves; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; FERREIRA, Marieta de Moraes; RAMOS, Plínio de Abreu. **Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, p. 13-58.
- CABO, Álvaro Vicente G. Truppel P. do. **Argentina/78: uma Copa do Mundo política, popular e polêmica**. Curitiba: Appris Editora, 2019.
- COUTINHO, Renato Soares. **Um Flamengo Grande, um Brasil Maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1945)**. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2019.
- FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. **1964: O Golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- GULLAR, Ferreira. **Autobiografia poética e outros textos**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

<sup>101</sup> MOURA. *Ferreira Gullar: entre o espanto e o poema*; GULLAR. *Autobiografia poética e outros textos*.

<sup>102</sup> MOURA. *Ferreira Gullar: entre o espanto e o poema*; GULLAR. *Autobiografia poética e outros textos*.



GULLAR, Ferreira. Bola no Chão. In: \_\_\_\_\_. **Arte contemporânea brasileira**. São Paulo: Lazuli Editora, 2013, p. 203-207.

GULLAR, Ferreira. **Nise da Silveira**: uma psiquiatra rebelde. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

GULLAR, Ferreira. Teoria do não-objeto. In: AMARAL, Aracy A. (coord.). **Projeto Construtivo Brasileiro na Arte**: 1950-1962. São Paulo; Rio de Janeiro: Pinacoteca do Estado de São Paulo; MAM-RJ, 1977, p. 85-94.

GULLAR, Ferreira. **Vanguarda e subdesenvolvimento**: ensaios sobre arte. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.

HERBERT NETO, Helcio. “Chamou o VAR!”: mesas-redondas na TV, comentário esportivo e o recurso visual na estreia brasileira no Mundial de 2018. **AÇÃO MIDIÁTICA**. Curitiba, n. 21, jan./jun. Curitiba, p. 151-176.

HERBERT NETO, Helcio. Brasil brasileiro: Ary Barroso, da vida política ao comentário esportivo. In: BELMAIA, Nathany A. W; AMADARO, Cássio H. dos S.; FRIZZO, Matheus K.; MIRANDA, Guilherme N.; HENRIQUE, Heitor E.; ARCHER, Renan B.; PINTO, Otávio Luiz Vieira (org.). **Diálogos sobre História no Brasil**: Política, Arte e Cultura. Curitiba: UFPR, 2022, p. 414-439.

HERBERT NETO, Helcio. Dansa Dyonisiaca: futebol brasileiro, Dionísio nietzscheano. **Cadernos Nietzsche**. Guarulhos/Porto Seguro, v. 42, n.3, 2021, p. 69-88.

HERBERT NETO, Helcio. Deu bicho: Grande Resenha Facit, contravenção e a vitória do Bangu no Campeonato Carioca de 1966. **Recorde**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 1-20, 2022.

HERBERT NETO, Helcio. Grande Resenha Facit e udenismo: uma análise sobre partidarismo no gênero televisivo das mesas redondas no Brasil entre 1966 e 1967. **Cadernos de História**. Belo Horizonte, v. 22, n. 36, 2021, p. 61-79.

HERBERT NETO, Helcio. **Jogo de Palavras**: uma história comparada do comentário esportivo a partir de Resenha Esportiva da Rádio Nacional, na década de 1940, e de Grande Resenha Facit nos anos 1960. Doutorado (História Comparada), Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

HERBERT NETO, Helcio. José Maria Scassa e o Golpe de 1964: partidarismo no comentário esportivo na TV. In: I Seminário Online de Pesquisa em História da Universidade Estadual de Goiás. **Anais...** Uruaçu, p. 46-63, 2020.

HERBERT NETO, Helcio. Liberdade interpretativa e jornalismo esportivo no Brasil: um universo para pesquisa. in: VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano. **Anais...** Niterói, 2018, p. 532-541.

HERBERT NETO, Helcio. **Programas esportivos de mesa redonda**: a questão da autoridade em pauta no gênero televisivo. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF, Niterói, 2019.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. **O Clube como Vontade e Representação** – O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Imprensa carioca dos anos 50: os “anos dourados”. In: In: ABREU, Alzira Alves; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; FERREIRA, Marieta de Moraes; RAMOS, Plínio de Abreu. **Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, p. 157-188.

MALLARMÉ, Stéphane. **Um jogo de dados**. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2013.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

MORAIS, Fernando. **Lula – Biografia**, v. 1. S. Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MOURA, George. **Ferreira Gullar: entre o espanto e o poema**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 31, p. 147-160, 2003.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro – A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2014.

RIDENTI, Marcelo. **Brasilidade revolucionária**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do tempo brasileiro – artistas da revolução, do CPC à Era da TV**. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

ROXO, Marco. **Jornalistas pra quê? militância sindical e o drama da identidade profissional**. Curitiba: Editora Appris, 2017.

#### **COLUNAS DE FERREIRA GULLAR NA FOLHA DE S. PAULO**

GULLAR, Ferreira. A fauna do Zeppelin. Disponível em: <https://bit.ly/3IP3O42>.

GULLAR, Ferreira. O jogo da semântica. Disponível em: <https://bit.ly/3XqoEuD>.

GULLAR, Ferreira. Graça besta. Disponível em: <https://bit.ly/3vVQTWs>.

GULLAR, Ferreira. Os novos corruptos. Disponível em: <https://bit.ly/3QB9mB9>.

GULLAR, Ferreira. Ruim mesmo é perder. Disponível em: <https://bit.ly/3Gz88Sz>.

GULLAR, Ferreira. Craques da minha vida. Disponível em: <https://bit.ly/3Gz88Sz>.

GULLAR, Ferreira. O preço da fama. Disponível em: <https://bit.ly/3ID0uJq>.

GULLAR, Ferreira. A sina do escorpião. Disponível em: <https://bit.ly/3Qw1pNw>.

GULLAR, Ferreira. Hora de optar. Disponível em: <https://bit.ly/3CBGkLR>.

GULLAR, Ferreira. A propósito de um pica-pau. Disponível em: <https://bit.ly/3GynfLV>.

GULLAR, Ferreira. Não há um dia em que não se descubra alguém com o rabo preso em alguma ratoeira. Disponível em: <https://bit.ly/3vXrcoo>.

GULLAR, Ferreira. Jogos de azar. Disponível em: <https://bit.ly/3kaPatX>.

GULLAR, Ferreira. Difícil resposta. Disponível em: <https://bit.ly/3X1wpHZ>.

GULLAR, Ferreira. Casal moderno. Disponível em: <https://bit.ly/3X75r1u>.

GULLAR, Ferreira. Resmungos gramaticais. Disponível em: <https://bit.ly/3k7UoGT>.

GULLAR, Ferreira. Reflexão sobre o óbvio. Disponível em: <https://bit.ly/3IKnBlh>.

GULLAR, Ferreira. Gol com a mão vale. Disponível em: <https://bit.ly/3W1JnnK>.

GULLAR, Ferreira. Sopa de miúdos. Disponível em: <https://bit.ly/3vTp80M>.

GULLAR, Ferreira. Dá pra não resmungar? Disponível em: <https://bit.ly/3irMh7B>.

GULLAR, Ferreira. No país dos suspensórios. Disponível em: <https://bit.ly/3GyO5U7>.

GULLAR, Ferreira. Das inumeráveis atualidades. Disponível em: <https://bit.ly/3X39LyV>.

#### SITES E MATÉRIAS

Augusto de Campos detona Ferreira Gullar: neofascista. Disponível em: <https://bit.ly/3vVoM9T>.

Augusto de Campos critica Folha por usar poema para ilustrar vaias a Dilma. Disponível em: <https://bit.ly/3k7KB3o>.

CASTRO, Ruy. Spaghettilândia deveria celebrar briga entre Gullar e Augusto. Disponível em: <https://bit.ly/3vTp4xU>.

CASTRO, Ruy. Poesia na Spaghettilândia. Disponível em: <https://bit.ly/3Zs4G4l>.

FARAH, Tatiana. Estes dois senhores estão se insultando por uma conversa que tiveram há 61 anos. Disponível em: <https://bit.ly/3Xqw1Ci>.

Ferreira Gullar. O gol. Disponível em: <https://bit.ly/3C1kXJ7>.

Perfil acadêmico (Ferreira Gullar | ABL). Disponível em: <https://bit.ly/3GUH8ye>.

NERI, Emanuel. PFL poderia sair 'mais caro', diz FHC. Disponível em: <https://bit.ly/3XikrZW>.

WERNECK, Paulo. Poeta Ferreira Gullar morre de pneumonia aos 86 anos no Rio. Disponível em: <https://bit.ly/3ivdQwC>.

\* \* \*

**Recebido em:** 7 ago. 2023.  
**Aprovado em:** 11 abr. 2024.

## **A conquista da medalha de prata pelas memórias da capitã olímpica de 2004: entrevista com Juliana Cabral**

The silver medal conquest according to the 2004 olympic captain: interview with Juliana Cabral

**Mariana da Silva Brum**

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, Brasil  
Mestrado em Educação Física, UFP  
elmarianabrum@ymail.com

**Silvana Vilodre Goellner**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil  
Doutorado em Educação, UNICAMP

**RESUMO:** Entrevista com Juliana Ribeiro Cabral, capitã da seleção de futebol que conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004. A entrevista foi direcionada para esse acontecimento e envolve temas como as convocações da equipe, a atuação da comissão técnica, a campanha brasileira na competição, o jogo final, a conquista da medalha, o sentimento de subir no pódio e o retorno para o Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jogos Olímpicos; Futebol e memória; Medalha olímpica.

**ABSTRACT:** Interview with Juliana Ribeiro Cabral, captain of the football team that won the silver medal at the Athens Olympic Games in 2004. The interview is focused on this achievement and addresses topics such as the team call-ups, the performance of the technical committee, the Brazilian campaign in the competition, the final game, the medal award, the feeling of standing on the podium, and the return to Brazil.

**KEYWORDS:** Olympic Games; Football and memory; Olympic medal.

O dia 26 de agosto de 2004 é muito significativo para o esporte nacional. Pela primeira vez na história do futebol brasileiro, as mulheres conquistaram uma medalha olímpica, o que representa um marco na modalidade. Às vésperas dos Jogos Olímpicos de Paris, há que celebrar o ineditismo da nossa seleção que há 20 anos subiu ao pódio em Atenas para receber a honrosa medalha de prata. Ao rememorarmos esse feito reconhecemos tanto a sua relevância quanto a história de quem o protagonizou. É com esse objetivo que no dia 10 de fevereiro de 2024 realizamos uma entrevista com Juliana Ribeiro Cabral, a capitã da equipe que levou o nome do Brasil ao topo do futebol mundial. Apesar de registrarmos aqui a visão de apenas uma jogadora, queremos ressaltar que essa conquista foi coletiva e os méritos pertencem a todas as atletas que estiveram na Grécia e lá exibiram seu futebol.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> A seleção olímpica de 2004 foi integrada por Maravilha (Marlisa Wahlbrink), Grazielle Pinheiro Nascimento, Mônica Angélica de Paula, Tânia Maranhão, (Tânia Maria Pereira Ribeiro), Juliana Ribeiro Cabral, Renata Aparecida da Costa, Formiga (Miraildes Maciel Mota), Daniela Alves Lima, Pretinha (Delma Gonçalves), Marta Vieira da Silva, Rosana dos Santos Augusto, Cristiane Rozeira de Souza Silva, Aline Pellegrino, Elaine Estrela Moura,

Juliana Ribeiro Cabral nasceu em 3 de outubro de 1981, na cidade de São Paulo. Desde sua infância, desenvolveu interesse pelo futebol, influenciada pelos momentos em que jogava com seu irmão. Seu pai, um entusiasta da modalidade, sempre apoiou seu desejo de se tornar uma jogadora profissional, apesar da resistência inicial de sua mãe, que inicialmente não apoiava esta prática. No entanto, foi ela quem a levou a fazer seu primeiro teste para uma equipe de meninas, a Flash Book, que era composta por modelos. Iniciada sua trajetória como futebolista, logo mudou-se para Indaiatuba para integrar o Saad Esporte Clube, onde permaneceu dos 13 aos 17 anos. Juliana também defendeu as cores do São Paulo, Vasco da Gama, Corinthians e São Bernardo antes de atuar no exterior. Em 2004 jogou no Kopparbergs Göteborg FC (Suécia) e em 2005 no Bay State Select (Estados Unidos). Retornou ao Brasil em 2006 para defender novamente o Saad e em 2008, transferiu-se para o Corinthians, o último clube de defendeu como atleta profissional.

---

Maycon (Andréia dos Santos), Kelly Cristina Pereira da Silva, Roseli de Belo), Andréia Suntaque e Dayane de Fátima Rocha.

Aos 15 anos, Juliana recebeu sua primeira convocação para a seleção brasileira. Em 1999, participou da Copa do Mundo nos Estados Unidos, conquistando a terceira colocação. No ano seguinte, em 2000, fez sua estreia olímpica nos Jogos de Sydney, terminando os jogos em quarto lugar. Em 2003, voltou a ser convocada para representar o Brasil na Copa do Mundo, sediada novamente nos Estados Unidos, desta vez com a equipe sendo eliminada da competição nas quartas de final. Pela seleção ainda conquistou o título de bicampeã sul-americana em 1998 e 2003. No mesmo ano de 2003, garantiu a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos, disputando a final contra o Canadá, em Santo Domingo, República Dominicana. Em 2004, assumiu a braçadeira de capitã e conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas, após uma final emocionante contra a seleção dos Estados Unidos.

**Mariana Brum e Silvana Goellner: Gostaríamos que você comentasse sobre sua convocação para os Jogos**

**Olímpicos de Atenas e como você se tornou a capitã da equipe.**

Juliana Cabral: A convocação para disputar os Jogos Olímpicos de Atenas foi uma coisa diferente porque assumiu o René Simões, um cara que não era do futebol feminino, que vinha do masculino, que ninguém conhecia, então, a gente não sabia como seria esta primeira convocação. E a gente foi muito surpreendida porque quando a chegamos no aeroporto no Rio de Janeiro para ir para a Granja Comary, cada jogadora ganhou uma rosa. E aquilo já foi extremamente impactante porque nunca na vida nós fomos tratadas daquela maneira e a gente já começou a se questionar: quem é esse cara que deu uma rosa para a gente no primeiro dia de contato? Essa é uma lembrança que ficou em mim: a rosa.

Essa foi uma seleção construída aos poucos e, até o René ganhar a nossa confiança e até a gente ganhar a confiança do René, foi uma trajetória longa. Em relação a me tornar a capitã da equipe foi assim: quando o René assumiu, ele quebrou vários padrões que a gente tinha



dentro da seleção; padrão de treinamento, das duplas que estavam acostumadas a ficar no mesmo quarto nas convocações, dos momentos que o grupo todo se reunia para fazer as refeições, etc. Ele nunca teve uma única capitã fixa.



Crachá de identificação.  
Acervo pessoal da jogadora.

Desde a primeira convocação ele testou várias jogadoras na função e até que um dia, um pouco antes de viajarmos para Atenas, ele me chamou e disse que queria ter uma conversa comigo: “Eu quero que você escreva em um papel o que você acha que é a função de uma capitã, traga isso para a gente conversar.” Nós não estávamos no Granja Comary, estávamos em período de treinamento em outro lugar que não lembro agora. E aí, quando a gente sentou para conversar e discutir aquilo que eu havia escrito no papel, ele me colocou como capitã.

**Como foi a campanha até chegar à conquista da medalha? O que você lembra desse período em termos de preparação e de orientação técnica?**

Bom, vários fatores foram importantes para a conquista da medalha. Acho que a primeira delas foi o entendimento do grupo, porque até então a gente convivia junto, mas se pouco conhecia. O René mudou várias coisas e esse grupo foi se construindo ao longo dos treinamentos, onde todo mundo passou a conhecer todo mundo. Por exemplo: a gente não tinha mais uma pessoa fixa para



ficar no quarto, nas refeições tinha um rodízio e todos os dias você sentava com uma pessoa diferente ao seu lado, à sua frente, então, isso fazia com que a gente se conhecesse cada vez mais e criasse vínculos realmente de respeito ao que cada uma era. A questão dos treinamentos também se modificou: a gente tinha uma questão de ficar discutindo os erros a todo momento, até durante o jogo ou de, muitas vezes, sofrer uma falta e ficar esticada no chão até a morte, coisas assim. E o René aos poucos foi mudando essas questões com os treinamentos, de não ter atendimento para quem caísse, de discutir as questões que aconteciam depois do jogo, a gente passou a ter estudos de tática para um melhor entendimento do jogo e das funções que nós tínhamos, etc. Lembro que a gente traçou um paralelo com a Adriana Behar e com a Shelda,<sup>2</sup> que eu acho que foi muito legal como grupo porque elas já eram campeãs olímpicas e elas serviram de modelo para a gente, inclusive, nos deram uma palestra.

---

<sup>2</sup> A dupla Abriana Behar e Shelda Bedê conquistou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Sydney (2000) e nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004).

### **Com relação aos jogos, o que você destacaria?**

Ao longo da nossa campanha, eu acho que o jogo contra os Estados Unidos na primeira fase<sup>3</sup> foi o nosso ápice de entendimento do que estava acontecendo durante a partida, o que a gente deixou de fazer de leitura naquele momento e o quanto a gente se fortaleceu. Aliás, as americanas também foram um grande exemplo a ser seguido, tanto que nos intervalos dos jogos, a gente voltava correndo para o vestiário, já para entrar nessa questão também emocional de estar bem, de que recado você passa para o adversário.

A nossa preparação foi toda feita com amistosos contra os homens porque a gente não teve tanto incentivo da CBF para jogar fora e jogar contra as grandes seleções. Então acho que esses pontos foram cruciais, a gente perdeu para os Estados Unidos na fase de grupos e acho que aquele jogo também ensinou muito para a nossa sequência nos Jogos Olímpicos.

---

<sup>3</sup> O jogo aconteceu dia 14 ago. com o placar de EUA 2 x 0 Brasil.

Destaco também o primeiro jogo que foi contra a Austrália,<sup>4</sup> que muito difícil, muito complicado para uma estreia em Jogos Olímpicos. Eu já citei o jogo contra os Estados Unidos na chave de grupos que a gente perdeu por 2 a 0, onde a técnica<sup>5</sup> fez uma mudança que a gente demorou para perceber e acabou sofrendo os gols. Mas saímos daquele jogo com a sensação de que a gente podia mais e que estávamos no caminho certo. Daí teve o jogo contra a seleção da casa, a Grécia.<sup>6</sup> Eu lembro do estádio que era a coisa mais linda, era um estádio novo que ficava perto de montanhas com um cenário era muito bonito. Esse era um jogo muito importante, porque como havíamos perdido para os Estados Unidos e vencido a Austrália só por 1 a 0, a gente precisava vencer com um bom saldo de gols, pensando nos outros confrontos. Ou seja, a gente precisava da vitória para garantir a vaga na próxima fase e é isso que ficou gravado na minha lembrança: a importância do jogo e a seriedade que a gente teve. Depois enfrentamos o México nas quartas de

<sup>4</sup> O jogo aconteceu dia 11 ago. com o placar de Brasil 1 x 0 Austrália.

<sup>5</sup> April Heinrichs.

<sup>6</sup> O jogo aconteceu dia 17 ago. com o placar de Grécia 0 x 7 Brasil.

final,<sup>7</sup> e a gente ganhou com tranquilidade. Contra a Suécia<sup>8</sup> foi um jogo bem interessante porque eu e a Daniela Alves estávamos jogando na em um time sueco e tivemos nossos contratos rescindidos porque a escolhemos disputar os Jogos Olímpicos. Esse foi um jogo muito especial, muito difícil e muito duro. Foi a semifinal e ganhamos com um gol, se eu não me engano, feito pela Pretinha.<sup>9</sup> Eu lembro que quando acabou aquele jogo, cara, a gente comemorou tanto, tanto, tanto... A gente comemorava e o Maurício, que era um membro da comissão técnica do René, um cara de muita confiança dele, começou a chegar nas meninas e repreender tipo, não é para comemorar, agora não é hora, nós não ganhamos nada não! E lembro que falei para o René: cara, é a primeira vez que a gente vai disputar uma final olímpica, a gente precisa comemorar, a gente já conquistou muita coisa, a gente precisa colocar isso para fora! Eu me lembro de o René entrar no

<sup>7</sup> Quartas de final: jogo aconteceu dia 20 ago. com o placar de México 0 x 5 Brasil.

<sup>8</sup> Semifinal: o jogo aconteceu dia 23 ago. com o placar de Suécia 0 x 1 Brasil.

<sup>9</sup> Pretinha (Delma Gonçalves) marcou o gol aos 64 min. da partida.

ônibus e a gente estar fazendo uma festa, as meninas levaram batuque... A gente sempre cantava na ida e na volta dos jogos, enfim, eu sei que eu lembro do René entrar no ônibus, falar algumas palavras e dizer: “olha, vocês vão comemorar tudo o que você podem comemorar hoje até a meia-noite. Da meia-noite para o dia seguinte acabou, é foco total na final, não tem mais vitória na semifinal contra a Suécia!” Então isso me marcou muito, porque foi uma explosão muito grande, mas a comissão já estava preocupada com a ida para o jogo final. Para mim a final foi um momento muito especial, como eu também já citei, a gente encontrou a Adriana Behar e a Shelda que foram duas mulheres que nos inspiraram ao longo dos nossos seis meses de treinamento focado para os Jogos Olímpicos. A gente tinha uma tabelinha de questões de como elas fizeram e como a gente podia fazer e nunca vou esquecer o momento de ter encontrado elas no refeitório da Vila Olímpica antes de ir para aquela final. Elas já haviam conversado com a gente na Granja Comary antes da viagem para os Jogos Olímpicos e eu lembro que elas pararam a gente no refeitório, reuniram

todo o grupo e falaram: “olha, aproveitem ao máximo o que vocês puderem, acima de tudo se divirtam com responsabilidade. São poucas as vezes que a gente consegue chegar neste momento de disputa de uma final olímpica, então, acima de tudo aproveitem, se divirtam, façam o que vocês amam com muita responsabilidade”. Aquilo foi sensacional porque a gente vivia uma tensão de disputar a primeira final olímpica, enfim, era uma ansiedade gigantesca. Então foi muito gostoso ter encontrado com elas. Lembro também que um dia antes do jogo a gente não conseguiu fazer o reconhecimento do gramado porque eles haviam aplicado, acho que veneno, e com isso a gente não pôde pisar no gramado. Foi uma confusão, um mal-estar que gerou um desconforto no grupo e o René era muito preocupado com essas questões, fazia de tudo para que todas pudessem estar bem, ter um ambiente tranquilo e de muita confiança e coragem para a disputa da final.

E a final contra os Estados Unidos foi um jogo,<sup>10</sup> nós jogamos muito, acho que estávamos muito preparadas para aquilo, para suportar a prorrogação. Acho que nós chegamos no nosso auge físico ali naquela partida. Acho que, como grupo, também estávamos muito fortes e fortalecidas, infelizmente acabou não acontecendo a vitória. Claro que é muito difícil a gente aceitar a conquista da medalha de prata porque é uma frustração gigantesca. Lembro que quando fomos para o vestiário, o René fez questão de salientar a importância do que tinha sido aquela conquista, do quanto que nós éramos vencedoras, do quanto a gente tinha vencido. Independente da cor da medalha, a gente tinha atingido o que nós queríamos, que era disputar uma final olímpica e trazer uma medalha para casa.

**O que você lembra do jogo final, contra a seleção americana?**

---

<sup>10</sup> Final: o jogo aconteceu dia 26 ago. com o placar de Estados Unidos 2 x 1 Brasil.

A final foi muito especial. Acho que até chegar o momento do jogo, a gente estava muito tensa. A gente tinha acompanhado muito de perto as americanas porque elas serviram, como eu já disse anteriormente, de exemplo durante a nossa preparação. Mas até chegar o momento do jogo, nossa, foi uma ansiedade gigantesca. Eu lembro que na noite anterior eu quase nem consegui dormir tentando mentalizar o jogo, as coisas que eu tinha que fazer. A ida para o estádio foi também daquele jeito, aquela energia que as meninas sempre colocaram com o batuque, com a cantoria, enfim, foi assim até chegar no vestiário.

O René, acho que sempre foi muito feliz nas palavras, no entendimento do que era necessário fazer para conduzir a gente a isso. Lembro que ele escreveu um texto sobre o sonho da menina de ser jogadora de futebol, então, acho que a palestra que antecedeu o jogo foi muito especial em relação a isso. Acho que a gente estava muito tranquila em relação às nossas qualidades, à nossa preparação, gente se sentia muito pronta para o momento,

para a disputa e o jogo foi muito tranquilo, teoricamente, em relação a essas coisas, ao entendimento do jogo, às funções e à estratégia. Aos poucos a gente foi se sentindo muito confortável de estar ali onde estávamos, porque a gente jogava contra uma seleção que era extremamente experiente neste tipo de disputa. Acho que a tivemos condições de vencer, mas enfim, em uma bola que a gente treinou tanto, a gente acabou sofrendo o gol.



Cerimônia de Premiação. Acervo pessoal da jogadora.

Eu acho que o mais importante de tudo é que a gente saiu daquele jogo com a sensação de que deu tudo em campo, que entregou tudo que o tinha para entregar, não ficou faltando nada, nada. Esta, pelo menos para mim, foi uma sensação muito boa... Ao vivenciar o hino nacional no pódio, passa um filme na cabeça, você lembra tudo que fez para chegar até ali, para realizar o sonho que era disputar uma final olímpica e conquistar uma medalha. Enfim, foi um momento bem especial.

O pódio foi extremamente emocionante, acho que a hora que acaba o jogo a frustração é tão grande que a gente, como eu já disse antes também, não se dá conta do que havia feito, da conquista da medalha porque é isso: a sensação de que a gente poderia ter sido o ouro, de que poderia ter ficado em primeiro lugar. Eu acho que a ida para o vestiário, a conversa com a comissão e mais uma vez, o René sendo muito feliz nas palavras, aos poucos foi nos confortando e a ficha foi caindo e fomos percebendo a importância do que a gente havia conseguido. Então, acho que o pódio foi um momento muito especial, por-

que é isso: durante seis meses a gente batalhou muito para estar ali e o grande objetivo do início do trabalho era subir no pódio e, independentemente da cor da medalha, a gente conseguiu ganhar.

Também foi muito emocionante depois da partida, jogar o René para o alto e reverenciar toda a importância que ele teve nesse trajeto da seleção ao longo da preparação. Eu acho que a entrega dele assim como de toda a comissão em relação a todos os jogos, do cuidado que eles tinham com a gente em todos os sentidos não foi algo aleatório. Ele não chegou ali querendo ser maior e superior a todo mundo. Não! Acho que ele nos conquistou pela simplicidade, pela humildade e mais do que isso, acho que por vestir a camisa com a gente. Vale lembrar que ele brigou com a CBF para que a gente usasse a academia na Granja Comary e o campo principal, para que a gente permanecesse na Granja quando tinha a convocação sub-20, que normalmente tínhamos que ir para um hotel em Teresópolis. Então, acho que naquele momento em que jogamos ele para cima no campo, foi algo muito

especial e de agradecimento por tudo que rolou. Para finalizar: para mim foi um dia mais muito importante, porque logo depois da final a Bandeirantes me entrevistou e me colocou para falar ao vivo com o meu pai. Então, assim que eu conquistei a medalha de prata, eu falei ao vivo com ele, ainda dentro do campo e isso foi algo que marcou muito. Aquele foi um dia muito especial na minha vida!



Juliana Cabral, 2004. Acervo pessoal da jogadora.



**E o pós-jogo, como foi?**

Acho que depois do jogo, rola aquele papo de como foi a partida, do que a gente poderia ter feito. A gente falava muito do pênalti que não havia sido marcado em um lance com a Daniela Alves e que tínhamos clareza de que havia sido pênalti a nosso favor. Lembro da conversa com as americanas no final do jogo, elas nos dizendo que certamente nós conquistaríamos uma medalha de ouro porque que o nosso time era muito bom. Acho que isso também nos confortou um pouco, diminuiu a frustração e ajudou a olhar para o grande feito que era a conquista da medalha.

**Como foi o retorno ao Brasil?**

O retorno foi interessante porque a gente teve que ficar uma semana a mais na Vila Olímpica por causa das passagens. A CBF acreditava que a gente voltaria antes, que não chegaríamos onde chegamos e isso não aconteceu. Daí eles tiveram dificuldade para fazer a remarcação das passagens e com isso ficamos uma semana a mais na Vila Olímpica. Foi muito bom porque a gente conseguiu assis-

tir um jogo de basquete e o René fez questão de fazer alguns passeios pela parte histórica da Grécia. Além disso a gente conseguiu participar da cerimônia de encerramento, que até então a seleção nunca havia participado, e foi muito bacana. Enfim por conta da desorganização da CBF, a gente pode vivenciar os Jogos Olímpicos de outra maneira. O nosso retorno também foi especial porque encontramos a família, teve o reconhecimento da mídia que até então não acreditava na gente e falava muito mal do futebol, da modalidade, enfim, com a conquista da medalha, todo mundo teve que dar espaço pelo que havíamos feito. Lembro da Aline Pellegrino, por exemplo, me convidar para ir no bairro dela desfilando no carro de bombeiros. Depois a gente foi numa escola para contar sobre nossa participação nos Jogos, enfim, foi muito importante esse momento de se sentir reconhecida e respeitada. Mas, infelizmente, esse reconhecimento durou pouco tempo.



**Para finalizar nossa entrevista você poderia falar um pouco sobre as funções específicas que você exerceu como capitã?**

Eu lembro que nós elaboramos dez mandamentos, um tipo de cartilha que era nosso guia. Além disso tinha as questões básicas que a gente normalmente sabe que cabe à capitã como o sorteio com o árbitro e se dirigir a ele ao longo do jogo. Tinha também o olhar atento dentro do campo, de tentar ser a voz do René em termos de organização, em perceber cada situação para tentar uma correção rápida. Fora do campo eu procurava a todo momento estar atenta a alguma coisa que pudesse estar acontecendo com o grupo, se tinha alguém incomodada, chateada ou acontecendo algo que pudesse prejudicar o ambiente do grupo. Também era importante entender que a capitã não era a dona do time, que existiam outras líderes dentro da equipe, mas que ela era a pessoa que ficava como referência. Acho que essas funções eram as mais importantes, eu era muito atenta com as questões que aconteciam fora de campo para poder levar para a co-

missão, com os combinados que eram feitos. Enfim, a gente fez uma cartilha de coisas que tínhamos que cumprir para que a gente não perdesse o nosso foco porque a Vila Olímpica, com tudo o que oferece, promove a desatenção. E todas as jogadoras cumpriram o que havia sido combinado.

\* \* \*

**Recebido em:** 27 fev. 2024.  
**Aprovado em:** 09 abr. 2024.

## Um ultramaratonista em terras gregas: entrevista com Fernando Miranda

An ultramarathon runner in Greek lands:  
interview with Fernando Miranda

**Elcio Loureiro Cornelsen**

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Letras, Belo Horizonte/MG, Brasil  
emcor@uol.com.br

**RESUMO:** Entrevista com Fernando Miranda, escritor, tradutor, treinador e ultramaratonista, Mestre em Literatura e Doutor em Literatura Comparada, Graduado em Educação Física e Pós-Graduando em Fisiologia do Exercício. Além de falar sobre treinamento e preparação física para corridas de longa distância, Fernando Miranda comenta sua participação recente na Spartathlon, uma das mais renomadas competições internacionais de ultramaratona, realizada na Grécia desde 1983, com percurso de 245,3 km ligando Atenas a Esparta. Com toda a tradição dos Jogos na Antiguidade, o sentido de *Agôn* e de mitos como o de Fidípedes tornam a Spartathlon muito especial, sobretudo para um Atleta e Treinador que une em sua rica formação diversos campos do saber, plenamente adequada ao conceito humboldtiano de *Bildung*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Spartathlon; Ultramaratona; Treinamento; Grécia; Agôn.

**ABSTRACT:** Interview with Fernando Miranda, writer, translator, coach and ultramarathon runner, Master in Literature and PhD in Comparative Literature, Bachelor in Physical Education and Postgraduate in Exercise Physiology. In addition to talking about training and physical preparation for long-distance running, Fernando Miranda comments on his recent participation in the Spartathlon, one of the most renowned international ultramarathon competitions, held in Greece since 1983, with a 245,3 km course connecting Athens to Sparta. With all the tradition of the Games in Ancient Greece, the meaning of *Agon* and myths such as that of Pheidippides make the Spartathlon very special, especially for an Athlete and Coach who combines in his rich academic background several fields of knowledge, fully suited to the Humboldtian concept of *Bildung*.

**KEYWORDS:** Spartathlon; Untramarathon; Greece; Agon; Training.

Fernando Miranda é Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, Mestre em Literatura pelas Universidades de Tübingen (Alemanha), Nova de Lisboa (Portugal) e Bergamo (Itália). Graduado em Educação Física pela UniCesumar, atualmente cursando Pós-graduação em Fisiologia do Exercício no CBEFIS – Centro Brasileiro de Educação Física. Teve a oportunidade, em sua formação como Treinador, de estudar com nomes como Adauto Domingues, Edilberto Barros, Lázaro Velázquez, Guilherme de Agostini e Jorge Luis Silva, além de um minicurso com Andrew Jones, fisiologista do bicampeão olímpico e mundial Eliud Kipchogel, do Quênia. Atua como Treinador da equipe argentina Gladiadores e da Fernando Miranda Assessoria Esportiva, com atletas convocados para a seleção argentina. É Ultramaratonista e atingiu diversos pódios no circuito argentino de ultramaratona. Foi Campeão da Canions Ultramarathon Xtreme 92km (2019), do Open 12h de Mar del Plata com 125km (2023) e das 6h de Campinas com 68,3km (2024). Integrou da equipe brasileira na Spartathlon 2024, na Grécia.

**Elcio Cornelsen: Fernando, primeiramente, gostaria de agradecer a você pela disponibilidade em conceder esta entrevista. É uma enorme honra poder conversar com você, um grande Amigo, sobre a carreira de ultramaratonista, e também sobre a tua vivência recente ao disputar a Spartathlon, em setembro deste ano na Grécia. Sem dúvida, algo inesquecível não só em termos esportivos, mas também para alguém que tem formação na área dos Estudos Literários e é escritor e tradutor. Pisar em solo grego e passar por localidades históricas e míticas da Antiguidade deve ter evocado várias emoções. Para iniciar esta conversa, eu gostaria de saber como tudo começou. Desde quando você participa de competições de corrida de rua, e como a atividade foi se tornando importante para a tua formação atlética e profissional como Treinador?**

Fernando Miranda: Iniciei no atletismo bem antes dos estudos em literatura, ou seja, costume dizer que meu caminho de graduação, mestrado e doutorado na área de Letras se deve mais ao acaso do que a um planejamento. 1999 foi o ano da minha primeira corrida, uma meia maratona – sem treino adequado,

não indico! – e meu primeiro ano na graduação da Universidade Federal Fluminense foi 2003. Nesta época, já estudava alemão e espanhol.

Como treinador, o acaso também disse “presente”. Comecei a treinar dois argentinos, porque meu ex treinador não falava espanhol e eles não falavam português, então nesse papel de intermediação comecei a me desenvolver. Já estudava treinamento esportivo antes mesmo de iniciar na graduação em Educação Física, então aos poucos as coisas foram crescendo e hoje, além da equipe argentina, tenho minha própria assessoria no Brasil. Ser atleta ajuda a entender as dificuldades vividas por cada corredor, do iniciante ao avançado.

**Em termos de formação atlética e preparação, o que você distinguiria entre maratona e ultramaratona?**

Uma maratona tem 42.195m e, para um atleta masculino de elite, é feita em pouco mais de 2 horas. Para o meu nível, 3h03', enquanto uma ultramaratona pode durar, literalmente, mais de um dia inteiro.

Tecnicamente falando, a intensidade da maratona exige mais uso de carboidratos do que a intensidade de uma ultramaratona, em que o uso de gordura prevalece. Este é um fator determinante tanto em treinamento – muitos treinam em jejum, sempre de acordo com um planejamento – como na competição, em que a má gestão de suplementação pode causar uma “pane” no corpo. Claro que também existe isso em maratona, mas convenhamos que a chance de errar em 3 horas é bem menor que, por exemplo, em 12 horas.

Na preparação, os altos volumes de treino, com muitas rodagens longas e leves, exigem do corredor bastante treino mental, porque nem sempre é a “vontade” de correr que te faz sair de casa para passar horas sobre os pés.

**Quais foram as principais provas de maratona das quais você participou até 2023?**

De 1999 até 2023 eu fiz desde provas de meio-fundo – 800m, 1.500m e uma milha – até maratonas propriamente ditas, passando por 5km, 10km, meia maratona etc. Mais conhecidas do grande público, as minhas principais provas são a São Silvestre,

que corri cinco vezes, as Dez Milhas Garoto, a da fábrica de chocolate em Vila Velha, no Espírito Santo, e as maratonas do Rio, Florianópolis e SP City.

Permita-me contar que, em razão de duas viagens por pesquisa, durante o doutorado, corri a maratona de Mannheim, na Alemanha. Na época, eu estava sem treino adequado, então completei me arrastando, mas pude pelo menos trazer a medalha de *finisher* de uma prova internacional, o que na época era algo bem distante – sem trocadilho!

**Quais foram as principais provas de ultramaratona das quais você participou até 2023?**

Os 1.000km Brasil, em que acabei abandonando com 511km, a Copa Uruguia de 100km, em 2019, as três edições da Canions Ultramarathon Xtreme, que acontecia no sertão alagoano e, para quem vem da literatura, é impossível não pensar em Graciliano Ramos. Esta prova foi minha primeira vitória em ultramaratona, quando a venci em 2019, que teve 92km.



Team Brazil Spartathlon 2024.

**Como foi todo o processo para se credenciar a integrar a equipe brasileira que disputou a Spartathlon neste ano, e o que isso demandou em termos de preparação?**

Eu me classifiquei nas 12 horas de Mar del Plata, ao fazer 125km. A Spartathlon exige índice, então não basta querer se inscrever.

Em termos de preparação, foi bastante volume, com uma média superior a 650km mensais na fase específica, com pico de 800km em agosto. O mais longo foi de 72km, com outros de 68km, 50km etc. Além disso, mudei parte dos meus locais de treino, pois era preciso correr em estrada, simulando o sobe e desce das estradas gregas.

**A Spartathlon tem todo um histórico que remonta à Antiguidade. Segundo consta, essa competição, disputada anualmente em setembro, desde 1983, revive os passos de Fidípides, um antigo corredor de longa distância ateniense que, segundo Heródoto, em 490 a.E.C., antes de partir para a batalha de Maratona, foi enviado a Esparta para buscar ajuda na guerra entre gregos e persas. O trajeto de 245,3 km de Atenas a Sparta, outrora percorrido por Fidípides, é revivido por ultramaratonistas do mundo todo. Você poderia contar como foi vivenciar essa atmosfera mítica que envolve a Spartathlon?**

Não podemos esquecer que, segundo os relatos, Fidípides foi até Esparta, teve o pedido de ajuda negado e, então, retornou

até Atenas. Nós, pelo menos, só vamos – e voltamos de ônibus, no dia seguinte!

Para minha surpresa, a corrida não é tão popular em Atenas, embora o seja em Esparta. Por outro lado, quando um ateniense sabia da prova, aquilo tinha uma esfera “mágica” – ou mítica, se preferirmos. Ele vai falar que se deve beijar os pés da estátua do rei Leônidas, pois é essa a simbologia da chegada, ao contrário do convencional de simplesmente cruzar uma linha. E o fato de passarmos por lugares como Corintos, Nemea etc. nos traz diversos pensamentos e emoções.

**Quais foram os maiores desafios encontrados ao longo da competição?**

O calor, sem dúvida. Tanto que, por insolação e vômitos, fiquei no km 122. Dos dez brasileiros, somente quatro completaram a prova. E de todos que largaram na prova, tivemos 47% de DNF (*did not finish*). Um número bem alto, principalmente se lembrarmos que todos que estão ali se classificaram através de índice.





Nos primeiros Km da Sparthathlon 2024.

Na estrada de asfalto, das 11h até as 16h, o calor foi realmente brutal. Estratégias como gelo e água gelada no boné não foram suficientes para muitos de nós, inclusive para mim.

**Como foi o convívio com outros atletas e equipes do mundo todo?**

O respeito marca este convívio. Ninguém te olha de cima, pois sabe que se você está ali, você conquistou a vaga. Além disso, a

organização, pelo menos no que eu vi, não concede privilégios aos favoritos. Desse modo, tanto na retirada do kit, na largada e nas filas de almoço e jantar, todos são iguais. O tetracampeão, o grego Fotis Zisimopoulos, estava lá com seu pratinho na mão, na fila do buffet para jantar. Line Caliskaner, norueguesa ganhadora da Badwater e terceira colocada na Sparthathlon este ano, estava atrás de mim na retirada do kit, esperando como todos os demais.

Mesmo quando não há um idioma comum, capaz de possibilitar um diálogo, existe alguma interação positiva, pelo menos na maioria dos casos. Há também boa receptividade pelo fato de sermos brasileiros, inclusive os belgas no nosso hotel ficaram muito animados com nosso modo de agir nos dias prévios à prova.

**E como é a carreira de Treinador para ultramaratona? Quais são os desafios enfrentados no dia a dia profissional para aprimoramento do desempenho de outros atletas?**

No fim, a maioria das pessoas que treino corre distâncias menores e, muitos deles, estão até começando. Dos ultramaratonistas,



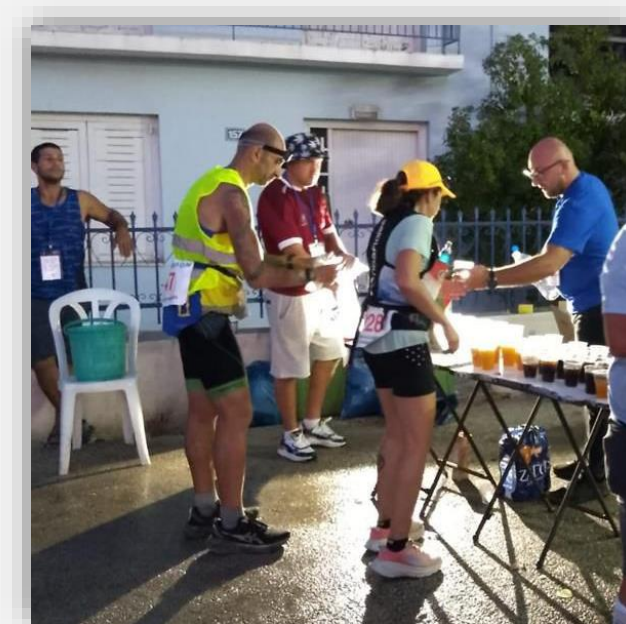
alguns formam parte da seleção argentina. Como Treinador, pos-  
suo cinco *finishers* na Spartathlon, quatro com Sandra Rolón e  
um com Sergio Vergara, ambos argentinos.



Encontro de culturas: com o turco Mert Derman nas estradas gregas.

O desafio é me manter atualizado, trocando informação  
com outros treinadores e atletas, principalmente de ponta.  
Ainda existem poucos estudos sobre ultramaratona, se compa-  
rarmos com estudos sobre maratona, 10km etc. Precisamos

unir conhecimento em fisiologia, biomecânica, a muita arte,  
muita percepção, pois cada pessoa é diferente e nunca um trei-  
namento será igual. Também acabamos como uma espécie de  
psicólogo, sempre respeitando os limites éticos – afinal, não te-  
mos esta formação. Boa parte das soluções em ultramaratona  
não estão numa planilha de corrida, mas num bom diálogo  
franco, aberto, sem meias palavras.



Durante a noite, em um dos Postos de Controle ao longo do trajeto.



Como Treinador: meus três Atletas argentinos na Spartathlon.

**Uma das quatro categorias primordiais que o sociólogo francês Roger Caillois atribui à natureza social dos jogos em sua célebre obra *Les Jeux et les Hommes* (1958) é a de**

**“Agôn”, termo grego costumeiramente traduzido para o Português como “competição”, “disputa”, “combate”, “luta” etc. Discípulo do linguista e historiador holandês Johan Huizinga, autor da obra *Homo ludens* (1938), Caillois não só destaca o caráter lúdico dos jogos, como também a tendência inata do humano à competição e ao desafio. Nesse sentido, quais seriam as próximas competições e desafios em tua carreira?**

É uma ótima observação, pois a disputa em ultramaratona, embora possa trazer algum prestígio, não traz, na maioria dos casos, lucros financeiros – não existe premiação em dinheiro na Spartathlon, por exemplo. Assim, é uma disputa lúdica, se posso dizer deste modo, pois é, à parte toda a seriedade que envolve uma competição desta magnitude, um jogo no sentido do brincar de correr. Todos os anos, 395 classificados de todo mundo viajam à Grécia para correr de Atenas a Esparta, com tempo limite de 36 horas e diversos tempos de corte no caminho. Não existe “finalidade”, no sentido que o nosso presente pragmático busca promover, porque em 3 horas esse trajeto é facilmente feito de carro. Quem chega perto do tempo limite,

terá passado um dia e meio numa estrada, atravessando o monte Partenio na madrugada, enfrentando calor, frio, escuridão, solidão...



Com meu Treinador Carlos Gusmão, 6 vezes finisher na Spartathlon.

Particularmente, meu caminho agora é fazer o índice para a Spartathlon novamente, durante o ano de 2025, e voltar à Grécia em 2026, procurando, com mais experiência, concluir os quase 246km e, deste modo, beijar os pés do rei Leônidas, convertendo-me, como se diz lá, num espartano.

**Agradeço imensamente pela concessão da entrevista e desejo a você sucesso na carreira! Que novos desafios sejam superados!**

Muito obrigado pela oportunidade. Sabemos que, por razões diversas, as áreas do conhecimento costumam se afastar, e que nem sempre a chamada “interdisciplinaridade” é, de fato, interdisciplinar. A ciência nunca será suficiente, porque ela não dá conta do sentido – daí a importância das chamadas humanas. Sem ciência, as humanas correm o risco de enveredar para um simples “retoricismo”, o que, vemos ao longo da história, é bem arriscado.

Que sigamos na compreensão das tantas dimensões da existência humana.



Diploma de participação na Sparthatlon 2024.

\* \* \*

Instagram: <https://www.instagram.com/fernando.miranda.runner>.  
Youtube (Canal de Fernando Miranda): Corrida & desenvolvimento  
<https://www.youtube.com/@Corridadesenvolvimento-cf1hk>.

**Recebido em:** 17 out. 2024.  
**Aprovado em:** 14 nov. 2024.

\* \* \*

**FuLiA/UFMG - revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes**  
Núcleo de Estudos sobre Futebol Linguagem e Artes da  
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais



Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil  
Dezembro, 2024